

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PATRICIA BALISKI

**A CONFORMAÇÃO DO ESPAÇO INDUSTRIAL E A EXPANSÃO DA MANCHA
URBANA NO AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: 1955-2008**

CURITIBA

2011

PATRICIA BALISKI

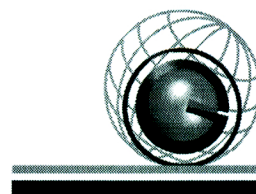
**A CONFORMAÇÃO DO ESPAÇO INDUSTRIAL E A EXPANSÃO DA MANCHA
URBANA NO AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: 1955-2008**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Geografia, Departamento de Geografia, Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Olga Lucia Castreghini de Freitas Firkowski

CURITIBA

2011



PARECER

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Geografia reuniram-se para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado, apresentada pela candidata PATRÍCIA BALISKI, intitulada: **A CONFORMAÇÃO DO ESPAÇO INDUSTRIAL E A EXPANSÃO DA MANCHA URBANA NO AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA:**

1955-2008, para obtenção do grau de **Mestre** em Geografia, do Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná Área de Concentração **Espaço, Sociedade e Ambiente**, Linha de Pesquisa **Produção e Transformação do Espaço Urbano e Regional**.

Após haver analisado o referido trabalho e argüido a candidata, são de parecer pela

Aprovação

da Dissertação.

Curitiba, 17 de junho de 2011

Nome e assinatura da Banca Examinadora:

Profª. Dra. Olga Lúcia Castreghini de Freitas Firkowski (Orientadora)

Prof. Dr. Eliseu Savério Sposito – UNESP/PPte

Prof. Dr. Rodrigo Firmino – PPGTU/PUCPR

Dedico esta dissertação aos meus pais: Lademiro (in memoriam) e Terezinha, pelo exemplo de vida.

AGRADECIMENTOS

A conclusão desta dissertação não seria possível sem a ajuda e apoio de várias pessoas e instituições, para as quais dirijo meus sinceros agradecimentos:

Primeiramente, quero agradecer à Professora Olga Firkowski, pela orientação. Sua competência, seriedade e profissionalismo sempre serviram de exemplo e estímulo para o desenvolvimento desta pesquisa. Aproveito e amplio minha gratidão por todas as oportunidades concedidas e pela confiança depositada em mim.

Ao Professor Rodrigo José Firmino (PUC-PR) e à Pesquisadora Rosa Moura (IPARDES) por terem aceitado avaliar e ler o trabalho em diversas etapas. Suas críticas e contribuições foram muito relevantes para o encaminhamento final da pesquisa. Agradeço também ao Professor Eliseu Savério Sposito (Unesp – Presidente Prudente) por compor a banca de defesa e pelas observações muito pertinentes. À Rosa Moura agradeço ainda por sua disposição em me esclarecer algumas dúvidas referentes à base de dados utilizadas e por ter realizado a leitura da versão final da dissertação.

Ao Secretário do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Luis Carlos Zem, por toda a sua ajuda, prontidão e seriedade.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos concedida.

À Federação das Indústrias do Estado do Paraná (FIEP) pela concessão dos cadastros industriais dos anos de 1986 e 2008. Foi fundamental a ajuda de Jéssica M. Dall'Oglio Destefeni e Murilo Augusto dos Santos, do Centro Internacional de Negócios do Paraná; Vera Schiewaldt, da Biblioteca Conselheiro Saul Chuny Zugmann; e a Sra. Maria José, do Centro de Memória do Sistema FIEP.

À Biblioteca Pública do Paraná e aos seus funcionários pelo auxílio na pesquisa do acervo da Divisão de Documentação Paranaense e pela manutenção dos cadastros industriais de 1955, 1965 e 1977 sem os quais seria impossível o desenvolvimento da presente pesquisa.

À Coordenação da Região Metropolitana de Curitiba (COMEC) pela concessão das bases cartográficas imprescindíveis ao mapeamento e por possibilitar a consulta ao seu acervo de leis de zoneamento e uso do solo dos

municípios da Região Metropolitana de Curitiba. Agradeço principalmente Maria Luíza Malucelli Araújo, Carla Gerhardt, Patrícia Cherobim e Raul Clemente Peccioli Filho.

Aos funcionários das Prefeituras que colaboraram com a pesquisa, em especial Elaine Manfron, de Campo Magro; e Nelice Cruz do Rosário Rocha e Élcio Félix da Costa, de São José dos Pinhais.

À Larissa Warnavin (Lara) por sua amizade, apoio e sinceridade. Nunca me esquecerei de nossas incansáveis e muitas vezes divertidas conversas sobre a geografia e o futuro. Agradeço também por ter realizado gentilmente a tradução do resumo para a língua inglesa.

À Madianita Nunes da Silva por oferecer e compartilhar gentilmente sua base de dados das indústrias mapeadas no município de Araucária. Sua ajuda poupou muito trabalho e tempo.

À Líria Yuri Nagamine por compartilhar seus conhecimentos. O contato com seu modo de trabalho me ajudou muito no momento de organização e sistematização de um volume imenso de dados.

Àqueles que moram nas mais diversas localidades da RMC e que através de sua vivência puderam me auxiliar com as especificidades de cada lugar. Em especial agradeço Leandra Oliveira, pela ajuda com Araucária; e Gleyton Róbson da Silva, por compartilhar seu conhecimento sobre a história de Almirante Tamandaré.

Aos amigos da geografia, entre os quais cito Elu Patrícia da Silva, Fabiano Martins, Júlia Krupeizaki, Jeferson Tramontin, Cristiano da Silva, Gustavo Bordim, Marcelo Rakssa, Diogo Labiak Neves, Fernando Schmiguel, Karla Schmiguel, João Moreira, Júlio Manoel França da Silva, Júlio César Botega do Carmo, Daniel Raminelli, Rodrigo Marcos de Souza, Anderson Belem, Fernanda Fernandes, Ronaldo Pescador, Paulo Rodachinski, Diego Medroni, Letícia Borba, Rafaela Pacheco Dalbem, Djalma Shimada, Augusto Pereira, Alexandre Gomes Ferreira, Monyra Gutierrez Cubas, Wiviany Mattozo de Araújo, Angelita Rolim de Moura, Leila Moreira, Márcia Labres e Carlos Ritter.

Não poderia deixar de agradecer também às minhas eternas amigas e irmãs de coração: Marli Olesczuk da Rosa e Iracema Bogalczuk. Mais do que ninguém, elas entenderam meu “desaparecimento” por alguns meses.

Dentre as pessoas que suportaram meu nervosismo, principalmente na etapa final, sou muito grata ao Alex Ferreira Garcia. Ajudou-me ouvindo minhas

lamentações, entendendo minha falta de tempo e me apoiando nos momentos de desânimo e cansaço. Obrigada por estar ao meu lado e por ter sido sempre tão companheiro.

À minha família por todo apoio, amor e carinho: à minha mãe, Terezinha, por compartilhar esse projeto e apoiar minhas decisões; ao Nicolas por sempre me alegrar com sua presença; ao João e à Adrielle, pela força e amparo. Sem eles, eu nada seria.

E finalmente, a Deus, Ser Supremo que nos dá ajuda e força para seguirmos em frente em todos os momentos de nossas vidas.

RESUMO

O presente trabalho parte da constatação de que a indústria tem um papel relevante na expansão das cidades. A importância desse agente produtor do espaço se deve aos inúmeros fluxos gerados, tanto materiais quanto imateriais, que acarretam a complexificação do espaço. Nesse sentido, realizou-se a análise da relação entre indústria e expansão urbana no aglomerado metropolitano de Curitiba, estado do Paraná/Brasil, tendo como metodologia a análise da localização de cada unidade produtiva e a sua possível relevância na ocupação urbana desencadeada. Adotou-se o recorte temporal de 1955 a 2008 por entender que determinados processos espaciais não podem ser explicados sem que se leve em conta sua trajetória histórica. Assim, com base nas características específicas do período analisado, puderam ser identificados três momentos distintos da indústria, com repercussões espaciais diferenciadas. O primeiro momento, até a década de 1970, se caracterizou pela preponderância das indústrias tradicionais na expansão urbana, em vários pontos do aglomerado. O segundo momento, que compreende as décadas de 1970 e 1980, se distinguiu pela inserção da indústria dinâmica e pela identificação de novas áreas de ocupação urbana principalmente em Araucária e Curitiba. O último, referente à década de 1990 e os anos 2000, marcou uma nova fase, baseada na consolidação do capital estrangeiro e na inserção de novos lugares no processo produtivo, em decorrência do espraiamento das condições necessárias à reprodução do capital. Nesse período destacou-se sobretudo o município de São José dos Pinhais. Além disso, a análise também constatou que os industriais implementam determinadas estratégias espaciais, entre elas, a relocação industrial, visando obter o máximo de vantagens de cada localização. Esse processo ocorre nas escalas intra e interurbanas e indica a diferenciação de valorização de cada localização em um dado período histórico. Assim, localização e relocação mostraram-se como questões importantes na apreensão da relação entre indústria e expansão urbana, pois permitiram a análise em duas perspectivas, a dos fixos e a da diferenciação existente entre os lugares.

Palavras-chave: Indústria. Expansão urbana. Aglomerado metropolitano de Curitiba.

ABSTRACT

This work stems from the fact that industry has a relevant role in the expansion of cities. The importance of this producer agent of space is due to numerous streams generated, both material and immaterial, which lead to the complexity of space. Thus, it was analyzed the relationship between industry and urban sprawl in the Curitiba's metropolitan agglomerate, Paraná/Brazil, using the methodology the localization analysis of each production unit and its possible relevance in urban occupation unleashed. The temporal frame considered was 1955 to 2008, understanding that certain processes in space can't be explained without considering its historical trajectory. Therefore, based on specific features of the analysis period could be identified three distinct moments of industry with different spatial repercussions. The first moment, until the 1970s, was characterized by the preponderance of traditional industries in the urban expansion, in several points of urban agglomeration. The second moment, which includes the 1970s and the 1980s, was distinguished by the inclusion of dynamic industry and by the identification of new urban settlement areas especially in Araucária and Curitiba. Finally, the third moment refers to the 1990s and the 2000s, marked a new phase, based on consolidation of foreign capital and insertion of new places in the production process, due to spreading of the necessary conditions for the reproduction of capital – during this period stood out above the city of São José dos Pinhais. Furthermore, the analysis also found that industries implement certain spatial strategies, among them, the industrial relocation, seeking to obtain the maximum advantages of each location. This process occurs in the intra and inter-urban scales and indicates the differentiation of valuation of each location in particular historical period. Accordingly, location and relocation shown as important issues, to understanding the relationship between industry and urban sprawl, because it allowed the analysis from two perspectives, the fixed and the differentiation between places.

Keywords: Industry. Urban sprawl. Curitiba's metropolitan agglomerate.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – EVOLUÇÃO TEMPORAL DAS DELIMITAÇÕES DE ÁREAS ESPECÍFICAS PARA A ATIVIDADE INDUSTRIAL NO AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA, 1943-2008	45
FIGURA 2 – FLUXOGRAMA DA ORGANIZAÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA.....	46
FIGURA 3 – PARANÁ: MUNICÍPIOS SEGUNDO O TOTAL E A PARTICIPAÇÃO EM ESTABELECIMENTOS, PESSOAL OCUPADO E VTI, 1940.....	59
FIGURA 4 – PARANÁ: MUNICÍPIOS SEGUNDO O TOTAL E A PARTICIPAÇÃO EM ESTABELECIMENTOS, PESSOAL OCUPADO E VTI, 1950.....	64
FIGURA 5 – CURITIBA: INDÚSTRIA E EXPANSÃO DA MANCHA URBANA NA PORÇÃO OESTE, ENTRE AS DÉCADAS DE 1950 E 1960.....	70
FIGURA 6 – CURITIBA E SÃO JOSÉ DOS PINHAIS: INDÚSTRIA E EXPANSÃO DA MANCHA URBANA, ENTRE AS DÉCADAS DE 1950 E 1960.....	72
FIGURA 7 – CAMPO LARGO: INDÚSTRIA E EXPANSÃO DA MANCHA URBANA NA LOCALIDADE DE ITAQUI, ENTRE AS DÉCADAS DE 1950 E 1960.....	73
FIGURA 8 – PARANÁ: MUNICÍPIOS SEGUNDO O TOTAL E A PARTICIPAÇÃO EM ESTABELECIMENTOS, PESSOAL OCUPADO E VTI, 1960.....	77
FIGURA 9 – PARANÁ: PARTICIPAÇÃO DAS REGIÕES NOS FINANCIAMENTOS CONCEDIDOS PELA CODEPAR E BADEP, 1962-1970.....	81
FIGURA 10 – ALMIRANTE TAMANDARÉ, CAMPINA GRANDE DO SUL, COLOMBO E CURITIBA: INDÚSTRIA E EXPANSÃO DA MANCHA URBANA, 1965-1976.....	86
FIGURA 11 – CURITIBA E SÃO JOSÉ DOS PINHAIS: INDÚSTRIA E EXPANSÃO DA MANCHA URBANA NA PORÇÃO SUDESTE DO AGLOMERADO, 1965-1976	88
FIGURA 12 – PARANÁ: MUNICÍPIOS SEGUNDO O TOTAL E A PARTICIPAÇÃO EM ESTABELECIMENTOS, PESSOAL OCUPADO E VTI, 1975.....	100
FIGURA 13 – PARANÁ: MUNICÍPIOS SEGUNDO O TOTAL E A PARTICIPAÇÃO EM ESTABELECIMENTOS, PESSOAL OCUPADO E VTI, 1980.....	103
FIGURA 14 – ALMIRANTE TAMANDARÉ E COLOMBO: INDÚSTRIA E EXPANSÃO DA MANCHA URBANA, 1976-1981	110
FIGURA 15 – CAMPO LARGO: INDÚSTRIA E EXPANSÃO DA MANCHA URBANA, 1977-1981	111
FIGURA 16 – SÃO JOSÉ DOS PINHAIS: INDÚSTRIA E EXPANSÃO DA MANCHA URBANA, 1976-1981.....	113
FIGURA 17 – CURITIBA E ARAUCÁRIA: INDÚSTRIA E EXPANSÃO DA MANCHA URBANA, 1976-1981.....	114
FIGURA 18 – ALMIRANTE TAMANDARÉ: INDÚSTRIA E EXPANSÃO DA MANCHA URBANA, 1981-1996.....	122

FIGURA 19 – QUATRO BARRAS: INDÚSTRIA E EXPANSÃO DA MANCHA URBANA, 1981-1996	123
FIGURA 20 – PARANÁ: MUNICÍPIOS SEGUNDO O TOTAL E A PARTICIPAÇÃO EM ESTABELECIMENTOS, PESSOAL OCUPADO E VAF INDUSTRIAL, 1997	135
FIGURA 21 – PARANÁ: MUNICÍPIOS SEGUNDO O TOTAL E A PARTICIPAÇÃO EM ESTABELECIMENTOS, PESSOAL OCUPADO E VAF INDUSTRIAL, 2008	136
FIGURA 22 – CAMPO LARGO: INDÚSTRIA E EXPANSÃO DA MANCHA URBANA, 1996-2004	141
FIGURA 23 – CAMPINA GRANDE DO SUL E QUATRO BARRAS: INDÚSTRIA E EXPANSÃO DA MANCHA URBANA, 1996-2004	143
FIGURA 24 – SÃO JOSÉ DOS PINHAIS: INDÚSTRIA E EXPANSÃO DA MANCHA URBANA, 1996-2004.....	144
FIGURA 25 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: ÁREAS COM MAIOR DENSIDADE DE ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS, 1955 A 2008.....	162

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA, EM 2010	19
MAPA 2 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: EVOLUÇÃO URBANA NO PERÍODO 1953-2004	44
MAPA 3 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: LOCALIZAÇÃO DAS INDÚSTRIAS, EM 1955	69
MAPA 4 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: LOCALIZAÇÃO DAS INDÚSTRIAS, EM 1965	85
MAPA 5 – CURITIBA: RELOCALIZAÇÃO INDUSTRIAL INTRAURBANA, 1955-1965	91
MAPA 6 – CIDADE INDUSTRIAL DE CURITIBA, 1973	95
MAPA 7 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: LOCALIZAÇÃO DAS INDÚSTRIAS, EM 1977	109
MAPA 8 – CURITIBA: RELOCALIZAÇÃO INDUSTRIAL INTRAURBANA, 1965-1977	116
MAPA 9 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: RELOCALIZAÇÃO INDUSTRIAL INTERURBANA, 1965-1977	119
MAPA 10 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: LOCALIZAÇÃO DAS INDÚSTRIAS, EM 1986	121
MAPA 11 – CURITIBA E SÃO JOSÉ DOS PINHAIS: RELOCALIZAÇÃO INTRAURBANA, 1977-1986	125
MAPA 12 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: RELOCALIZAÇÃO INDUSTRIAL INTERURBANA, 1977-1986	127
MAPA 13 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: LOCALIZAÇÃO DAS INDÚSTRIAS, EM 1996	140
MAPA 14 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: RELOCALIZAÇÃO INDUSTRIAL INTRAURBANA, 1986-1996	147
MAPA 15 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: RELOCALIZAÇÃO INDUSTRIAL INTERURBANA, 1986-1996	150
MAPA 16 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: LOCALIZAÇÃO DAS INDÚSTRIAS, EM 2008	153
MAPA 17 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: RELOCALIZAÇÃO INDUSTRIAL INTRAURBANA, 1996-2008	155
MAPA 18 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: RELOCALIZAÇÃO INDUSTRIAL INTERURBANA, 1996-2008	158

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – EMPRÉSTIMOS CONCEDIDOS PELA CODEPAR E PELO BADEP À ATIVIDADE INDUSTRIAL, PERÍODO 1962-1970.....	80
---	----

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – RELAÇÃO DAS FONTES PRIMÁRIAS UTILIZADAS.....	39
QUADRO 2 – EXEMPLO DE COMPARAÇÃO DAS LOCALIZAÇÕES INDUSTRIAIS NO DECORRER DO PERÍODO 1955-2008: INDÚSTRIAS SELECIONADAS.....	42

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – CONFRONTO ENTRE AS AMOSTRAS: NECESSÁRIA E OBTIDA.....	40
TABELA 2 – PARANÁ: ESTABELECIMENTOS, OPERÁRIOS E VALOR DE PRODUÇÃO DA INDÚSTRIA POR GRUPOS INDUSTRIAIS, 1920	54
TABELA 3 – PARANÁ: ESTABELECIMENTOS, PESSOAL OCUPADO E VALOR DE TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL (VTI), 1940	58
TABELA 4 – PARANÁ: ESTABELECIMENTOS, PESSOAL OCUPADO E VALOR DE TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL (VTI), POR GÊNERO, 1950	62
TABELA 5 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: TOTAL E PARTICIPAÇÃO EM ESTABELECIMENTOS, PESSOAL OCUPADO E VTI, 1950	66
TABELA 6 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: POPULAÇÃO TOTAL, URBANA E TAXA DE URBANIZAÇÃO, 1950	67
TABELA 7 – PARANÁ: ESTABELECIMENTOS, PESSOAL OCUPADO E VALOR DE TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL POR GÊNERO, 1960	76
TABELA 8 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: QUANTIDADE E PARTICIPAÇÃO EM ESTABELECIMENTOS, PESSOAL OCUPADO E VTI, 1960	83
TABELA 9 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: POPULAÇÃO TOTAL, URBANA E TAXA DE URBANIZAÇÃO, 1960	84
TABELA 10 – PARANÁ: ESTABELECIMENTOS, PESSOAL OCUPADO E VALOR DE TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO GÊNEROS INDUSTRIAIS, 1970 E 1975 ..	98
TABELA 11 – PARANÁ: ESTABELECIMENTOS, PESSOAL OCUPADO E VALOR DE TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL, POR GÊNERO, 1980	102
TABELA 12 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: QUANTIDADE E PARTICIPAÇÃO EM ESTABELECIMENTOS, PESSOAL OCUPADO E VTI, 1975	105
TABELA 13 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: QUANTIDADE E PARTICIPAÇÃO EM ESTABELECIMENTOS, PESSOAL OCUPADO E VTI, 1980	105
TABELA 14 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: POPULAÇÃO TOTAL, URBANA E TAXA DE URBANIZAÇÃO, 1970-1980	106
TABELA 15 – PARANÁ: DISTRIBUIÇÃO DOS PROTOCOLOS FIRMADOS ENTRE GOVERNO ESTADUAL E EMPRESAS, POR GÊNERO INDUSTRIAL E LOCALIZAÇÃO, ATÉ 1999.....	132
TABELA 16 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: POPULAÇÃO TOTAL, URBANA E TAXA DE URBANIZAÇÃO, 1991 E 2000.....	138

LISTA DE SIGLAS

BADEP	- Banco de Desenvolvimento do Paraná
BANESTADO	- Banco do Estado do Paraná
CELEPAR	- Companhia de Informática do Paraná
CENDI	- Centro de Desenvolvimento Industrial
CIAR	- Centro Industrial de Araucária
CIC	- Cidade Industrial de Curitiba
CODEPAR	- Companhia de Desenvolvimento Econômico do Paraná
COMEC	- Coordenação da Região Metropolitana de Curitiba
COPASA	- Companhia Paranaense de Silos e Armazéns
FDE	- Fundo de Desenvolvimento Econômico
FIEP	- Federação das Indústrias do Estado do Paraná
GPO	- Grupos de Pessoal Ocupado
GVV	- Grupos de Valor de Venda
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICM	- Imposto sobre Circulação de Mercadorias
ICMS	- Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços
IPARDES	- Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
IPEA	- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IPI	- Imposto sobre Produtos Industrializados
IPPUC	- Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba
IPTU	- Imposto Predial e Territorial Urbano
ISS	- Imposto sobre Serviços
MTE	- Ministério do Trabalho e Emprego
NUC	- Núcleo Urbano Central
PND	- Plano Nacional de Desenvolvimento
RAIS	- Relação Anual de Informações Sociais
RMC	- Região Metropolitana de Curitiba
SANEPAR	- Companhia de Saneamento do Paraná
TELEPAR	- Companhia de Telecomunicações do Paraná
Urbs	- Urbanização de Curitiba S/A
VAF	- Valor Adicionado Fiscal
VTI	- Valor de Transformação Industrial

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	17
2. A INDÚSTRIA E A CIDADE	23
2.1. A GÊNESE DA RELAÇÃO ENTRE INDÚSTRIA E CIDADE	25
2.2. A INDÚSTRIA E A EXPANSÃO DA CIDADE	29
2.3. OS NOVOS ESPAÇOS PRODUTIVOS.....	31
2.4. A CONSTRUÇÃO DA METODOLOGIA: A BUSCA PELA RELAÇÃO ENTRE INDÚSTRIA E CIDADE	37
3. O DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA ATÉ A DÉCADA DE 1970.....	47
3.1. A ECONOMIA DEPENDENTE DO SETOR PRIMÁRIO-EXPORTADOR: ATÉ 1930	49
3.2. CONSOLIDAÇÃO DA INDÚSTRIA LEVE: DE 1930 A 1955.....	55
3.2.1. Detalhando a escala de análise: Curitiba e região.....	65
3.3. ESCALA NACIONAL DA ACUMULAÇÃO: 1956-1970	74
3.3.1. A expansão urbana na década de 1960 e a importância das indústrias ligadas aos gêneros tradicionais	82
4. A INSERÇÃO DA INDÚSTRIA DINÂMICA: DE 1971 A 1985	93
4.1. EXPANSÃO E REPERCUSSÃO DAS GRANDES INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS NO AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: DÉCADAS DE 1970 E 1980.....	104
5. A CONSOLIDAÇÃO DO GRANDE CAPITAL: DO FINAL DOS ANOS DE 1980 AOS DIAS ATUAIS.....	130
5.1. A CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO INDUSTRIAL NO AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: DÉCADA DE 1990 E OS ANOS 2000	138
5.2. DA CONCENTRAÇÃO AO ESPRAIAMENTO: A EVOLUÇÃO DA LOCALIZAÇÃO INDUSTRIAL NO AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA, 1955 A 2008	161
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	167
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	173

1. INTRODUÇÃO

O tema indústria tem permeado uma série de discussões nas últimas décadas, em vários âmbitos. No âmbito acadêmico cada ciência apresenta um olhar diferenciado sobre esse objeto. Dentre as várias possibilidades de análise de um tema tão amplo e em se tratando da abordagem geográfica, consideram-se pertinentes as discussões referentes à espacialidade da indústria. Nesse sentido, a indústria enquanto forma produzida no e pelos condicionantes do espaço geográfico repercute na transformação desse mesmo espaço. Essa alteração não se limita aos impactos provocados por essa atividade, mas ao desenvolvimento de processos maiores, tal qual o da expansão da cidade.

O crescimento físico-territorial das cidades embora possa ser atribuído a uma série de agentes produtores do espaço, está relacionado também ao estabelecimento da indústria, principalmente quando isso ocorre nas porções mais periféricas da ocupação urbana. A complexificação do lugar decorrente da intensificação de fluxos de mão de obra, matéria-prima e produtos favorece a expansão do tecido urbano.

É a partir desse efeito “urbanizador” e de todo o desdobramento teórico concernente a esta questão que se encontra a motivação para a análise de uma realidade específica, na perspectiva da relação entre indústria e espaço urbano. A realidade em questão se refere ao aglomerado metropolitano de Curitiba, estado do Paraná, Brasil e o recorte temporal é aquele que vai de 1955 a 2008.

O aglomerado não deve ser confundido com a Região Metropolitana de Curitiba (RMC), que se configura como um território extenso e muito heterogêneo (NOJIMA, MOURA, SILVA, 2009). Em função dessa diferenciação interna existente na RMC, há algumas propostas que distinguem as áreas no interior da delimitação oficial, com destaque para uma mais dinâmica, composta por Curitiba e alguns municípios.

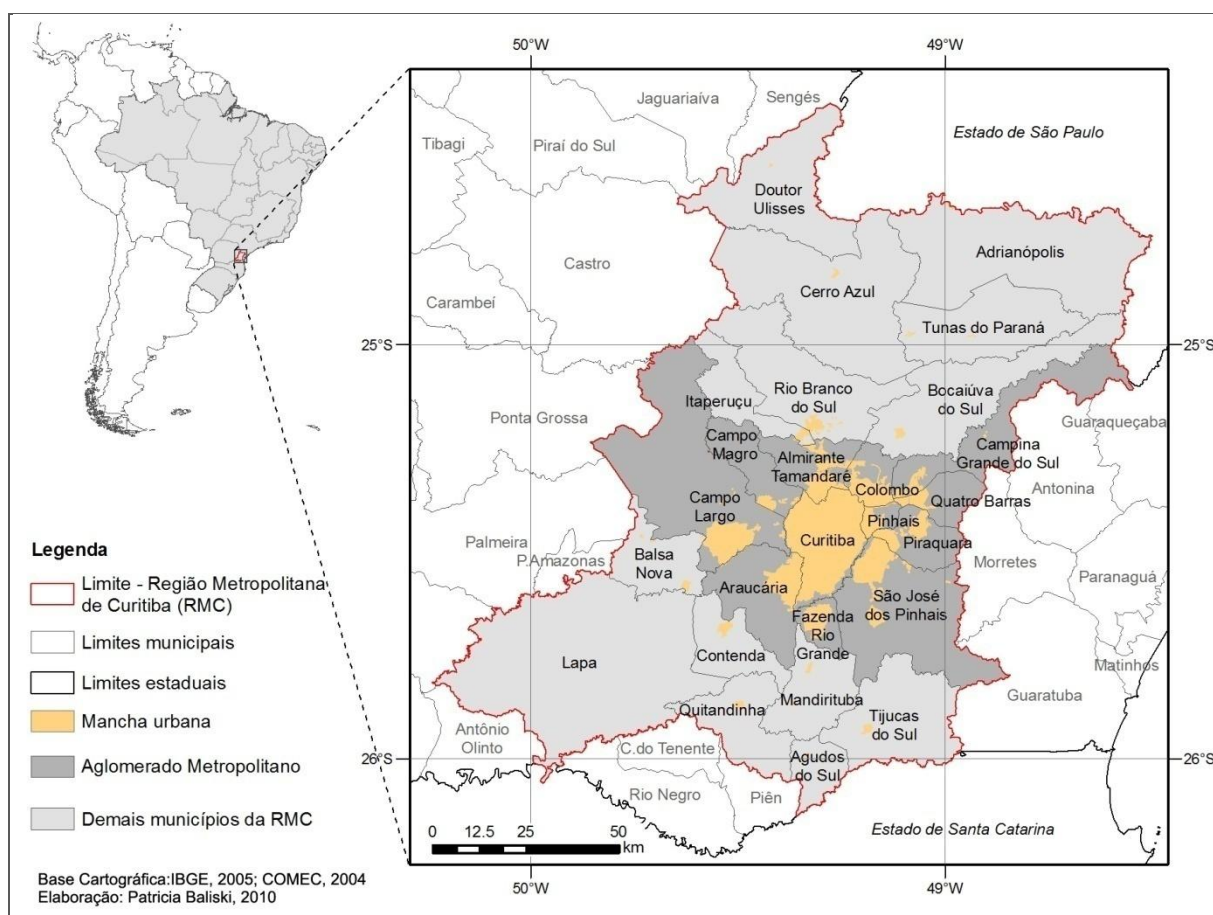
Assim, de acordo com COMEC (2006), a RMC apresenta duas configurações principais, baseadas na continuidade da mancha urbana. A primeira é caracterizada por um padrão de ocupação que forma uma mancha urbana contínua, abrangendo 14 municípios, denominada de Núcleo Urbano Central (NUC): Almirante Tamandaré, Araucária, Campina Grande do Sul, Campo Largo, Campo Magro,

Colombo, Curitiba, Fazenda Rio Grande, Itaperuçu, Pinhais, Piraquara, Quatro Barras, Rio Branco do Sul e São José dos Pinhais. O NUC se configura como uma área de alta complexidade e rápidas transformações urbanas. E a segunda configuração é marcada por áreas urbanas isoladas, separadas por extensas áreas rurais, envolvendo os demais municípios da RMC: Adrianópolis, Agudos do Sul, Balsa Nova, Bocaiúva do Sul, Contenda, Cerro Azul, Doutor Ulysses, Lapa, Mandirituba, Quitandinha, Tijucas do Sul e Tunas do Paraná.

Nojima, Moura e Silva (2009) apresentaram outra proposta de distinção dos espaços internos da RMC. Segundo esses autores existem três anéis, delimitados com base no grau de inserção dos municípios na dinâmica metropolitana. O primeiro, formado por Curitiba (polo) e o anel limítrofe é constituído por municípios que, em uma mancha contínua de ocupação formam o aglomerado metropolitano, no qual está circunscrita a dinâmica metropolitana: Almirante Tamandaré, Araucária, Campina Grande do Sul, Campo Largo, Campo Magro, Colombo, Curitiba, Fazenda Rio Grande, Pinhais, Piraquara, Quatro Barras e São José dos Pinhais. O segundo anel é composto por municípios limítrofes ao aglomerado, e que estabelecem diminutas relações com o espaço metropolitano; não apresentam continuidade de ocupação: Balsa Nova, Bocaiúva do Sul, Contenda, Itaperuçu, Mandirituba, Rio Branco do Sul e Tunas do Paraná. E o terceiro anel é o conjunto dos municípios de forte desempenho em atividades rurais e que mantêm relações ainda mais fracas com o aglomerado, inseridos na RMC por força de legislações estaduais recentes: Adrianópolis, Agudos do Sul, Cerro Azul, Doutor Ulysses, Lapa, Quitandinha e Tijucas do Sul.

E, uma terceira proposta é encontrada em Firkowski (2001, 2009). Segundo essa autora, o aglomerado metropolitano seria a escala intermediária entre Curitiba e a RMC, abrangendo o espaço efetivamente pleno de relações metropolitanas, ou seja, onde os intensos fluxos cotidianos caracterizam um mesmo espaço de relações. Limita-se a menos da metade dos municípios componentes da atual RMC: Almirante Tamandaré, Araucária, Campina Grande do Sul, Campo Largo, Campo Magro, Colombo, Curitiba, Fazenda Rio Grande, Pinhais, Piraquara, Quatro Barras e São José dos Pinhais. Em contraposição ao aglomerado, os demais municípios da RMC caracterizam-se pela ausência das relações definidoras da natureza metropolitana, por isso, se inserem fragilmente na dinâmica existente no aglomerado.

Salienta-se que as três proposições, apesar das pequenas diferenciações, assemelham-se entre si, na medida em que qualificam e diferenciam uma área mais dinâmica no contexto da RMC. Porém, apesar das semelhanças existentes, optou-se pela proposta de Firkowski (2001, 2009), como espaço de análise da presente pesquisa (MAPA 1). A escolha se pauta no fato de que o maior desempenho da indústria ocorre nessa porção, em detrimento dos demais municípios, nos quais alguns percentuais um pouco mais elevados de participação somente se dão em razão de investimentos bem pontuais. Assim, esse recorte foi priorizado, pois as indústrias instaladas nos demais anéis e/ou cidades abrangidas pela mancha urbana não foram incorporadas ao trabalho.



MAPA 1 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA, EM 2010

Além disso, a opção pelo aglomerado, em detrimento do estudo de caso de um município apenas, também se deve pela razão de que a localização de muitas indústrias na atualidade somente pode ser entendida a partir do espraiamento dessa atividade a partir de Curitiba. Como afirma Singer (1987, p. 139), “quando a periferia

industrial de uma grande cidade ultrapassa seus limites, invadindo municípios vizinhos, o melhor é considerar todos eles como um único conjunto urbano”.

Assim, ressalta-se que a análise visou responder a alguns questionamentos presentes no início da pesquisa, decorrentes da inquietação referente à relação entre indústria e espaço urbano: Como a teoria da produção do espaço explicaria uma realidade específica? Qual a metodologia mais apropriada para a apreensão desse fenômeno? Quais áreas podem ser consideradas como resultantes da ação da indústria na expansão urbana? Quais são as dinâmicas espaciais que propiciam a continuidade do processo de reprodução do capital industrial?

Foi a partir desses questionamentos que foram delimitados os objetivos da pesquisa, sendo o principal reconhecer em que áreas o fenômeno de expansão urbana, em função da instalação de uma unidade produtiva, foi mais incidente, tentando revelar a natureza do processo. Como forma de se atingir tal objetivo foi primordial a localização de cada unidade produtiva no aglomerado, bem como o que era produzido e o porte dos estabelecimentos, em uma perspectiva espaço-temporal.

Embora o recorte espacial adotado obviamente não se configure como uma aglomeração metropolitana em todo o período abordado, 1955 a 2008, no decorrer do texto se fará alusão à área de estudo como tal. Acredita-se que uma única referência facilita a leitura da análise realizada, na medida em que evita a criação de nomenclaturas diversas, que nem sempre são bem sucedidas, satisfatórias ou objetivas. Além disso, a utilização de um único recorte permite visualizar em conjunto as áreas de instalação industrial ao longo do tempo, bem como da própria ocupação urbana.

A opção pelo intervalo temporal de 1955 a 2008 se deve ao fato de que este período compreendeu momentos bem distintos do desenvolvimento da atividade industrial no aglomerado metropolitano de Curitiba. O primeiro, até a década de 1970, caracterizou-se pela supremacia da indústria tradicional e pela mancha urbana restrita aos limites político-administrativos de cada município.

O segundo momento abrangeu as décadas de 1970 e 1980 e se distinguiu pela implementação de projetos governamentais que tinham como objetivo mudar a matriz produtiva do estado, à época predominantemente agrícola, investindo principalmente na indústria. Importantes investimentos foram realizados no aglomerado, em especial nas cidades de Curitiba e Araucária. Com a vinda de

grandes indústrias e a criação de áreas destinadas especificamente à atividade industrial nesses municípios, o espaço urbano tornou-se mais complexo e assim, novos lugares foram inseridos no processo produtivo. A mancha urbana de Curitiba se expandiu para além de seus limites político-administrativos. Ainda nesse período, foi importante a criação da Região Metropolitana, em 1973, que favoreceu, mesmo que minimamente, a visão econômica de conjunto na destinação dos investimentos.

A expansão da mancha urbana e a conformação de uma aglomeração acentuaram-se nos anos de 1990, o terceiro momento, quando investimentos relativos ao setor automobilístico acarretaram a reorientação das instalações industriais. Se antes apenas as áreas mais próximas a Curitiba eram dotadas das condições necessárias ao desenvolvimento da indústria, a partir de então houve um espraiamento mais acentuado das instalações e por consequência, do próprio espaço metropolitano.

Para alcançar o objetivo ligado à identificação dos deslocamentos da atividade industrial, a pesquisa baseou-se na análise das realocações que ocorreram tanto no âmbito do espaço intraurbano, quanto interurbano, no período citado. Salienta-se que a realocação da atividade na escala interurbana está relacionada diretamente à expansão da mancha urbana, na medida em que o deslocamento das atividades indica que determinadas condições necessárias a reprodução do capital, antes exclusivas a Curitiba, passam a existir em outros lugares do aglomerado.

Nesse ponto é necessário esclarecer que a utilização dos termos intraurbano e interurbano tem por base os limites político-administrativos no interior do aglomerado. Embora esse recorte se configure como uma totalidade metropolitana, que por consequência admitiria uma escala *intrametropolitana*, a diferenciação existente entre os espaços que compõem o aglomerado requereu escalas distintas de análise que levassem em conta a história, bem como as diferenças no desenvolvimento econômico de cada município.

Assim, visando atingir os objetivos propostos, bem como responder aos questionamentos, o trabalho se divide em quatro partes, além da introdução e considerações finais. Na primeira, item 2, são apresentadas as bases teóricas capazes de possibilitar a compreensão da relação entre indústria e expansão urbana, na perspectiva da produção do espaço. Nessa mesma parte, em um subitem específico, também está descrita a metodologia. Esse subitem abrange a

relação das fontes primárias utilizadas, bem como as pesquisas já desenvolvidas no âmbito da relação entre indústria e expansão urbana que deram as premissas para o desenvolvimento das etapas metodológicas.

As partes dois, três e quatro (itens 3, 4 e 5) se referem aos três momentos da indústria no aglomerado metropolitano de Curitiba. Nesse sentido, a segunda parte do trabalho se refere ao desenvolvimento da indústria até a década de 1970, quando predominavam os gêneros tradicionais; a terceira é relativa à inserção dos gêneros dinâmicos, nos anos de 1970 e 1980; e a quarta parte discute o efeito da consolidação do capital estrangeiro, sobretudo a partir da década de 1990. Cada um desses itens, além de apresentar uma contextualização histórica de cada momento, demonstra o processo de expansão urbana no aglomerado, tendo como agente produtor do espaço, a indústria.

E, nas considerações finais, são expostos os resultados que a pesquisa obteve, a partir do resgate dos principais pontos de cada período analisado.

Finalmente, espera-se que o trabalho contribua de alguma maneira para o debate relativo à expansão do urbano nas cidades brasileiras, tendo a indústria enquanto agente produtor do espaço. Acredita-se que o desenvolvimento de uma metodologia que permite compreender, mesmo que minimamente, alguns dos aspectos concernentes à relação entre indústria e cidade colabore com outras pesquisas da mesma temática. Obviamente que essa situação será possível somente após várias discussões e constantes aprimoramentos.

2. A INDÚSTRIA E A CIDADE

A discussão sobre os impactos da indústria na cidade, ou ainda a relação entre esses dois objetos, pode ser realizada de inúmeras formas, conforme a perspectiva que se adote. As várias possibilidades de análise são decorrentes do desenvolvimento do conhecimento científico que, ante a crescente complexidade da realidade, torna-se mais fragmentado e especializado. Um objeto não consegue mais ser explicado na sua totalidade apenas por uma única ciência. Várias ciências abordam diversamente os fenômenos, a partir de métodos específicos e diferentes.

Em se tratando da geografia, entende-se que a questão primordial não é a definição do seu objeto¹, mas o método que a diferencia de outras ciências e permite a apreensão numa perspectiva geográfica. Para Carlos (2008), o ponto de vista geográfico é o da espacialidade, o da dimensão espacial da realidade social e o do papel do espaço na (re) produção da vida humana. Para Santos (2004), é a forma de tratar geograficamente os objetos, ou seja, de compreender que a significação geográfica dos objetos vem do papel que eles desempenham no processo social, pelo fato de estarem contíguos, formando uma extensão contínua e estarem sistematicamente interligados.

Não é a simples localização dos objetos na superfície terrestre, mas antes, a espacialização de uma atividade social, ligada a uma prática no seu conjunto, que produz um espaço apropriado (LEFEBVRE, 2008). Ou ainda nas palavras de Santos (2004, p. 73), “o enfoque geográfico supõe a existência dos objetos como sistemas e não apenas como coleções [...]”.

Nesse sentido, a espacialidade, inerente à pesquisa geográfica, traduz-se a partir das configurações existentes no espaço geográfico, qualificadas por suas próprias características, diferenciando-se historicamente das demais formas existentes. As formas produzidas, assim como a produção do próprio espaço geográfico, diferenciam-se em função do momento histórico e das exigências e necessidades da sociedade.

Nessa perspectiva, a indústria também enquanto forma produzida marca distintamente o espaço construído conforme o estágio de desenvolvimento das

¹ Para Santos (2004), “a questão que se coloca é, pois, sobretudo, uma questão de método [...]” (p. 77), pois “os mesmos objetos podem dialogar com as mais diversas disciplinas” (p. 76).

forças produtivas. O desenvolvimento das técnicas e dos modos de organização e gestão acarreta diretamente na dinâmica de localização dos estabelecimentos industriais e conseqüentemente nas marcas impressas no espaço geográfico. Essas marcas são para Santos (2004), os testemunhos de uma divisão do trabalho já passada, encontrados na memória do espaço construído, nas coisas fixadas na paisagem criada, no tempo histórico materializado, são as rugosidades.

Com ponto de vista semelhante Soja (1993, p. 212) argumenta que as espacializações são cumulativas e que, portanto, cada fase contém vestígios das “geografias anteriores”, ou seja, “[...] de divisões espaciais do trabalho já formadas, que não chegam propriamente a desaparecer, mas são seletivamente rearranjadas”.

Obviamente que as rugosidades ou as geografias anteriores não são apenas decorrentes da atividade industrial, na medida em que o espaço é produzido e apropriado por uma série de agentes. Dentre esses se constata a crescente importância que o capital financeiro vem assumindo na contemporaneidade, bem como a expansão dos serviços internacionalizados nas grandes cidades. Porém, entende-se que muitas dessas novas atividades têm seu desenvolvimento atrelado à atividade industrial e por isso, no modo de produção capitalista a indústria ainda assume o controle da economia, “[...] subordinando, criando e redefinindo outras atividades, tornando-se célula básica do processo produtivo” (CARLOS, 2008, p. 27). O impacto desse controle se revela nas diversas espacialidades criadas.

Tais espacialidades, configuradas temporal e espacialmente, refletem a divisão do trabalho que se materializa em uma divisão espacial do trabalho, entre “parcelas” do espaço e no interior de cada uma delas (CARLOS, 2008, p. 26). Essas diferentes espacialidades, para Brandão (2007, p. 53), são resultado do movimento de acumulação desigual do capital no espaço que se processa “[...] de forma mutável, parcial, diversa, irregular e com alta seletividade”, afinal, as manifestações de valorização são altamente discriminatórias. Há, portanto, “[...] um processo de busca e seleção por pontos do espaço que ofereçam maior capacidade de apropriação privada de rendimento e onde ‘valorizar o valor’ seja mais fácil”.

Essa lógica mantém-se, mas se altera e se manifesta diferentemente no espaço conforme o momento histórico. Strohaecker e Souza (1990) demonstram que a análise da localização industrial passa, necessariamente, pelo entendimento dos diferentes momentos da organização social, ou seja, da própria evolução da sociedade no espaço.

Essa evolução, aqui entendida não necessariamente como a mudança em direção a algo considerado melhor, mas como transformação, acarreta em modificações de conteúdo social, nas ações, nos valores e na própria produção do espaço. As cidades apresentaram amplas transformações em sua estrutura interna com a inserção do capitalismo industrial (STROHAECKER e SOUZA, 1990).

Para Lefebvre (1973, 2006 e 2008), que teve como principal referência o desenvolvimento industrial europeu dos séculos XIX e XX, a industrialização foi o processo transformador máximo da sociedade, foi o indutor. A atividade industrial foi capaz de transformar a cidade pré-existente, mudar as suas características anteriores. Esse autor demonstra como a indústria foi capaz de transformar não somente os conteúdos intraurbanos, mas também aqueles provenientes de relações interurbanas ou até mesmo inter-regionais.

Porém, o processo de transformação induzido pela indústria difere espacialmente, pois cada cidade apresenta uma trajetória histórica peculiar. A história de cada cidade repercute não somente na valorização diferenciada do capital, em função das rugosidades existentes, mas também na forma como ocorrem as transformações espaciais, econômicas, sociais e culturais, decorrentes da inserção da atividade industrial, notadamente do grande capital. Assim, segundo Brandão (2007), é através da compreensão das determinações históricas particulares e da análise da produção dos espaços concretos que se investiga o urbano e/ou as regiões, afinal cada recorte é o *locus* de uma reprodução social específica.

2.1. A GÊNESE DA RELAÇÃO ENTRE INDÚSTRIA E CIDADE

Strohaecher e Souza (1990), ao fazerem um resgate da localização industrial intraurbana, trazem importantes elementos para se entender a relação da indústria com a cidade e as transformações que ocorreram ao longo do tempo. Essas autoras demonstram que até final do século XIX a indústria apresentava predominantemente dois padrões de localização, ambos condicionados pela mobilidade física limitada da força de trabalho, pelo sistema de transporte de carga baseado na ferrovia e nos portos e pelas fontes de energia hidráulica.

O primeiro relaciona-se às indústrias que necessitavam de uma localização junto às fontes de energia ou aos terminais de transporte para a distribuição da produção a um custo mínimo. Esse tipo de indústria encontrava-se geralmente afastado do núcleo central da cidade, empregando mão de obra residente nas vilas operárias construídas próximas às fábricas. O segundo caracteriza-se por indústrias com produção em pequena escala, mas que necessitavam de mão de obra intensiva, localizando-se assim, nas áreas centrais das cidades. Outros fatores também propiciavam esse padrão de localização, como a proximidade do mercado consumidor, o contato direto com distribuidores e fornecedores, a acessibilidade, etc. (STROHAECKER e SOUZA, 1990).

É importante salientar que com o desenvolvimento da tecnologia empregada nos estabelecimentos industriais, bem como com a expansão do transporte ferroviário, a organização espacial desses dois tipos de padrão de localização se modificou e repercutiu diretamente na organização e conformação da cidade. Para Matos (2002), a inserção de várias fábricas na área central ampliou fortemente os níveis de concentração espacial das atividades econômicas e da própria população. Tal concentração ocorre pela existência de uma atração retroalimentada, ou seja, a indústria é atraída pela mão de obra e mercado existentes na cidade e da mesma maneira esta atividade atrai trabalhadores e a inserção de novos serviços. Nesse sentido, as fábricas fazem aumentar a concentração de pessoas e atividades no espaço urbano impondo a necessidade de expansão do mesmo. Com o aumento da malha ferroviária, permitiu-se a expansão dos bairros residenciais e a incorporação das áreas industriais distantes do núcleo central pelo tecido urbano.

Esse crescimento do tecido urbano é constatado, segundo Strohaecher e Souza (1990), a partir da primeira década do século XX. Nesse momento houve um crescimento lento, no entanto, contínuo da atividade industrial em direção às áreas mais periféricas da cidade, enquanto prosseguia o desenvolvimento absoluto das indústrias no núcleo central.

A indústria, portanto, pode ser considerada desde o seu início como um agente produtor do espaço urbano, pois para Lefebvre (1973, 2006), a industrialização não produz apenas empresas, senão também estabelecimentos diversos, centros bancários e financeiros, técnicos e políticos. A indústria surge como a materialização de interesses de determinados grupos particulares que se apropriam para gerir e explorar o espaço (LEFEBVRE, 2008).

Dentro da perspectiva teórica da produção do espaço, concebe-se a existência de uma série de “[...] agentes sociais concretos, e não um mercado invisível ou processos aleatórios atuando sobre um espaço abstrato”. Tais agentes atuam de forma complexa, derivada “[...] da dinâmica de acumulação de capital, das necessidades mutáveis da reprodução das relações de produção, e dos conflitos de classe que dela emergem”. A ação de tais agentes implica na continuidade do processo de acumulação que se materializa no espaço urbano (CORRÊA, 2002, p. 11).

Singer (1987, p. 32) demonstra que a industrialização de uma cidade uma vez sendo iniciada,

[...] tende a atrair populações de áreas geralmente próximas. O crescimento demográfico da cidade torna-a, por sua vez, um mercado cada vez mais importante para bens e serviços de consumo, o que passa a constituir um fator adicional de atração de atividades produtivas que, pela sua natureza, usufruem de vantagens quando se localizam junto ao mercado de seus produtos.

Nesse sentido para Carlos (2008, p. 100), no capitalismo a produção e o desenvolvimento do urbano estão vinculados à instalação e ao crescimento, seja direto ou indireto, da indústria e das atividades correlatas. Dessa forma, “com o surgimento do fenômeno industrial, o urbano muda de conteúdo”. Ou como nas palavras de Martin e Buono (1992), a partir da inserção do sistema industrial nos centros urbanos, a cidade submeteu-se às exigências da produção industrial.

A mudança observada pode ser entendida a partir de uma referência às considerações de Lefebvre (2008), relativas às transformações decorrentes da inserção das relações de produção capitalistas, notadamente do capital industrial nas cidades europeias. Segundo Lefebvre (2008, p. 83), a indústria surge como “não-cidade” ou “anticidade”. Ela se implanta em função dos recursos que emprega a seu favor, tais como as fontes de energia, as matérias-primas e a mão de obra. No entanto, nesse processo a atividade industrial destrói e pulveriza as antigas características ainda existentes na cidade pré-industrial, o valor de troca generaliza-se em detrimento do valor de uso, o solo afirma-se como mercadoria “e o espaço se vende e se compra”.

Enquanto mercadoria, o solo urbano, mormente, suscita o interesse de apropriação da renda da terra pelos agentes produtores do espaço que utilizam

diversas estratégias. Assim, de acordo com Corrêa (2002, p. 11), há um constante processo de reorganização espacial que ocorre através da incorporação de áreas novas ao espaço urbano, “[...] densificação do uso do solo, deterioração de certas áreas, renovação urbana, relocação diferenciada da infra-estrutura e mudança, coercitiva ou não, do conteúdo social e econômico de determinadas áreas da cidade”.

Especificamente para a indústria, a produção do espaço ocorre com a incorporação de novas áreas para esta atividade, seja em função da necessidade de expansão ou pelo fato do núcleo urbano já saturado não a comportar mais. A existência de áreas extensas na periferia da cidade acarreta no deslocamento dessa atividade e consigo todo o aparato necessário para o seu pleno desenvolvimento.

Colaboram nesse intento, segundo Strohaecher e Souza (1990), a introdução de importantes inovações tecnológicas nos transportes (bondes, ônibus e carros) e no setor da construção civil (concreto armado, arranha-céus e elevador), em conjunto com o processo de acumulação capitalista e a diversificação do processo de produção industrial. Esses fatos acarretaram em uma especialização funcional da área central primária e a pulverização dos usos e atividades que não suportavam mais as externalidades negativas do centro da cidade. O núcleo central que anteriormente oferecia as melhores condições de localização vai gradualmente perdendo os atrativos e incorporando uma série de empecilhos ao desenvolvimento das atividades econômicas.

Dessa forma, como o centro da cidade já não é capaz de atender todas as necessidades impostas pela indústria, surge uma série de fatores que contribuem para o deslocamento dessa atividade. Corrêa (2005), Mérenne-Schoumacker (2002) e Scott² (1982 *apud* Strohaecher e Souza, 1990) consideram que o centro passou a impedir o crescimento das empresas pela falta de espaço para ampliação física, bem como pelos preços elevados da terra nessa porção da cidade; congestionamentos; altos custos do transporte; salários elevados; carência de trabalhadores; restrições legais quanto ao uso do solo; e tributos fiscais encarecidos.

No entanto, Singer (1987, p. 36) ao aprofundar mais a questão, demonstra que o principal fator de deslocamento da atividade industrial é o aumento do preço do solo, na medida em que as empresas (industriais) “[...] unicamente usufruem as

² SCOTT, A.J. Locational Patterns and Dynamics of Industrial Activity in the Modern Metropolis. *Urban Studies*, 19 (2): 111-142, 1982.

economias de aglomeração, ao passo que as deseconomias do congestionamento e do esvaziamento são suportadas pelo conjunto da sociedade [...]”. Ou seja, com o aumento da densidade populacional e das atividades econômicas em determinadas porções da cidade, as autoridades públicas são solicitadas a inverter somas crescentes na ampliação dos serviços públicos, tais como novos sistemas de transporte, melhoria das vias, etc. Os fundos para tais empreendimentos provêm dos tributos. Porém, muitas indústrias se beneficiam frequentemente de isenções fiscais o que lhes desobriga de arcar com os custos das deseconomias provocadas pelo desenvolvimento de sua atividade.

Como bem explicam Singer (1987) e Mérenne-Schoumaker (2002), o *espraçamento*³ da atividade industrial geralmente inicia-se dentro da mesma área urbana, próxima da primeira localização, pois as empresas desejam conservar seus trabalhadores, clientes e fornecedores. Posteriormente com a propagação de novas áreas industriais, numa *periferização* intraurbana cada vez mais crescente da atividade produtiva, ocorreram grandes transformações na estrutura interna das cidades (STROHAECKER e SOUZA, 1990).

2.2. A INDÚSTRIA E A EXPANSÃO DA CIDADE

O deslocamento da indústria para as áreas mais periféricas da cidade ocasionou novos locais abarcados pelo tecido urbano. Esse fazer-se ininterrupto gerou uma “[...] reordenação da estrutura da cidade, tornando o espaço urbano muito mais complexo, com o surgimento de vários núcleos secundários além da segregação espacial das diferentes funções nele desenvolvidas [...]” (STROHAECKER e SOUZA, 1990). Portanto, as áreas periféricas são aquelas que passam a receber tais atividades, seja em função dos amplos espaços, seja decorrente do cálculo custo/benefício. Novos lugares passam a deter determinadas funções antes existentes principalmente no núcleo central.

³ A utilização do termo *espraçamento* neste trabalho baseia-se nas acepções encontradas em Azzoni (1985), Mérenne-Schoumaker (2002) e Tineu (2009). Segundo esses autores, *espraçamento* industrial seria uma forma de desconcentração da indústria a partir de um polo principal sobre uma área próxima.

Dessa forma, o desenvolvimento do capitalismo industrial proporcionou o crescimento e fortalecimento da grande cidade, visando melhores condições de acumulação. Segundo Carlos (2008, p. 29), o crescimento da cidade foi acelerado pelas transformações ocorridas em todos os setores econômicos, os quais necessitam e desenvolvem uma base urbana; “[...] assim, o processo de urbanização está submetido às leis de acumulação capitalista, daí a estreita relação entre estas e o processo de urbanização”.

O processo de acumulação capitalista, ligado diretamente ao crescimento exacerbado de muitas cidades, esteve relacionado a um tipo específico de paradigma produtivo, denominado *fordismo*. Nesse sistema, visa-se a criação de um círculo virtuoso no qual o aumento da massa salarial acarreta na elevação do consumo e conseqüentemente na demanda por mais produtos, retroalimentando-se. Assim, o aumento da produção e do consumo repercute diretamente na expansão das cidades, na medida em que a indústria apresenta demanda crescente de mão de obra, incrementando o crescimento demográfico e conseqüentemente a incorporação de novas áreas.

Expandindo-se principalmente no período pós Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e perdurando como sistema de produção predominante até a década de 1970⁴, o fordismo foi o principal modelo de desenvolvimento adotado, sobretudo pelas grandes indústrias. De acordo com Lipietz e Leborgne (1988), o fordismo como modelo de industrialização teve grande sucesso, sem precedentes na história mundial. A base de sua organização está na padronização rigorosa dos gestos operativos e separação entre a concepção e a execução manual.

A otimização do processo produtivo resultou na consolidação de uma característica eminente da atividade industrial, qual seja a concentração. De acordo com Martin e Buono (1992), essa característica foi uma das tendências mais notáveis e permanentes das indústrias até a década de 1970, revelando-se sobre três vieses principais, o técnico, o econômico e o geográfico. Assim, o técnico favoreceu a produção em massa e padronizada e a centralização da produção em grandes fábricas. O econômico assegurou às empresas ações sobre as condições

⁴ Essa periodização se modifica conforme a realidade abordada. Portanto, em se tratando do Brasil e de muitos outros países, o processo se iniciou mais tardiamente e, portanto, se estendeu para além da década de 1970. A ressalva também se aplica às características sócio-econômicas existentes em países centrais e periféricos, distintas na perspectiva do Estado-providência, tamanho do mercado consumidor, renda, etc.

técnicas, benefícios financeiros e fiscais e saída comercial da produção, propiciando a formação da firma multinacional.

E especificamente em relação ao último viés, o geográfico, considerado o mais visível, Martin e Buono (1992, p. 36) destacam que a indústria enquanto um fenômeno dinâmico no espaço e no tempo tende a se concentrar geograficamente em “[...] complexos industriais, definidos como uma poderosa aglomeração de indústrias em um espaço reduzido, ligados por laços mais ou menos estreitos de dependência”.

Essa situação, segundo Singer (1987, p. 137), decorreu do fato de que a técnica industrial moderna necessitava de equipamentos grandes, cuja movimentação exigia, igualmente, grande quantidade de mão de obra. “Para produzir barato é preciso produzir em massa. Isso faz com que não apenas as fábricas sejam de amplas dimensões mas também que muitas delas – que exerçam atividades complementares – se agrupem na mesma área”.

Portanto, esse período representa o momento de concretização de importantes processos na conformação das cidades. De um lado, teve-se inicialmente o espraiamento da atividade industrial que em função da necessidade de expansão, incorporou novas áreas, aumentando demasiadamente as cidades. E de outro, a concentração da indústria em pontos específicos do espaço geográfico, materializando a relevância das novas áreas escolhidas para a localização industrial. Esses dois processos contribuíram para o crescimento das manchas urbanas e a consolidação da diferenciação de usos na cidade, que de acordo com Carlos (2008), reflete a manifestação da divisão técnica e social do trabalho no espaço, em um determinado momento histórico. Assim, conforme a indústria se modifica, há concomitantemente a transformação da cidade e, logicamente, a relação inversa também é verdadeira.

2.3. OS NOVOS ESPAÇOS PRODUTIVOS

A partir da década de 1960, o fordismo começou a apresentar deficiências, a esgotar-se enquanto modelo de industrialização. A produtividade começou a diminuir e o capital *per capita* a aumentar. Teve-se uma queda da lucratividade, de onde

decorreu uma diminuição da taxa de acumulação. Essa situação acarretou a reação dos empresários, expressa na internacionalização da produção, e a do Estado, pela generalização das políticas de austeridade, levando a uma crise do emprego e consequentemente do Estado-providência. “A internacionalização e a estagnação dos rendimentos detonaram por sua vez a crise ‘do lado da demanda’ no fim dos anos 70” (LIPIETZ e LEBORGNE, 1988, p. 16).

Decorrente do ambiente de crise gerado pelo esgotamento do modelo de industrialização fordista buscaram-se maneiras de se contornar os problemas que se avolumavam. Segundo Lipietz e Leborgne (1988, p. 16), o que estava em questão era o próprio paradigma industrial, por isso novas vias estavam sendo exploradas. “A exploração foi apresentada como uma ‘necessidade tecnológica’, e a correlativa destruição das velhas indústrias baseadas sobre o princípio fordista foi apresentada como uma ‘destruição criadora’ [...]”.

A manutenção do sistema dependia de uma ampla reestruturação na base produtiva. A reestruturação é entendida na acepção encontrada em Soja (1993, p. 193), ou seja, transmite um sentido de ruptura em tendências já consolidadas, “[...] e de uma mudança em direção a uma ordem e uma configuração significativamente diferentes [...]”. A antiga ordem não sobrevive mais com remendos, é necessária uma expressiva mudança estrutural.

Assim, a reestruturação ocorreu principalmente em função da necessidade tecnológica que se traduziu na revolução obtida no sistema de produção a partir da inserção da eletrônica, a qual proporcionou a consolidação da principal característica de uma nova fase que se delineava, qual seja a flexibilidade. A inserção da flexibilidade nas máquinas permitiu séries menores de produção com uma gama de produtos diferenciados. E no que se refere à gestão, a inserção da eletrônica permitiu inicialmente o gerenciamento dos estoques em tempo real, a otimização da produção e o estreitamento entre concepção e produção. A flexibilidade passou a ser tão importante quanto o aspecto lucratividade (LIPIETZ E LEBORGNE, 1988).

Soja (1993) afirma que o processo de reestruturação observado no âmbito das empresas apresenta ligação direta com a espacialização. A partir da década de 1970 evidencia-se uma tentativa do capitalismo em reestruturar as suas matrizes temporais e espaciais, há uma busca por um arranjo espaço-temporal voltado para a sua sobrevivência.

Nesse sentido, a flexibilidade não ocasiona somente a organização interna das indústrias, mas também a própria reorganização da divisão espacial do trabalho. Na medida em que novas tecnologias são inseridas nas empresas, verifica-se que a produção não necessita estar mais concentrada em uma única planta industrial, podendo ser distribuída em uma série de unidades. Ou ainda, observa-se a tendência crescente à separação espacial entre as funções peri-produtivas⁵ e de produção, principalmente nas indústrias de alta tecnologia (FISCHER, 2008a).

Buscando as melhores vantagens locacionais, que diferentes localizações podem proporcionar, o espaço torna-se um fator estratégico essencial. Em busca de eficácia e de competitividade e para evitar custos locacionais elevados nas grandes metrópoles, as empresas passam a deslocar as atividades de produção para regiões com mão de obra de custo reduzido. Algumas áreas tornam-se muito vantajosas, principalmente aquelas dos países periféricos (FISCHER, 2008a).

Forma-se então uma intensa competição entre os lugares como meio de se obter a instalação das unidades produtivas de tais empresas (TOMADONI, 2004). Soja (1993) demonstra que essa competição se estende em todos os níveis hierárquicos, desde a localidade até a escala da economia mundial.

São ofertadas importantes e múltiplas concessões pelos governos dos países onde tais empresas se instalam, bem como a adaptação às novas exigências impostas. Santos (2004, p. 248) indica que os lugares buscam se especializar, “[...] em função de suas virtualidades naturais, de sua realidade técnica, de suas vantagens de ordem social. Isso responde à exigência de maior segurança e rentabilidade para capitais obrigados a uma competitividade sempre crescente”. Essa situação conduz a uma diferenciação entre os lugares, acarretando em uma divisão espacial do trabalho mais profunda.

A “luta” travada pelos lugares para se tornarem mais atraentes ao grande capital conduz a uma série de ações, tais como os subsídios de “[...] custos tributários, logísticos, fundiários e salariais dos empreendimentos [...]”, que muitas vezes podem levar ao comprometimento, a longo prazo, das finanças locais (BRANDÃO, 2007, p. 39). Portanto, toda vez que a cidade torna-se inviável para o grande capital, as reservas públicas têm despesas cada vez maiores, como meio de implementar as condições exigidas pelas grandes empresas (SANTOS, 2009).

⁵ São as atividades que ocorrem antes e depois do processo produtivo, tais como pesquisa, organização, *marketing*, vendas, etc. (FISCHER, 2008a).

É nesse sentido que os antigos fatores de localização já não são suficientes para atrair essas novas indústrias. Além da proximidade dos centros de abastecimento, dos baixos custos de transporte, acessibilidade às economias de aglomeração e força de trabalho qualificada, abundante e barata, os territórios devem permitir a experimentação e prática dos mecanismos próprios de sistemas produtivos flexíveis. A busca desses fatores pelas empresas decorre em novos padrões de localização, que materializam os processos de reestruturação industrial (MEDRANO, 2000).

A partir dessa situação, segundo Caravaca e Mendez (2003), destaca-se a inserção de novos lugares, conformando um padrão de organização espacial diferente da produção fordista. Ou seja, a flexibilidade denota uma nova configuração espacial.

Em perspectiva semelhante, De Mattos (2005) evidencia que o processo de reestruturação foi responsável pela forte revalorização do papel das grandes cidades e concomitantemente intensificou a tendência à expansão territorial das mesmas. A revalorização de tais espacialidades se deve ao fato de que no novo contexto da economia mundial, cada vez mais interconectada, são necessárias essas centralidades para o funcionamento das atividades produtivas, comerciais e financeiras.

Assim, para Caravaca e Mendez (2003), a indústria continua sendo uma atividade relevante na maioria das grandes cidades e aglomerações em seu entorno. Várias das trajetórias urbanas recentes são resultantes dos processos de reorganização interna que muitas indústrias experimentaram, seja através das novas instalações, de realocações ou ainda pelo fechamento de indústrias em centros tradicionalmente importantes no contexto industrial.

Em se tratando dessa nova fase, iniciada na década de 1970 e que toma proporções maiores na contemporaneidade, observa-se que, nos países periféricos, as áreas mais atrativas para o grande capital industrial são as áreas metropolitanas, as áreas capitaneadas pelas grandes cidades. Briano, Frietzsche e Vio (2003) demonstram que no atual curso da economia, caracterizada por muitos autores como globalização, as áreas metropolitanas têm funcionado como nós substanciais na articulação dos mercados internacionais. Essas áreas dispõem de infraestrutura, mercados locais, recursos humanos qualificados e universidades, oferecendo as vantagens requisitadas pelas grandes empresas (CARAVACA e MENDEZ, 2003).

Tomadoni (2004), em estudo específico sobre a indústria automobilística⁶ em Córdoba (Argentina), afirma que as áreas metropolitanas aparecem como lugar preferencial na lógica industrial, pois tem contiguidade, entendida em termos de proximidade para o funcionamento das empresas de acordo com o sistema *Just-in-time*.

De acordo com Carlos (2008), a importância da metrópole na contemporaneidade reside no fato dela se constituir como o grande ponto de expressão espacial, o lugar onde está localizado o poder técnico, político e financeiro e onde se encontra uma grande concentração de funções que tornam possível a sobrevivência e reprodução do modo de produção vigente, cuja complexidade se baseia no estágio atual da divisão espacial do trabalho.

No entanto, é necessário ressaltar que se as áreas metropolitanas vêm recebendo investimentos, esses não acontecem necessariamente nas áreas industriais tradicionais destas espacialidades e nos núcleos urbanos mais consolidados. Segundo Briano, Frietzsche e Vio (2003), Caravaca e Mendez (2003) e De Mattos (2005), são nas áreas mais distantes dos centros metropolitanos, nas franjas periurbanas, que os investimentos industriais produtivos ocorrem. O impulso industrial crescente é motivado pela oferta de terra mais barata, menores controles urbanísticos, melhorias nas vias de transporte, acessibilidade e oferta de parques industriais. Essas áreas acompanham a própria expansão metropolitana.

Verifica-se que se configuraram uma série de processos atuantes sobre a conformação espacial das áreas metropolitanas. As áreas periféricas não são privilegiadas somente pelo grande capital, mas também pelos estabelecimentos relocados da cidade central, ávidos pelas sinergias proporcionadas por tais lugares. Portanto, na metrópole contemporânea tem ocorrido durante as últimas décadas um processo de espraiamento da atividade industrial em sua área de abrangência. Por mais que as novas localizações não se instalem mais nos limites político-administrativos da cidade central, estão localizadas na sua área de influência direta, e por isso, aproveitam todos os benefícios. Portanto, se constata uma redução da participação da cidade central em detrimento da área metropolitana ou do “[...] espaço funcional dependente [...]” (CARAVACA e MENDEZ, 2003, p. 43).

⁶ Para Medrano (2000), o setor automobilístico é o que mais caracteriza o processo de reestruturação, em seu sentido mais amplo. Considerado vanguardista, tem sido o primeiro a implementar profundas transformações nos âmbitos organizacional, tecnológico e espacial.

A constatação de que a cidade central apresenta diminuição no total de estabelecimentos industriais pode frequentemente levar à compreensão errônea de que estaria em curso um processo de descentralização da indústria. Porém, destaca-se que pelo fato da cidade central não perder sua relevância, sua centralidade, não está sujeita a tal processo. Lencioni (2003) afirma que essa falsa interpretação supõe a existência de dois centros ou de uma centralidade que se sobrepõe à da metrópole. O que ocorre é o espraiamento da atividade industrial pelo entorno metropolitano, a ampliação espacial da área industrial.

Em perspectiva semelhante, Leroy (2000) mostra como o declínio das grandes cidades, bastante discutido nas décadas de 1970 e 1980, foi uma grande ilusão. Portanto, as cidades são mais do que nunca as principais captadoras e redistribuidoras do desenvolvimento econômico. As áreas metropolitanas apresentam grande capacidade em atrair empresas, notadamente, as multinacionais.

Assim, o espraiamento da atividade industrial para além dos limites político-administrativos da cidade principal está relacionado tanto às vantagens oferecidas pelo entorno da metrópole, quanto aos chamados fatores de expulsão (MÉRENNE-SCHOUMAKER, 2002; CARAVACA e MENDEZ, 2003), ou deseconomias de aglomeração (CORRÊA, 2005) existentes. Tais fatores demonstram as dificuldades encontradas pela indústria em se localizar em uma cidade na qual, em função de toda centralidade exercida, o preço do solo é elevado, inexitem áreas para ampliação, o zoneamento é restritivo, etc. Ou seja, são os mesmos fatores que no desenvolvimento primário da cidade ocasionaram o deslocamento das unidades produtivas para uma periferia próxima, porém, nesse momento em uma escala ampliada.

No entanto, o deslocamento da atividade industrial não pode ser entendido como um processo único e que envolva todas as unidades produtivas; como se as “deseconomias” afetassem o pleno funcionamento de todas as indústrias. Como bem demonstrou Santos (2009, p. 47), o conceito de deseconomia “[...] é uma faca de dois gumes, pois o mesmo espaço construído pode tornar-se uma deseconomia para firmas muito grandes e, ao mesmo tempo, uma economia para as pequenas firmas”. Ou seja, o espaço enquanto reflexo e condicionante da sociedade capitalista é intrinsecamente contraditório, pois se em alguns casos as rugosidades atuam como um fator de repulsão, em outros se configuram atrativas.

Para Caravaca e Mendez (2003), a relação entre indústria e urbano, principalmente em áreas metropolitanas, deve considerar a realidade complexa e mutável do espaço, pois em seu interior coexistem estratégias e estruturas muito diversas, origem de processos heterogêneos que têm seu reflexo na multiplicação de espaços produtivos existentes.

2.4. A CONSTRUÇÃO DA METODOLOGIA: A BUSCA PELA RELAÇÃO ENTRE INDÚSTRIA E CIDADE

Antes de se contextualizar a metodologia empregada para atingir os objetivos definidos são necessárias algumas considerações sobre a questão da *localização industrial*, e a forma como a mesma está sendo apreendida.

Diversos trabalhos desenvolvidos no âmbito da geografia industrial priorizaram como matriz explicativa as teorias de localização da indústria. Inserem-se nessa perspectiva os modelos elaborados por Burgess, Hoyt, Harris, Ullman, Isard e Hamilton⁷ (MANZAGOL, 1985; MÉRENNE-SCHOUMAKER, 2002).

Tais análises surgiram como tentativa de explicação do espraiamento da atividade industrial, bem como do consequente crescimento das cidades, em realidades bem distintas da do Brasil, principalmente a dos Estados Unidos. Além disso, não levavam em consideração a perspectiva teórica adotada no presente trabalho, ou seja, em tais modelos o espaço é considerado “como um dado *a priori*, seja do pensamento (Kant), seja do mundo (positivismo)” e não como o meio de desenvolvimento de uma atividade social (Lefebvre, 2008, p. 55) ou como um fato social (SANTOS, 2002).

Essas teorias evidenciavam apenas as formas construídas na cidade sem se deter nos processos que ocasionaram tais configurações, ou seja, a paisagem predomina sobre o espaço. Para Santos (2004), a paisagem entendida como o conjunto de formas, é o ponto de partida, mas está longe de ser um ponto de

⁷ Harvey (1980) lamenta que os geógrafos tenham preferido o uso de modelos ao invés de se interessarem pela abordagem proposta por Engels na *The Condition of the English Working Class in 1844*. Para Harvey (1980, p. 114), com certas modificações, “[...] a descrição de Engels poderia, facilmente, ser feita para adaptar-se às cidades americanas contemporâneas [...]”. O trabalho de Engels foi retomado e discutido também em Carlos (2008).

chegada, é insuficiente para oferecer sozinha uma explicação. Portanto, não basta apenas a leitura das formas industriais criadas, mas antes o entendimento da relação entre indústria e cidade na produção do espaço.

É por isso que na presente pesquisa a *localização* é compreendida como “[...] um momento do imenso movimento do mundo, apreendido em um ponto geográfico [...]; é um feixe de forças sociais se exercendo em um lugar” (SANTOS, 2008, p. 13).

É o conjunto de forças, constantemente transformado devido ao movimento da sociedade, que valoriza cada lugar, dotando de significação diferenciada cada localização. É por isso que indústrias com o mesmo poder econômico e político, mas com localizações diversas, alcançam resultados diferentes. Essa situação também se estende para empresas de outros setores ou ainda para os indivíduos. Santos (2008, p. 21) argumenta que pessoas que tiveram a mesma formação, “[...] mas estão situados em lugares diferentes não têm a mesma condição como produtores, como consumidores e até mesmo como cidadãos”.

O fazer-se ininterrupto da sociedade e do espaço dota, ao longo do tempo, valores diferenciados para o mesmo lugar e para o conjunto do espaço. A desvalorização de um local e a valorização de outro acarreta diretamente no movimento das atividades produtivas dentro do espaço urbano. Portanto, embora o capital seja indiferente quanto ao lugar da valorização, contraditoriamente dá grande atenção às diferenciações dos lugares (BRANDÃO, 2007).

Dessa forma, a construção da metodologia priorizou principalmente a localização da indústria no aglomerado, em uma perspectiva de detalhe. Entende-se que a escala adotada é a medida que confere ao fenômeno uma determinada visibilidade. Quando a escala muda, as coisas mudam e novos fenômenos são vistos nestas novas dimensões (CASTRO, 2007).

Assim, tanto os dados dos Censos Industriais, elaborados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), quanto os da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), não permitem a escala de detalhe, pois apresentam informações do total de estabelecimentos industriais por município. Tais elementos servem como indicativos de uma dinâmica, mas não permitem a identificação da localização de cada indústria no aglomerado.

Por isso, se utilizou como base primária de dados os cadastros industriais do período de 1950 aos anos 2000 (QUADRO 1). A opção por esse recorte temporal se justifica na medida em que abrange as três fases do desenvolvimento industrial no aglomerado metropolitano de Curitiba: i) aquele em que predominavam os gêneros tradicionais, até o final dos anos de 1960; ii) o da inserção do capital estrangeiro e dos gêneros dinâmicos, correspondendo às décadas de 1970 e 1980; e, iii) o da consolidação do capital internacional, com destaque para a indústria automobilística, a partir dos anos de 1990. Salienta-se que cada um desses momentos se caracterizou por espacialidades distintas, no entanto com a consolidação da concentração industrial no aglomerado metropolitano de Curitiba.

PUBLICAÇÃO	DADOS EXISTENTES
Cadastro Industrial do Estado - 1955	Razão Social, Localização, Gênero Industrial
Cadastro Industrial – 1965: Estado do Paraná	Razão Social, Localização, Gênero, Produtos, Pessoas ocupadas, Valor das vendas
INCOSERV (Indústria, Comércio e Serviços) 1977	Razão Social, Localização, Data de Fundação, Produtos, Empregados
Anuário das Indústrias: Paraná, Brasil 1986/87	Razão Social, Localização, Produtos
Catálogo Industrial - Paraná 1996	Razão Social, Localização, Empregados, Gênero, Produtos
Cadastro das Indústrias, Fornecedores e Serviços - Paraná 2008	Razão Social, Localização, Telefone, <i>E-mail</i> , Atividade (CNAE), Empregados

QUADRO 1 – RELAÇÃO DAS FONTES PRIMÁRIAS UTILIZADAS

FONTE: Elaborado pela autora com base em IBGE (1955b, 1968), Secretaria da Indústria e do Comércio/PR (1977), FIEP (1986, 1996, 2008)

Tais cadastros apresentam diferenciações entre si, as quais não dizem respeito somente aos dados existentes, mas também à quantidade de indústrias relacionadas. Assim, foram realizados cortes no total de indústrias nos cadastros de 1965, 1986, 1996 e 2008, com o objetivo de se obter uma amostra mais homogênea, que permitisse a comparação entre as décadas e reduzisse o volume de dados a serem trabalhados.

A validade da amostra obtida foi confrontada com o total de indústrias existentes no aglomerado nas respectivas décadas, através das informações

constantes nos Censos Industriais, publicados pelo IBGE, e na Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho e Emprego. Para tal, utilizou-se a proposta de Krejcie e Morgan⁸ (1970 *apud* Gerardi e Silva, 1981).

Os resultados podem ser visualizados na TABELA 1, e mostraram-se satisfatórios. De acordo com Gerardi e Silva (1981), quanto mais variável se mostra o universo total, maior deve ser a amostra. Assim, considerando a heterogeneidade da atividade industrial tornou-se imprescindível que a amostra obtida ultrapassasse a necessária em função da quantidade de estabelecimentos existentes em cada década.

TABELA 1 – CONFRONTO ENTRE AS AMOSTRAS: NECESSÁRIA E OBTIDA

DÉCADA	QUANTIDADE DE ESTABELECIMENTOS EXISTENTES ⁽¹⁾	AMOSTRA NECESSÁRIA	AMOSTRA OBTIDA
1950	885	265 a 269	563
1960	1523	306 a 310	639
1970	2406	331 a 335	468
1980	2928	338 a 341	1000
1990	5460	357 a 361	1000
2000	8143	367 a 368	956

FONTE: Elaborado pela autora, com base em IBGE (1955a, 1966, 1979, 1984), RAIS/MTE (1996, 2008), e Krejcie e Morgan (1970 *apud* Gerardi e Silva, 1981)

⁽¹⁾ Nos municípios do aglomerado metropolitano de Curitiba

A partir de todas as unidades produtivas espacializadas segundo sua localização em cada década⁹, pode-se dizer que a metodologia está concebida em duas perspectivas. A primeira se baseia na localização da indústria, utilizando como referência o ponto geográfico e a sua relação com o espaço urbano, em um momento histórico específico. Trata-se especificamente da indústria enquanto um fixo na cidade. No entanto, o fixo não pode ser visto como uma forma sem conteúdo, ao contrário, como afirma Santos (2004, p. 61), “os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar”.

⁸ KRECJIE, R.V.; MORGAN, D.W. Determining sample size for research activities. **Educational and Psychological Measurement**, 30 (3), 1970, p. 607-610.

⁹ O total de indústrias mapeadas por década é o mesmo da amostra obtida, constante na TABELA 1.

Nessa perspectiva, podem ser citados alguns trabalhos que se enquadram nessa abordagem, como o realizado por Silva (2006), relativo à relação entre indústria e espaço urbano em Araucária, cidade localizada no aglomerado metropolitano de Curitiba. Essa autora chega a importantes conclusões, principalmente a de que a indústria foi responsável pela consolidação de uma nova centralidade no município, e pela reestruturação das atividades no nível intraurbano. Já a pesquisa desenvolvida por Regensburger (2006), com metodologia similar, considera que a inserção da indústria foi responsável pela criação de diversos loteamentos no município de Joaçaba/SC.

Assim, pelo exposto constata-se que a localização industrial dá subsídios para o entendimento de algumas relações existentes entre indústria e espaço urbano. Ainda nessa primeira perspectiva são usados dados auxiliares, como a evolução dos loteamentos aprovados na RMC (COMEC, 2005b), o gênero industrial de cada unidade produtiva, bem como, quando existente, a quantidade de funcionários.

A segunda perspectiva tenta captar a mudança de valor de alguns lugares ao longo do tempo, que se materializa na realocação de determinadas unidades produtivas. Ou seja, a mudança de localização de uma indústria evidencia a diferenciação histórica existente entre parcelas do espaço e permite identificar quais os pontos mais favoráveis ao desenvolvimento do capital em um determinado momento. Para Santos (2008, p. 13-14, grifos do autor),

Cada lugar, ademais, tem, a cada momento, um papel próprio no processo produtivo. Este, como se sabe, é formado de produção propriamente dita, circulação, distribuição e consumo.

Só a produção propriamente dita tem relação direta com o lugar [...] e dele adquire uma parcela de condições de sua realização. O estudo de um sistema produtivo deve levar isso em conta [...]. Mas os demais processos se dão segundo um jogo de fatores que interessa a todas as outras frações do espaço. Por isso mesmo, aliás, o próprio *processo direto da produção* é afetado pelos demais (circulação, distribuição e consumo), justificando as mudanças de localização dos estabelecimentos produtivos.

Esse segundo aspecto baseou-se principalmente no trabalho desenvolvido por Ribeiro e Almeida (1980), relativo às características de localização e realocação industrial na Região Metropolitana de Recife. Esses autores, a partir de questionários aplicados pelo IBGE a uma série de empresas, puderam identificar os deslocamentos industriais com base no tamanho da unidade produtiva (de acordo

com o número de empregados), nas novas áreas de localização, nos gêneros industriais e na abrangência espaço-temporal do processo.

Na presente pesquisa a identificação do deslocamento industrial se pautou nos cadastros citados anteriormente, os quais permitiram a aplicação de metodologia similar a utilizada por Ribeiro e Almeida (1980). Isso ocorreu através do cruzamento das informações de razão social de todos os cadastros, buscando identificar aquelas que estavam relacionadas em mais de uma década. É necessário salientar que na análise de tais dados, constatou-se que algumas indústrias apresentaram no decorrer do recorte temporal adotado mudança na razão social, dificultando a identificação de suas trajetórias espaciais. Em tais casos, procedeu-se à minuciosa análise de nomes parecidos nas razões sociais em todos os cadastros e em alguns casos a comparação de endereços.

O QUADRO 2 exemplifica três empresas em que a trajetória espacial foi elucidada, sendo os dois primeiros casos de relocação industrial, nas escalas intra e interurbana respectivamente, e o terceiro, de permanência em um mesmo lugar em toda a história da empresa.

RAZÃO SOCIAL	GÊNERO	1955	1965	1977	1986	1996	2008
SELECTAS S/A IND. E COM. DE MADEIRAS	Madeira	R. Cel. Dulcídio, 517 - Curitiba	R. Cel. Dulcídio, 517 - Curitiba	Rodovia BR-116, km 106, 18414 - Curitiba	Rodovia BR-116, km 106, 18414 - Curitiba	Rodovia BR-116, km 106, 18414 - Curitiba	Rodovia BR-116, km 106, 18414 - Curitiba
HUGO CINI S/A.	Bebidas	Avenida Visconde de Guarapuava, 5561 - Curitiba	Avenida Visconde de Guarapuava, 5561 - Curitiba	Avenida Visconde de Guarapuava, 5561 - Curitiba	Avenida Visconde de Guarapuava, 5561 - Curitiba	Avenida Visconde de Guarapuava, 5561 - Curitiba	Rua Mal. Hermes 2001 - São José dos Pinhais
MOINHOS UNIDOS BRASIL MATE S/A	Produtos alimentares	Rua João Negrão, 1327 - Curitiba	Rua João Negrão, 1327 - Curitiba	Rua João Negrão, 1327 - Curitiba	Rua João Negrão, 1327 - Curitiba	Rua João Negrão, 1327 - Curitiba	Rua João Negrão, 1327 - Curitiba

QUADRO 2 – EXEMPLO DE COMPARAÇÃO DAS LOCALIZAÇÕES INDUSTRIAIS NO DECORRER DO PERÍODO 1955-2008: INDÚSTRIAS SELECIONADAS

FONTE: Elaborado pela autora com base em IBGE (1955b, 1968), Secretaria da Indústria e do Comércio/PR (1977), FIEP (1986, 1996, 2008)

Nesses três exemplos, a unidade produtiva e a sede estavam localizadas conjuntamente. Destaca-se ainda que foram identificadas 1248 indústrias em que se

verificou o deslocamento da unidade produtiva em pelo menos um dos intervalos temporais: 1955-1965, 1965-1977, 1977-1986, 1986-1996, 1996-2008.

Assim, as perspectivas em que a metodologia foi construída puderam identificar duas dinâmicas espaciais que, se acredita, contribuem para o entendimento do processo de expansão urbana, tendo como agente principal, a indústria.

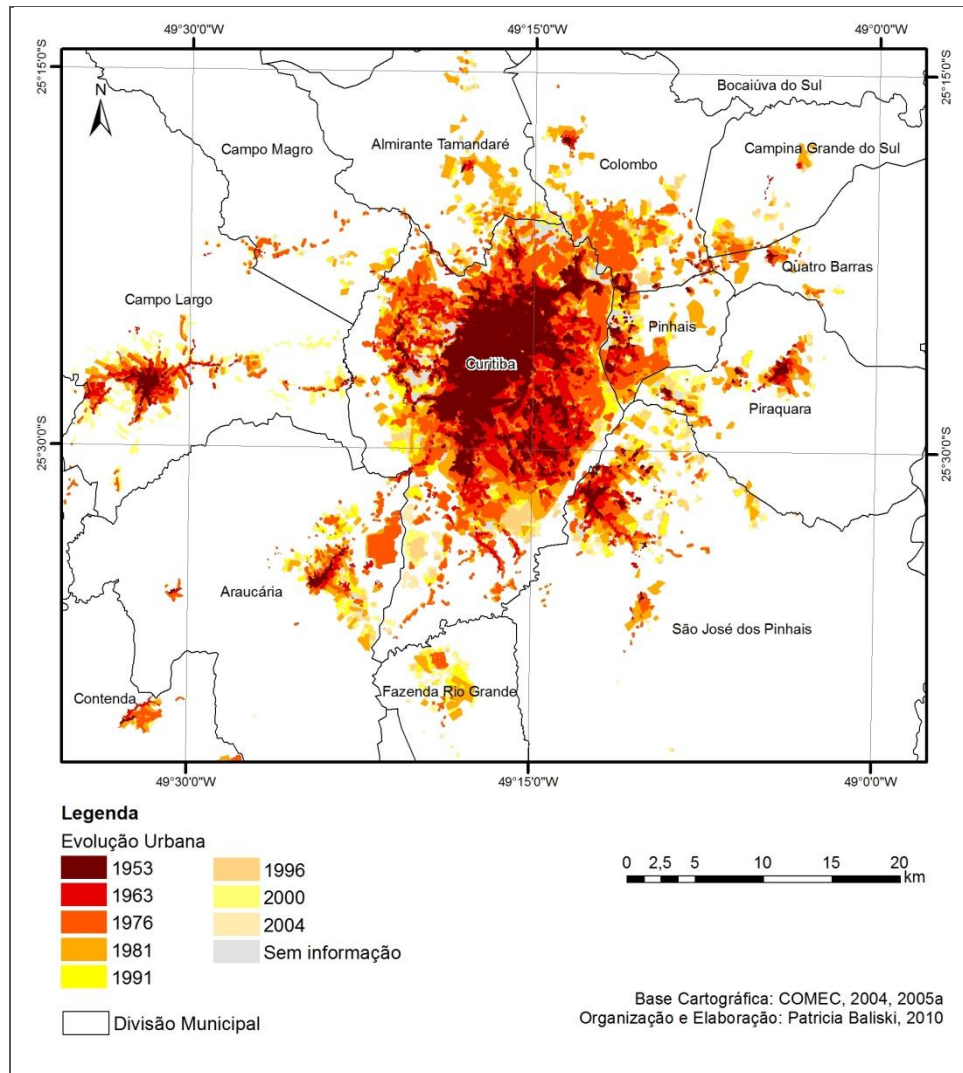
- A primeira deriva da instalação de novas unidades, que podem ser decorrentes de novos investimentos ou da criação de filiais;

- A segunda se refere às instalações procedentes de realocização industrial, tanto no âmbito do espaço intraurbano, quanto interurbano, ou seja, a transferência da unidade produtiva.

A elucidação dessas dinâmicas permite a compreensão da lógica da organização do espaço industrial ao longo de um determinado período, na medida em que é possível constatar especificamente quais os lugares que recebem as indústrias realocizadas e aqueles que originam esse processo. Além disso, permite constatar se o aumento do número de estabelecimentos em determinados municípios foi resultado de novos investimentos ou do processo de realocização no âmbito metropolitano.

Em se tratando especificamente do crescimento da mancha urbana no aglomerado metropolitano de Curitiba, usou-se como referência a base cartográfica desenvolvida pela Coordenação da Região Metropolitana de Curitiba – COMEC, que abrange o período de 1953 a 2004 (MAPA 2), à qual foram relacionados os dados industriais espacializados.

Por último, foram acrescentadas na análise informações relativas ao planejamento dos municípios do aglomerado, com destaque para a identificação das áreas destinadas ao uso industrial, tais como os distritos, zonas, etc. A questão do planejamento e por consequência a efetivação de um zoneamento da cidade, suscita muitas críticas pela forma como é frequentemente conduzida pelas municipalidades. Singer (1987) demonstra como toda a infraestrutura despendida para a atividade industrial é subsidiada pelo Estado, na medida em que tais serviços são pagos com os impostos de toda a sociedade.



MAPA 2 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: EVOLUÇÃO URBANA NO PERÍODO 1953-2004

Santos (2009, p. 133) argumenta que na cidade capitalista, as diferenças de poder político e econômico determinam a escolha dos equipamentos públicos e sua localização, bem como o uso efetivo dos mesmos. Assim, surgem “zoneamentos especiosos” com implantação generosa de infraestrutura, que culminam na criação, “[...] com o dinheiro público, de Distritos Industriais que vão beneficiar certo tipo de indústria e não outras”. Em concordância com esse autor, poder-se-ia ainda acrescentar que se tal zoneamento não beneficia todas as empresas, favorece muito menos o conjunto da população, que muitas vezes carece da infraestrutura e dos serviços mais básicos.

Nesse sentido, a inserção dos zoneamentos municipais na metodologia se justifica, pois no aglomerado são conhecidos vários casos em que foram instituídos distritos ou zonas industriais com o claro objetivo de atender especificamente

determinadas empresas, como por exemplo, aqueles existentes em São José dos Pinhais, criados a partir da inserção da indústria automobilística. Entende-se que a delimitação de tais áreas, originadas muitas vezes pela ampliação do perímetro urbano municipal, favorece diretamente a ampliação do urbano, por isso sua análise.

Na FIGURA 1 estão descritas as leis e decretos municipais e estaduais, implementadas desde 1943, que se relacionam diretamente à delimitação de áreas, zonas e distritos industriais.

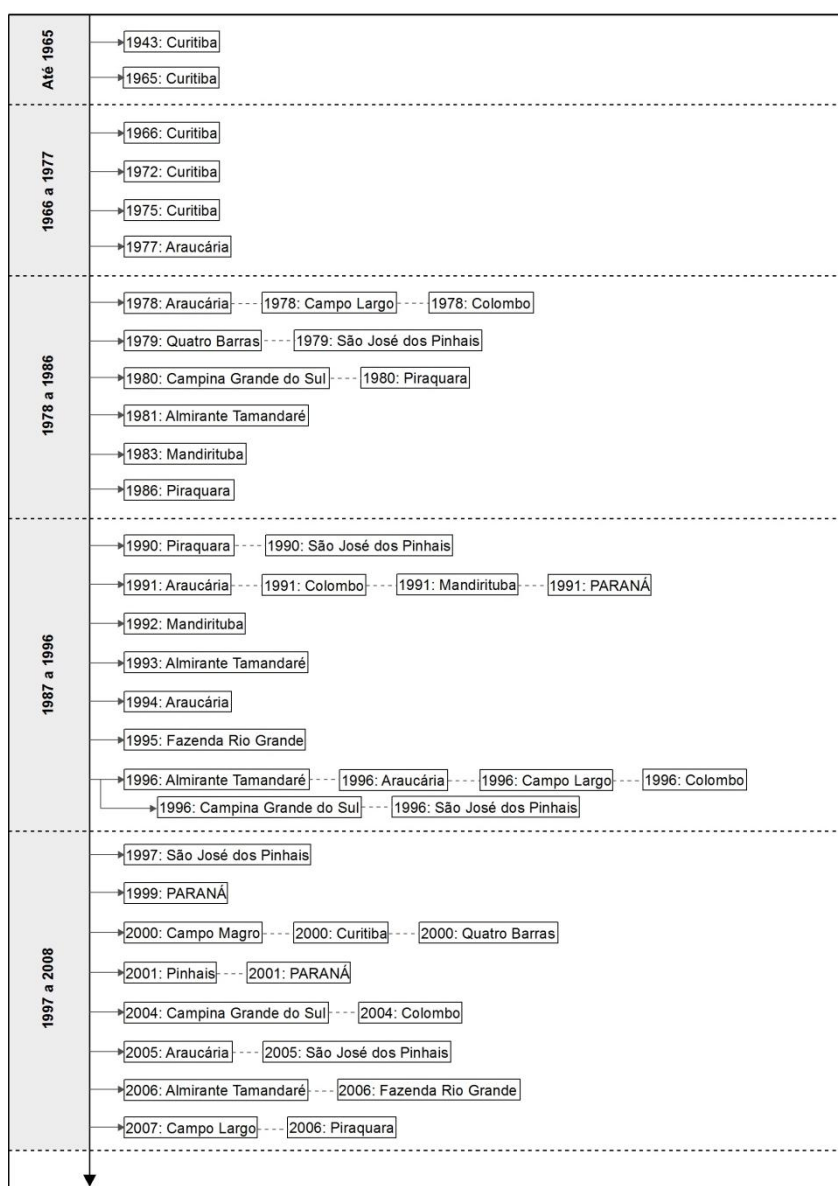


FIGURA 1 – EVOLUÇÃO TEMPORAL DAS DELIMITAÇÕES DE ÁREAS ESPECÍFICAS PARA A ATIVIDADE INDUSTRIAL NO AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA, 1943-2008

FONTE: Organizado pela autora, com base na legislação do estado do Paraná e dos municípios do aglomerado metropolitano de Curitiba (Acervo COMEC)

Embora existam diferenciações quanto ao significado de cada termo utilizado para essas porções, a análise se pautará mais nos efeitos espaciais do que na nomenclatura utilizada¹⁰. Por isso, serão referenciadas como “áreas destinadas à atividade industrial”.

De forma bastante simples e resumida, a FIGURA 2 demonstra esquematicamente a linha de raciocínio utilizada para a definição da metodologia empregada na presente pesquisa.

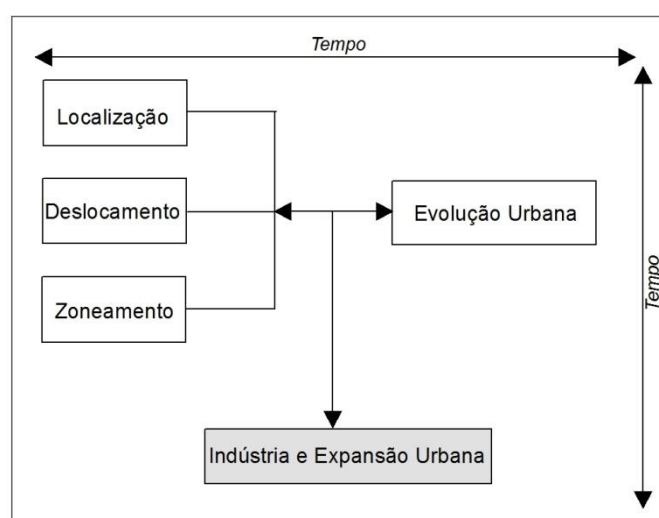


FIGURA 2 – FLUXOGRAMA DA ORGANIZAÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA

FONTE: A autora (2010)

Como a metodologia está baseada na perspectiva espaço-temporal da relação entre indústria e espaço urbano, todas as fases serão pautadas na análise das condições históricas que propiciaram o desenvolvimento das espacialidades existentes.

¹⁰ Segundo CENDI, (1987), o conceito de *zona industrial* diz respeito às áreas que através de instrumentos jurídicos (leis de zoneamento) ficam reservadas ao uso de atividades industriais, sendo que a existência de infraestrutura não é considerada. O *distrito industrial* é um terreno urbanizado, dividido em parcelas de acordo com um plano geral, dotado de infraestrutura básica, meios de transporte e serviços públicos, tendo como princípio a utilização exclusiva de sua área pelas atividades industriais e localizado dentro de uma zona industrial (CENDI, 1987; BRIANO, FRITZSCHE e VIO, 2003). Já a *área industrial* é aquela que surgiu espontaneamente, sem planejamento, possuindo alguma infraestrutura básica e serviços, congregando indústrias bastante diversificadas. Muitas vezes nas áreas industriais a atividade produtiva coexiste com outros usos urbanos, por isso, não precisa estar localizada necessariamente em uma zona industrial (CENDI, 1987).

3. O DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA ATÉ A DÉCADA DE 1970

A conformação do que hoje se constitui como o espaço industrial no aglomerado metropolitano de Curitiba é o resultado da sobreposição de diversos processos desenvolvidos ao longo do tempo. Tais processos foram se materializando em diferentes formas que assumiram variadas funções, de acordo com os interesses vigentes do capital. As funções desenvolvidas em uma forma urbana contemporânea não são necessariamente as mesmas de um tempo pretérito. Para Lefebvre (1973), as funções sofrem transformações, enquanto que ao mesmo tempo, novas se juntam às antigas e algumas desaparecem.

Nesse sentido, o espaço (industrial) deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através das funções e formas, as quais segundo Santos (2002, p. 153), “[...] se apresentam como testemunhos de uma história escrita por processos do passado e do presente. O espaço é um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual”. Por isso a evolução espacial não ocorre de forma idêntica em todos os lugares.

Essas premissas são necessárias, pois revelam que a compreensão do espaço industrial contemporâneo não se efetiva sem que se leve em consideração sua história espacial. Coloca-se aqui história espacial, pois se compreende que na apreensão de um objeto em uma perspectiva geográfica, o tempo não se dissocia do espaço.

Também é importante considerar que o aglomerado não pode ser entendido sem relação a outros contextos, tais como o do estado do Paraná, o do Brasil e inclusive aqueles mais amplos. Deve-se ter em conta que a natureza da conformação desse espaço industrial está relacionada à diferenciação existente na formação dos mercados regionais brasileiros, em contextos históricos específicos, bem como à própria evolução das relações capitalistas em uma perspectiva mundial. Portanto, como evidencia Brandão (2007, p. 48), “[...] qualquer ‘sistema produtivo’ que se monte em qualquer escala está envolvido em um ambiente de articulação oligopólica [...] e submetido a uma dinâmica inter-setorial específica, comandada, em última instância, por gigantescos blocos de capital [...]”.

Não se trata aqui de considerar o aglomerado como um sistema produtivo, mas de evidenciar que muito do que é produzido nesse recorte adotado está sujeito

às demandas do grande capital; que as relações de produção não se realizam somente em escala local. Ou ainda, que o aglomerado, mesmo considerado como uma totalidade em uma determinada escala, faz parte de um todo, de uma totalidade maior. Assim, quando a totalidade se altera, as partes também mudam (SANTOS, 2004).

Obviamente que não se dará conta de realizar um extenso apanhado sobre todos os fatos históricos, bem como todas as relações existentes nas várias escalas, responsáveis pela formação do que atualmente se configura como o aglomerado metropolitano de Curitiba. Mas, tentar-se-á demonstrar algumas conjunturas mais específicas, que se acredita, foram relevantes não somente para a conformação do espaço industrial, mas também para a ampliação do urbano e a configuração do metropolitano, a partir de um agente específico, qual seja a indústria.

Nesse sentido, considera-se que até a década de 1970 a economia paranaense, e por consequência a da área abrangida pelo aglomerado metropolitano de Curitiba, esteve ligada diretamente à indústria tradicional. Ou seja, aquela onde prevalece o trabalho intensivo e a utilização de um maior número de trabalhadores, contrariamente à dinâmica, na qual há maior proporção de capital e tecnologia por pessoa empregada¹¹ (FIRKOWSKI, 2001).

Outra característica desse período são as baixas taxas de urbanização, relacionadas à preponderância da agricultura enquanto principal atividade econômica, em detrimento da indústria. Nessa situação generalizavam-se pelo estado as pequenas cidades, com suas morfologias e populações bastante reduzidas. Poucas cidades alcançavam altas taxas de urbanização, com exceção de Curitiba, que já na década de 1950 tinha mais de 78% de sua população vivendo na área urbana.

No entanto, essa fase não pode ser vista como um longo período sem diferenciações, tanto econômicas, quanto espaciais. Tem que se ter claro que vários fatores desencadeados até os anos de 1970, contribuíram, mesmo que minimamente, para a conjuntura existente nas décadas posteriores. Muitas das

¹¹ As indústrias tradicionais são representadas pelos seguintes gêneros: extração de minerais; minerais não-metálicos; madeira; mobiliário; perfumes, sabões e velas; têxteis; vestuário, calçados e artefatos de tecidos; produtos alimentares; bebidas; fumo; editorial e gráfica; diversas. Nos gêneros dinâmicos consideram-se as seguintes atividades: metalúrgica; mecânica; material elétrico e de comunicações; material de transporte; papel e papelão; borracha; química; produtos farmacêuticos e veterinários; produtos de matéria plástica.

mudanças foram resultantes de políticas mais amplas, de caráter macro-econômico, implantadas pelo governo federal. Por isso, no decorrer do texto se farão referências a essas diferenciações, utilizando-se como base os recortes temporais propostos por Suzigan (1986), Cano (1995) e Brandão (2007).

3.1. A ECONOMIA DEPENDENTE DO SETOR PRIMÁRIO-EXPORTADOR: ATÉ 1930

Diversos autores concordam que até a década de 1930, a implantação da indústria no Brasil esteve completamente subordinada à economia primário-exportadora (SUZIGAN, 1986; CANO, 1995; BRANDÃO, 2007). Segundo Cano (1995), essa economia determinava à indústria a demanda dos bens de consumo, a constituição do mercado de trabalho, a origem dos capitais e recursos financeiros e a capacidade de importar a maior parte dos bens de produção necessários. Assim, era o desempenho da economia de exportação que garantia a importação de matérias-primas, combustíveis e maquinaria para a indústria que se desenvolvia (SUZIGAN, 1986).

Embora a maior parte dos efeitos criados pela economia de exportação estivesse relacionada ao café, que se tornou o principal produto desde a metade do século XIX, “o crescimento e a diversificação da demanda interna foram reforçados pela expansão das exportações de borracha, algodão, fumo, açúcar, cacau, couros, peles e mate” (SUZIGAN, 1986, p. 118).

É dessa forma que no Brasil, de acordo com Brandão (2007, p. 102), se constituíram “[...] inúmeras ‘células exportadoras’ espalhadas e dispersas, formando um compósito de unidades regionais esparsas”. Como a principal articulação era com os mercados externos, não havia necessidade de vinculação entre essas economias o que acarretava em economias regionais confinadas territorialmente, limitadas aos respectivos mercados locais.

Em se tratando da realidade paranaense e mais especificamente da área abrangida pelo aglomerado metropolitano de Curitiba, pode-se dizer que se formou uma “célula exportadora” pautada no beneficiamento de dois produtos principais,

quais sejam a erva-mate e a madeira. Ressalta-se que em um primeiro momento destacou-se a erva-mate, e posteriormente, a madeira.

A expansão do beneficiamento da erva-mate ocorre a partir de 1813, quando o Paraguai, até então principal fornecedor deste produto para Argentina e Uruguai, proibiu a exportação para atender unicamente o mercado interno. Até esse momento, existiam poucos engenhos no atual território do estado do Paraná, os quais estavam localizados principalmente no Litoral (PADIS, 1981).

O aumento da demanda pelo mercado externo ocasionou no incremento da quantidade de engenhos, existindo em torno de noventa na época da emancipação do estado do Paraná, em 1853. Padis (1981) salienta que a evolução favorável da economia ervateira foi responsável pelas transformações observadas no estado e especialmente em Curitiba, no período de 1820 a 1850. O crescimento da exportação desse produto beneficiou tanto as populações do interior, pois as mesmas puderam aumentar sua renda real através da extração da erva-mate, quanto a urbana, de Curitiba e Litoral, que teve o mercado interno expandido pelo efeito multiplicador desta atividade.

Nesse período o mate era colhido no Primeiro Planalto e depois transportado até os engenhos situados no Litoral. O término da construção da Estrada da Graciosa, em 1873, intensificou as atividades dessa indústria, na medida em que facilitou o contato entre fornecedores e engenhos (OLIVEIRA, 2001). E posteriormente teve consequências na transferência para Curitiba da quase totalidade dos engenhos beneficiadores do mate que se encontravam no Litoral. Pois, segundo Padis (1981), estariam localizados próximos os ervais e os engenhos, sem necessidade de grandes deslocamentos para o beneficiamento.

Outra obra de fundamental importância para a concentração dos engenhos em Curitiba foi a ligação ferroviária entre a capital e Paranaguá, em 1885. Essa ligação facilitava o escoamento do mate, tanto em relação ao volume transportado, quanto à rapidez e ao preço¹² (PADIS, 1981; COSTA, 1974).

A partir da conclusão das estradas da Graciosa e de ferro, até a década de 1930, a economia paranaense vai apresentar os melhores índices de exportação da erva-mate. Segundo Magalhães Filho (1972), Pereira (1996) e Oliveira (2001), é

¹² Costa (1974) demonstra que a construção da ligação ferroviária beneficiou também a atividade madeireira. Segundo essa autora, o frete cobrado pelo transporte da madeira era quase três vezes mais barato pela estrada de ferro, em comparação à Estrada da Graciosa.

nesse momento que podem ser destacadas as principais inovações tecnológicas inseridas nos engenhos¹³, bem como a consolidação do capitalismo industrial, através da divisão do trabalho e das relações de trabalho predominantemente assalariadas.

Contrariamente, Padis (1981, p. 82) acredita que a indústria do mate não propiciou o desenvolvimento de uma economia predominantemente capitalista. Segundo esse autor, o sistema econômico baseado nessa atividade estava assentado sobre bases pré-capitalistas e caracterizava-se pela insuficiência de infraestrutura física, técnica e financeira, não suportando “[...] a inserção de enxertos capitalistas”.

O entendimento das consequências decorrentes da atividade industrial ligada ao mate no desenvolvimento das cidades também é percebido de diferentes formas. Para Padis (1981), a contribuição da economia do mate foi ínfima para a urbanização paranaense. Esse autor conclui que tanto o grande crescimento populacional quanto o surgimento de cidades, no período de 1853 a 1930, se deram em razão do ouro e do tropeirismo. O mate não se constituía como uma atividade centrípeta de migrações internas.

Pereira (1996, p. 11) apresenta uma perspectiva bastante diferente. Para esse autor, a economia do mate provocou a urbanização de algumas áreas no Paraná, pois as unidades produtivas dessa atividade estavam centradas preferencialmente nas cidades ou em suas proximidades. “Quando os engenhos, por algum motivo, instalavam-se fora das cidades, provocavam a imediata urbanização de seu entorno”. A população ligada ao mate dependia do mercado urbano para suprir suas demandas, por isso, a preferência pela habitação nas cidades.

A importância de uma atividade econômica segundo Hirschman¹⁴ (1981, *apud* Suzigan, 1986), decorre de sua característica em impulsionar novas atividades. Quando isso ocorre, há o que o autor chama de um *linkage* entre a atividade existente e a nova gerada. Em se tratando do Brasil, Suzigan (1986) demonstra que diversos produtos básicos do século XIX, induziram certa diversificação das

¹³ Segundo Pereira (1996), a produção do mate era bastante tecnificada, mesmo diante dos padrões mundiais da época.

¹⁴ HIRSCHMAN, A.O. A generalized linkage approach to development, with special reference to staples. In: _____. **Essays in trespassing: economics do politics and beyond**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

atividades econômicas, em função do crescimento de sua renda. A formação de *linkages* foi mais evidente em determinadas regiões, como no estado de São Paulo, devido à grande capitalização obtida com o café e as atividades correlatas. No caso do mate, os *linkages* foram menos evidentes.

Com opinião diferente, Oliveira (2001) afirma que a crescente indústria do mate passou também a requerer uma expressiva quantidade de atividades dedicadas ao seu suporte, tais como madeira, metalurgia e gráfica. Inicialmente como apoio à indústria do mate, essas indústrias ganharam destaque e posteriormente se expandiram, estendendo seus mercados. Pereira (1996) demonstra que a metalurgia se ampliou através da produção de pilares e gradis de ferro necessários na arquitetura urbana; e, as madeiras se desenvolveram em função da ocupação dos cinturões suburbanos, onde o modelo construtivo estabelecido era caracterizado pela utilização intensiva de materiais previamente processados por essa indústria.

A partir do final do século XIX, observa-se o crescimento de outros ramos industriais, tais como os ligados ao setor de alimentos, bebidas, utensílios domésticos e produtos diversos. Inclui-se também determinados objetos de luxo, tais como a produção de pianos, que visavam suprir as demandas de uma elite industrial em desenvolvimento. Destaca-se ainda que o município de Curitiba concentrava quase 75% dos estabelecimentos criados até a década de 1930 na área que atualmente é abrangida pelo aglomerado, enquanto que o restante localizava-se em São José dos Pinhais e nas áreas que atualmente compreendem os municípios de Pinhais, Piraquara, Campo Largo e Fazenda Rio Grande¹⁵.

Baliski (2008) ressalta que essas indústrias localizavam-se em grande parte nas áreas mais periféricas da cidade e, em função disso, propiciaram a expansão da ocupação urbana, principalmente no município de Curitiba, através dos fluxos gerados. Assim, indústrias que na ocasião da instalação estavam longínquas da área urbana, em questão de alguns anos, foram incorporadas à mesma. Destaca-se ainda que nesse momento a extensão urbana dessa cidade era mínima quando comparada à área municipal.

Especificamente em relação à indústria madeireira, segundo Magalhães Filho (1972), sua origem estava atrelada às atividades artesanais das fases

¹⁵ Com base nas informações existentes em Chaves (1995), FIEP (2007), Romanel e Scherner (2007).

econômicas anteriores e à demanda por barricas, decorrente da prosperidade da erva-mate.

Seu desenvolvimento foi propiciado pela existência de grandes reservas nativas de *araucaria angustifolia*, igualmente conhecida como Pinheiro do Paraná ou Pinho Paranaense, em Curitiba e região. As primeiras experiências nesse setor conseguiram somente abastecer o mercado local, em função das dificuldades de transporte e qualidade da madeira, decorrente da carência de cuidados técnicos. Com a conclusão da ligação ferroviária, em 1885, em conjunto com a isenção de impostos sobre as madeiras destinadas à exportação, observou-se um crescimento dessa atividade, com a inserção de grandes estabelecimentos, principalmente em São José dos Pinhais (COSTA, 1974).

No entanto, o desenvolvimento da indústria madeireira somente ocorreu quando com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), as importações do Pinho de Riga cessaram, originando intensa procura por madeiras locais. Com a perturbação temporária das condições de intercâmbio comercial, a madeira paranaense conseguiu firmar-se definitivamente, tanto no mercado interno quanto no platino, igualmente afetado pelo conflito (MAGALHÃES FILHO, 1972).

Com o aumento da demanda e com o desenvolvimento da malha de transportes, a serraria passou a ser um elemento comum na paisagem paranaense. De acordo com Paludo e Barros¹⁶ (1995 *apud* Lima, Rippel e Stamm, 2007), 78% das indústrias que iniciaram suas atividades no Paraná em 1920 estavam ligadas à madeira. Assim, a extração de madeira e as indústrias correlatas, como papel, papelão e mobiliário, passaram a ser a principal fonte de renda de muitos municípios e a empregar a maior parte dos trabalhadores, disseminando a atividade industrial para além dos limites do município de Curitiba (OLIVEIRA, 2001).

Nesse sentido, ao analisar os dados da TABELA 2¹⁷, verifica-se que as indústrias madeireiras, em 1920, destacavam-se não somente em relação à quantidade de estabelecimentos existentes, 38,35% do total, mas também no que se refere ao pessoal ocupado, detendo 43,68% de participação nos empregos ligados à

¹⁶ PALUDO, G.B.; BARROS, D.A. **Síntese da história do Paraná**. Cascavel: Assoeste (Associação Educacional do Oeste do Paraná), 1995.

¹⁷ As informações do Recenseamento de 1920 diferem do percentual de indústrias ligadas à madeira, estipulado por Paludo e Barros (1995).

indústria. Esse percentual é bastante elevado e revela o predomínio da atividade madeireira no estado.

TABELA 2 – PARANÁ: ESTABELECIMENTOS, OPERÁRIOS E VALOR DE PRODUÇÃO DA INDÚSTRIA POR GRUPOS INDUSTRIAIS, 1920

GRUPOS INDUSTRIAIS ⁽¹⁾	ESTABELECIMENTOS		PESSOAL OCUPADO		VALOR DE PRODUÇÃO ⁽²⁾	
	TOTAL	%	TOTAL	%	TOTAL	%
Indústria têxtil	14	2,31	273	3,80	811:168	1,52
Indústria de couros, peles e outras matérias duras do reino animal	21	3,47	205	2,85	490:053	0,92
Indústrias de madeira	232	38,35	3139	43,68	17169:124	32,24
Metalurgia	10	1,65	238	3,31	746:369	1,40
Cerâmica	31	5,12	523	7,28	1274:947	2,39
Produtos químicos propriamente ditos e produtos análogos	43	7,11	883	12,29	7569:631	14,22
Indústrias da alimentação	162	26,78	1284	17,87	23153:214	43,48
Indústrias de vestuário e toucador	52	8,60	344	4,79	1087:334	2,04
Indústrias do mobiliário	18	2,98	154	2,14	442:735	0,83
Construção dos aparelhos de transporte	20	3,31	68	0,95	249:083	0,47
Indústrias relativas às ciências, letras e artes. Indústrias de luxo	2	0,33	76	1,06	252:500	0,47
Total do Estado	605	100	7187	100	53246:158	100

FONTE: Recenseamento do Brasil, 1920 (Ministério da Agricultura, Indústria e Commercio, 1927)

(1) Não estão inseridos os seguintes grupos industriais: Indústrias de edificação; Produção e transformação de forças físicas.

(2) Deduzido o custo dos materiais (matéria-prima, combustível e outros materiais não especificados), em Contos de Réis.

No entanto, quando o Valor de Produção é considerado, já com os custos dos materiais deduzidos, essa atividade fica em segunda posição, atrás da indústria de alimentação, com respectivamente 32,2% e 43,48%. Isso permite concluir que embora a indústria madeireira apresentasse mais estabelecimentos e empregos, seu desenvolvimento não significava proporcionalmente maior valor agregado. Ressalta-se que parte do Valor de Produção obtido pela indústria da alimentação deveu-se em parte à presença das unidades beneficiadoras de erva-mate nesse grupo, ainda bastante importantes nesse período.

Além desses dois grupos, é importante destacar também o percentual obtido no Valor de Produção pela indústria de produtos químicos. Como pode ser

observado, esse grupo ocupa a terceira posição no estado. Embora na literatura não haja maior detalhamento sobre essa indústria no Paraná e os dados existentes no Recenseamento de 1920 não permitam a espacialização dessa atividade, infere-se que parte da porcentagem obtida possa ser relacionada à fábrica de fósforos instalada em Curitiba, no início do século XX, que naquele momento foi considerada uma das maiores da América Latina.

Nessa primeira fase do desenvolvimento da atividade industrial, a presença do Estado ocorre através do provimento de infraestrutura, mesmo que mínima, e tarifas e/ou isenções sobre determinados produtos. Verifica-se que não foram implementadas políticas mais amplas e que envolvessem o setor industrial como um todo. De acordo com Suzigan (1986), muitas das políticas vigentes nesse período no Brasil beneficiavam apenas alguns setores ou indústrias específicas.

Para Magalhães Filho (1972), o período entre-guerras caracterizou-se pela solidificação da economia paranaense em torno dos setores ervateiro e madeireiro. No entanto, enquanto o primeiro atingiu seu apogeu para posteriormente declinar, o segundo, consolidou-se em primeiro lugar tanto como atividade econômica interna quanto como exportador.

Porém, apesar da importância local incontestável da erva-mate e da madeira nas primeiras décadas do século XX, Leão (1989) demonstra que a economia paranaense atingia desempenho incipiente nesse período, com taxas de crescimento inferior a do país, apresentando reduções de participação na indústria nacional. Houve apenas aumento quantitativo das instalações industriais, sem uma melhora qualitativa das mesmas. As inovações tecnológicas inseridas no processo de produção não foram suficientes para tornar tais estabelecimentos competitivos em situações mais difíceis. Em concomitância, e talvez mais importante, a infraestrutura econômica do estado era deficiente, deixando de garantir as condições mínimas para que os produtos de exportação concorressem no mercado.

3.2. CONSOLIDAÇÃO DA INDÚSTRIA LEVE: DE 1930 A 1955

A partir da década de 1930, a formação do capital industrial continuou dependente da capacidade de importar máquinas e insumos, criada pela economia

de exportação brasileira. No entanto, como explica Suzigan (1986), o investimento industrial não se concentrava mais em setores diretamente complementares à economia de exportação, dirigindo-se cada vez mais para o setor de produção de bens intermediários.

Essa situação foi decorrente do amadurecimento das pré-condições, a partir da década de 1920, que ruíram o padrão de acumulação do capital vigente. Dentre as principais destacam-se a “[...] circulação mais ampliada das mercadorias, diversificação produtiva, [...] *surgimento de novas frações de classe, de um ‘novo urbano’*”. Nesse período, a periferia nacional além de estar vinculada ao mercado externo passa a “[...] funcionar como uma economia complementar ao pólo”, ou seja, ao estado de São Paulo (BRANDÃO, 2007, p. 112, grifos do autor).

Nesse sentido, enquanto os capitais periféricos possuíam escala proporcional aos seus mercados restritamente localizados, as unidades produtivas paulistas foram consolidando um tamanho adequado para operar em escala nacional (BRANDÃO, 2007).

É nesse período também que se consolida a indústria leve e implantam-se, mesmo que de forma limitada, algumas indústrias de bens intermediários e de capital, as quais passaram a formar um pequeno parque de bens de produção. Porém, como afirma Cano (1995, p. 23), as condições existentes entre 1930 e 1955 não permitiam ainda “[...] a reprodução autodeterminada da indústria”.

No estado do Paraná, a indústria se expandiu durante a década de 1930, no entanto, com taxa significativamente menor que a nacional. Essa situação vai se transformar somente a partir da década de 1940, quando se desenvolveu na região norte do estado do Paraná a atividade cafeeira e as atividades correlatas de beneficiamento. Nesse momento, no período de 1939-49, de acordo com Leão (1989), o Paraná apresentou taxas de crescimento industrial superior a de São Paulo devido, sobretudo, à agroindústria.

Apesar da cafeicultura paranaense ser responsável pelo incremento na economia do Estado, a mesma criou obstáculos e limitações para o aparecimento de outras atividades, em função da forma como se desenvolveu e estruturou. De acordo com Padis (1981), os efeitos multiplicadores dos investimentos realizados eram direcionados apenas para a criação e ampliação das condições de desenvolvimento das atividades ligadas ou decorrentes da cafeicultura, sem irradiação para outros setores e outras regiões do estado. Além disso, a demanda crescente por produtos

industrializados nessa região era satisfeita pela produção paulista e nesse momento não houve um investimento por parte do poder público estadual paranaense para sanar as deficiências em infraestrutura, que prejudicavam tanto o desenvolvimento dos demais setores industriais, quanto a manutenção do ritmo de crescimento da economia.

Portanto, para Brandão (2007), a influência da economia paulista na região norte do estado do Paraná ocorreu sobretudo com o avanço da infraestrutura de transportes e comunicações e da força do intercâmbio ininterrupto de mercadorias. Dessa forma, as relações mercantis inter-regionais que se desenvolveram a partir da década de 1930, representaram oportunidades, mas também ameaças, na medida em que inibiram, em muitos casos, o desenvolvimento do capital industrial.

Isso fica evidente quando se analisam os dados referentes à atividade industrial no estado do Paraná para a década de 1940. Como pode ser observado na TABELA 3, as classes mais representativas em número de estabelecimentos, empregados e Valor de Transformação Industrial (VTI)¹⁸ ainda eram aquelas das indústrias madeireira e de produtos alimentares, com destaque para a primeira. A indústria madeireira apesar de ter apresentado uma queda na participação do total de estabelecimentos, em comparação aos dados de 1920, ainda manteve-se como o gênero mais representativo. Destaca-se ainda o aumento obtido por esse setor tanto em pessoal ocupado, quanto e principalmente no VTI. A queda de participação da indústria de produtos alimentares no VTI pode ser explicada em parte pela decadência do setor ervateiro, a partir da década de 1920 e pela ainda incipiente indústria beneficiadora de café no norte paranaense.

Apesar das indústrias madeireira e de produção de alimentos serem responsáveis por mais de 60% dos estabelecimentos, pessoal ocupado e VTI no Paraná, destaca-se o crescimento do VTI para alguns setores considerados dinâmicos, tais como o da metalúrgica. A química apesar de apresentar VTI superior a 10% do total das indústrias paranaenses, teve queda no período 1920-1940.

¹⁸ “O Valor de Transformação Industrial (VTI) é obtido extraindo-se do Valor Bruto de Produção Industrial o valor dos Custos das Operações Industriais. Portanto, é a medida de quanto o estabelecimento transformou industrialmente, ou seja, é uma aproximação do PIB para a atividade industrial” (IBGE, 1985).

TABELA 3 – PARANÁ: ESTABELECIMENTOS, PESSOAL OCUPADO E VALOR DE TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL (VTI), 1940

CLASSES DE INDÚSTRIA ⁽¹⁾	ESTABELECIMENTOS		PESSOAL OCUPADO		VTI	
	TOTAL	%	TOTAL	%	TOTAL ⁽²⁾	%
Ind. extrativas de produtos minerais	55	3,00	541	2,47	1732	1,13
Indústrias metalúrgicas	40	2,18	1359	6,21	9117	5,93
Indústrias mecânicas	14	0,76	106	0,48	421	0,27
Indústrias de transformação de minérios não metálicos	187	10,21	2054	9,38	7363	4,79
Ind. da madeira e produtos afins	588	32,10	9941	45,40	57150	37,17
Indústrias do papel e papelão	5	0,27	189	0,86	1488	0,97
Indústrias da borracha	-	-	-	-	-	-
Indústrias de óleos e graxas vegetais	-	-	-	-	-	-
Indústrias de couros e peles	63	3,44	633	2,89	2669	1,74
Indústrias de pelos, penas e outros despojos animais	-	-	-	-	-	-
Indústrias químicas e farmacêuticas	40	2,18	537	2,45	15840	10,30
Indústrias têxteis	18	0,98	686	3,13	4456	2,90
Ind. do vestuário, calçado e toucador	85	4,64	628	2,87	2684	1,75
Indústrias de produtos alimentares	575	31,39	3698	16,89	36693	23,87
Indústrias de bebidas e produtos estimulantes	95	5,19	673	3,07	8723	5,67
Indústrias editoriais e gráficas	51	2,78	597	2,73	3244	2,11
Indústrias mistas	16	0,87	256	1,17	2170	1,41
Total do Estado	1832	100	21898	100	153750	100

FONTE: Censo Industrial 1940 (IBGE, 1951)

⁽¹⁾ Não estão incluídos os dados referentes às seguintes classes: Indústrias extrativas de produtos vegetais; Indústrias da construção civil; Indústrias de produção e distribuição de eletricidade, gás e frio; Abastecimento de água e esgoto.

⁽²⁾ Em Cr\$ 1.000,00

(-) Dados não existentes

Embora os dados existentes no Censo Industrial de 1940 não possibilitem a espacialização dos gêneros industriais em escala menor que a do estado, estes permitem quantificar o total de estabelecimentos, pessoal ocupado e VTI para cada município. Na FIGURA 3 estão representados os municípios segundo os itens analisados.

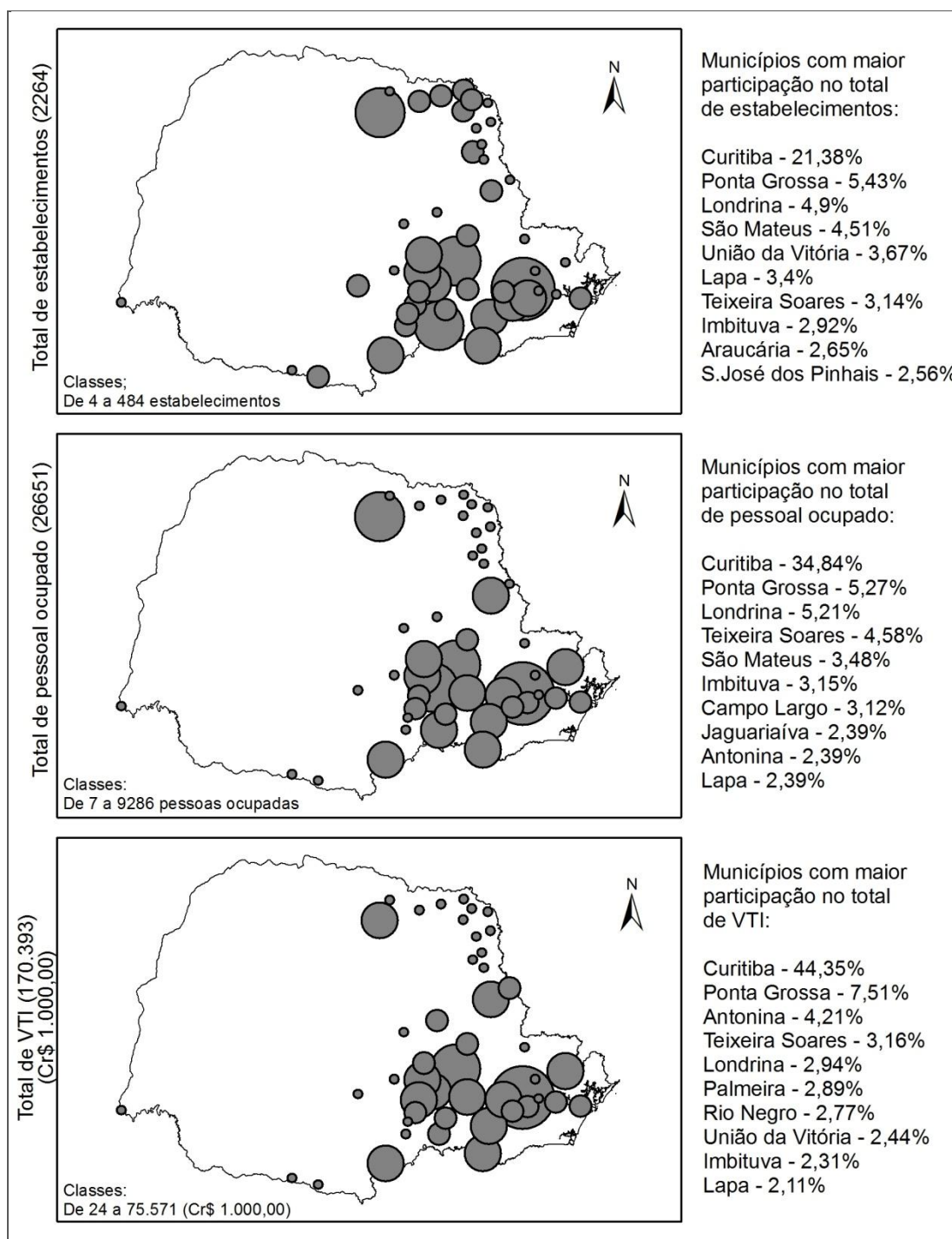


FIGURA 3 – PARANÁ: MUNICÍPIOS SEGUNDO O TOTAL E A PARTICIPAÇÃO EM ESTABELECIMENTOS, PESSOAL OCUPADO E VTI, 1940

FONTE: Elaborado pela autora com base no Censo Industrial 1940 (IBGE, 1951)

A FIGURA 3 além de permitir a constatação de que a relevância de alguns municípios modifica-se conforme a variável adotada ajuda a corroborar o fato de que

a região do estado conhecida como Paraná Tradicional¹⁹ era responsável pelos maiores percentuais

Apesar de se observar certa disseminação de estabelecimentos pela área ocupada do estado, estes não garantiam ao município no qual estavam instalados uma participação proporcional no total de VTI. Como exemplo pode-se citar o município de Londrina, detentor de 4,9% dos estabelecimentos e 5,21% do pessoal ocupado, porém, com participação no VTI inferior a 3%. Assim, por mais que a renda gerada pela cultura cafeeira estivesse se expandido para o setor industrial isso ainda não garantia a participação relevante da região norte. A indústria que aí se instalou não tinha como característica a produção de alto valor agregado, como já afirmado por Padis (1981).

Contrariamente, a região mais tradicional insere-se como aquela em que estão localizados os municípios que se destacavam pelos maiores percentuais nas três variáveis selecionadas. Importante ressaltar que muitos desses tinham como principal gênero industrial a atividade madeireira, haja vista a existência de grandes extensões de mata de Araucária, nativa nessa porção do estado.

Tratando especificamente da área que é abrangida atualmente pelo aglomerado, merecem destaque, além de Curitiba, Araucária e São José dos Pinhais pela participação no total de estabelecimentos; e Campo Largo pela porcentagem de pessoal ocupado. Isso demonstra que tais municípios, já na década de 1940, eram responsáveis pela presença da indústria no aglomerado, mesmo antes das políticas de industrialização das décadas de 1960 e 1970, as quais serão posteriormente discutidas.

Em relação a Curitiba, não restam dúvidas de sua grande importância, principalmente no que se refere à participação no pessoal ocupado e VTI. Sobre esse último, destaca-se o grande percentual obtido, quase 45% do total, evidenciando a grande disparidade entre a capital e o restante do estado. Nesse sentido, pode-se deduzir que apesar da inserção de produtos industrializados provenientes do estado de São Paulo, Curitiba detinha grande importância estadual,

¹⁹ De acordo com Westphalen, Machado e Balhana (1968), as diferentes frentes de povoamento originaram três regiões distintas no estado do Paraná: o Paraná Tradicional (consolidado em função da criação de gado, da indústria de erva-mate e da madeira); o Norte (decorrente da expansão cafeeira promovida por paulistas e mineiros); e o Sudoeste (formado por colonos da agricultura de subsistência, plantadores de cereais e criadores de suínos, na maioria, originários do Rio Grande do Sul).

até porque muito do que era produzido nesta cidade destinava-se aos mercados local e regional.

Já em meados da década de 1950, a economia brasileira passou por amplas transformações. O Plano de Metas contemplou grandes investimentos em energia e transportes como também uma política que permitiu um salto qualitativo no parque industrial nacional, integrando os modernos setores da indústria pesada, de bens de capital e dos duráveis de consumo (principalmente automobilística) à indústria existente. Dessa forma, o país ingressou nos anos 1960 com moderno e integrado parque industrial e as ligações rodoviárias asfaltadas incorporaram mercados até então isolados (IPARDES, 1981).

Porém, de acordo com IPARDES (1981), o Paraná não vai acompanhar esse desenvolvimento da indústria, na medida em que, além da renda gerada pelo café não extravasar para outros setores, inexistia um mercado que gerasse demanda de setores industriais, principalmente os mais modernos. Assim, esse estado, até o final da década de 1950, apresentou uma indústria basicamente ligada à produção primária e de baixo grau de elaboração.

Os dados expressos na TABELA 4 permitem corroborar tal afirmação. Como pode ser observado, são os gêneros de produtos alimentares, madeira e minerais não-metálicos que se destacam no que se refere à quantidade de estabelecimentos e pessoal ocupado.

Em se tratando das indústrias de produtos alimentares constata-se um aumento no número de estabelecimentos, mas que, no entanto, não é acompanhado por um acréscimo de participação no total de funcionários. Nesse sentido, infere-se que nesse período houve uma proliferação de pequenos estabelecimentos pelo estado, mesmo que os dados do Censo de 1950 não permitam a espacialização dos gêneros industriais por municípios.

Embora haja uma queda considerável no total de estabelecimentos relacionados à atividade madeireira, acredita-se que isso se deva mais ao desdobramento desse setor do que uma queda abrupta. O Censo Industrial de 1940 considerava como uma única classe “madeira e produtos afins”; já o de 1950, apresentou separadamente os gêneros mobiliário e madeira. Ainda em relação a esse grupo, manteve-se como aquele de maior participação no total de pessoal ocupado, com 28,88%, demonstrando a importância do setor madeireiro na geração de empregos.

TABELA 4 – PARANÁ: ESTABELECIMENTOS, PESSOAL OCUPADO E VALOR DE TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL (VTI), POR GÊNERO, 1950

GÊNEROS INDUSTRIAIS	ESTABELECIMENTOS		PESSOAL OCUPADO		VTI	
	TOTAL	%	TOTAL	%	TOTAL ⁽¹⁾	%
Extração de minerais	38	1,10	987	2,81	33700	2,41
Minerais não-metálicos	582	16,82	5261	14,96	94055	6,71
Metalúrgica	48	1,39	845	2,40	18914	1,35
Mecânica	19	0,55	755	2,15	31985	2,28
Material elétrico e de comunicações	3	0,09	44	0,13	848	0,06
Material de transporte	29	0,84	187	0,53	5360	0,38
Madeira	561	16,21	10159	28,88	351606	25,10
Mobiliário	173	5,00	2172	6,17	43928	3,14
Papel e papelão	18	0,52	1375	3,91	127058	9,07
Borracha	-	-	-	-	-	-
Couros, peles e produtos similares	99	2,86	900	2,56	20301	1,45
Química	57	1,65	1094	3,11	62917	4,49
Produtos farmacêuticos e veterinários	-	-	-	-	-	-
Perfumes, sabões e velas	-	-	-	-	-	-
Produtos de matéria plástica	-	-	-	-	-	-
Têxteis	18	0,52	1379	3,92	33408	2,38
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	113	3,27	713	2,03	12118	0,87
Produtos alimentares	1404	40,58	6261	17,80	426059	30,42
Bebidas	185	5,35	1305	3,71	88149	6,29
Fumo	-	-	-	-	-	-
Editorial e gráfica	71	2,05	1017	2,89	32583	2,33
Diversas	42	1,21	722	2,05	17826	1,27
Total do Estado	3460	100	35176	100	1400815	100

FONTE: Censo Industrial 1950 (IBGE, 1955a)

⁽¹⁾ Em Cr\$ 1.000,00

(-) Dados não existentes

É necessário destacar o aumento que a atividade de beneficiamento de minerais não-metálicos apresentou entre as décadas de 1940 e 1950, tanto no total de estabelecimentos e pessoal ocupado, quanto no VTI. Deduz-se que parte do crescimento desse gênero esteve relacionada à demanda por materiais de construção decorrente da expansão urbana em Curitiba, que será explicitada posteriormente.

Outro gênero que passa a ganhar destaque, especialmente em participação no VTI é o de papel e papelão, com 9,07%. Inicialmente originada como um desdobramento da atividade madeireira, essa indústria ganha destaque com a

inserção de uma grande fábrica de papel e celulose²⁰ no estado do Paraná, na década de 1940, que para Suzigan (1986), se caracterizou como a maior do Brasil naquela época.

Na FIGURA 4 estão representados os totais de estabelecimentos, pessoal ocupado e VTI por município, além de evidenciar os que mais se destacavam em função da participação no total do estado nesses itens, para o ano de 1950.

Percebe-se a diminuição de participação no total de estabelecimentos em municípios tais como Curitiba, Ponta Grossa, Londrina, dentre outros. Alguns casos são explicados pela fragmentação territorial sofrida entre as décadas de 1940 e 1950, principalmente na região norte do estado. Como exemplo, pode-se citar Londrina que originou Apucarana e Arapongas, municípios que se configuraram respectivamente, como sétimo e décimo lugares na participação do total de estabelecimentos do estado nesse período.

No entanto, o crescimento no número de estabelecimentos, entre as décadas de 1940 e 1950, não significou necessariamente aumento proporcional na geração de empregos. Se o primeiro teve um acréscimo de 73,45%, o segundo registrou crescimento de 61,28%. Isso pode ser verificado na FIGURA 4, na qual se constata que os municípios que detinham número considerável de estabelecimentos, não eram necessariamente os mesmos que apresentavam maior número de pessoal ocupado. Ou seja, no intervalo temporal considerado ocorreu uma ampliação das unidades produtivas, porém, muitas se caracterizavam como de pequeno porte.

²⁰ Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S/A, em Tibagi, atualmente município de Telêmaco Borba. Segundo Suzigan (1986, p. 286-287), “mais tarde, na década de 1940, a mesma empresa [Klabin] construiu a maior fábrica de papel e celulose do Brasil e foi a primeira a produzir com sucesso papel de imprensa em grande escala usando o pinho do Paraná”. Acredita-se, inclusive, que o aumento de participação do município de Tibagi, entre as décadas de 1940 e 1950, no VTI estadual e pessoal ocupado esteja relacionado à instalação dessa indústria.

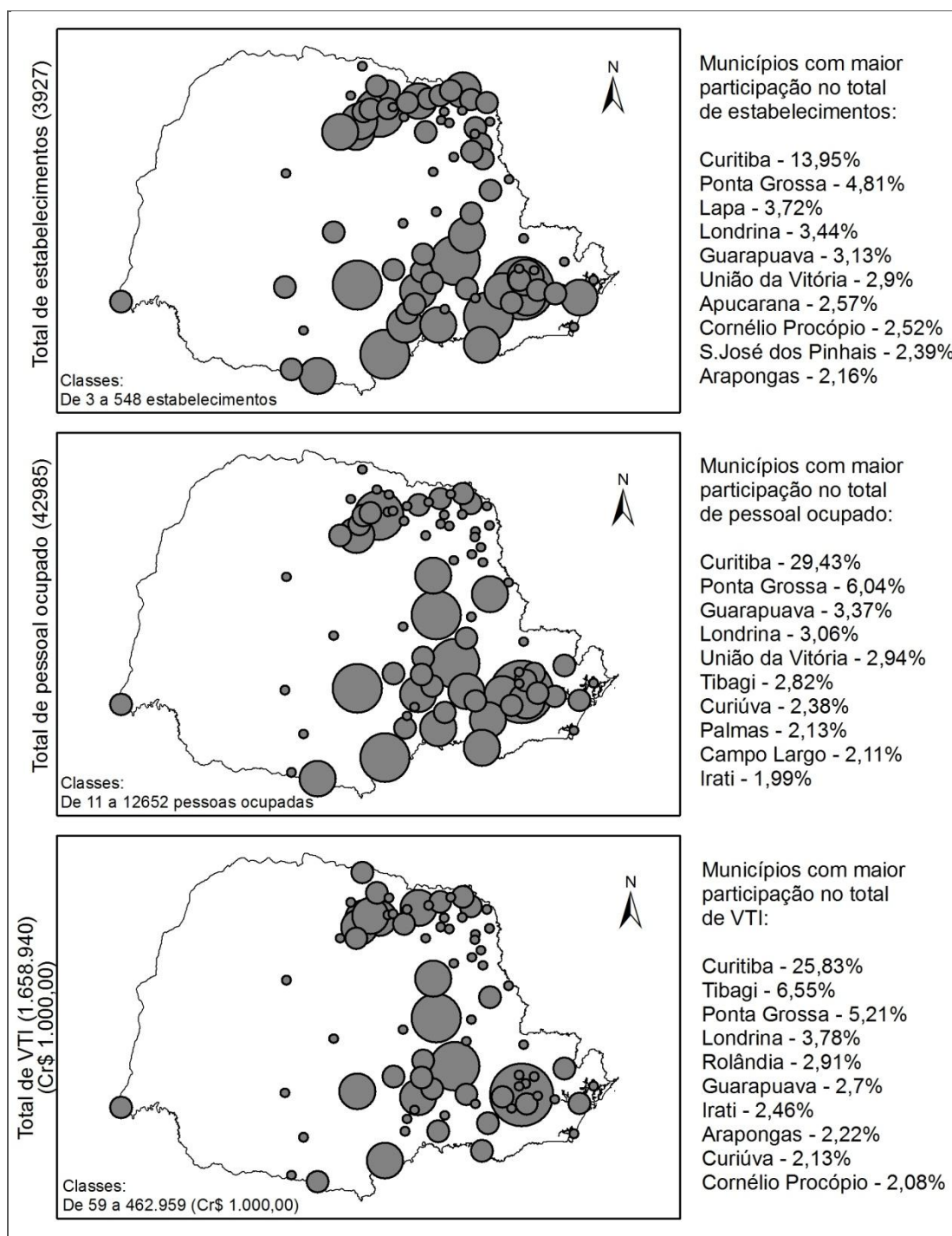


FIGURA 4 – PARANÁ: MUNICÍPIOS SEGUNDO O TOTAL E A PARTICIPAÇÃO EM ESTABELECIMENTOS, PESSOAL OCUPADO E VTI, 1950

FONTE: Organizado pela autora com base no Censo Industrial 1950 (IBGE, 1955a)

A transformação econômica, mesmo que ainda latente, pela qual o estado passava é possível de ser constatada a partir da análise dos dados referentes à participação no VTI. Embora ainda houvesse predominância dos municípios

localizados na área mais antiga de ocupação, passaram a se inserir com relevância aqueles situados na região norte do estado, o que explica a redução considerável de Curitiba.

Tal situação permite inferir que o extravasamento de capital decorrente da atividade cafeeira não mudou a característica tradicional da indústria paranaense, como demonstrado por vários autores, porém permitiu a inserção de novos lugares no processo produtivo, o que de certa forma, criou as premissas para a dinamização econômica do território paranaense posta em curso nas décadas seguintes.

3.2.1. Detalhando a escala de análise: Curitiba e região

No tópico anterior foram mostrados os dados industriais gerais, destacando as maiores participações no total do estado. Dentre os municípios sobressaíram alguns inseridos na área que atualmente é abrangida pelo aglomerado metropolitano, tais como Curitiba, São José dos Pinhais e Campo Largo. Os dois últimos com participação em quantidade de estabelecimentos e pessoal ocupado, respectivamente.

Apesar dos dados do Censo Industrial de 1950 não permitirem a análise da distribuição dos estabelecimentos por município de acordo com o gênero industrial, acredita-se que parte considerável das unidades produtivas existentes em São José dos Pinhais, era ligada à atividade madeireira. Segundo Colnaghi, Magalhães Filho e Magalhães (1992), em meados do século XX, o setor madeireiro representava em torno de 47,7% da participação no valor da produção desse município.

Especificamente sobre Campo Largo, o percentual obtido em pessoal ocupado nas décadas de 1940 e 1950 é explicado pelo desenvolvimento da indústria cerâmica nesse município. Destaca-se que já na década de 1950, existiam grandes unidades desse gênero voltadas à produção de louças, favorecidas amplamente pela existência de matérias-primas no município.

Além de Curitiba, São José dos Pinhais e Campo Largo, os demais municípios detinham pequena participação no total do estado, como pode ser visualizado pelas informações apresentadas na TABELA 5.

TABELA 5 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: TOTAL E PARTICIPAÇÃO EM ESTABELECIMENTOS, PESSOAL OCUPADO E VTI, 1950

MUNICÍPIO	ESTABELECIMENTOS		PESSOAL OCUPADO		VTI	
	TOTAL	% ⁽¹⁾	TOTAL	% ⁽¹⁾	TOTAL ⁽²⁾	% ⁽¹⁾
Almirante Tamandaré	37	0,94	176	0,41	3672	0,20
Araucária	47	1,20	419	0,97	9276	0,52
Campina Grande do Sul	-	-	-	-	-	-
Campo Largo	63	1,60	905	2,11	13626	0,76
Campo Magro	-	-	-	-	-	-
Colombo	61	1,55	356	0,83	5657	0,32
Curitiba	548	13,95	12652	29,43	462959	25,83
Fazenda Rio Grande	-	-	-	-	-	-
Pinhais	-	-	-	-	-	-
Piraquara	35	0,89	313	0,73	5905	0,33
Quatro Barras	-	-	-	-	-	-
São José dos Pinhais	94	2,39	623	1,45	11672	0,65

FONTE: Censo Industrial 1950 (IBGE, 1955a)

⁽¹⁾ Participação no total do estado do Paraná

⁽²⁾ Em Cr\$ 1.000,00

(-) Município criado após período

O desenvolvimento bastante limitado da atividade industrial pode ser explicado pela preponderância do rural sobre o urbano, em quase todos os municípios. A exceção era Curitiba, que se constituía como o município de maior população urbana do estado e o de maior participação na indústria. A grande diferença entre a capital e os demais municípios paranaenses é constatada quando se verifica que, em 1950, enquanto Curitiba possuía uma população urbana de 141.222 habitantes, Ponta Grossa, a segunda a apresentar maior número de pessoas vivendo em áreas urbanas, apresentava 43.094 habitantes. Portanto, entende-se que essa grande quantidade de pessoas vivendo na cidade, acarretou na materialização da maior área urbana do estado e no desenvolvimento da atividade industrial.

Em compensação, os demais municípios do aglomerado apresentavam áreas urbanas reduzidas, reflexo da pequena população urbana e das baixas taxas de urbanização. Pelos dados expressos na TABELA 6, é possível constatar a grande amplitude do fenômeno urbano em Curitiba, em detrimento do restante do aglomerado.

TABELA 6 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: POPULAÇÃO TOTAL, URBANA E TAXA DE URBANIZAÇÃO, 1950

MUNICÍPIO	POP. TOTAL	POP. URBANA	TX. DE URBANIZAÇÃO (%)
Almirante Tamandaré	8.812	1.247	14,15
Araucária	11.524	1.439	12,49
Campina Grande do Sul	-	-	-
Campo Largo	26.365	4.032	15,29
Campo Magro	-	-	-
Colombo	6.331	423	6,68
Curitiba	180.575	141.222	78,21
Fazenda Rio Grande	-	-	-
Pinhais	-	-	-
Piraquara	11.199	1.410	12,59
Quatro Barras	-	-	-
São José dos Pinhais	35.768	4.802	13,43

FONTE: IPEADATA (2011), com base no Censo Demográfico de 1950

(-) Município criado após período

Pelo cruzamento dos dados apresentados nas TABELAS 5 e 6 é possível perceber que existe uma relação entre indústria e espaço urbano. Os três municípios que apresentaram o maior desempenho na indústria são justamente aqueles que detinham os valores absolutos mais elevados de população urbana do aglomerado. Portanto, se de um lado a indústria é dependente da cidade, enquanto o *lócus* que contém todos os objetos e fluxos necessários ao seu desenvolvimento; de outro o desenvolvimento da cidade, e por consequência sua extensão, são acarretados também pela atividade industrial.

No entanto, entende-se que a utilização de tais informações não fornece subsídios para a compreensão da natureza complexa dessa relação, na medida em que não permite verificar o processo de expansão da mancha urbana, a partir de um agente específico, qual seja a indústria. Concebe-se que a expansão urbana é um processo e como tal, deve ser entendido como “[...] uma ação contínua desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo (continuidade) e mudança” (SANTOS, 2008, p. 69).

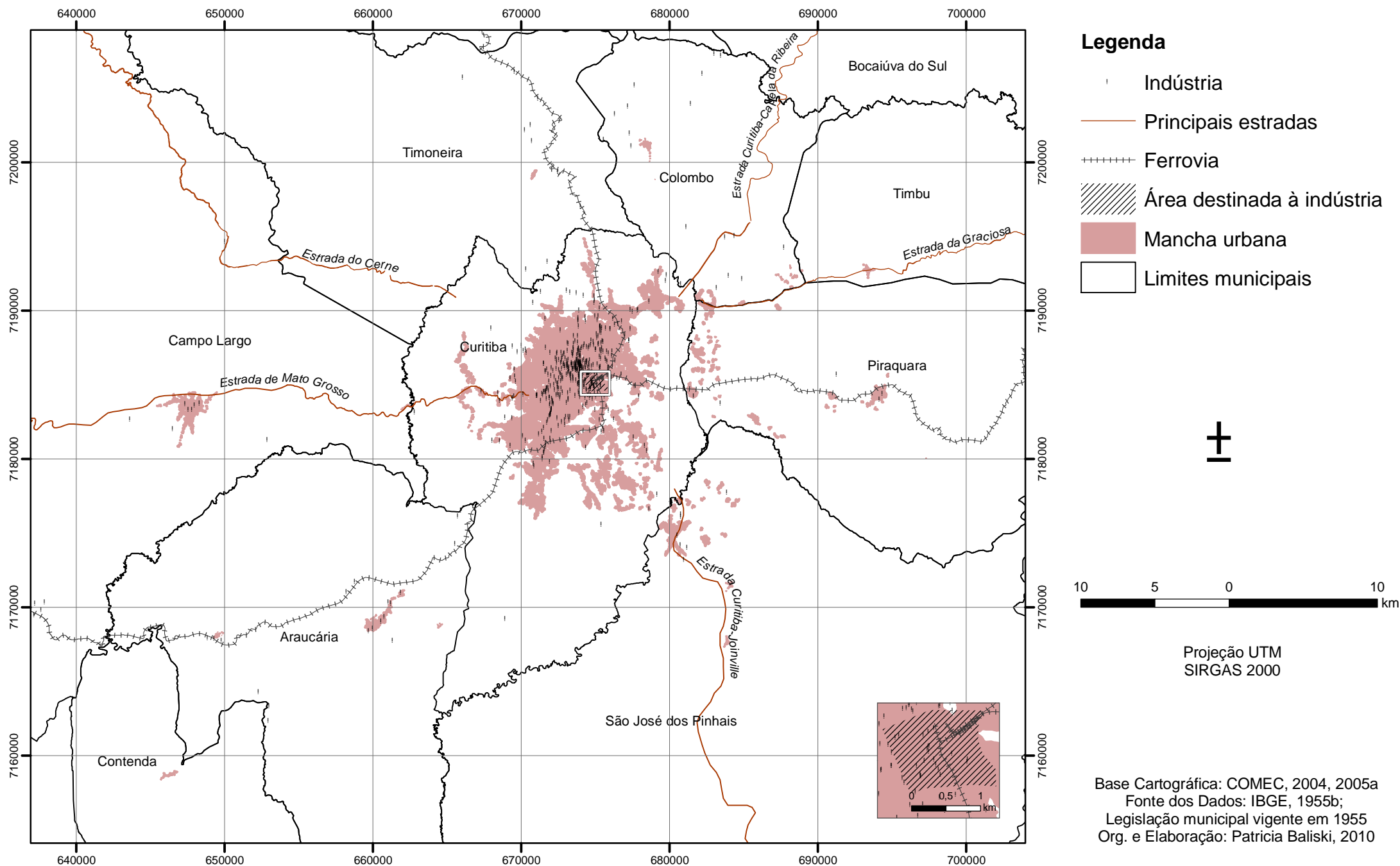
O ponto de partida para se tentar compreender esse processo é a análise das localizações industriais existentes na década de 1950, tendo como base o MAPA 3. Ressalta-se que não estão representados todos os estabelecimentos industriais existentes, pois o Cadastro de 1955 (IBGE, 1955b) relacionava somente aqueles com mais de cinco funcionários, sem especificação do total de pessoal empregado. Assim, comparando-se o que está mapeado com os dados da TABELA

5, se verifica que do total de estabelecimentos existentes no aglomerado, a maioria se caracterizava como de pequeno porte.

Inicialmente, é evidente a concentração industrial em Curitiba, principalmente na área urbana mais adensada, que apresentava limites reduzidos, quando se considera todo o seu perímetro municipal. Em relação aos demais municípios, as áreas urbanas eram mínimas, condizentes com os totais de população urbana apresentados anteriormente.

A concentração de indústrias na área mais central de Curitiba se explica em razão do meio de transporte mais utilizado na época, o ferroviário. Salienta-se que as principais indústrias existentes nesse período eram ligadas aos gêneros tradicionais, principalmente à madeira e aos produtos alimentares. Esses dois tipos de indústria requerem um volume muito grande de matéria-prima, o que justifica a proximidade não somente com as linhas férreas, mas sobretudo com as estações. Por isso, na região do Rebouças, próximo à antiga estação ferroviária surgiu espontaneamente uma área industrial, a qual posteriormente foi definida como Centro Industrial, pelo Plano Agache, em 1943. Essa lógica também se aplica ao município de Piraquara, que teve grandes indústrias instaladas próximas à estação de Pinhais, porção limítrofe à Curitiba, contribuindo para a expansão urbana nessa região²¹.

²¹ Como é o caso da empresa denominada Indústrias Weiss Ltda., ligada à produção de cerâmica. Segundo Pinhais (2008), essa unidade produtiva originou uma das primeiras aglomerações urbanas na área limítrofe a Curitiba, pois os trabalhadores residiam nas adjacências da empresa. Entre as décadas de 1920 e 1960, período auge dessa indústria, o conjunto de residências de trabalhadores chegou a aproximadamente trezentas unidades.



MAPA 3 - AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: LOCALIZAÇÃO DAS INDÚSTRIAS, EM 1955

Como pode ser observado no MAPA 3, existiam muitas indústrias localizadas nas áreas não urbanizadas, entre as quais se destacavam aquelas ligadas ao gênero de minerais não-metálicos, com diferenciações, de acordo com as especificidades naturais. Em Curitiba, Araucária e Piraquara, prevaleciam aquelas ligadas à cerâmica vermelha, nas quais eram fabricados tijolos e telhas; em Colombo e Timoneira (atual município de Almirante Tamandaré), destacavam-se as indústrias extrativas de calcário e as produtoras de cal; e, em Campo Largo, era preponderante a produção de artefatos de porcelana.

Muitas dessas indústrias foram importantes não apenas economicamente, mas também na ocupação urbana verificada nas décadas seguintes. Em Curitiba, as indústrias ligadas aos gêneros de minerais não-metálicos e extrativas contribuíram para a ocupação urbana nos sentidos norte e sul do município, e para além dos limites do rio Barigüi, situado a oeste da região central. A tentativa de elucidar essa expansão urbana está representada na FIGURA 5.

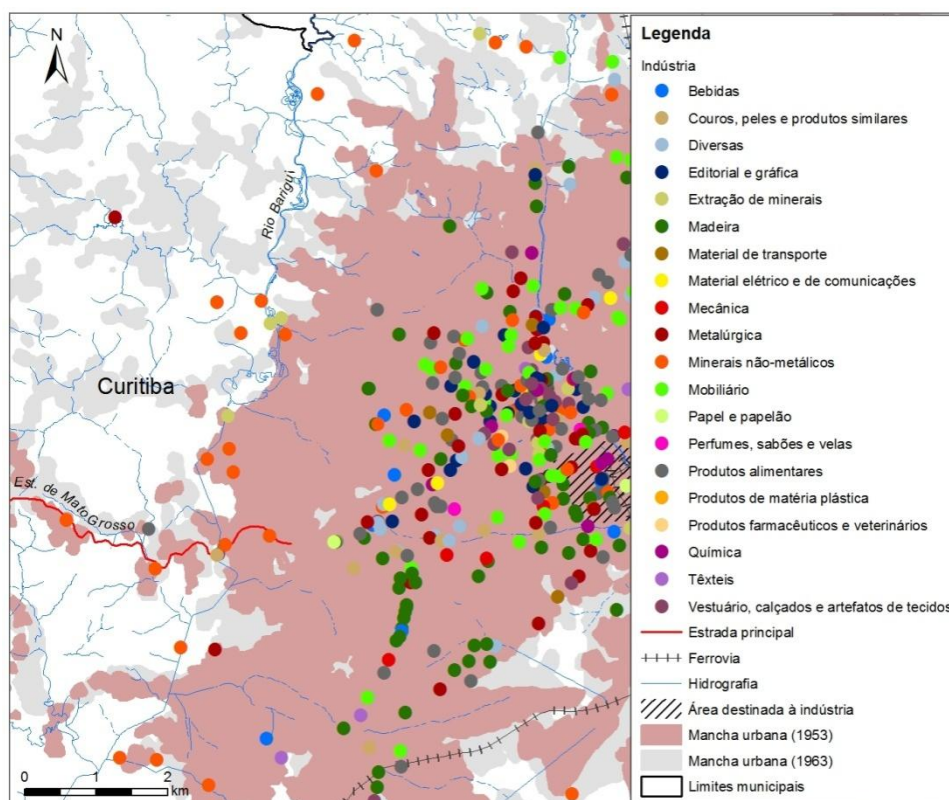


FIGURA 5 – CURITIBA: INDÚSTRIA E EXPANSÃO DA MANCHA URBANA NA PORÇÃO OESTE, ENTRE AS DÉCADAS DE 1950 E 1960

FONTE: Elaborado pela autora, com base em IBGE (1955b) e PMC (1943); Base cartográfica: COMEC, 2004 e 2005a

Constata-se que muitas dessas indústrias estavam instaladas nos anos de 1950 em áreas não abrangidas pela mancha urbana. No entanto, na década seguinte, já haviam sido incorporadas pela expansão da cidade. Entende-se que os fluxos gerados por essas empresas, tais como mão de obra e comercialização, favoreceram a ocupação urbana. Essa situação é válida para a porção norte e oeste do município de Curitiba.

Apesar de no MAPA 3 e na FIGURA 5 não estar evidente, inicia-se também nessa década a ocupação da porção sul de Curitiba, baseada sobretudo na instalação de olarias, na região do Umbará. Como tais empresas tinham por base a organização familiar e muitas eram de pequeno porte, não apareceram nas informações dessa década. Porém, devem ser consideradas como responsáveis, mesmo que minimamente, pela expansão urbana nessa porção da cidade.

Em se tratando das regiões sudeste de Curitiba e noroeste de São José dos Pinhais, também se observa que a atividade industrial favoreceu a expansão urbana. No entanto, já não são mais as indústrias ligadas ao gênero de minerais não-metálicos, mas principalmente as madeireiras.

Em São José dos Pinhais a indústria da madeira tinha notoriedade desde o final do século XIX, quando foram instaladas grandes serrarias no município. A existência de amplas áreas de matas favoreceu o desenvolvimento dessa atividade e, por consequência, pode ter contribuído para a própria expansão urbana. Na FIGURA 6, está representado o núcleo urbano original, bem como as indústrias existentes em 1955. Constata-se que o local onde algumas dessas unidades estavam localizadas foi incorporado pela mancha urbana, na década seguinte.

No município de Curitiba existiam indústrias madeireiras em vários pontos, principalmente nas áreas urbanizadas. No entanto, chama-se a atenção para o fato de ter se identificado concentrações dessa atividade em determinadas porções da cidade, chegando em alguns casos a conformar verdadeiros vetores de expansão dessa indústria. Um caso bastante emblemático é o da Avenida República Argentina. Apesar de na década de 1950, já existir uma área urbana relativamente consolidada em torno dessa avenida, deduz-se que parte da ocupação foi favorecida pela atividade madeireira, fortemente concentrada ao longo dessa via. Nesse sentido, a instalação da indústria madeireira, cada vez mais em direção às áreas periféricas da cidade, propiciou de forma conjunta o espraiamento da mancha

urbana e a inserção de outros gêneros, tais como mobiliário, mecânica, vestuário, couros, etc.

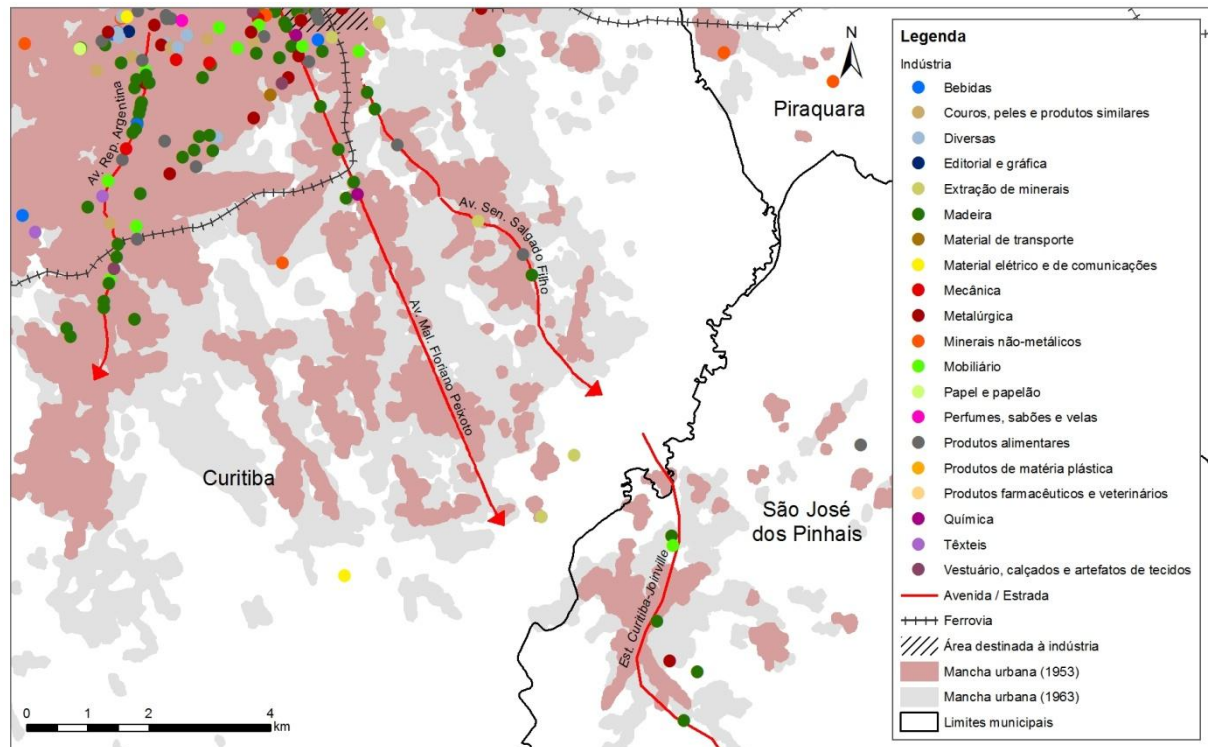


FIGURA 6 – CURITIBA E SÃO JOSÉ DOS PINHAIS: INDÚSTRIA E EXPANSÃO DA MANCHA URBANA, ENTRE AS DÉCADAS DE 1950 E 1960

FONTE: Elaborado pela autora, com base em IBGE (1955b) e PMC (1943); Base cartográfica: COMEC, 2004 e 2005a

Constataram-se outros vetores de desenvolvimento da indústria madeireira em Curitiba, mas não tão concentradores como o citado anteriormente. Os dois casos dizem respeito às avenidas Marechal Floriano Peixoto e Senador Salgado Filho, principais vias de acesso à porção sudeste de Curitiba. O desenvolvimento da atividade industrial, que antes ficava mais restrito às áreas mais próximas do centro urbano consolidado, direcionou-se com o decorrer dos anos para as porções mais periféricas, a partir dessas duas vias, possibilitando a expansão urbana.

A análise também permitiu identificar outra porção do aglomerado em que se constatou o processo de expansão urbana, a partir da instalação industrial. Essa área está representada na FIGURA 7.

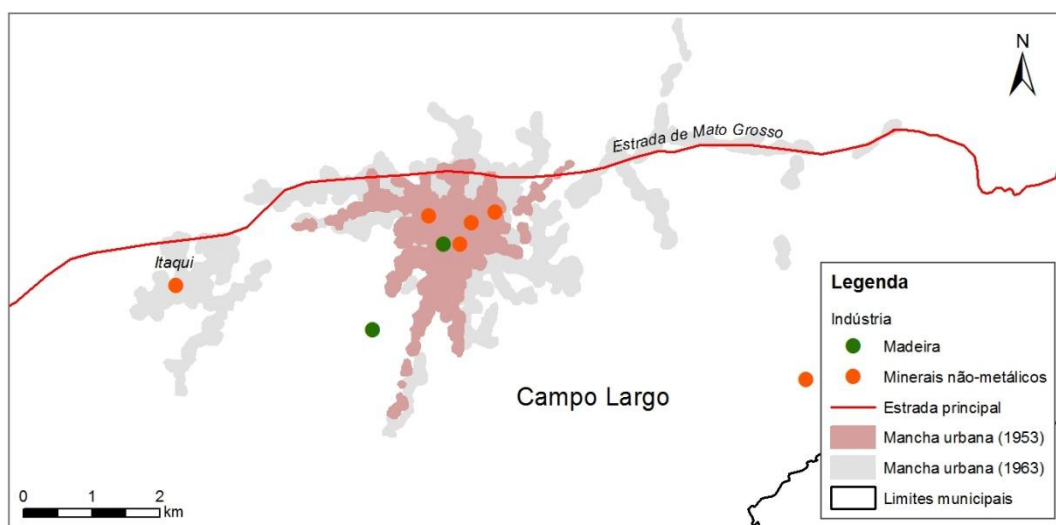


FIGURA 7 – CAMPO LARGO: INDÚSTRIA E EXPANSÃO DA MANCHA URBANA NA LOCALIDADE DE ITAQUI, ENTRE AS DÉCADAS DE 1950 E 1960

FONTE: Elaborado pela autora, com base em IBGE (1955b); Base cartográfica: COMEC, 2004 e 2005a

Como já citado anteriormente, Campo Largo apresentou participação relevante no total de pessoal empregado, na década de 1950. Parte considerável desse total estava atrelada à indústria cerâmica, com destaque para a produção de objetos de porcelana, tais como louças e utensílios diversos. As condições naturais existentes favoreceram amplamente o desenvolvimento desse tipo de indústria, inclusive ocasionando a instalação de grandes estabelecimentos.

Foi a partir do funcionamento de um desses grandes estabelecimentos²² que a localidade de Itaqui, em Campo Largo, apresentou considerável crescimento. Como pode ser observado, na década de 1950 não existia qualquer indício de ocupação urbana, apenas a indústria instalada. Já na década de 1960, há a conformação de uma significativa mancha urbana nessa localidade, envolvendo toda a unidade produtiva. O fato das manchas urbanas das duas áreas não serem contínuas corrobora tal fato, na medida em que a ocupação de Itaqui não pode ser considerada como uma expansão “natural” do núcleo original.

²² Cerâmica Brasileira Ltda. Apesar de não se dispor de dados da década de 1950, pode-se fazer uma aproximação da importância dessa indústria a partir das informações do Cadastro Industrial de 1965 (IBGE, 1968). Segundo essa publicação, a referida indústria estava classificada no GPO (Grupo de Pessoal Ocupado) 8, ou seja, possuía em torno de 500 a 999 funcionários. Ressalta-se que em 1956, a Porcelana Real e Schmidt assumem o controle da Cerâmica Brasileira, denominando-a Porcelana Steatita S/A. Em 1972, com a fusão do grupo, passou a se denominar Porcelana Schmidt S/A (PORCELANA SCHMIDT, 2010).

Nesse caso específico fica evidente que a instalação de uma indústria contribuiu para um amplo processo de transformação do espaço, inserindo e consolidando a materialidade urbana.

Pelo exposto, podem ser realizadas algumas considerações gerais sobre a relevância da indústria na expansão urbana, entre as décadas de 1950 e 1960. Primeiramente, destacaram-se as indústrias tradicionais, especialmente aquelas ligadas aos gêneros de minerais não-metálicos e madeira. A primeira favoreceu a expansão da mancha urbana em algumas áreas da porção oeste do aglomerado, especificamente em Curitiba e em Campo Largo. Já a madeireira foi mais representativa na porção sudeste do aglomerado, envolvendo a capital e o município de São José dos Pinhais.

Infelizmente os dados primários não continham informações a respeito da quantidade de funcionários de cada indústria. Mas, a partir da aproximação que foi feita para aquela localizada em Campo Largo, pode-se deduzir que eram as maiores indústrias que estimulavam a expansão urbana. Isso porque o número de pessoal ocupado e o volume produzido repercutem diretamente na intensidade dos fluxos, que sendo constantes propiciam a expansão e a consolidação do urbano.

3.3. ESCALA NACIONAL DA ACUMULAÇÃO: 1956-1970

A partir do início dos anos de 1960, sob a lógica da industrialização pesada, procedeu-se ao transplante do capital produtivo entre as regiões, na direção da periferia nacional. Segundo Brandão (2007, p. 127, grifo do autor), “com o avanço da industrialização pesada, a periferia nacional é ‘reinventada’ para o capital do centro hegemônico, *transformando totalmente o ‘padrão de dominação do mercado nacional’*”. Assim,

Frações de capital, com diferentes poderes de valorização, expansão econômico-geográfica e vocalização política se disseminaram e se defrontaram em todo o território nacional, orientadas, em sua maioria, pela *sinalização direta ou indireta da ação pública*, conformando uma economia urbana moderna, alterando profundamente os processos de trabalho e erigindo uma estrutura produtiva densa, integrada, complexa e diversificada, que se localiza em diferentes parcelas do espaço geográfico nacional (BRANDÃO, 2007, p. 127-128, grifos nossos).

Nesse sentido, visando sanar os problemas estruturais que se avolumavam, no início da década de 1960 formula-se um projeto local de desenvolvimento do Paraná, via industrialização substitutiva de importações, buscando repetir um processo que, ocorrendo no Brasil, concentrava-se em São Paulo (LEÃO, 1989). Segundo Padis (1981), os esforços governamentais que se seguiram visavam suprimir as deficiências infraestruturais e estimular a criação de condições para a implantação industrial. Além disso, podem ser citadas ainda as intenções de se acabar com a evasão de divisas. De acordo com Oliveira (2001), como as áreas integrantes da região norte do estado tinham muito mais conexões com São Paulo, seja através de escoamento da produção ou compra de produtos industrializados, era imperioso vinculá-las à economia paranaense.

Assim, as políticas e projetos que foram postos em prática no decorrer da década de 1960, buscavam angariar novos investimentos, com os quais se acreditava, mudar-se-ia o perfil produtivo do Paraná. A análise dos dados contidos na TABELA 7 mostra que a atividade industrial não apresentou grandes mudanças entre as décadas de 1950 e 1960.

Os gêneros que continuavam se destacando, seja em número de estabelecimentos e pessoal ocupado ou geração de valor eram ainda os relacionados às atividades tradicionais, com destaque para produtos alimentares, madeira e minerais não-metálicos. Ressalta-se, inclusive, que esses três gêneros apresentaram aumento de participação no VTI no período.

Contrariamente, a indústria ligada ao papel e papelão demonstrou diminuição de participação no VTI, assim também como a mecânica e a química. Os gêneros dinâmicos que tiveram aumento de participação nos três itens analisados o fizeram com taxas pequenas, tais como metalúrgica, material elétrico e de comunicações e material de transporte. Observa-se também a inserção de novos grupos de indústrias, antes não existentes, tais como borracha; produtos farmacêuticos e veterinários; perfumes, sabões e velas; e produtos de matéria plástica, todos com pequena participação.

TABELA 7 – PARANÁ: ESTABELECIMENTOS, PESSOAL OCUPADO E VALOR DE TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL POR GÊNERO, 1960

GÊNEROS INDUSTRIAIS	ESTABELECIMENTOS		PESSOAL OCUPADO		VTI	
	TOTAL	%	TOTAL	%	TOTAL ⁽¹⁾	%
Extração de minerais	91	1,42	840	1,23	137348	0,79
Minerais não-metálicos	973	15,16	7382	10,78	1211111	6,93
Metalúrgica	167	2,60	2680	3,91	483358	2,77
Mecânica	44	0,69	837	1,22	190956	1,09
Material elétrico e de comunicações	26	0,41	559	0,82	128174	0,73
Material de transporte	125	1,95	1142	1,67	193490	1,11
Madeira	1459	22,74	22722	33,19	4593290	26,29
Mobiliário	478	7,45	3739	5,46	474803	2,72
Papel e papelão	21	0,33	3481	5,09	858473	4,91
Borracha	2	0,03	19	0,03	4226	0,02
Couros, peles e produtos similares	114	1,78	1272	1,86	235014	1,34
Química	82	1,28	1813	2,65	765921	4,38
Produtos farmacêuticos e veterinários	6	0,09	119	0,17	29188	0,17
Perfumes, sabões e velas	26	0,41	208	0,30	84019	0,48
Produtos de matéria plástica	3	0,05	23	0,03	2838	0,02
Têxteis	43	0,67	2141	3,13	551257	3,15
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	236	3,68	1165	1,70	146435	0,84
Produtos alimentares	2083	32,46	13000	18,99	6440529	36,86
Bebidas	234	3,65	2377	3,47	476277	2,73
Fumo	-	-	-	-	-	-
Editorial e gráfica	140	2,18	1796	2,62	309650	1,77
Diversas	64	1,00	1140	1,67	158274	0,91
Total do Estado	6417	100	68455	100	17474631	100

FONTE: Censo Industrial 1960 (IBGE, 1966)

⁽¹⁾ Em Cr\$ 1.000,00

(-) Dados não existentes

A espacialização da quantidade de estabelecimentos e pessoal ocupado, bem como VTI por município pode ser visualizada na FIGURA 8. É importante ressaltar, inicialmente, que entre os Censos Industriais de 1950 e 1960 houve a criação de 82 municípios, muitos na região norte do estado. Isso se manifesta na alta densidade observada em contraposição às demais áreas do Paraná.

Concernente à quantidade de estabelecimentos, constata-se uma redução na participação dos municípios localizados na área mais antiga de ocupação, em detrimento de outras regiões do estado. Além de municípios da região norte, tais como Londrina, Maringá, Apucarana, Arapongas e Campo Mourão, insere-se Pato

Branco, localizado no sudoeste paranaense, indicando como já assinalado anteriormente, a inserção de mais lugares no processo produtivo.

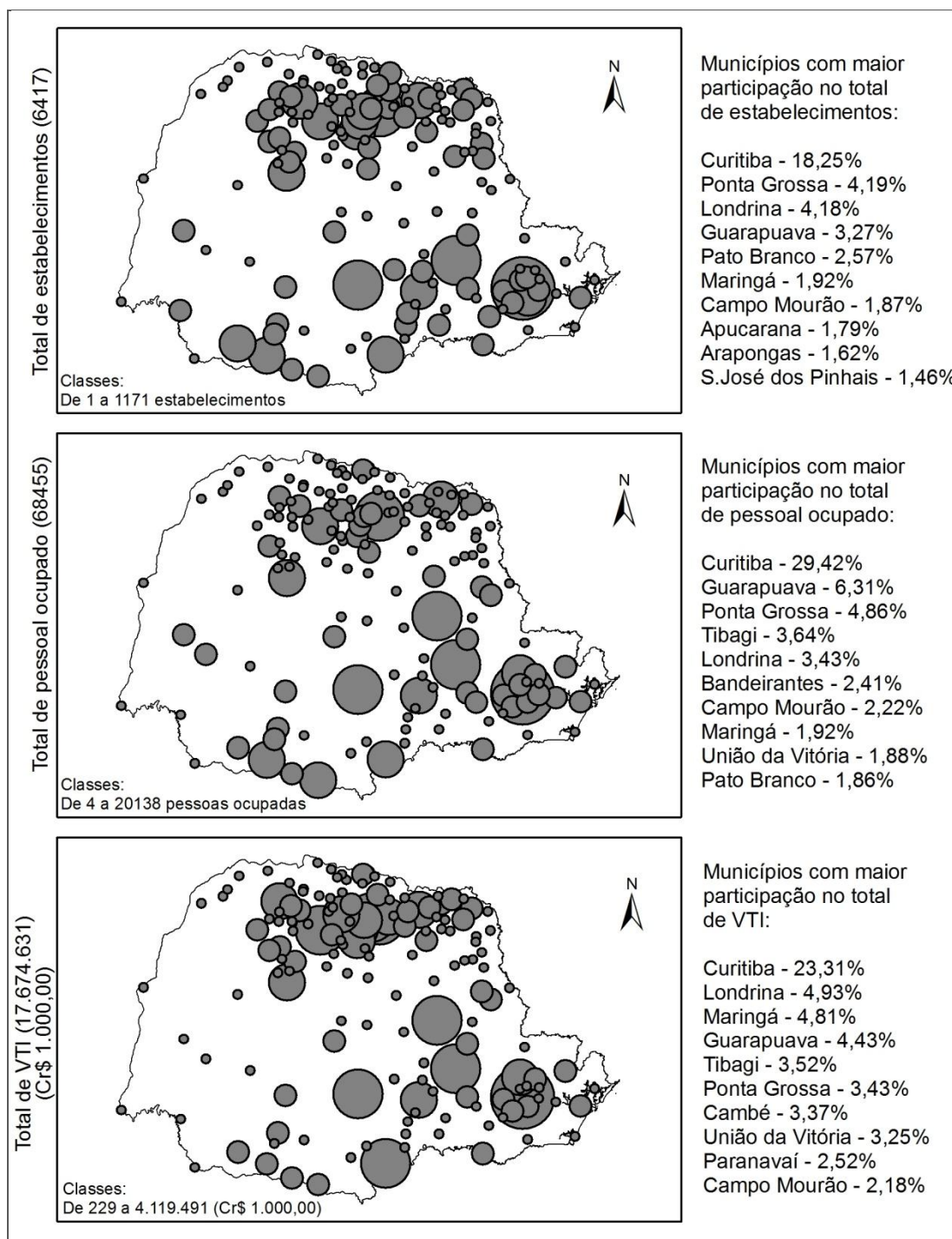


FIGURA 8 – PARANÁ: MUNICÍPIOS SEGUNDO O TOTAL E A PARTICIPAÇÃO EM ESTABELECIMENTOS, PESSOAL OCUPADO E VTI, 1960

FONTE: Elaborado pela autora com base no Censo Industrial 1960 (IBGE, 1966)

No entanto, quando se considera a participação no total de pessoal ocupado, verifica-se que houve uma redução, entre as décadas de 1950 e 1960, para esses municípios indicando que ainda prevaleciam as médias e pequenas unidades produtivas. Contrariamente, pode-se dizer que os municípios localizados no Paraná Tradicional eram responsáveis pelos maiores percentuais, especialmente Curitiba, com 29,42% do total.

Além da concentração de pessoal ocupado em poucos pontos do estado²³, deve-se chamar a atenção para o fato do VTI também apresentar a mesma característica. O grupo dos dez municípios com maior participação respondia por mais da metade do VTI do estado, 55,74%, na década de 1960, destacando-se o aumento de participação dos municípios do norte paranaense.

Embora o início da década de 1960 tenha representado o momento em que mais municípios se inseriram no processo produtivo, a indústria paranaense ainda estava atrelada aos gêneros tradicionais, o que lhe conferia uma posição de desvantagem em um momento de mobilidade do capital em escala nacional. Ressalta-se também a pequena participação da indústria na renda interna estadual, que no ano de 1960 esteve abaixo dos 10% (PADIS, 1981).

São todas essas condições que nortearão o desenvolvimento de um projeto paranaense de desenvolvimento²⁴, pautado principalmente na infraestrutura e no incentivo à atividade industrial.

Por isso, em 1962, é criada a Companhia de Desenvolvimento Econômico do Paraná – CODEPAR, que sob a forma de uma sociedade de economia mista, trabalhou originalmente com grande autonomia através da manipulação de recursos do Fundo de Desenvolvimento Econômico – FDE. Tratou de planejar o desenvolvimento, a partir de uma atuação centralizada direcionada para a criação de infraestrutura “[...] em transporte e energia, financiamento de projetos industriais privados e racionalização do aparato administrativo do Estado” (LEÃO, 1989).

Dessa forma, foram criadas várias outras agências estaduais destinadas a atuar em diversos setores, como o Banco do Estado do Paraná (Banestado); a

²³ Os dez municípios com maior participação concentravam 57,95% do pessoal ocupado.

²⁴ Embora alguns autores utilizem a expressão “projeto de desenvolvimento paranaense”, Magalhães Filho (2006, p. 21) esclarece que se tratou mais de um *projeto paranaense de desenvolvimento*, pois “[...] o projeto foi concebido, montado e executado principalmente por atores sociais locais, partindo de suas próprias preocupações com o futuro da sociedade, ainda que influenciados por conjunturas e idéias de origem externa”.

Companhia Paranaense de Silos e Armazéns (COPASA); a Companhia Agropecuária de Fomento Econômico; a Companhia de Saneamento do Paraná (SANEPAR); a Companhia de Informática do Paraná (CELEPAR); a Companhia de Telecomunicações do Paraná (TELEPAR); e a Companhia Paranaense de Energia (COPEL).

Inicialmente o projeto direcionava-se a estabelecimentos de pequeno e médio porte, de capital local. Segundo Leão (1989), a preferência por tais empresas tinha como objetivo evitar a formação de oligopólios e monopólios, com vistas a estimular a competição entre as mesmas, o que acarretaria em maior grau de eficiência do sistema produtivo. Outro elemento relevante está relacionado à intenção de fomento da industrialização em todas as regiões do estado.

Pode-se, portanto, inferir que se tratava de uma tentativa de transformar a matriz produtiva do estado, não apenas ampliando a quantidade de estabelecimentos industriais, mas principalmente fortalecendo um verdadeiro processo de industrialização. É necessário ressaltar que industrialização difere de crescimento industrial, conforme evidencia Negri (1996). A industrialização entendida como processo “[...] não consiste apenas numa mudança de técnicas de produção e numa diversificação maior de produtos, mas também numa profunda alteração da divisão social do trabalho” (SINGER, 1987, p. 32).

Para Padis (1981), contrariamente ao que se supôs, os primeiros resultados dos investimentos realizados não propiciaram a mudança esperada. Grande parte dos financiamentos realizados nas atividades industriais foi destinada a empresas de beneficiamento de produtos naturais, destacando-se aquelas de produtos alimentares, de madeira e de papel. A dificuldade decorrente do período depressivo da economia brasileira nos anos de 1961 a 1968, em conjunto com a forte exposição desses setores à concorrência nacional, acarretou no encerramento das atividades de muitas empresas pouco tempo depois de iniciá-las.

Segundo Padis (1981), a causa fundamental do insucesso dessa tentativa de industrialização do estado do Paraná ocorreu devido às políticas serem orientadas no sentido substitutivo de importações, quando esse processo já havia praticamente se esgotado no país. Concomitantemente, os financiamentos foram direcionados para os setores já desenvolvidos no Brasil e que, portanto, sucumbiram perante a concorrência nacional.

Com o fracasso do modelo original, o projeto sofre alterações, pois a possibilidade de se efetivar uma política regional de industrialização sem contar com os segmentos modernos era ínfima (LEÃO, 1989). Portanto, com a transformação da CODEPAR em Banco de Desenvolvimento do Paraná – BADEP, em 1968, ocorre uma reorientação nos investimentos, abrindo oportunidades para o financiamento de grandes empresas, de capital estrangeiro ou a ele associadas. Foram priorizadas principalmente as empresas de bens de capital e bens intermediários, ligadas à indústria pesada e à agroindústria (OLIVEIRA, 2001).

Quando se observam os valores dos financiamentos realizados pelo BADEP (anteriormente CODEPAR), no período 1962-1970, verifica-se que foram justamente nos últimos anos que se liberaram os maiores montantes (GRÁFICO 1). Entre os anos de 1967 e 1968, o total de financiamentos quase dobrou, tendo aumentado em 98,7%, por exemplo. Assim, a partir do momento que se priorizou as grandes indústrias, os investimentos foram proporcionais ao porte de tais empresas.

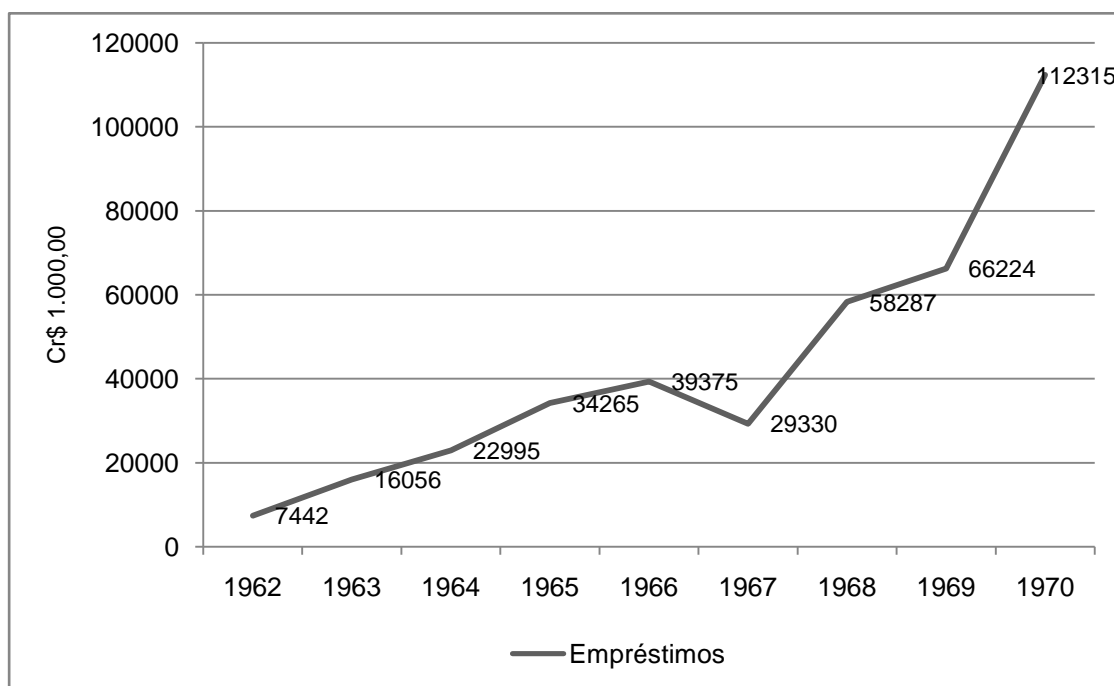


GRÁFICO 1 – EMPRÉSTIMOS CONCEDIDOS PELA CODEPAR E PELO BADEP À ATIVIDADE INDUSTRIAL, PERÍODO 1962-1970

FONTE: BADEP, 1972

NOTA: Valores corrigidos pelos preços de 1971

Ressalta-se também que apesar dos investimentos realizados fazerem parte de um projeto maior de desenvolvimento que visava a industrialização do Paraná, os financiamentos concedidos realizaram-se de forma bastante concentrada no estado. Ao analisar o destino dos mesmos no período 1962-1970, verifica-se que duas regiões se destacaram, quais sejam Curitiba e Londrina, com respectivamente 46,52% e 24,8% dos financiamentos, totalizando pouco mais de 70% do total (FIGURA 9).

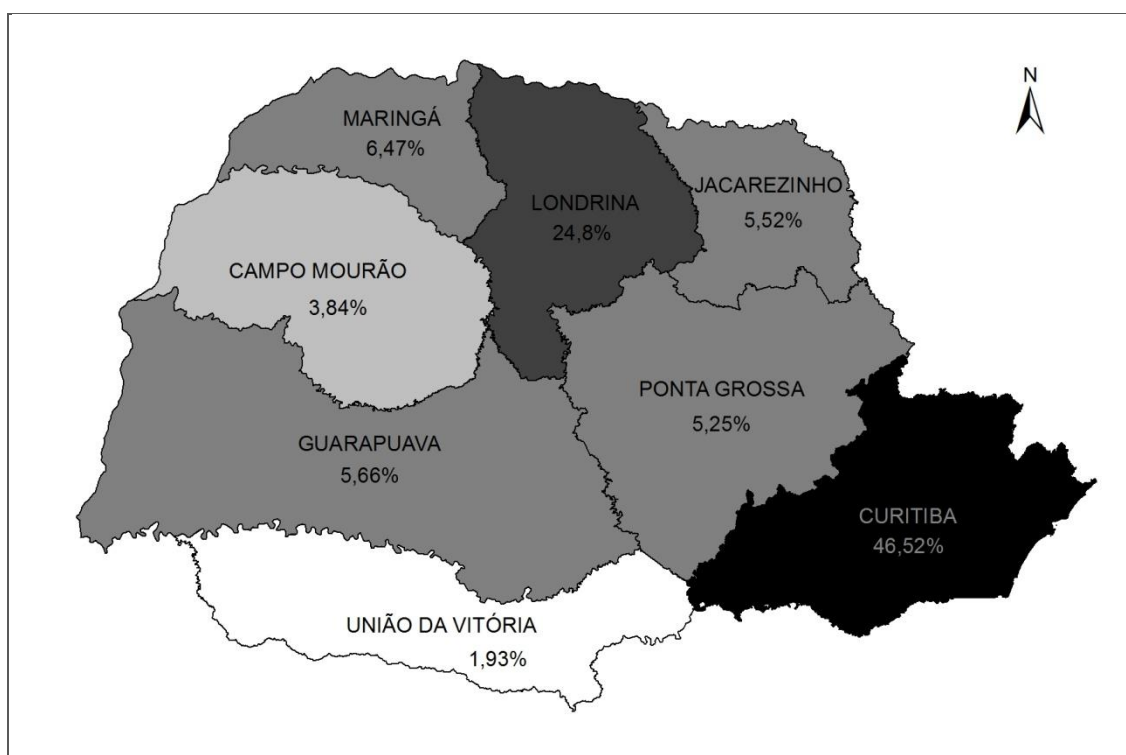


FIGURA 9 – PARANÁ: PARTICIPAÇÃO DAS REGIÕES NOS FINANCIAMENTOS CONCEDIDOS PELA CODEPAR E BADEP, 1962-1970

FONTE: Elaborado pela autora com base nos dados de BADEP, 1972; Base cartográfica: IBGE, 2005

Fica evidente que se essas regiões já apresentavam anteriormente as maiores participações no total do estado, com esses investimentos, tornaram-se ainda mais concentradas. No entanto, tal situação não pode ser vista somente como resultado de uma política de Estado, mas também como decorrente de uma “mentalidade” de empreendedorismo. Ou seja, em uma região em que já existe certa ou elevada diversificação produtiva, é por certo que haverá grupos propensos a

ampliar seus negócios ou reinvestir em outros setores, contribuindo para acentuar a concentração industrial.

3.3.1. A expansão urbana na década de 1960 e a importância das indústrias ligadas aos gêneros tradicionais

A década de 1960 representou o momento no qual começaram as primeiras ações governamentais com objetivos claros de se mudar a estrutura econômica do estado. No entanto, as transformações iniciais só foram visíveis a partir da década seguinte, quando os grandes investimentos realizados começaram a mostrar os primeiros resultados. Assim, os anos de 1960 devem ser vistos ainda como uma continuidade do período anterior, pautado na indústria tradicional, voltada ao abastecimento dos mercados locais e regionais.

No aglomerado metropolitano de Curitiba, essa situação não foi diferente. Pelos dados do Censo Industrial de 1960, os gêneros industriais mais representativos eram o de minerais não-metálicos, o de produtos alimentares, o da madeira e do mobiliário. É importante destacar que as atividades metalúrgicas obtiveram a quinta posição na quantidade de estabelecimentos, devido à proliferação desse setor exclusivamente em Curitiba. Das 95 indústrias metalúrgicas existentes, 93 estavam localizadas na capital.

Sobre a participação de cada município do aglomerado no total do estado, constata-se algumas diferenças em relação à década anterior. A comparação entre os dados expressos nas TABELAS 5²⁵ e 8 permite constatar que em todas as variáveis consideradas, praticamente todos os municípios do aglomerado diminuíram sua participação, que se explica, como já citado anteriormente, pela maior inserção industrial da região norte do Paraná. A única exceção se referiu a Campo Largo, que apresentou acréscimo no VTI entre as duas décadas.

No que diz respeito aos valores absolutos houve aumento da quantidade de estabelecimentos em vários municípios do aglomerado. Porém, se observou uma queda significativa na geração de empregos, principalmente em municípios tais

²⁵ Demonstrada anteriormente no subitem 3.2.1.

como Araucária, Campo Largo, Colombo e São José dos Pinhais. Essa situação pode levar a inferir que: primeiro, houve uma proliferação de pequenos estabelecimentos nesse período; segundo, grandes indústrias existentes na década de 1950 encerraram suas atividades, culminando na diminuição de pessoal ocupado.

TABELA 8 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: QUANTIDADE E PARTICIPAÇÃO EM ESTABELECIMENTOS, PESSOAL OCUPADO E VTI, 1960

MUNICÍPIO	ESTABELECIMENTOS		PESSOAL OCUPADO		VTI	
	TOTAL	% ⁽¹⁾	TOTAL	% ⁽¹⁾	TOTAL ⁽²⁾	% ⁽¹⁾
Almirante Tamandaré	56	0,87	276	0,40	31762	0,18
Araucária	45	0,70	620	0,91	80436	0,46
Campina Grande do Sul	4	0,06	12	0,02	1497	0,01
Campo Largo	69	1,08	799	1,17	181028	1,02
Campo Magro	-	-	-	-	-	-
Colombo	31	0,48	81	0,12	12703	0,07
Curitiba	1171	18,25	20138	29,42	4119491	23,31
Fazenda Rio Grande	-	-	-	-	-	-
Pinhais	-	-	-	-	-	-
Piraquara	53	0,83	382	0,56	51819	0,29
Quatro Barras	-	-	-	-	-	-
São José dos Pinhais	94	1,46	540	0,79	105200	0,60

FONTE: Censo Industrial 1960 (IBGE, 1966)

⁽¹⁾ Participação no total do estado do Paraná

⁽²⁾ Em Cr\$ 1.000,00

(-) Município criado após o período

Seguindo a tendência da década anterior, os municípios que detiveram as participações mais elevadas em estabelecimentos, pessoal ocupado e VTI, foram os que denotaram os maiores valores absolutos para a população urbana, na década de 1960 (TABELA 9).

O crescimento da população urbana aliado ao desenvolvimento das atividades econômicas propiciou a expansão da ocupação urbana, entre as décadas de 1950 e 1960, principalmente em Curitiba, Campo Largo e São José dos Pinhais. No MAPA 4 é possível visualizar a mancha urbana e a localização industrial para o ano de 1965.

TABELA 9 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: POPULAÇÃO TOTAL, URBANA E TAXA DE URBANIZAÇÃO, 1960

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO TOTAL	POPULAÇÃO URBANA	TX DE URB. (%)
Almirante Tamandaré	10220	1611	15,76
Araucária	16553	4796	28,97
Campina Grande do Sul	7982	301	3,77
Campo Largo	32272	9150	28,35
Campo Magro	-	-	-
Colombo	8719	1365	15,66
Curitiba	361309	351259	97,22
Fazenda Rio Grande	-	-	-
Pinhais	-	-	-
Piraquara	11578	2244	19,38
Quatro Barras	-	-	-
São José dos Pinhais	28888	8231	28,49

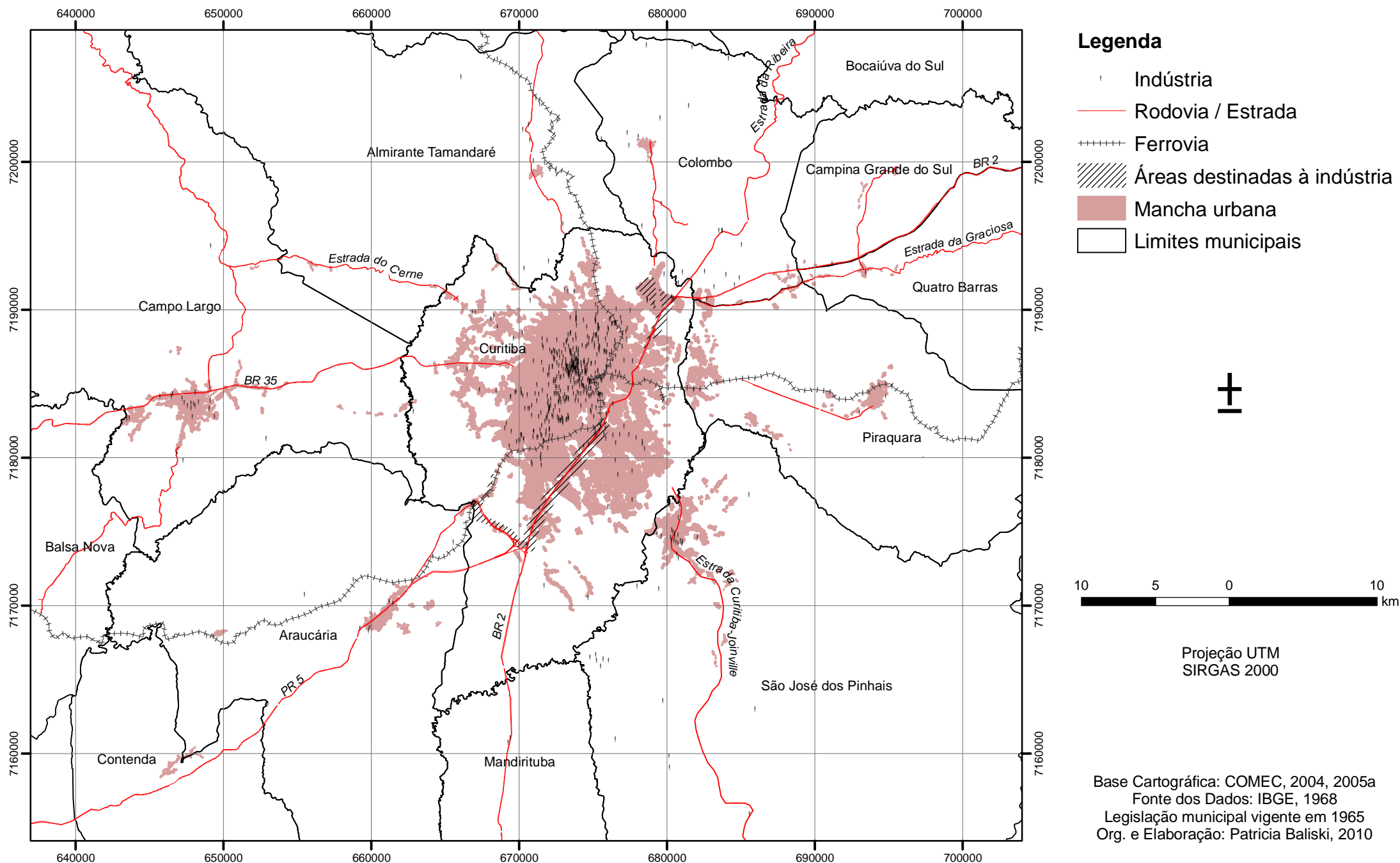
FONTE: IPEADATA (2011), com base no Censo Demográfico de 1960

(-) Município criado após período

Concernente à indústria e às novas localizações observadas, remete-se às dinâmicas espaciais deste agente produtor do espaço. Assim, constata-se que a configuração espacial da indústria no ano de 1965, e a consequente expansão urbana, foi decorrente de novos investimentos e da realocação industrial, no âmbito intraurbano. É claro que o espaço industrial não deve ser concebido somente a partir das novas instalações, dos novos fixos, pois “as formas ou artefatos de uma paisagem são o resultado de processos passados ocorridos na estrutura subjacente” (SANTOS, 2008, p. 69).

É nesse sentido que a indústria, que contribuiu com a expansão da mancha urbana, ainda estava ligada aos gêneros tradicionais, como os de minerais não-metálicos, madeira, produtos alimentares, etc.

Em relação à análise na perspectiva dos fixos, dos pontos geográficos, as indústrias de minerais não-metálicos eram as de maior quantidade e inclusive as que se encontravam mais pulverizadas pelos municípios do aglomerado. Acredita-se que seja por isso que a expansão urbana ocorrida, observada em determinadas porções do aglomerado, pode ter sido acarretada principalmente por esse tipo de indústria.



MAPA 4 - AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: LOCALIZAÇÃO DAS INDÚSTRIAS, EM 1965

Essa situação pode ser visualizada em vários lugares do aglomerado, em especial, na porção norte de Curitiba e em menor proporção no sul dos municípios de Almirante Tamandaré e Colombo. Na FIGURA 10 estão representadas as áreas nas quais se acredita que se tenha identificado tal processo. Ressalta-se que apesar da diversidade de indústrias ligadas ao gênero de minerais não-metálicos, as unidades produtivas que se encontravam próximas aos limites entre os três municípios citados eram compostas em sua maioria por olarias, nas quais eram produzidos telhas e tijolos. A localização nesse caso é explicada pela proximidade das matérias-primas, encontrada nas planícies dos rios existentes nessa área.

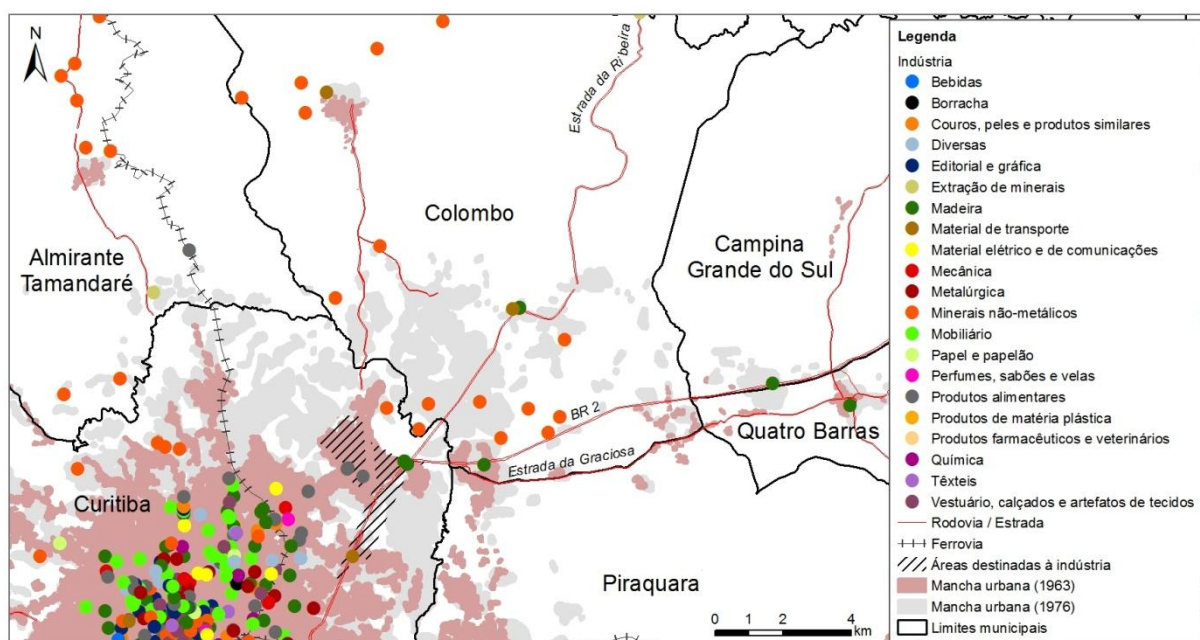


FIGURA 10 – ALMIRANTE TAMANDARÉ, CAMPINA GRANDE DO SUL, COLOMBO E CURITIBA: INDÚSTRIA E EXPANSÃO DA MANCHA URBANA, 1965-1976

FONTE: Elaborado pela autora, com base em IBGE (1968) e PMC (1965); Base cartográfica: COMEC, 2004 e 2005a

Como pode ser observado, tais indústrias não se encontravam inseridas no tecido urbano nos anos de 1960. Somente na década seguinte é que são envolvidas pela mancha urbana. Porém, alguns cuidados devem ser tomados ao se afirmar sobre a relevância da indústria na conformação das áreas urbanas em determinados municípios do aglomerado.

No caso específico de Colombo, a expansão da mancha urbana posterior à década de 1960 deve-se muito mais a um processo de ocupação da área limítrofe à

Curitiba pela população de mais baixa renda, não tanto ligado ao que já existia ali, mas como meio de se manter próxima à capital e poder realizar deslocamentos frequentes para se trabalhar e estudar. Muitos dos loteamentos foram aprovados no final da década de 1960 e meados da de 1970²⁶. Essa área, denominada de Alto Maracanã, foi intensamente ocupada, repercutindo no crescimento superior ao do núcleo urbano original de Colombo.

Isso fica mais evidente quando se observa que as indústrias localizadas em Colombo, na área limítrofe de Curitiba, apresentavam em sua maioria menos de 20 pessoas ocupadas. Por motivos óbvios, dado o tamanho das unidades e o baixo grau de tecnologia envolvido no processo produtivo, tais indústrias não tinham o dinamismo necessário para alavancar a expansão urbana verificada na década seguinte.

Em situação diferente se encontravam as indústrias localizadas mais ao norte da área limítrofe à Curitiba, nesse município. Como essas porções não estavam tão diretamente expostas à influência da capital, as indústrias aí localizadas podem estar relacionadas à ocupação urbana, apesar da expansão não ter apresentado as mesmas proporções que a do Alto Maracanã.

No que se refere a Almirante Tamandaré, verificou-se que determinadas indústrias colaboraram com o início da ocupação urbana nas porções localizadas mais ao sul e ao norte do núcleo urbano original. Infere-se que a pequena expansão ocorrida se refere ao fato de que tais indústrias se caracterizavam como de pequeno porte, gerando fluxos de pouca intensidade.

É necessário destacar ainda a diferenciação produtiva existente entre as indústrias localizadas ao sul e ao norte do município. Embora isso fique claro no decorrer dos capítulos, consolidou-se próximo e ao norte do núcleo urbano original de Almirante Tamandaré a indústria pautada na produção de cal, pela oferta existente de matéria-prima. Como as condições naturais das áreas limítrofes à capital não subsidiaram o desenvolvimento desse tipo de indústria, observa-se que houve uma gradual disseminação de estabelecimentos que se caracterizam pelo que era produzido em Curitiba. Ou seja, tais áreas sofreram no decorrer do período analisado intensa influência de Curitiba, que ocasionou a expansão das indústrias e da mancha urbana, a partir desta cidade.

²⁶ Considerações realizadas com base na análise da evolução dos loteamentos aprovados na Região Metropolitana de Curitiba (COMEC, 2005b).

Já em Campina Grande do Sul, se identificou como colaboradora da expansão urbana, a atividade madeireira, embora em menor grau que a observada em São José dos Pinhais. Apesar de na localidade exibida na FIGURA 10 já existir um projeto de loteamento do final da década de 1950, a efetiva ocupação ocorreu após o final dos anos de 1960, portanto, depois da instalação da indústria. Tentando-se apurar a proeminência desse estabelecimento na expansão urbana, verificou-se que isto pode ter ocorrido mais pelo valor de suas vendas do que pela quantidade de pessoas empregadas, entre 10 e 20 funcionários. Assim, segundo IBGE (1968), essa indústria estava classificada no Grupo de Valor de Vendas (GVV) 6, ou seja, de 75 a 100 mil cruzeiros novos. Nesse mesmo grupo foram classificadas empresas com mais de 200 funcionários.

Além disso, constatou-se a ampliação da mancha urbana em outras porções do aglomerado, favorecidas pelo desenvolvimento da atividade industrial. Como pode ser visualizado na FIGURA 11, além das unidades produtivas ligadas ao gênero de minerais não-metálicos, foram importantes as da atividade madeireira, mobiliário e em menor proporção, bebidas.

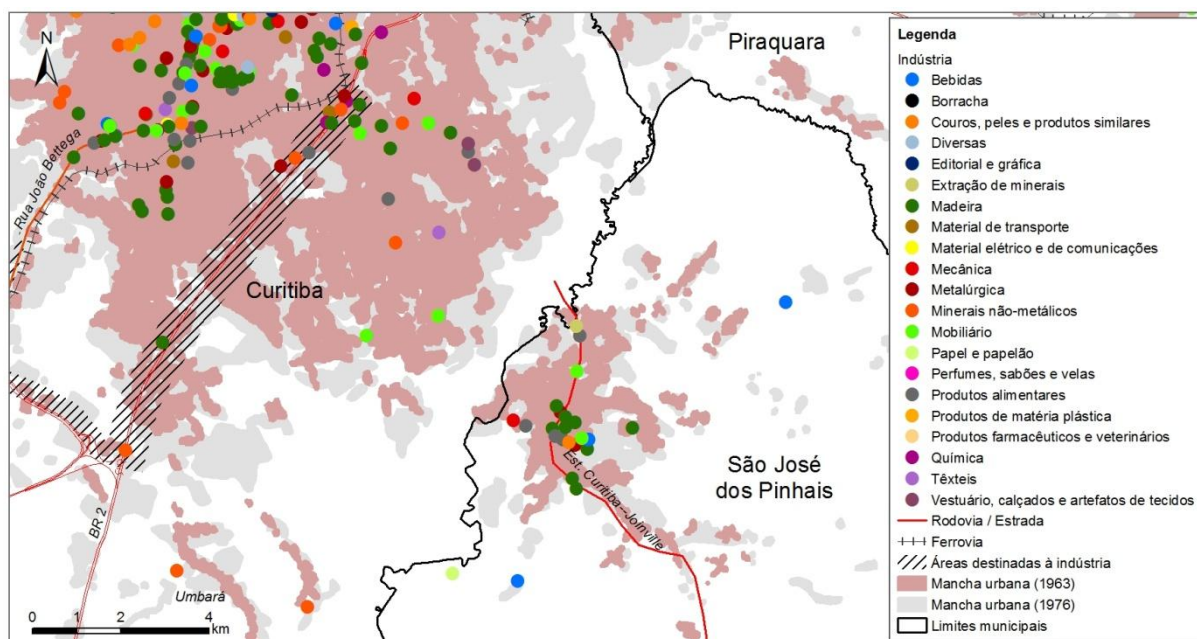


FIGURA 11 – CURITIBA E SÃO JOSÉ DOS PINHAIS: INDÚSTRIA E EXPANSÃO DA MANCHA URBANA NA PORÇÃO SUDESTE DO AGLOMERADO, 1965-1976

FONTE: Elaborado pela autora, com base em IBGE (1968) e PMC (1965); Base cartográfica: COMEC, 2004 e 2005a

Como citado no tópico sobre a expansão urbana decorrente das unidades produtivas existentes nos anos de 1950, na região sul de Curitiba iniciava-se nesse período o desenvolvimento das indústrias ligadas à produção de telhas e tijolos, especialmente na localidade de Umbará. Embora a maior parte das olarias fosse caracterizada como de pequeno porte, já na década seguinte, seu desenvolvimento ocorreu pela ampliação significativa no número de estabelecimentos, direcionando-se cada vez mais ao sul de Curitiba²⁷. Em 1965, dos 93 estabelecimentos ligados diretamente à produção de telhas e tijolos, 75 estavam localizados no Umbará (IBGE, 1968). Nesse sentido, a mancha urbana existente nessa localidade, indicada na FIGURA 11, pode ser relacionada diretamente a essa atividade industrial.

Ainda em Curitiba, a indústria madeireira continuou sendo um vetor importante de expansão industrial e urbana. Se na década anterior, destacava-se principalmente a Avenida República Argentina, nos anos de 1960, além dessa via, passa a se desenvolver um vetor no sentido sudoeste de Curitiba²⁸, representado sobretudo pela Rua João Bettega, antiga estrada de ligação entre a capital e o município de Araucária²⁹. Infere-se que nessas áreas a atividade madeireira teve todas as condições para se desenvolver, tendo ocasionado a inserção de gêneros correlatos, como o mobiliário, e contribuído na expansão do urbano. Ressalta-se que nesse vetor, considerado de expansão urbano-industrial, estavam localizadas indústrias de grande representatividade, seja pelo número de funcionários ou de valor de vendas.

A indústria madeireira também colaborou com a expansão da mancha urbana no município de São José dos Pinhais, processo que pode ser concebido como uma continuidade da década anterior. Apesar de se averiguar a existência de

²⁷ Como o mapeamento para o ano de 1965 considerou somente as indústrias com mais de cinco funcionários, as unidades menores não foram contempladas.

²⁸ Em junho de 1965 foi lançado o Plano Preliminar de Urbanismo (PPU) que procurava “[...] estabelecer e debater as premissas socio-econômicas e urbanísticas [...]”, através da proposta de medidas que orientassem a expansão urbana (PMC, 1965). Segundo essa publicação, a cidade de Curitiba apresentava um crescimento linear, nos sentidos nordeste-sudoeste, por isso, as zonas industriais deveriam acompanhar esse crescimento, ao longo da rodovia BR 2 (atual BR 116). A delimitação das zonas industriais propostas por esse Plano podem ser observadas no MAPA 4. Vale ressaltar que o PPU direcionou a ocupação urbana nas décadas seguintes.

²⁹ Confirmando a preponderância da atividade madeireira na Rua João Bettega, desenvolvida a partir da década de 1960, encontraram-se referências a essa área como “Vila da Madeira” (SECRETARIA DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO, 1977).

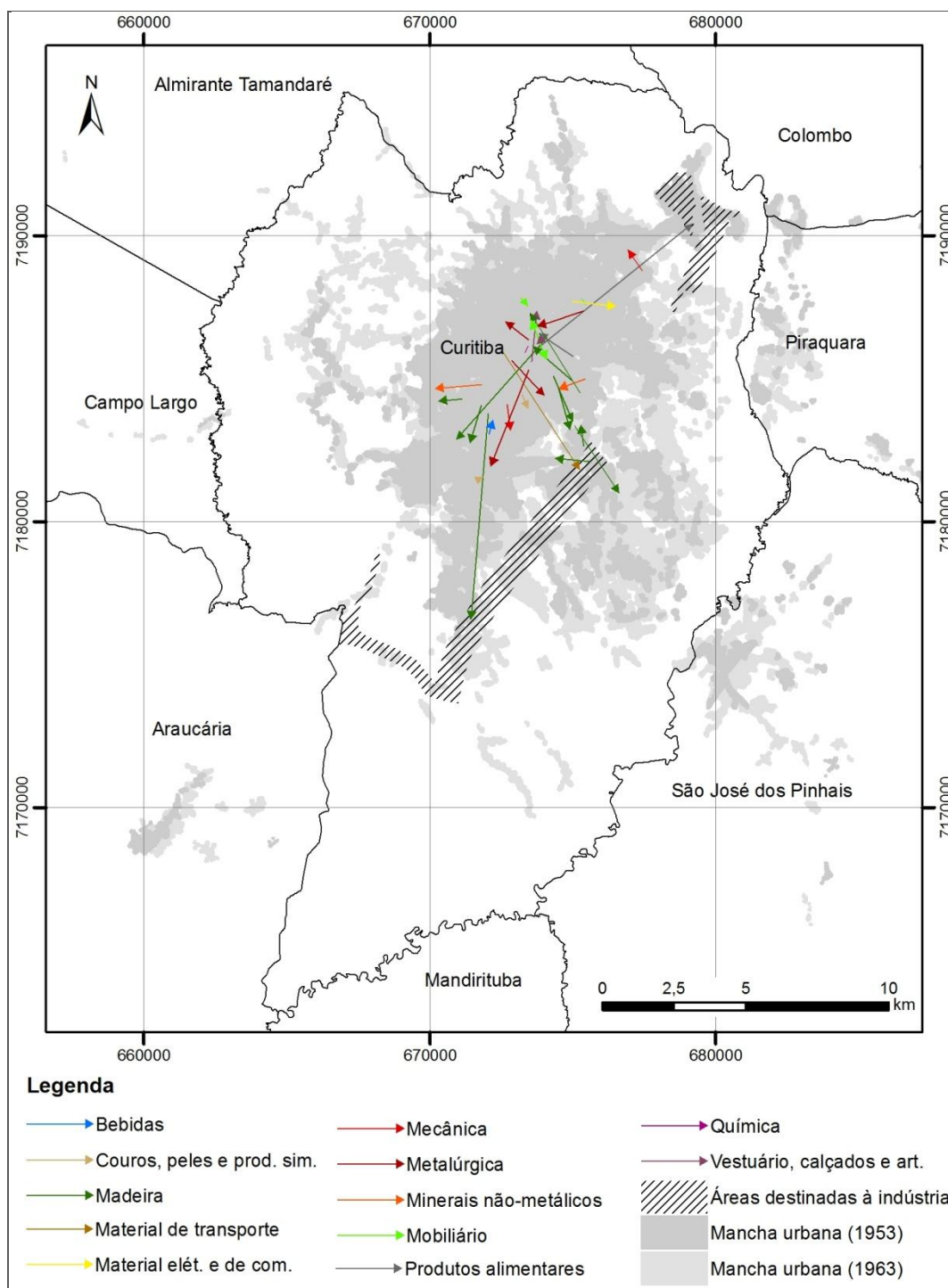
outros gêneros que podem ter propiciado a ocupação urbana, a madeireira continuou preponderante, principalmente pela quantidade de funcionários existentes.

Outro ponto que deve ser levado em consideração na tentativa de se entender o processo de expansão urbana a partir da atividade industrial é o das instalações industriais ocorridas a partir do deslocamento das unidades produtivas, que indica a dinamicidade e mudança de valor dos lugares. Para Santos (2009, p. 121), “as novas divisões do trabalho vão, sucessivamente, redistribuindo funções de toda ordem sobre o território, mudando as combinações que caracterizam cada lugar e exigindo um novo arranjo espacial”.

A busca por esse novo arranjo, aqui concebido na perspectiva da produção do espaço, tem levado no decorrer das décadas ao processo de realocização industrial, já perceptível entre os decênios de 1950 e 1960. O deslocamento das unidades produtivas nesse período pode ser visualizado no MAPA 5.

Embora as realocizações tenham ocorrido principalmente em direção às áreas também urbanizadas, atenta-se para o fato de se observar a instalação de algumas em zonas industriais, definidas por lei de zoneamento, e outras nos limites da mancha urbana. Em relação às últimas, entende-se que são justamente essas as que favorecem o processo de expansão, na medida em que ao serem instaladas em áreas até então não abrangidas pela extensão urbana, promovem o desenvolvimento de fluxos, relacionados ao deslocamento dos trabalhadores ou ao transporte de mercadorias, acarretando na complexificação do lugar. Tal constatação é validada ao se averiguar que as indústrias com os deslocamentos mais extensos foram aquelas que detinham os maiores valores de venda, no ano de 1965. Assim, o aumento da produção denotou necessidade de expansão, possível nas áreas mais periféricas.

Como a atividade industrial nesse período era pautada principalmente nos gêneros tradicionais, as quantidades mais representativas de deslocamentos foram as das unidades produtivas ligadas à madeira, seguidas de mobiliário. Além disso, como muitas eram de pequeno porte, com reduzido valor de vendas, as instalações ocorreram no espaço próximo, sem necessidade de busca de áreas mais amplas.



MAPA 5 – CURITIBA: RELOCALIZAÇÃO INDUSTRIAL INTRAURBANA, 1955-1965

FONTE: Elaborado pela autora a partir de IBGE (1955b, 1968) e PMC (1965); Base cartográfica: COMEC, 2004 e 2005a

Pelo exposto, verifica-se que o espaço industrial na década de 1960 ainda encontrava-se atrelado à indústria tradicional, com baixa inserção tecnológica. No entanto, existiam indústrias com grande volume de vendas e quantidade de pessoal

ocupado, o que requeria em alguns casos áreas mais amplas, muitas vezes disponíveis nas áreas mais periféricas ou ainda nem ocupadas. Tal foi o caso das indústrias ligadas à madeira, principalmente. Outra característica desse momento foi a existência do que se está chamando de vetores de expansão da indústria, tais como aqueles relativos às madeireiras e às de minerais não-metálicos, em Curitiba. Assim, o conjunto das estratégias, a busca por localizações mais rentáveis e os deslocamentos ocasionaram na configuração espacial da indústria e por consequência na expansão do urbano verificada no período.

São essas características que irão servir de base para a ampliação da ocupação do espaço pela indústria na década seguinte. Embora muitas das transformações espaciais que se seguiram foram decorrentes de ações governamentais, em todas as esferas, entende-se que as condições já existentes no aglomerado, que se acumularam no decorrer do tempo, propiciaram em muito os resultados obtidos posteriormente. Portanto, concorda-se plenamente com Santos (2004, p. 141) quando afirma que “a atual repartição territorial do trabalho repousa sobre as divisões territoriais do trabalho anteriores”. E que a divisão territorial do trabalho depende “[...] ela própria, das formas geográficas herdadas”.

4. A INSERÇÃO DA INDÚSTRIA DINÂMICA: DE 1971 A 1985

A década de 1970 representa o momento no qual a ação do Estado reforçou-se principalmente na periferia nacional, através de infraestrutura básica, promoção de investimentos diretos de suas estatais e implantação dos investimentos do II Plano Nacional de Desenvolvimento (PND), direcionado para a expansão da indústria de insumos básicos e de bens de capital (BRANDÃO, 2007).

Para Brandão (2007), as regiões produtivas periféricas foram amparadas por vários favores concedidos e incentivos fiscais e creditícios, pelos salários mais baixos vigentes em certas áreas no Brasil, pela disponibilidade de recursos naturais e pela melhoria na logística de escoamento da produção. Nesse período, o movimento de capitais favoreceu diversas regiões do país, dentre as quais se inseriram, além do Paraná, o interior de São Paulo, o estado de Minas Gerais, o Centro-Oeste, o sul da Bahia e sub-regiões do Norte, tal como a de Carajás.

Essa fase de grande crescimento da economia nacional encontrou no Paraná as condições internas propícias ao desenvolvimento da indústria, contrariamente à década anterior (IPARDES, 1981). Assim, segundo Leão (1989), a década de 1970 marca o momento de alteração no quadro econômico paranaense, quando a indústria cresce a taxas elevadas, deixando para trás a agricultura. Verifica-se a dominância da agroindústria ainda, porém, essa situação não reflete uma indústria subordinada à agricultura, mas ao contrário, uma indústria que domina a agricultura, ajustando seu ritmo de modernização e tornando-se um legítimo ramo industrial.

Ainda como características desse período podem ser citadas: o fortalecimento de um embrião metal-mecânico³⁰; o surgimento no Paraná da grande empresa moderna, com ampla escala de produção e uso de tecnologias modernas; e o avanço a uma nítida concentração espacial da indústria em Curitiba, decorrente das vantagens propiciadas pela criação da Cidade Industrial de Curitiba – CIC, em 1973 (LEÃO, 1989).

³⁰ O grupo metal-mecânico engloba os seguintes gêneros industriais: material de transporte, material elétrico e de comunicações, mecânica e metalúrgica.

A CIC representou uma ação conjunta entre município e estado³¹ que visou dotar uma ampla área com a infraestrutura necessária para o desenvolvimento da atividade industrial, como meio de atração de novos investimentos, notadamente do grande capital. Para a sua viabilização, uma extensa área de 43,7 milhões de metros quadrados (10% da extensão territorial de Curitiba), situada à oeste do município foi desapropriada e provida de infraestrutura (MAPA 6).

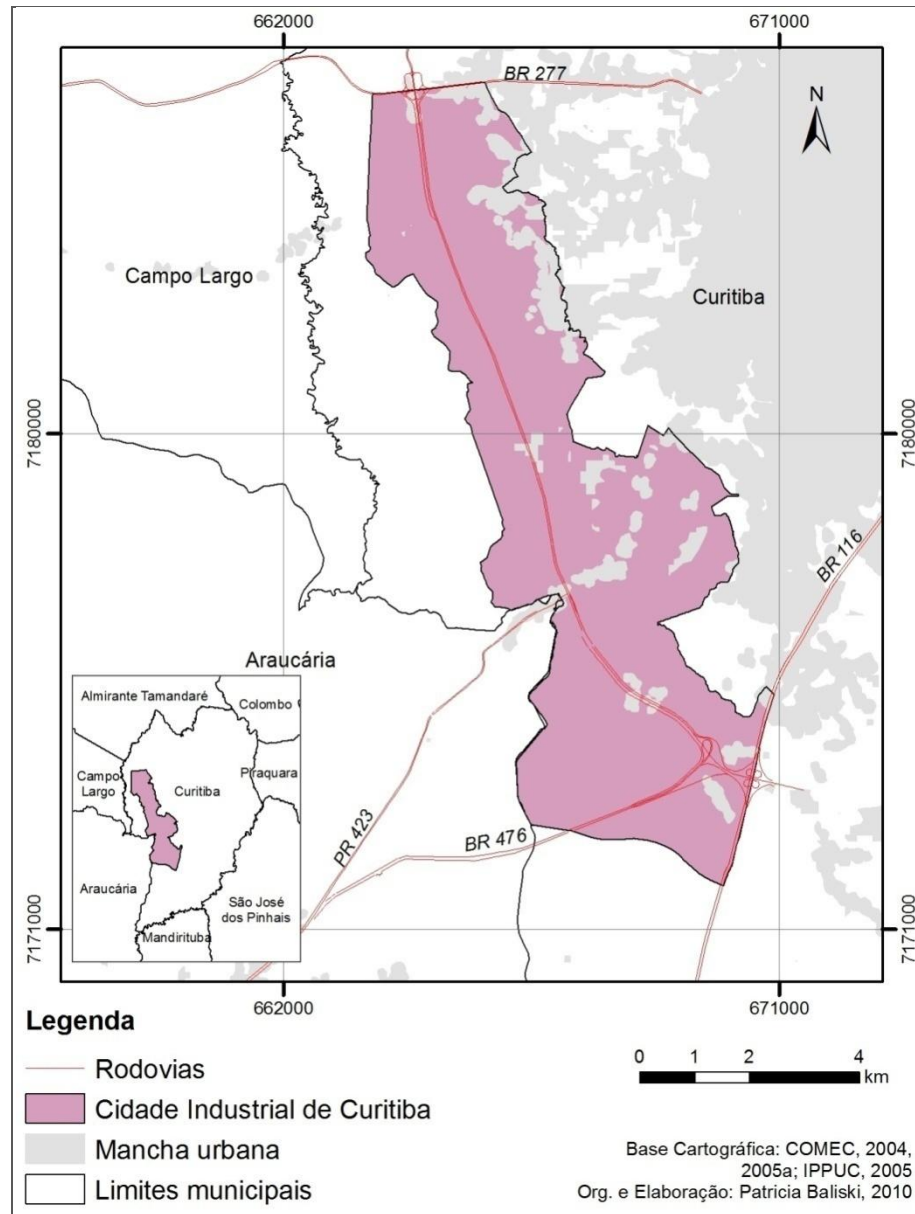
Entre os objetivos estipulados para a implantação da CIC, podem ser destacados: a promoção da modernização do parque industrial paranaense; o incentivo à relocação de indústrias visando eliminar os problemas ambientais; a promoção da implantação de indústrias voltadas ao mercado externo, sobretudo, aquelas ligadas ao beneficiamento de produtos do setor primário; e a implantação de um parque industrial complementar ao complexo petroquímico que se instalaria³² (URBS, s/d.a).

O projeto norteador e inovador era o uso compartilhado entre indústria, serviços, comércio e classe trabalhadora. Assim, em uma única área da cidade estaria tudo o que as empresas necessitassem, desde o fornecimento de insumos, até o trabalhador, bem como fácil acessibilidade. Como meio de divulgação da CIC foram criados documentos que tinham por objetivo mostrar todas as vantagens da área. Podem ser citados inclusive aqueles em língua alemã (*Industriezone der Stadt Curitiba*, URBS, s/d.b), que se subentende, realizavam o *marketing* para as indústrias europeias, com claros interesses no Brasil.

Segundo Bittencourt (2003), o investimento efetuado na construção da CIC foi entre US\$ 25 a US\$ 30 milhões, sendo que as maiores despesas foram relativas às desapropriações. Outros investimentos também foram realizados pelo governo do Paraná, principalmente no que se refere à infraestrutura. Desta forma, empresas como COPEL, SANEPAR e TELEPAR, atenderam a demanda de energia elétrica, saneamento e telecomunicações, respectivamente.

³¹ Através de financiamento obtido no BADEP. Segundo Magalhães Filho (2006), a CIC representou o maior caso de empreendimento público inadimplente no BADEP. Quando o acordo foi firmado o prefeito era nomeado pelo governador, portanto, a prefeitura de Curitiba era vista como órgão do governo estadual. Com a redemocratização, iniciaram-se os impasses e as discussões sobre quem deveria saldar as dívidas com o BADEP: o governo estadual ou municipal.

³² Os objetivos do documento demonstram que se acreditava que a cidade de Curitiba seria o destino dos investimentos relativos ao complexo petroquímico, cuja localização estava em estudo pelo governo federal. No entanto, de acordo com Magalhães Filho (2006), o empreendimento foi instalado no Rio Grande do Sul, ficando no Paraná, no município de Araucária, a instalação de uma refinaria.



MAPA 6 – CIDADE INDUSTRIAL DE CURITIBA, 1973

Além dos investimentos relativos à infraestrutura, necessários a implantação da CIC, existiram outros de ordem tributária e financeira, tais como: isenção de IPTU e ISS por um período de até dez anos; venda ou concessão real de uso de bens de imóveis; serviços de terraplenagem e de infraestrutura física; assessoria na elaboração dos estudos de viabilidade e dos projetos de engenharia, economia e finanças; participação acionária de até 30% do capital nominal da sociedade; e subvenção de até a quantia equivalente à cota de ICM devida ao município por até cinco anos (FIRKOWSKI, 2001).

Tal política resultou em uma série de novos investimentos atraídos para Curitiba, destacando-se dentre eles os de capital internacional, tais como a Siemens

(equipamentos e aparelhos de telecomunicações), New Holland (máquinas agrícolas), Philip Morris (cigarros), White Martins (gases industriais e medicinais), Furukawa Industrial (cabos e acessórios telefônicos), Robert Bosch (peças e equipamentos para diesel), Giben do Brasil (máquinas para corte de alta precisão), Bernard Krone do Brasil (reboques e semi-reboques rodoviários) e Volvo (produção de ônibus e caminhões) (FIRKOWSKI, 2001).

Para Magalhães Filho (2006), a inserção dessas empresas evidencia a crescente participação do grande capital, especialmente o estrangeiro, em investimentos de grande porte e capital intensivos, destinados não somente ao mercado local e nacional, mas também ao externo. No entanto, como fica evidente, a inserção do Paraná em mercados mais amplos e de produtos com maior valor agregado não ocorreu a partir da maturação de investimentos endógenos, mas pela implantação de empresas de capital estrangeiro. Tais empresas, dada a sua magnitude, puderam competir facilmente com as já existentes, firmando-se sem maiores dificuldades no mercado brasileiro. Ainda segundo Magalhães Filho (2006), os capitais locais pequenos e médios foram cada vez mais afetados pela presença do grande capital, e a ela tentaram resistir.

Além desses grandes empreendimentos, Firkowski (2001) destaca a quantidade expressiva de relocações de unidades previamente existentes em outras áreas da cidade, que decorrentes da mudança de zoneamento e necessidade de expansão da planta industrial, direcionaram-se para a CIC.

De acordo com Leão (1989), o sucesso obtido pela CIC é evidenciado pela multiplicação de cidades, centros e distritos industriais no interior do estado. A valorização foi tamanha que foram criadas pelo poder público estadual, diretrizes e orientações básicas para a implantação de zonas e distritos industriais para os municípios que visavam o desenvolvimento industrial e econômico³³ (CENDI, 1987).

A análise comparativa entre os dados dos Censos Industriais de 1970 e 1975 evidencia as transformações pelas quais o estado passava (TABELA 10). Pelo ponto de vista do que era produzido, as indústrias tradicionais, especialmente aquelas ligadas aos produtos alimentares, madeira e minerais não-metálicos ainda continuavam com a maior porcentagem de participação tanto no número de

³³ “A criação de áreas específicas ao uso industrial é uma das principais providências a serem tomadas pelos municípios que desejam o desenvolvimento industrial e econômico” (CENDI, 1987, p. 5).

estabelecimentos e pessoal ocupado, quanto no VTI. Porém, observa-se uma pequena queda de participação da indústria madeireira, que se explica segundo Oliveira (2001), pelo fato de que na década de 1970, a exploração da madeira nativa encontrava-se praticamente esgotada no Paraná. A partir de então, as indústrias desse setor passaram a trabalhar com madeiras oriundas de fora do estado ou de reservas florestais mantidas por elas.

No entanto, o que chama a atenção é o aumento de participação dos gêneros considerados dinâmicos, tais como metalúrgica, mecânica, material de transporte, material elétrico e de comunicações e produtos de matéria plástica e química.

Destaca-se não somente o aumento de participação desses gêneros no VTI estadual, mas também a quantidade de empregos gerados. Analisando-se o crescimento de pessoal ocupado para cada grupo industrial, verificam-se taxas acima de 100% para metalúrgica (113,48%), mecânica (189,77%) e material elétrico e de comunicações (248,72%). Material de transporte situou-se um pouco abaixo, com 98,26%.

Ora, se se considera o crescimento no número de estabelecimentos para esses gêneros constata-se que a ampliação foi menor, com as taxas mais elevadas apenas para metalúrgica (68,36%). Portanto, esses dados permitem inferir que a década de 1970 caracterizou-se tanto pela instalação de grandes unidades industriais, como as citadas anteriormente, quanto pela ampliação das existentes, ambas favorecidas pelos empréstimos concedidos pelo BADEP. De acordo com Magalhães Filho (2006, p. 55), a década de 1970 foi o período de apogeu desse banco, devido ao crescimento de disponibilidade de recursos, o que permitiu atender grande parte das demandas do setor privado. O crescimento obtido permitiu ao Paraná acompanhar “[...] a onda desenvolvimentista que caracterizou essa década no Brasil”.

TABELA 10 – PARANÁ: ESTABELECIMENTOS, PESSOAL OCUPADO E VALOR DE TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO GÊNEROS INDUSTRIAIS, 1970 E 1975

GÊNEROS INDUSTRIAIS	1970						1975					
	ESTAB.		PES. OCUPADO		VTI		ESTAB.		PES. OCUPADO		VTI	
	TOTAL	%	TOTAL	%	TOTAL ⁽¹⁾	%	TOTAL	%	TOTAL	%	TOTAL ⁽¹⁾	%
Extração de minerais	201	1,85	2370	2,07	21959	1,32	222	1,73	2267	1,31	89280	0,73
Minerais não-metálicos	1428	13,16	12474	10,91	119370	7,19	1758	13,72	19738	11,37	1000456	8,23
Metalúrgica	373	3,44	4371	3,82	53882	3,24	628	4,90	9331	5,38	456851	3,76
Mecânica	280	2,58	3518	3,08	54546	3,28	415	3,24	10194	5,87	661620	5,44
Material elétrico e de comunicações	107	0,99	862	0,75	8935	0,54	88	0,69	3006	1,73	155282	1,28
Material de transporte	283	2,61	2533	2,22	29287	1,76	362	2,83	5022	2,89	254380	2,09
Madeira	2307	21,25	37325	32,64	373805	22,51	2678	20,90	50068	28,85	2516604	20,70
Mobiliário	823	7,58	7278	6,37	64670	3,89	868	6,77	11098	6,40	432237	3,56
Papel e papelão	85	0,78	5222	4,57	86330	5,20	113	0,88	5341	3,08	606220	4,99
Borracha	67	0,62	681	0,60	12947	0,78	90	0,70	1143	0,66	79632	0,66
Couros, peles e produtos similares	86	0,79	1192	1,04	13918	0,84	59	0,46	1180	0,68	47657	0,39
Química	98	0,90	4063	3,55	128322	7,73	164	1,28	6364	3,67	1300528	10,70
Produtos farmacêuticos e veterinários	6	0,06	(x)	(x)	(x)	(x)	12	0,09	(x)	(x)	(x)	(x)
Perfumes, sabões e velas	31	0,29	208	0,18	5359	0,32	30	0,23	266	0,15	22687	0,19
Produtos de matéria plástica	36	0,33	(x)	(x)	(x)	(x)	58	0,45	2883	1,66	186193	1,53
Têxteis	151	1,39	4351	3,81	140471	8,46	161	1,26	5911	3,41	540688	4,45
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	186	1,71	1459	1,28	8585	0,52	252	1,97	3355	1,93	97484	0,80
Produtos alimentares	3677	33,87	17490	15,30	393128	23,67	4120	32,16	26176	15,08	3177081	26,13
Bebidas	190	1,75	2302	2,01	49510	2,98	121	0,94	2759	1,59	198396	1,63
Fumo	2	0,02	(x)	(x)	(x)	(x)	2	0,02	(x)	(x)	(x)	(x)
Editorial e gráfica	303	2,79	3795	3,32	52184	3,14	428	3,34	5401	3,11	251305	2,07
Diversas	135	1,24	1342	1,17	13627	0,82	183	1,43	2031	1,17	82196	0,68
Total do Estado	10855	100	114344	100	1660952	100	12812	100	173534	100	12156777	100

FONTE: Censos Industriais 1970, 1975 (IBGE, 1973, 1979)

(x) Resultado omitido na publicação a fim de evitar a identificação do informante

⁽¹⁾ Em Cr\$ 1.000,00

Além disso, as ações do BADEP fizeram desaparecer a década de atraso do Paraná registrada por Padis (1981), em relação ao Brasil e tornaram possível

[...] absorver a perda de importância relativa da economia cafeeira e, simultaneamente, criar um parque industrial capaz de exportar, para os mercados nacional e internacional, bens como ônibus e colheitadeiras, por exemplo (MAGALHÃES FILHO, 2006, p. 211).

Assim, verifica-se que o projeto de industrialização do Paraná, iniciado nos anos de 1960, tornou-se um dos maiores objetivos do governo estadual em conjunto com as municipalidades. Para Oliveira (2001, p. 46), essa fase foi marcada pela “Ideologia Desenvolvimentista”, na qual se destaca a noção de que “[...] o Estado deveria ser o agente indutor do crescimento industrial, quanto a idéia de que a efetiva independência econômica requeria a industrialização”.

Portanto, concorda-se com Singer (1987, p. 34), que demonstra que a industrialização está longe de ser um processo espontâneo, promovido unicamente pelo espírito de iniciativa de empresários inovadores. “Ela só se torna possível mediante arranjos institucionais que permitem, de um lado, acelerar a acumulação do capital e, do outro, encaminhar o excedente acumulável às empresas, que incorporam os novos métodos industriais de produção”.

Nesse sentido, destaca-se que a intervenção estatal apresentou resultados, seja na atração de grandes investimentos externos, seja na concentração das localizações industriais em Curitiba (FIRKOWSKI, 2001).

Algumas transformações podem ser visualizadas na FIGURA 12. A primeira delas se refere à repercussão espacial decorrente dos investimentos realizados pelo BADEP. Observa-se um crescimento de participação de certos municípios, principalmente daqueles localizados nas regiões que mais receberam financiamentos desse banco, quais sejam Curitiba e Londrina.

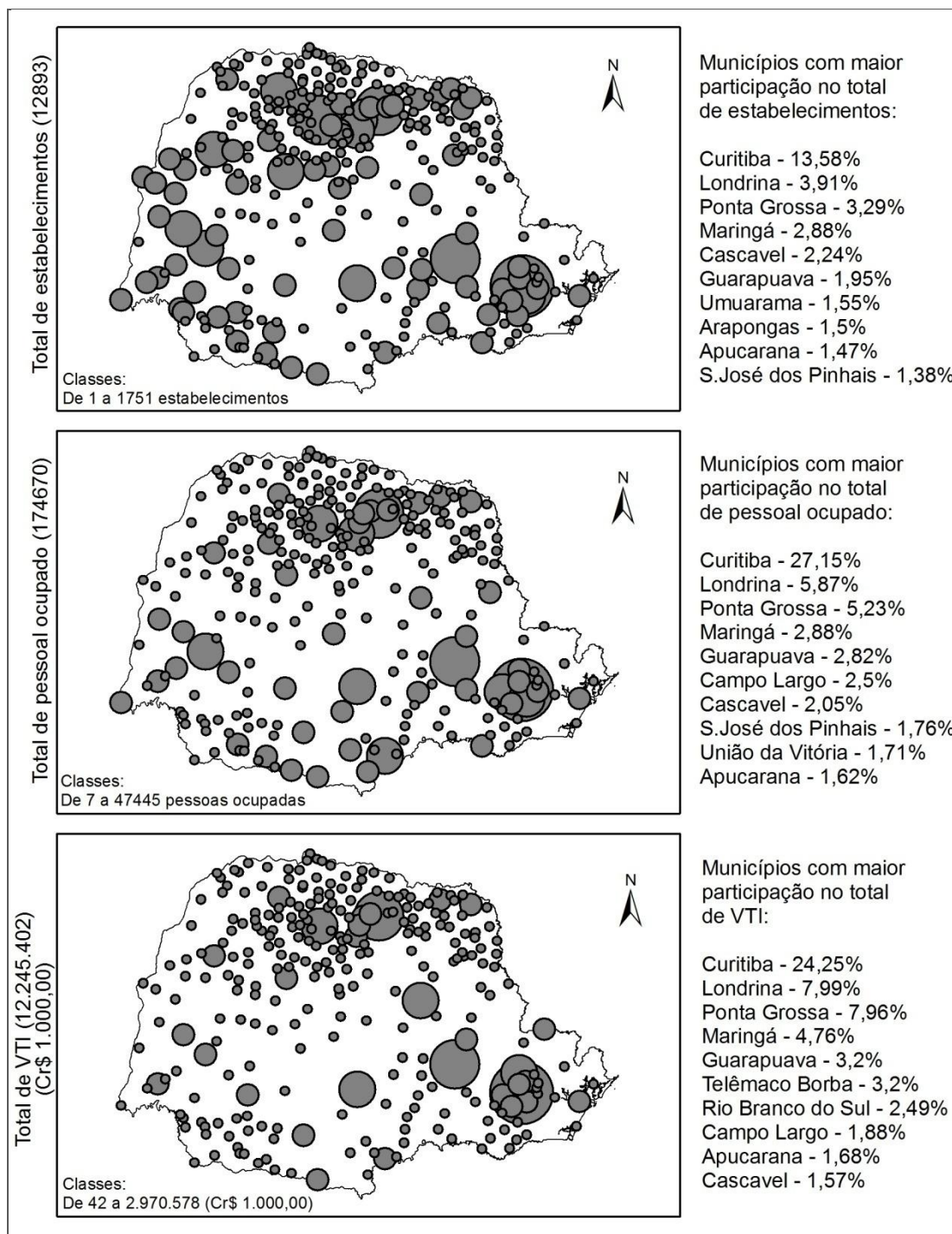


FIGURA 12 – PARANÁ: MUNICÍPIOS SEGUNDO O TOTAL E A PARTICIPAÇÃO EM ESTABELECIMENTOS, PESSOAL OCUPADO E VTI, 1975

FONTE: Elaborado pela autora com base no Censo Industrial 1975 (IBGE, 1979)

Destaca-se também que a participação no total dos estabelecimentos não se mostra tão concentradora quanto em pessoal ocupado e VTI. Ou seja, enquanto os dez municípios com maior participação em estabelecimentos detêm 33,74% do total,

esse percentual aumenta para 53,6% e 58,97% para pessoal ocupado e VTI, respectivamente. Assim, apesar de haver certa proliferação de unidades produtivas pelo estado, as com produção de maior valor agregado estavam localizadas em poucos pontos do Paraná, como pode se perceber pelo aumento de participação no VTI estadual de Curitiba, Londrina e Ponta Grossa.

Concernente aos municípios localizados na área que atualmente conforma o aglomerado metropolitano de Curitiba, além da preponderância da capital paranaense, observa-se um incremento na participação de São José dos Pinhais e Campo Largo. O primeiro em função das indústrias de beneficiamento de minerais não-metálicos e atividades madeireiras; e o segundo pela existência de grandes indústrias³⁴ ligadas ao gênero de minerais não-metálicos (objetos de porcelana em geral).

Outra particularidade desse período foi a instalação da Refinaria Getúlio Vargas, em 1972, em Araucária, na área em que posteriormente foi criado o Centro Industrial de Araucária – CIAR, contíguo à CIC. De acordo com Lourenço (2003), a obtenção da instalação dessa unidade foi decorrente de fortes pressões exercidas pelos políticos paranaenses sobre o governo federal. Para Magalhães Filho (2006), a implantação dessa refinaria foi, isoladamente, o maior investimento, em um momento em que o Paraná atravessava uma fase de rápida expansão industrial.

As informações do Censo Industrial de 1980 evidenciam esse investimento. Pelos dados expressos na TABELA 11, é possível constatar o aumento significativo que o gênero química obteve na participação do VTI estadual, após a inserção da refinaria.

Em relação à participação no total de estabelecimentos e pessoal ocupado, o período entre os anos de 1975 a 1980, também apresentou crescimento em outros gêneros dinâmicos, sobretudo em metalúrgica, mecânica, material elétrico e de comunicações e material de transporte.

No entanto, ressalta-se que apesar desse crescimento os gêneros de produtos alimentares, madeira e minerais não-metálicos continuaram com participação elevada no total de estabelecimentos e quanto ao pessoal ocupado.

³⁴ Por exemplo, as indústrias Lorenzetti Porcelana Industrial S.A. e Indústria Cerâmica Paraná S.A., que no ano de 1977 empregavam juntas mais de 1800 funcionários (SECRETARIA DA INDÚSTRIA E DO COMÉRCIO/PR, 1977).

TABELA 11 – PARANÁ: ESTABELECIMENTOS, PESSOAL OCUPADO E VALOR DE TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL, POR GÊNERO, 1980

GÊNEROS INDUSTRIAIS	ESTABELECIMENTOS		PESSOAL OCUPADO		VTI	
	TOTAL	%	TOTAL	%	TOTAL ⁽¹⁾	%
Extração de minerais	280	2,00	3195	1,37	1309194	0,77
Minerais não-metálicos	2144	15,31	25504	10,97	13304009	7,81
Metalúrgica	922	6,58	11870	5,10	5531192	3,25
Mecânica	669	4,78	17709	7,62	7700247	4,52
Material elétrico e de comunicações	138	0,99	5610	2,41	6126152	3,60
Material de transporte	398	2,84	8668	3,73	3622119	2,13
Madeira	2417	17,26	55701	23,95	25963237	15,24
Mobiliário	1066	7,61	17006	7,31	6443179	3,78
Papel e papelão	131	0,94	8239	3,54	10329936	6,06
Borracha	104	0,74	1629	0,70	823688	0,48
Couros, peles e produtos similares	69	0,49	2045	0,88	688314	0,40
Química	189	1,35	8813	3,79	41898678	24,59
Produtos farmacêuticos e veterinários	12	0,09	284	0,12	256518	0,15
Perfumes, sabões e velas	40	0,29	371	0,16	363171	0,21
Produtos de matéria plástica	95	0,68	4114	1,77	2411633	1,42
Têxteis	199	1,42	7187	3,09	7549239	4,43
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	427	3,05	7619	3,28	2062490	1,21
Produtos alimentares	3784	27,02	34023	14,63	27831555	16,34
Bebidas	107	0,76	2727	1,17	1729800	1,02
Fumo	8	0,06	715	0,31	804593	0,47
Editorial e gráfica	580	4,14	6408	2,76	2232231	1,31
Diversas	226	1,61	3113	1,34	1392898	0,82
Total do Estado	14005	100	232550	100	170374073	100

FONTE: Censo Industrial 1980 (IBGE, 1984)

⁽¹⁾ Em Cr\$ 1.000,00

IPARDES (1981) demonstra que além de uma gradual transformação na estrutura produtiva do estado, que se manifestou na inserção de gêneros dinâmicos, esse período também se caracterizou pela localização diferenciada e concentrada da atividade industrial. Assim, houve uma tendência de concentração espacial da indústria mais dinâmica em Curitiba, com destaque para a metal-mecânica e de capital externo; enquanto que as cidades do interior permaneceram baseando suas atividades nos gêneros tradicionais, com predomínio de capital paranaense.

A inserção de grandes indústrias ligadas aos gêneros dinâmicos, com alto valor agregado acarretou na concentração da produção industrial em número reduzido de empresas (IPARDES, 1981), que por consequência, como já assinalado, concentrou-se geograficamente. Isso pode ser visualizado na FIGURA

13. Enquanto há uma proliferação de estabelecimentos industriais pelo Paraná, pessoal ocupado e principalmente VTI, apresentam os maiores percentuais em poucos pontos do estado.

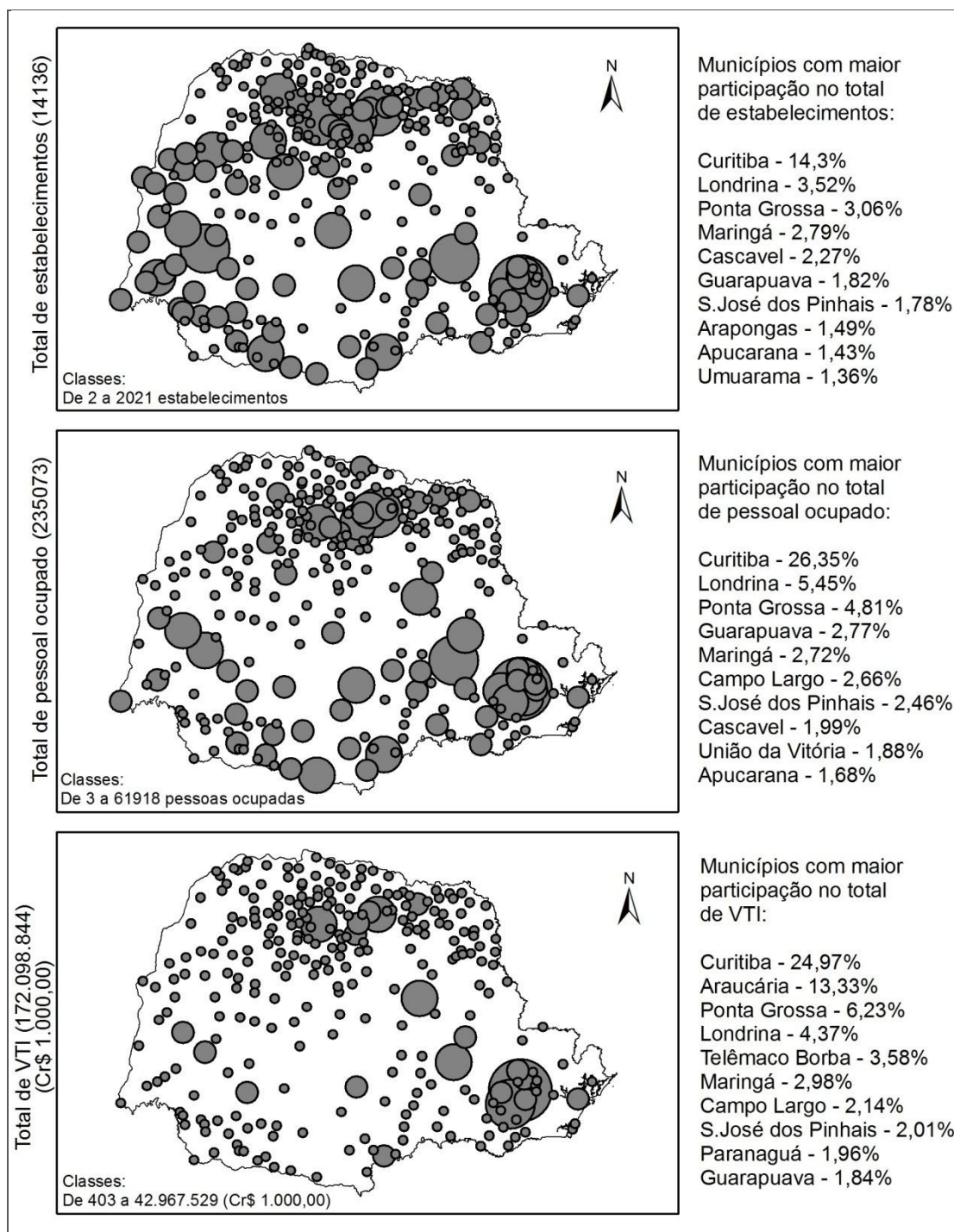


FIGURA 13 – PARANÁ: MUNICÍPIOS SEGUNDO O TOTAL E A PARTICIPAÇÃO EM ESTABELECIMENTOS, PESSOAL OCUPADO E VTI, 1980

FONTE: Elaborado pela autora com base no Censo Industrial 1980 (IBGE, 1984)

Dessa forma, os dez municípios com maior participação no VTI concentraram 63,38% do total estadual. Desse total, 42,44% se referia aos municípios pertencentes ao aglomerado, com evidente destaque para Curitiba e Araucária.

Nesse sentido, a conjuntura específica da década de 1970 repercutiu não somente no aumento da concentração industrial em Curitiba, mas também na maior participação de outros municípios do aglomerado, tais como Araucária, Campo Largo e São José dos Pinhais. Sobre os dois últimos, salienta-se que ambos já em décadas anteriores apresentavam participação, principalmente no que se refere à quantidade de estabelecimentos e pessoal ocupado. No entanto, essa década consolidou as bases que permitiram o desenvolvimento da atividade industrial com maior valor agregado ou de maior escala, para além dos limites de Curitiba.

Contrariamente à década de 1970, os anos de 1980 caracterizaram-se pela diminuição do crescimento. A economia do Paraná acompanhou o baixo crescimento do Brasil nessa década, salvando-se pontualmente em face da maturação de alguns investimentos em ramos modernos e da continuidade da diversificação dos segmentos tradicionais, sobretudo os do agronegócio (LOURENÇO, 2003; BITTENCOURT, 2003).

4.1. EXPANSÃO E REPERCUSSÃO DAS GRANDES INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS NO AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: DÉCADAS DE 1970 E 1980

O conjunto de fatores existentes na década de 1970 favoreceu o desenvolvimento industrial no estado do Paraná. Os efeitos decorrentes dos investimentos, financiamentos e inserção de indústrias de capital estrangeiro puderam ser observados nos totais para cada município do aglomerado, embora a participação de cada um tenha ocorrido de forma diversa e com graus de intensidade diferentes.

Os dados representados nas TABELAS 12 e 13 demonstram a quantidade de estabelecimentos, pessoal ocupado e VTI para cada município do aglomerado, bem como a participação de cada um no total do estado para os anos de 1975 e 1980, respectivamente.

TABELA 12 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: QUANTIDADE E PARTICIPAÇÃO EM ESTABELECIMENTOS, PESSOAL OCUPADO E VTI, 1975

MUNICÍPIO	ESTABELECIMENTOS		PESSOAL OCUPADO		VTI	
	Total	% ⁽¹⁾	Total	% ⁽¹⁾	Total ⁽²⁾	% ⁽¹⁾
Almirante Tamandaré	67	0,52	1368	0,78	67883	0,55
Araucária	54	0,42	927	0,53	85232	0,70
Campina Grande do Sul	14	0,11	151	0,09	4350	0,04
Campo Largo	99	0,77	4376	2,50	229833	1,88
Campo Magro	-	-	-	-	-	-
Colombo	99	0,77	1913	1,09	96624	0,79
Curitiba	1751	13,58	47445	27,15	2970578	24,25
Fazenda Rio Grande	-	-	-	-	-	-
Pinhais	-	-	-	-	-	-
Piraquara	47	0,36	865	0,49	58332	0,48
Quatro Barras	28	0,22	318	0,18	6693	0,05
São José dos Pinhais	178	1,38	3080	1,76	147090	1,20

FONTE: Censo Industrial 1975 (IBGE, 1979)

⁽¹⁾ Em relação ao total do estado⁽²⁾ Em Cr\$ 1.000,00

(-) Município criado após o período

TABELA 13 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: QUANTIDADE E PARTICIPAÇÃO EM ESTABELECIMENTOS, PESSOAL OCUPADO E VTI, 1980

MUNICÍPIO	ESTABELECIMENTOS		PESSOAL OCUPADO		VTI	
	Total	% ⁽¹⁾	Total	% ⁽¹⁾	Total ⁽²⁾	% ⁽¹⁾
Almirante Tamandaré	83	0,59	1167	0,50	483034	0,28
Araucária	85	0,60	3021	1,29	22932630	13,33
Campina Grande do Sul	19	0,13	255	0,11	131749	0,08
Campo Largo	111	0,79	6256	2,66	3682242	2,14
Campo Magro	-	-	-	-	-	-
Colombo	141	1,00	3133	1,33	2204514	1,28
Curitiba	2021	14,30	61918	26,35	42967529	24,97
Fazenda Rio Grande	-	-	-	-	-	-
Pinhais	-	-	-	-	-	-
Piraquara	97	0,69	1818	0,77	985233	0,57
Quatro Barras	26	0,18	951	0,40	1015474	0,59
São José dos Pinhais	252	1,78	5792	2,46	3457819	2,01

FONTE: Censo Industrial 1980 (IBGE, 1984)

⁽¹⁾ Em relação ao total do estado⁽²⁾ Em Cr\$ 1.000,00

(-) Município criado após o período

Como já citado no tópico anterior, a inserção da refinaria e das grandes empresas culminou na acentuação da concentração espacial da indústria no aglomerado, refletida principalmente nos percentuais elevados de participação de Curitiba e Araucária no VTI estadual. Porém, se se considera que parte dos empréstimos concedidos pelo BADEP também tenham se destinado a instalações

industriais para outras porções do aglomerado, explica-se em parte o aumento de participação em praticamente todas as variáveis utilizadas também nos outros municípios, no período entre 1975 e 1980.

Além da transformação do perfil produtivo, a década de 1970 representou também o momento de inflexão no crescimento da população urbana no Paraná. Se em 1970, a população urbana paranaense representava um pouco mais de 36%, em 1980 esse percentual aumentou para 58,61%. No aglomerado, a urbanização foi ainda mais acentuada no período, pois se em 1970, a taxa era 84,77%, em 1980, chegou a 94,74%.

O percentual já elevado na década de 1970 era devido sobretudo a Curitiba, que detinha 90,44% da população urbana do aglomerado. Com o crescimento da população urbana nos demais municípios, Curitiba, em 1980, diminui sua participação para 79,05% do total. Nesse sentido, o período entre as décadas de 1970 e 1980 representou o momento no qual o crescimento populacional nas cidades ocorreu em função não somente de Curitiba, mas do conjunto do aglomerado. Isso pode ser constatado ao se analisar os dados contidos na TABELA 14, referente aos Censos Demográficos de 1970 e 1980.

TABELA 14 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: POPULAÇÃO TOTAL, URBANA E TAXA DE URBANIZAÇÃO, 1970-1980

MUNICÍPIO	1970			1980		
	POP. TOTAL	POP. URBANA	TAXA URB.(%)	POP. TOTAL	POP. URBANA	TAXA URB.(%)
Alm. Tamarandé	15299	4264	27,87	34157	27054	79,20
Araucária	17117	5353	31,27	34789	27131	77,99
Camp. Gde.do Sul	7891	319	4,04	9800	3787	38,64
Campo Largo	34405	15961	46,39	54834	37366	68,14
Campo Magro	-	-	-	-	-	-
Colombo	19258	1091	5,67	62882	54955	87,39
Curitiba	609026	584598	95,99	1024980	1024980	100,00
Faz. Rio Grande	-	-	-	-	-	-
Pinhais	-	-	-	-	-	-
Piraquara	21253	12155	57,19	70641	60954	86,29
Quatro Barras	4066	1102	27,10	5717	3499	61,20
S.José dos Pinhais	34124	21529	63,09	70643	56814	80,42

FONTE: IPEADATA (2011), com base nos Censos Demográficos de 1970 e 1980

(-) Município criado após o período

Em estudo sobre os aspectos demográficos da RMC, Ultramar e Moura (1994) demonstraram que o processo de ocupação do espaço metropolitano, nesse

período, decorreu de dois fatores principais. O primeiro estava relacionado à existência de atividades produtivas e geradoras de empregos em municípios tais como Araucária e São José dos Pinhais. E o segundo, ligava-se ao preço da terra e as restrições impostas pelo planejamento de Curitiba, favorecendo o direcionamento da ocupação para as áreas contíguas à capital.

A ocupação vai se traduzir no crescimento expressivo das taxas de urbanização em todos os municípios do aglomerado. Como pode ser observado, em 1970, apenas Curitiba, São José dos Pinhais e Piraquara apresentavam população urbana superior a 50% do total do município. Em 1980, essa realidade transformase, ficando apenas Campina Grande do Sul, com taxa de urbanização inferior a 50%. A grande maioria dos demais municípios detinha mais de 70% de sua população vivendo em áreas urbanas.

Entende-se que tais transformações refletiram a consolidação das relações capitalistas em todos os âmbitos. Portanto, concebe-se que a indústria foi diretamente responsável pelas altas taxas de urbanização verificadas. Primeiramente, ressalta-se que a década de 1970 foi o momento de maior atuação das políticas do projeto paranaense de desenvolvimento, principalmente porque não se restringiu apenas à concessão de empréstimos para pequenas empresas de capital local/regional, mas sobretudo à grande indústria de capital estrangeiro. Os percentuais de participação dos gêneros ligados a tais empresas evidenciam isso. Além disso, essa década representou também a desconcentração da atividade industrial em escala nacional, motivada pela inserção de empresas estatais.

Em segundo lugar, a indústria favoreceu o aumento da população urbana também por passar a influenciar outros setores de produção, como o agropecuário, por exemplo. Nesse momento, essas atividades se subordinam à indústria, principalmente no direcionamento dado ao que deveria ser produzido. Ora, essa sujeição não se limitou à produção e se estendeu para outros âmbitos, como a forma de produzir. A partir do momento que a indústria se inseriu no campo, através da mecanização, alterou radicalmente as relações existentes. Uma grande massa de trabalhadores foi dispensada e a indústria, localizada na cidade, contraditoriamente surgiu como a atividade redentora, a qual geraria empregos e possibilitaria uma condição de vida melhor.

Não entrando no mérito da discussão referente à precariedade que a população emigrante ficou sujeita e a formação de grandes áreas urbanas carentes

da infraestrutura mais básica, constata-se que o desenvolvimento da atividade industrial promoveu uma ampla e rápida urbanização do Paraná. Algumas áreas do estado sofreram de forma mais acentuada essa ação, seja por fomentarem diretamente o desenvolvimento industrial, seja por estarem próximas daquelas cidades de influência regional.

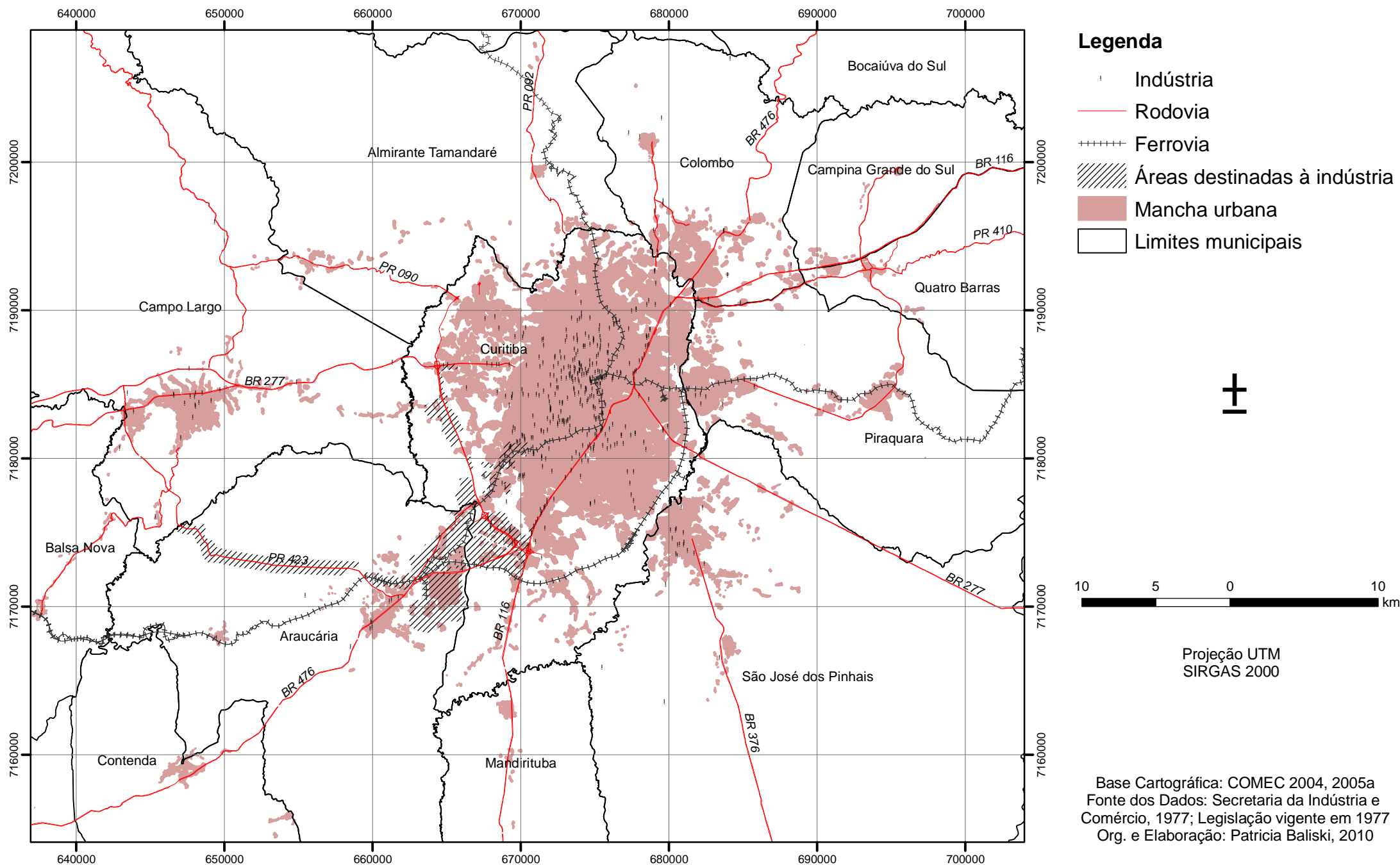
É dessa forma que a ocupação de Curitiba transcendeu seus limites territoriais, “[...] extravasando-se por sobre seus municípios vizinhos, passando a constituir uma única cidade” (MOURA, 2004, p. 41).

Isso fica evidente quando se comparam os MAPAS 7 e 4³⁵. A observação permite constatar o espraiamento da mancha urbana de Curitiba sobre os municípios limítrofes, principalmente Piraquara e Colombo.

No entanto, como já salientado anteriormente, o crescimento das áreas urbanas desses municípios ocorreu mais pelo uso da terra para moradia do que propriamente pela inserção de atividades industriais.

Assim, a indústria vai contribuir com a expansão urbana em determinadas porções do aglomerado, em algumas que já vinham apresentando esse processo nas décadas anteriores e naquelas onde o poder público interferiu diretamente, tais como na criação da CIC e do CIAR, respectivamente em Curitiba e Araucária.

³⁵ Demonstrado anteriormente no subitem 3.3.1.



MAPA 7 - AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: LOCALIZAÇÃO DAS INDÚSTRIAS, EM 1977

Em relação às primeiras, como se tratou de um processo já em curso, continuaram sendo as indústrias ligadas aos gêneros tradicionais as que colaboraram com a expansão do urbano. Nos municípios de Almirante Tamandaré e Colombo, especialmente nas áreas localizadas ao norte das sedes, constatou-se a expansão urbana favorecida pelo desenvolvimento das indústrias ligadas à produção de cal, beneficiadas pelas condições geológicas existentes (FIGURA 14).

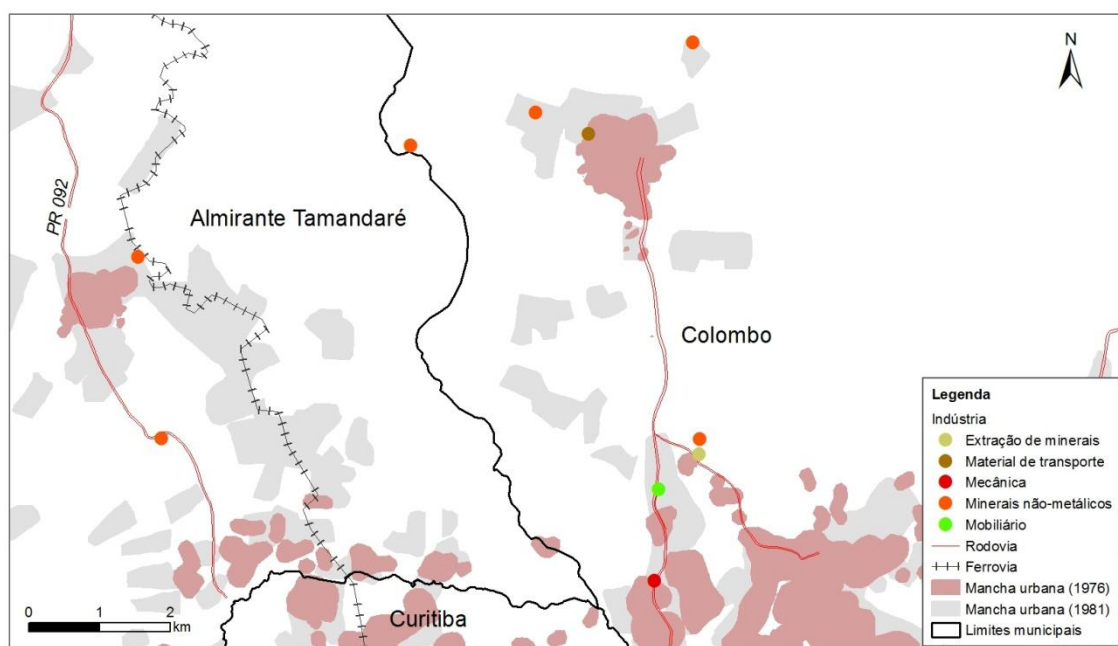


FIGURA 14 – ALMIRANTE TAMANDARÉ E COLOMBO: INDÚSTRIA E EXPANSÃO DA MANCHA URBANA, 1976-1981

FONTE: Elaborado pela autora, com base em Secretaria da Indústria e do Comércio/PR (1977); Base cartográfica: COMEC, 2004, 2005a

Embora a indústria de cal fosse a mais importante para a expansão urbana nas porções norte desses dois municípios, ressalta-se que devido às características da produção, o seu desenvolvimento não favoreceu a ocupação ampliada. Ou seja, no processo produtivo da cal há grande emissão de particulados, não beneficiando a existência de moradias muito próximas à indústria. Assim, infere-se que a expansão se deu mais em função da inserção de outras indústrias ou atividades correlatas do que pela criação de loteamentos induzidos pelo desenvolvimento industrial. Constatou-se, inclusive, que foram poucos os loteamentos criados nessas áreas, os quais apresentavam extensão inferior à área ocupada pela mancha urbana.

Na FIGURA 14 ainda pode ser observada em Colombo, a existência de uma indústria ligada à produção de móveis e a ocupação urbana posterior. Porém, nesse caso, acredita-se que a ocupação foi decorrente mais da expansão da mancha urbana a partir de Curitiba, do que pelas sinergias criadas por essa unidade produtiva, embora a mesma apresentasse quantidade significativa de funcionários, 159 pessoas empregadas.

Outras porções do aglomerado que podem ter denotado crescimento urbano a partir do desenvolvimento da indústria tradicional estavam localizadas ao sul e ao norte da localidade de Itaqui, em Campo Largo (FIGURA 15).

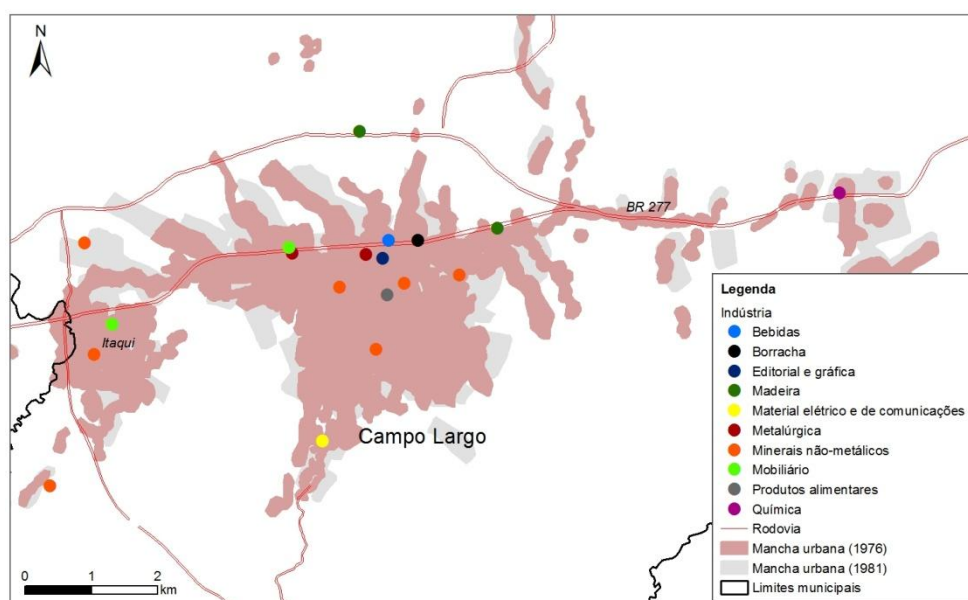


FIGURA 15 – CAMPO LARGO: INDÚSTRIA E EXPANSÃO DA MANCHA URBANA, 1977-1981

FONTE: Elaborado pela autora, com base em Secretaria da Indústria e do Comércio/PR (1977); Base cartográfica: COMEC, 2004, 2005a

Entende-se que a expansão verificada nessas áreas, favorecida pela indústria de minerais não-metálicos, se deu mais em função das grandes plantas industriais instaladas nas décadas anteriores, do que pela ação direta daquelas que foram abarcadas pela mancha urbana no período 1976-1981. Embora não se possa descartar a influência exercida por essas unidades, acredita-se que o seu porte não favorecia fluxos tão intensos que acarretassem a ocupação urbana verificada. Em situação contrária encontravam-se empresas tais como a Porcelana Schmidt S/A, que devido à quantidade de funcionários e ao volume de produção e

comercialização colaborava com a expansão do urbano, mesmo em áreas não adjacentes.

Já em São José dos Pinhais a indústria madeireira começou a perder importância em detrimento de outros gêneros, nesse período. A partir da comparação entre os dados dos Censos Industriais de 1975 e 1980, houve aumento significativo na quantidade de estabelecimentos ligados aos gêneros de metalúrgica, mecânica, material de transporte, minerais não-metálicos, mobiliário e produtos de matéria plástica.

Apesar da diversificação produtiva, várias dessas indústrias não se relacionaram ao processo de crescimento urbano do período, pois estavam inseridas em áreas de ocupação consolidada. No caso daquelas que se localizaram nos limites da mancha urbana, entende-se que a expansão posterior foi em consequência da dinâmica de ocupação da terra já em curso.

Entretanto, na localidade de Miringuava, em São José dos Pinhais, verificou-se um caso em que a indústria colaborou com o crescimento urbano. Na FIGURA 16 está representada a porção na qual houve uma grande ampliação da área urbana em Miringuava após a inserção de uma indústria ligada à produção têxtil, no final da década de 1960³⁶. Essa indústria, detentora de grande quantidade de funcionários, 376 no total, foi inserida em um local não abrangido pela mancha urbana do núcleo original, ou seja, sem o dinamismo de crescimento do centro urbano do município existente naquele momento. Assim, com o desenvolvimento das atividades e os fluxos diários de pessoas, matérias-primas e produtos, essa área foi dotada de dinamicidade o que favoreceu, inclusive, a instalação de outras unidades produtivas nas décadas seguintes.

³⁶ Artex S/A Fábrica de Artefatos Têxteis, instalada em 21 de março de 1969 (SECRETARIA DA INDÚSTRIA E DO COMÉRCIO/PR, 1977).

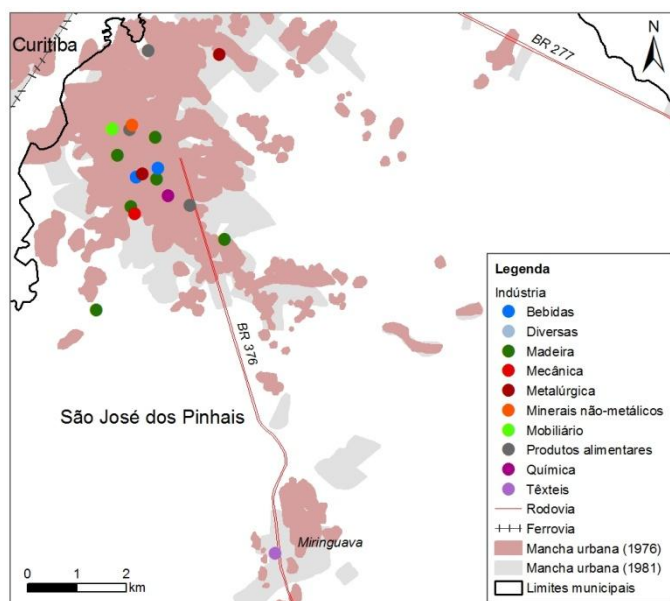


FIGURA 16 – SÃO JOSÉ DOS PINHAIS: INDÚSTRIA E EXPANSÃO DA MANCHA URBANA, 1976-1981

FONTE: Elaborado pela autora, com base em Secretaria da Indústria e do Comércio/PR (1977); Base cartográfica: COMEC, 2004, 2005a

Pelo exposto, verifica-se que apesar da existência de várias políticas de fomento para o desenvolvimento industrial, pautado principalmente nos setores dinâmicos, os gêneros tradicionais continuavam sendo os que mais contribuíam para a expansão urbana em municípios tais como Almirante Tamandaré, Colombo, Campo Largo e São José dos Pinhais. Até porque nessa nova conjuntura, apenas Curitiba e Araucária foram os municípios que receberam investimentos governamentais diretos, que culminaram na instalação de grandes indústrias dinâmicas e na delimitação de extensas áreas industriais.

Essa situação pode ser visualizada na FIGURA 17, na qual estão representadas a CIC e o CIAR. Em Araucária, o CIAR, localizado na porção nordeste do município apresentou grande ampliação da mancha urbana, decorrente sobretudo da instalação da Refinaria Getúlio Vargas, responsável pela inserção das condições necessárias ao desenvolvimento do capital e a reestruturação espacial observada. Como afirmou Silva (2006, p. 101), a instalação dessa unidade produtiva propiciou a formação de uma espacialidade dominada pela indústria, o CIAR, responsável pela reestruturação do centro urbano tradicional, que “[...] deixou de conter da maneira concentrada a ocupação, as atividades, as funções urbanas e as diferentes classes sociais”.

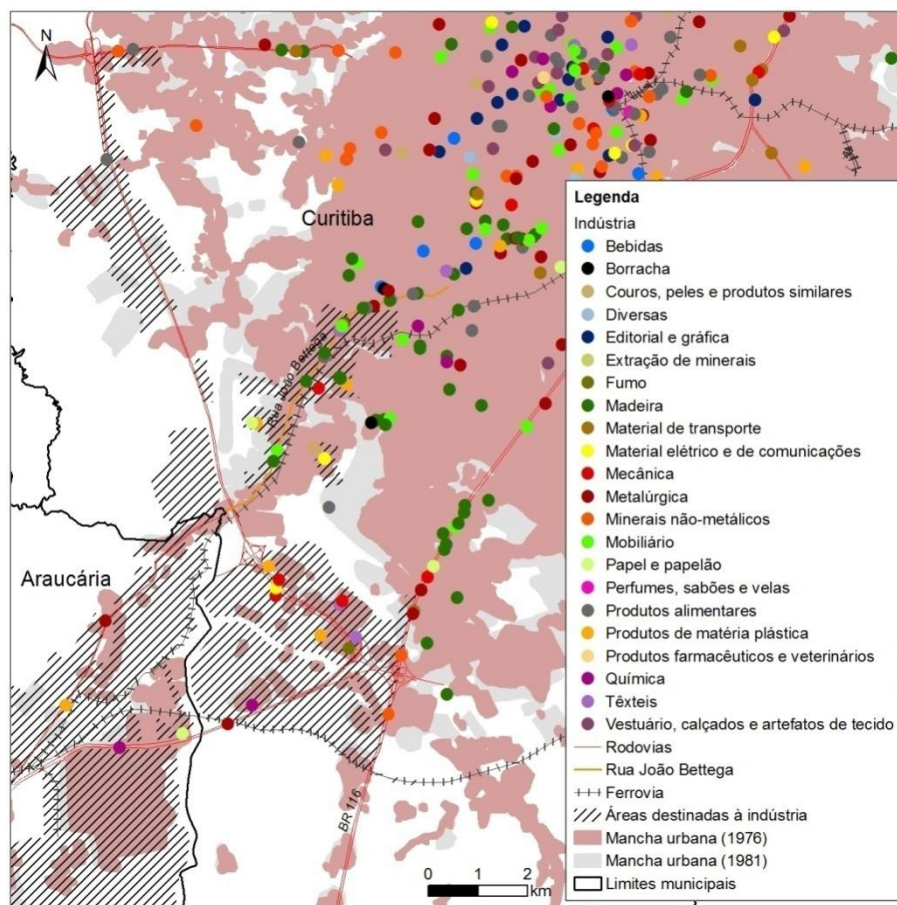


FIGURA 17 – CURITIBA E ARAUCÁRIA: INDÚSTRIA E EXPANSÃO DA MANCHA URBANA, 1976-1981

FONTE: Elaborado pela autora, com base em Secretaria da Indústria e do Comércio/PR (1977), Legislação municipal vigente em 1977; Base cartográfica: COMEC, 2004, 2005a

Em se tratando da CIC, de todas as áreas destinadas à atividade industrial, nesse primeiro momento se destaca principalmente a porção sul. É nela que se instalaram os grandes investimentos, muitos dos quais ligados aos gêneros dinâmicos, tais como mecânica, química, produtos de matéria plástica, metalúrgica e material elétrico e de comunicações. Em relação ao tamanho dessas unidades, a quantidade de funcionários variava entre 119 e 928, tendo a maioria acima de 300 pessoas ocupadas. Ressalta-se que em se tratando das indústrias classificadas como tradicionais, o número de funcionários também era elevado, situado entre 181 e 370.

Outras áreas na CIC da mesma forma apresentaram crescimento da mancha urbana favorecidas pela instalação de unidades produtivas. No entanto, em

tais áreas se destacaram indústrias com quantidades menores de pessoal ocupado e ligadas a outros gêneros, tais como o de produtos alimentares.

É necessário evidenciar ainda que o vetor de desenvolvimento urbano-industrial identificado na Rua João Bettega, em Curitiba, continuou se expandindo em direção ao município de Araucária, tendo como principal característica a inserção de grandes madeireiras e atividades correlatas, tais como o mobiliário. Essa expansão ocorreu inclusive em áreas da CIC, contribuindo para a ampliação urbana posterior em determinadas áreas desse bairro.

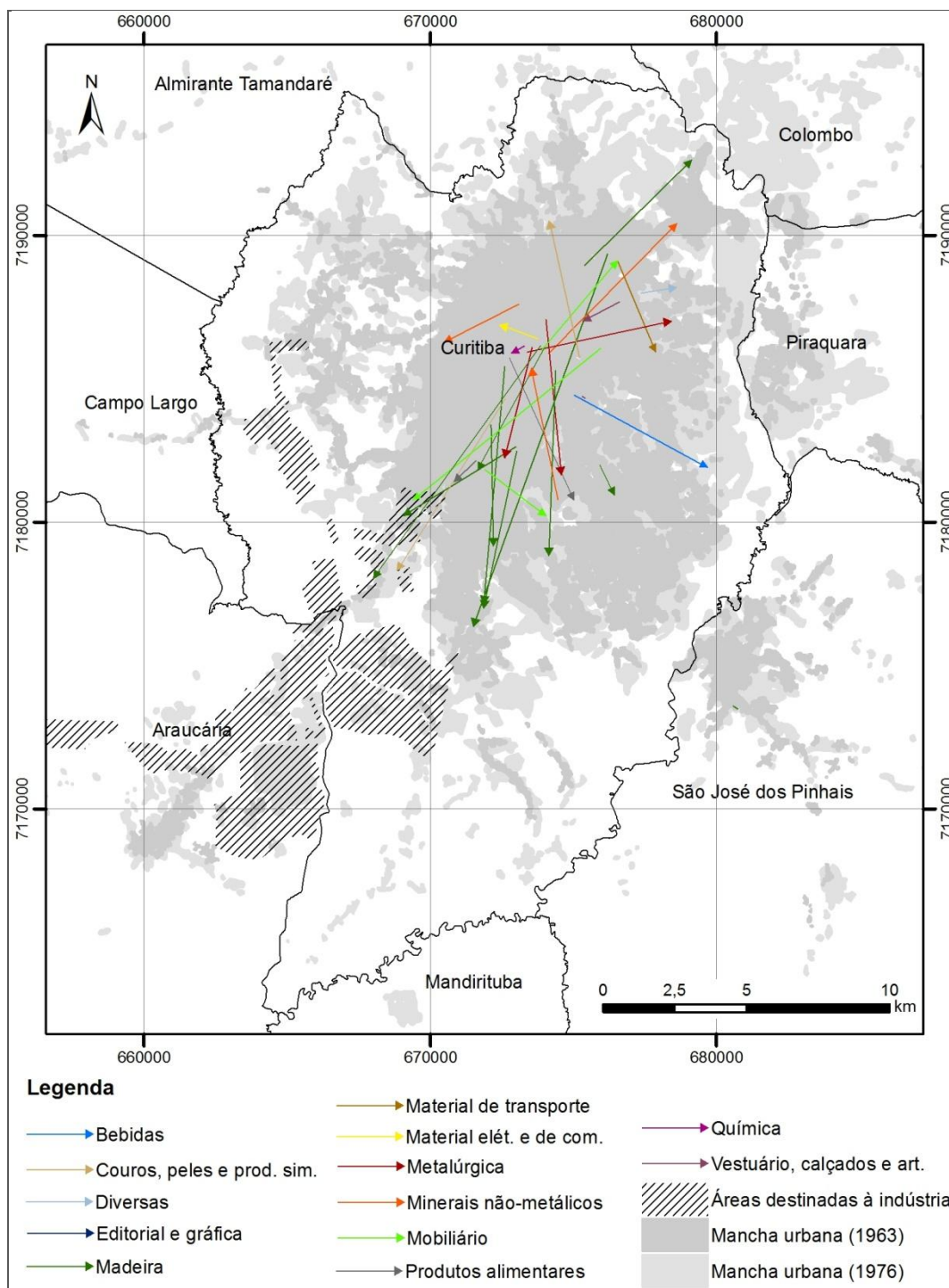
Ora, a grande intervenção governamental nesse período que culminou na mudança do perfil produtivo, bem como na configuração do espaço industrial pode levar a um questionamento sobre a real importância da indústria na expansão urbana nessas duas porções do aglomerado.

Pela análise dos dados de localização industrial e expansão da mancha urbana, infere-se que a área sul da CIC talvez fosse atingida por um processo de expansão urbano-industrial, mesmo que não tivessem sido criadas zonas industriais nessa porção. Esse processo originado na Avenida República Argentina, ainda na década de 1950, e que posteriormente se deslocou pela Rua João Bettega, espontaneamente abrangeria algumas áreas da CIC. No entanto, infere-se que seria um processo muito mais lento e caracterizado por indústrias tradicionais, notadamente a madeireira e do mobiliário. Portanto, acredita-se que a ação da grande indústria dinâmica enquanto promotora da expansão urbana apenas foi possível nesse momento através da intermediação de outro agente, o Estado.

Essas constatações também são válidas para Araucária. A inserção de uma empresa estatal, de grande poder de atuação remodelou as bases de desenvolvimento econômico do município e reorientou a localização industrial. Obviamente que sem a atuação estatal ocorrida na década de 1970, a configuração do espaço industrial seria outra, ou seja, tenderia à continuidade de localização das unidades produtivas próximo ao centro urbano tradicional, até que após um considerável período, o espraiamento dessa atividade a partir de Curitiba abrangesse as áreas limítrofes entre os dois municípios.

Assim, as áreas criadas para a grande empresa reorganizaram o espaço produtivo a partir de uma lógica diversa à existente. Isso pode ser constatado quando se analisa as realocações que ocorreram no espaço intraurbano em Curitiba, no período 1965-1977. Contrariamente a um dos objetivos da CIC, que

seria o incentivo às relocações industriais, o que se observou foi a predominância de outras áreas como destino das instalações, nesse período (MAPA 8).



MAPA 8 – CURITIBA: RELOCALIZAÇÃO INDUSTRIAL INTRAURBANA, 1965-1977

FONTE: Elaborado pela autora a partir de IBGE (1968), Secretaria da Indústria e do Comércio/PR, Legislação municipal vigente em 1977; Base cartográfica: COMEC, 2004, 2005a

A explicação pode ser encontrada no incentivo distinto dado a empresas locais e multinacionais. De acordo com Namur³⁷ (1992 *apud* Firkowski, 2001, p. 36), as empresas estrangeiras “[...] adquiriram lotes de maiores dimensões do que aqueles adquiridos por empresas locais e a um preço inferior o metro quadrado”. Como exemplo dessa diferenciação, é citado o caso da New Holland que adquiriu 800.000 m², pagando Cr\$ 3,00/m²; enquanto que a empresa local Classe Móveis, adquiriu 20.000 m² e pagou Cr\$10,00/m².

Outro ponto explicativo, complementar ao primeiro, se pauta na existência de mais lugares na cidade com condições favoráveis ao desenvolvimento da indústria, seja pela acessibilidade, preço da terra, áreas disponíveis ou ainda o uso permissível desta atividade. Infere-se que é esse ponto que explica, por exemplo, a concentração de indústrias madeireiras no bairro Pinheirinho, próximo ou ao longo da rodovia BR 116.

Em relação a esse gênero industrial, ressalta-se que é aquele que apresentou maior número de realocações no espaço intraurbano. Das 32 mudanças de localização que ocorreram no período, 10 se referiram a essa indústria. Vários desses deslocamentos tiveram como origem os bairros centrais e se destinaram para as áreas mais periféricas da cidade, sobretudo para o sul e sudoeste, inclusive para a CIC, mais especificamente na Rua João Bettega.

Outras unidades produtivas, ligadas a diferentes gêneros industriais, também apresentaram mudança de localização no período. Como pode ser observado no MAPA 8, muitas se deslocaram dos bairros centrais para as áreas mais periféricas, algumas não abrangidas pela mancha urbana naquele momento. Porém, em questão de pouco tempo tais áreas foram incorporadas pela expansão urbana. Nesses casos, se destacaram os gêneros tradicionais, tais como o de produtos alimentares, mobiliário, madeira, bebidas e couros, peles e produtos similares.

Concernente à indústria dinâmica, a lógica foi similar quanto ao local de origem, porém a inserção das unidades ocorreu em áreas já urbanizadas. Tal foi o caso das indústrias metalúrgica, mecânica e material elétrico e de comunicações. Entende-se que dada a maior complexidade de produção nesses tipos de indústrias

³⁷ NAMUR, M. **Estado e empresariado em Curitiba. A formação da Cidade Industrial de Curitiba (1973-1980)**. Tese (Doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas), São Paulo, 155 f. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, 1992.

é indispensável que as unidades estejam inseridas em lugares dotados com o mínimo de aparato técnico para o seu desenvolvimento.

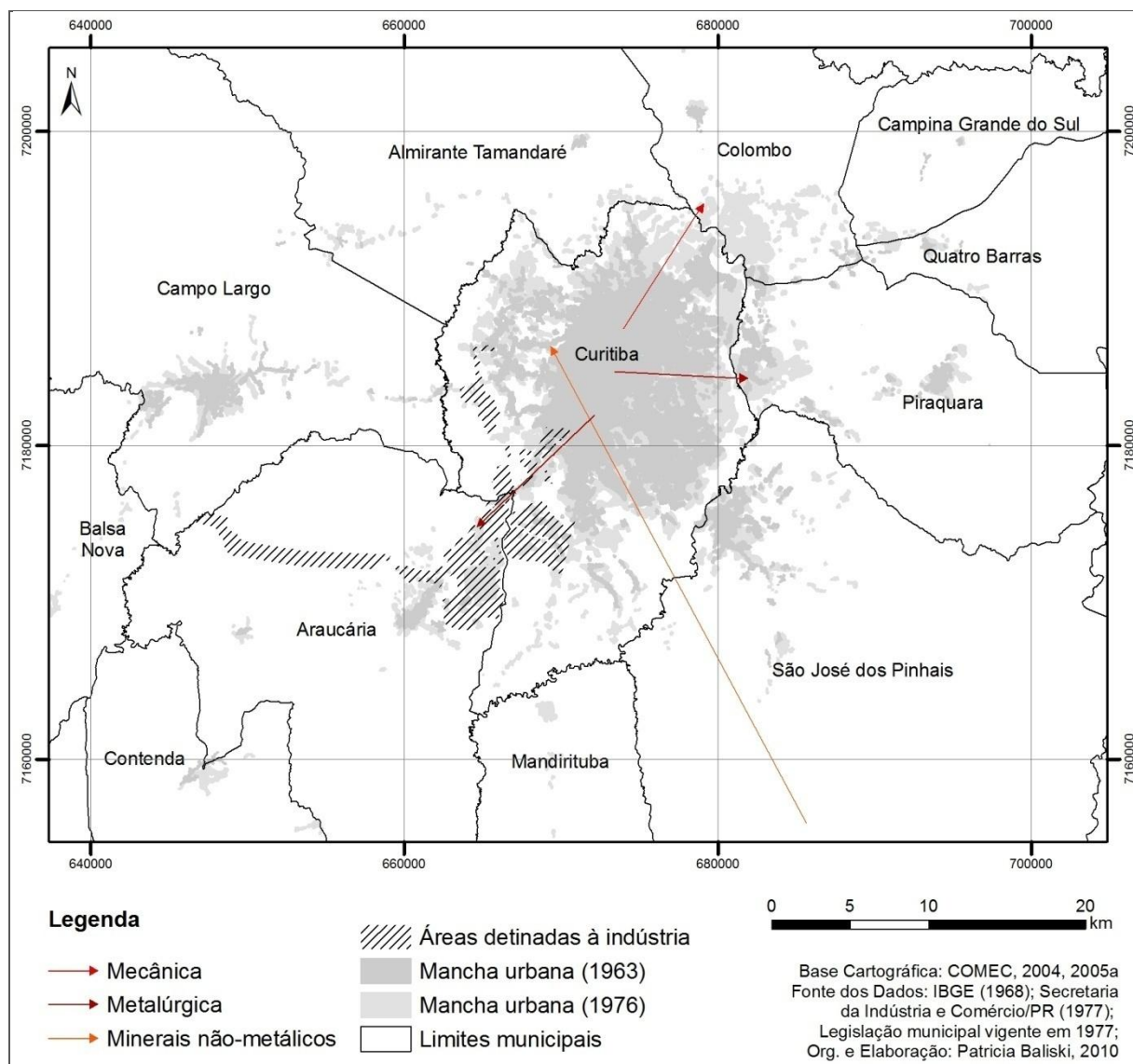
Além disso, várias das indústrias que se realocalizaram nesse período tinham acima de 100 funcionários, chegando algumas a contar até com mais de 600 pessoas ocupadas. Isso evidencia a necessidade de expansão de algumas indústrias, muitas vezes impossível de se concretizar nas áreas urbanas centrais. Dessa forma, como afirma Mérenne-Schoumaker (2002), para aqueles que têm necessidade de grandes superfícies, somente as áreas periféricas se constituem como a localização ideal.

É essa situação que explica também a realocização na perspectiva interurbana. As mudanças ocorridas no início da década de 1970 tornaram o espaço urbano de Curitiba mais complexo, bem como propiciaram a expansão das condições materiais para a reprodução do capital para além de Curitiba. Não que tais condições não existissem, mas acredita-se que as mesmas foram fortalecidas, principalmente nas áreas contíguas à capital, nos municípios limítrofes. Ora a conjunção de determinados fatores, tais como proximidade à Curitiba, terras urbanas com preços mais acessíveis, acessibilidade e disponibilidade de extensas áreas favoreceram o deslocamento da atividade para outros lugares.

No MAPA 9 estão representadas as realocalizações no âmbito interurbano, ocorridas entre 1965-1977. Como pode ser observado, os deslocamentos originados em Curitiba se destinaram para as áreas contíguas de alguns municípios vizinhos. Embora sejam poucas ocorrências identificadas, atenta-se para o fato de que tais lugares tornaram-se, para algumas empresas, mais atrativos do que a CIC. Esse caso remete novamente ao que já foi discutido anteriormente, sobre a questão de uma lógica de organização espacial implantada que não foi ao encontro das necessidades das indústrias locais, privilegiando apenas determinadas empresas.

Isso fica mais claro quando se leva em consideração as constatações de Fischer (2008b). Embora o autor trate do caso francês, entende-se que suas considerações também possam ser aplicadas à realidade do aglomerado, na medida em que a organização de ambos os espaços é pautada na lógica da sociedade capitalista. Assim, o autor demonstra que a delimitação de zonas industriais é um meio utilizado pelo Estado para subvencionar as empresas. No entanto, essa prática é direcionada, sobretudo às grandes, aquelas com as quais as negociações se desenvolvem no mais alto nível. Ora, na criação da CIC essa situação é evidente,

basta lembrar da publicação feita em língua alemã, já citada anteriormente e a diferenciação nos preços dos lotes para empresas locais e estrangeiras.



MAPA 9 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: RELOCALIZAÇÃO INDUSTRIAL INTERURBANA, 1965-1977

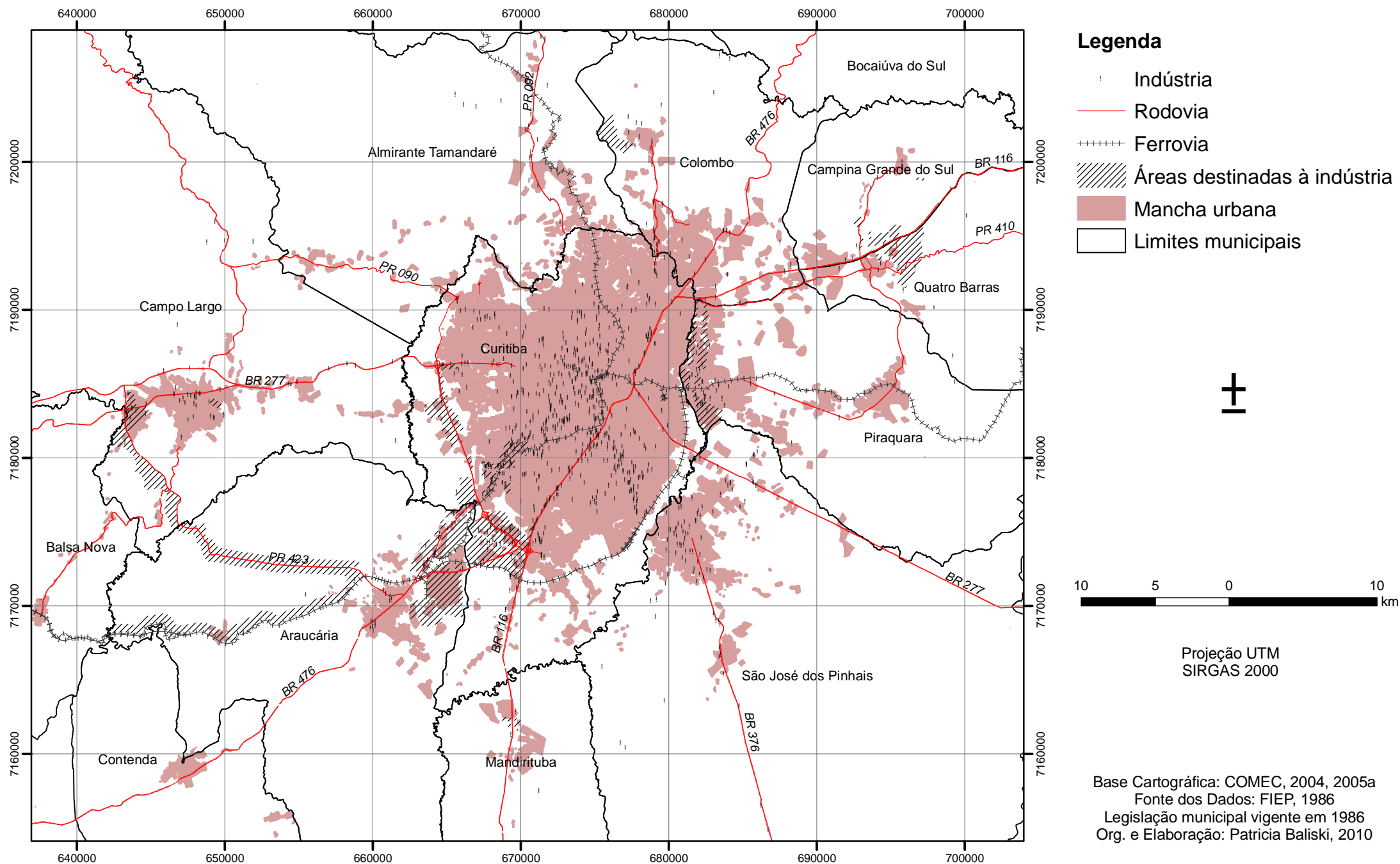
Em relação aos gêneros, destacaram-se os dinâmicos. Das indústrias relocadas a partir de Curitiba, a quantidade de funcionários variava de 49 a 384 pessoas ocupadas, sendo a de maior porte instalada no município de Piraquara. Tais indústrias apresentaram aumento considerável na quantidade de funcionários no período analisado, indicando que a necessidade de expansão acarretou a busca por terrenos maiores e com preços mais acessíveis. Já a originada em São José dos Pinhais, se referia a uma unidade ligada à produção de artefatos de cimentos. Nesse

caso, o crescimento de produção da empresa, expresso no aumento de número de funcionários entre as décadas de 1960 e 1970, suscitou a necessidade de maior proximidade ao mercado consumidor, na medida em que se localizava anteriormente em uma área com pouca conexão à dinâmica urbana.

Já em relação à indústria existente na década de 1980, verifica-se um espraiamento dessa atividade no aglomerado, principalmente nas áreas limítrofes a Curitiba, nos municípios vizinhos. Como pode ser observado no MAPA 10, outros lugares começam a apresentar ampliação na quantidade de estabelecimentos industriais, como é o caso de Piraquara e São José dos Pinhais.

No aglomerado de um modo geral, embora ainda prevalecessem as unidades produtivas ligadas aos gêneros tradicionais, observa-se no período 1975-1980 um aumento na quantidade de estabelecimentos relativos à indústria dinâmica, tais como metalúrgica, mecânica, material de transporte e produtos de matéria plástica. Essa situação decorreu das ações governamentais implementadas ainda na década de 1970, que visavam o desenvolvimento industrial, principalmente ligado aos gêneros dinâmicos. Ressalta-se ainda, que essas ações favoreceram não somente o aumento da quantidade de estabelecimentos, mas também a participação das indústrias dinâmicas no total do VTI estadual, como já citado anteriormente.

Porém, a década de 1980 se configurou como um momento em que houve a diminuição no ritmo de crescimento. É nesse sentido, que a falta de dinamismo econômico pode ter acarretado na redução de expansão das áreas urbanas, tendo como base a indústria enquanto agente produtor do espaço. Destaca-se que as cidades não deixaram de crescer, mas isto foi com base em uma série de outros motivos, dentre os quais pode ser citado a criação de loteamentos destinados à população de mais baixa renda, como foi o caso de certos bairros de Curitiba e de alguns municípios, tais como Almirante Tamandaré, Colombo e o então distrito de Fazenda Rio Grande, desmembrado de Mandirituba na década de 1990.



MAPA 10 - AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: LOCALIZAÇÃO DAS INDÚSTRIAS, EM 1986

Dentre as poucas áreas identificadas como possíveis resultantes da expansão urbana em razão da instalação de uma unidade produtiva, pode ser citada a porção norte do aglomerado, especificamente em Almirante Tamandaré. Na FIGURA 18 estão representadas as indústrias existentes ao norte da sede desse município, bem como a evolução da mancha urbana, no período 1981-1996.

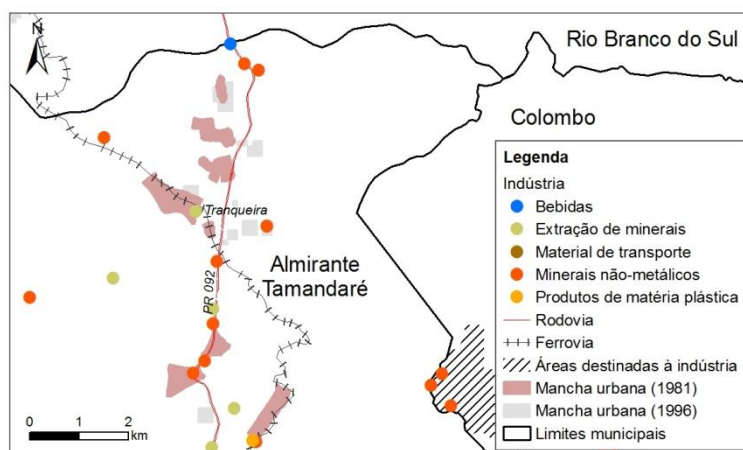


FIGURA 18 – ALMIRANTE TAMANDARÉ: INDÚSTRIA E EXPANSÃO DA MANCHA URBANA, 1981-1996

FONTE: Elaborado pela autora, com base em FIEP (1986), Legislação municipal vigente em 1986; Base cartográfica: COMEC, 2004, 2005a

Como citado anteriormente, as áreas limítrofes de Almirante Tamandaré com Curitiba foram aquelas que mais sofreram influência da metrópole, seja em função das atividades produtivas ali desenvolvidas, seja pela ocupação urbana resultante. Já as áreas ao norte sempre estiveram mais voltadas à extração de calcário e produção de cal, devido às condições geológicas existentes. Assim, no decorrer das décadas, várias localidades surgiram a partir do desenvolvimento de tais atividades, como é o caso de Morro Azul, Campo Grande, Areias, São João Batista e Tranqueira.

Ainda que todas essas localidades tenham surgido com a indústria calcária (extração e produção), foi a de Tranqueira que alcançou maior crescimento da área urbana no período 1981-1996. A ocupação mais antiga iniciou-se com a atividade tropeira, porém foi com o desenvolvimento da atividade calcária que se consolidou e novas áreas foram incorporadas ao tecido urbano, como pode ser visualizado na FIGURA 18. Nesse sentido, infere-se que a expansão urbana verificada nessa localidade esteve relacionada ao desenvolvimento da indústria local, na medida em

que a distância acentuada em relação a Curitiba, não favoreceu a inserção de uma população que realizasse frequentemente o movimento pendular, característica das áreas mais próximas à metrópole. Ou seja, o crescimento observado foi beneficiado pelas sinergias criadas endogenamente.

Outro lugar no qual se observou a possibilidade de expansão urbana devido ao desenvolvimento da atividade industrial foi em Quatro Barras, mais especificamente na localidade de Borda do Campo (FIGURA 19).

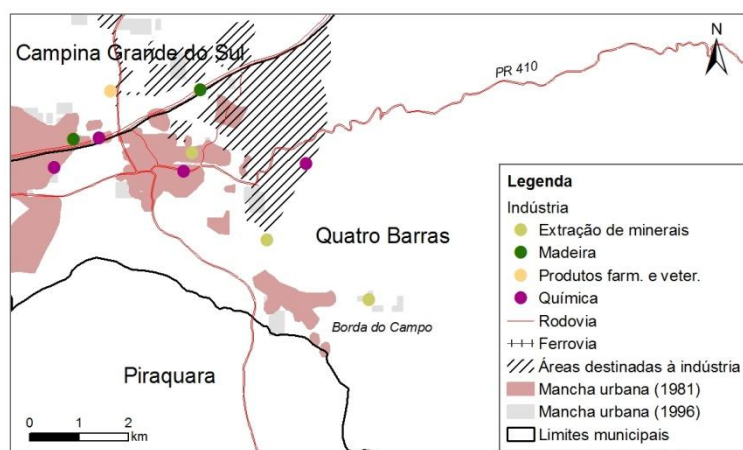


FIGURA 19 – QUATRO BARRAS: INDÚSTRIA E EXPANSÃO DA MANCHA URBANA, 1981-1996

FONTE: Elaborado pela autora, com base em FIEP (1986), Legislação municipal vigente em 1986; Base cartográfica: COMEC, 2004, 2005a

O município de Quatro Barras se caracteriza por ter grande parte de seu território inserido na Serra da Baitaca. A existência de vastas reservas de granito favoreceu a introdução de indústrias extrativas, as quais no ano de 1980 respondiam por quase 27% dos estabelecimentos existentes no município. Dentre as áreas produtoras, destaca-se principalmente a localidade denominada de Borda do Campo, localizada próxima aos principais morros da região, como o do Anhangava, por exemplo.

Embora houvesse sido criados loteamentos nessa porção ainda nos anos de 1950, a ocupação iniciou-se apenas na década de 1970, porém, nas porções contíguas à estrada de ligação entre Quatro Barras e Piraquara. Nesse sentido, as áreas mais próximas à serra foram ocupadas a partir da implantação das indústrias extrativas, que colaboraram com a expansão do urbano nessa localidade.

Pelo exposto, constata-se que as indústrias existentes na década de 1980 quase não propiciaram a expansão do urbano no aglomerado, excetuando-se apenas os casos citados. Essa situação pode ser decorrente de duas circunstâncias principais. A primeira se explica pela instalação das indústrias ter ocorrido em áreas já consolidadas, o que anulou a possibilidade de expansão urbana. E a segunda, decorre do fato de que as indústrias inseridas nas porções que ainda não eram abrangidas pela cidade, não apresentaram o dinamismo necessário para a materialização do urbano.

Ainda em relação às unidades produtivas existentes no ano de 1986, ressalta-se que algumas foram consequência da realocização industrial ocorrida no período 1977-1986. Esse processo pela busca da melhor localização ocorreu tanto no âmbito do espaço intraurbano quanto no interurbano, envolvendo alguns municípios do aglomerado.

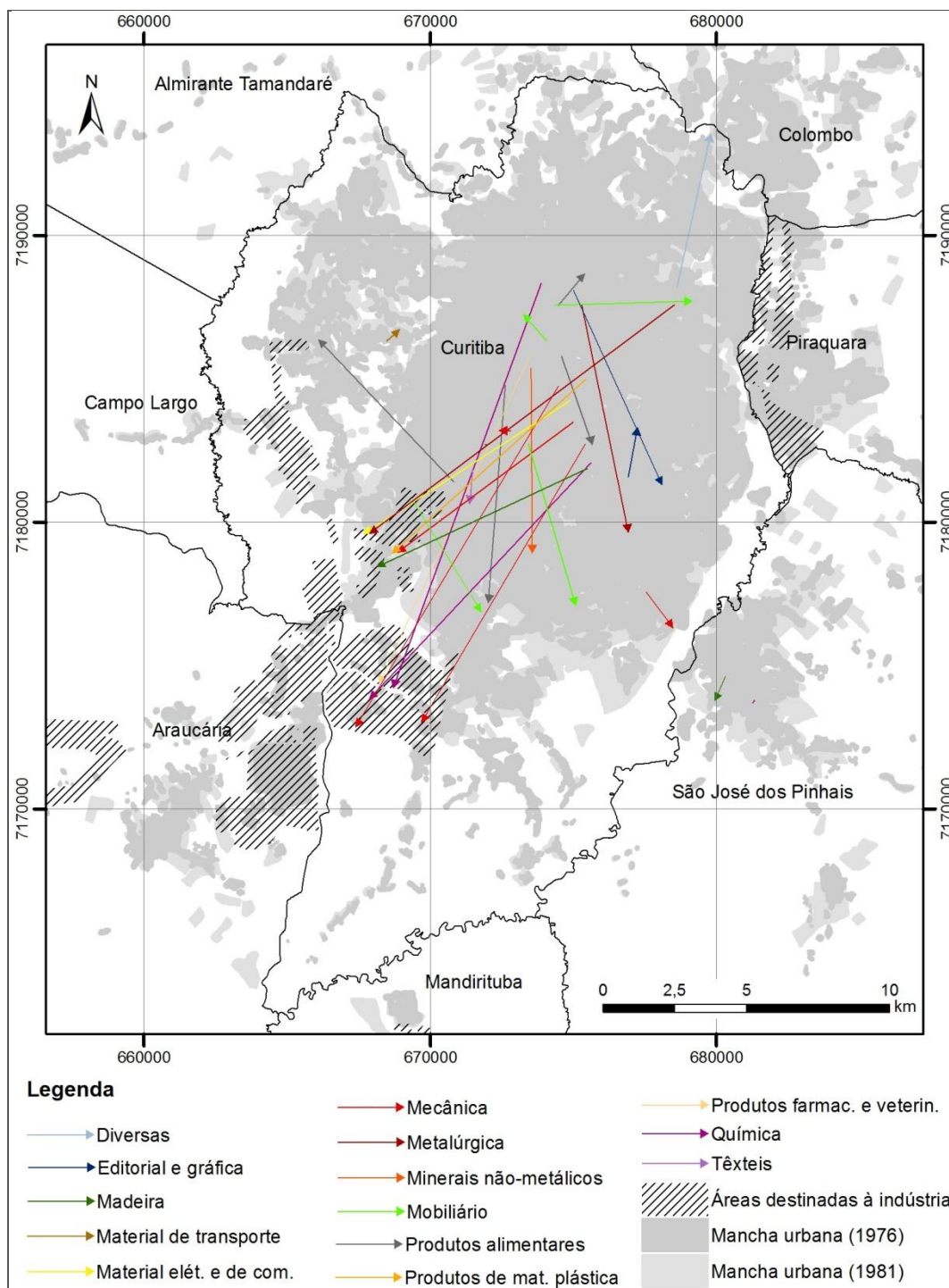
Concernente à primeira escala desse processo, a do espaço intraurbano, a maioria dos deslocamentos ocorreu na cidade de Curitiba, como pode ser observado no MAPA 11. Destaca-se que pelo fato dessa cidade já apresentar um grau de ocupação consolidado, as realocizações não contribuíram para a expansão da mancha urbana no período. No entanto, a análise do processo permite chegar a algumas considerações que podem subsidiar o entendimento da organização do espaço industrial.

Contrariamente ao período anterior analisado, o de 1977 a 1986 demonstrou uma importância um pouco maior da CIC como área receptora dos deslocamentos das unidades produtivas. De todas as indústrias que se realocalizaram em Curitiba, 32,25% do total teve como destino esse bairro. Dentre as indústrias que se direcionaram para a CIC, foram preponderantes aquelas ligadas aos gêneros dinâmicos, que representaram 90%.

O antigo centro industrial de Curitiba, localizado nos bairros Rebouças, Prado Velho e Capanema³⁸, naquele momento já não respondia mais às necessidades do capital, seja pelas restrições urbanísticas que foram se impondo, seja pela impossibilidade de expansão física, ou ainda pelos congestionamentos existentes nesta área que foi absorvida totalmente pela cidade. É por isso que

³⁸ Atualmente esse bairro é denominado Jardim Botânico.

muitas das relocações que ocorreram foram originadas nesses bairros, ou nos adjacentes.



MAPA 11 – CURITIBA E SÃO JOSÉ DOS PINHAIS: RELOCAÇÃO INTRAURBANA, 1977-1986

FONTE: Elaborado pela autora a partir de Secretaria da Indústria e do Comércio/PR (1977), FIEP (1986), Legislação municipal vigente em 1986; Base cartográfica: COMEC, 2004, 2005a

Assim, frisa-se novamente que a mudança de valorização de cada lugar é um ponto bastante importante para se entender as transformações que ocorrem constantemente na configuração do espaço industrial. Portanto, de acordo com Santos (2008, p. 13), “[...] cada lugar está sempre mudando de significação, graças ao movimento social: a cada instante as frações da sociedade que lhe cabem não são as mesmas”. É nesse sentido que se explica o fato de que todas as indústrias que saíram do antigo centro industrial se instalaram na CIC, afinal, “cada lugar [...] tem, a cada momento, um papel próprio no processo produtivo (SANTOS, 2008, p. 13).

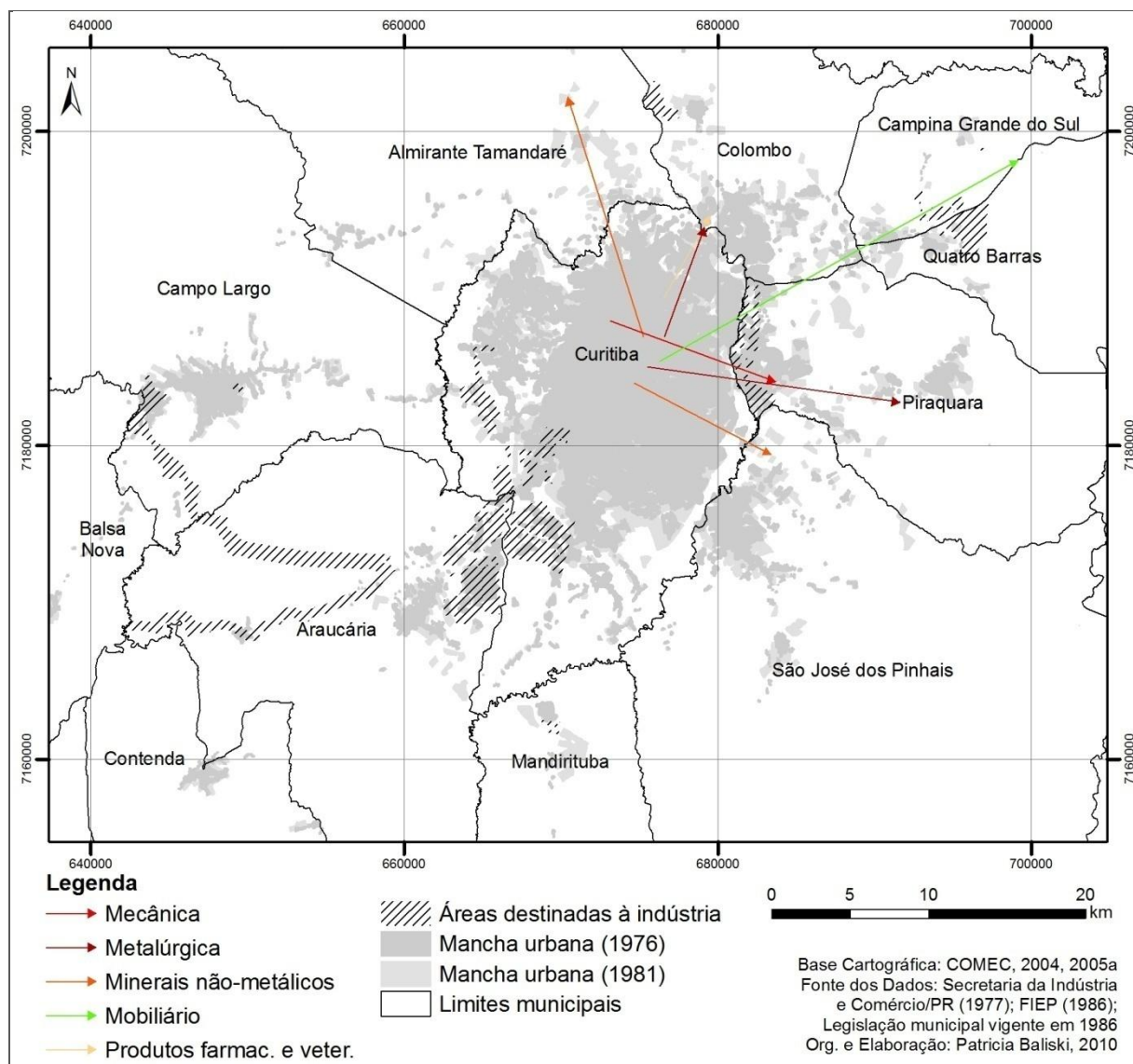
O papel e a valorização de cada lugar, no período 1977-1986, não ficaram restritos à CIC apenas, até porque como pode ser observado no MAPA 11, existiram vários outros pontos de destino no processo de deslocamento das unidades produtivas. Junta-se a isso a situação de que a CIC, apesar de ter apresentado um papel mais relevante na destinação das realocações industriais, ainda não era atrativa para muitas indústrias de grande porte, tal qual foi o caso daquelas ligadas ao gênero de produtos alimentares.

Destaca-se que as quatro indústrias desse gênero realocadas apresentavam conjuntamente 1117 funcionários, sendo que as duas maiores eram responsáveis por 85,85% deste total. Embora fossem de grande porte, nenhuma se instalou na CIC, optando por localizações ao longo ou próximo das rodovias BR 277 e BR 116, principalmente. Assim, mais uma vez se constata que os argumentos utilizados para a criação dessa grande área industrial ainda não haviam sido comprovados mesmo uma década depois de sua implantação, afinal, as maiores indústrias do período que se realocalizaram, o fizeram em outras áreas da cidade.

Os deslocamentos de unidades produtivas que ocorreram em São José dos Pinhais foram de pequenas extensões, no interior da área urbana, e se referiam a indústrias de pequeno porte, com menos de 50 funcionários. Especificamente sobre a indústria madeireira acredita-se que a realocação que ocorreu foi o início do processo de densificação do núcleo urbano original, na medida em que o processo se acentuou na década seguinte, envolvendo mais indústrias.

Em relação à escala interurbana, constata-se que houve uma ampliação do processo de realocação industrial no aglomerado. No MAPA 12 estão representados os deslocamentos ocorridos no intervalo 1977-1986 e que explicam

algumas das localizações existentes em municípios tais como Almirante Tamandaré, Colombo, Piraquara, Quatro Barras e Piraquara, na década de 1980.



MAPA 12 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: RELOCALIZAÇÃO INDUSTRIAL INTERURBANA, 1977-1986

De forma bastante similar ao que ocorreu na escala intraurbana, os deslocamentos das unidades produtivas se originaram nos bairros mais centrais de Curitiba, com destaque para a área do antigo centro industrial. Em se tratando da quantidade de funcionários, as indústrias dinâmicas respondiam por 2,5% do total de pessoal ocupado. As tradicionais, pela sua característica, apresentavam quantidade expressiva de funcionários, o que justificava a busca por áreas mais extensas e baratas, propícias à expansão física das unidades produtivas. Ressalta-se que, além

disso, os lugares escolhidos eram de fácil acessibilidade, na medida em que eram próximos às principais rodovias.

Além da questão física, outro ponto que merece destaque é a contrapartida oferecida pelas municipalidades para garantir a instalação dessas indústrias em seus territórios. Embora muitas discussões priorizem a década de 1990 como o grande momento da concessão de benefícios e incentivos, constata-se que desde a década de 1970 já existia esta prática no aglomerado. O exemplo mais contundente é o de Curitiba, com a criação da CIC, que destinou às empresas uma série de concessões tributárias, financeiras, além da oferta dos serviços de infraestrutura, visando principalmente aquelas de capital estrangeiro.

Enquanto Curitiba privilegiava tais empresas, outros municípios usavam as mesmas estratégias, porém, em escala reduzida. Dessa forma, como o poder político e econômico de vários municípios do aglomerado não era suficiente para atrair empresas do porte daquelas que se direcionaram para Curitiba, buscavam dinamizar suas economias concedendo benefícios para aquelas que pretendiam se expandir, mas não encontravam as condições necessárias na capital³⁹.

Portanto, pelo exposto e em uma síntese do período, verifica-se que as décadas de 1970 e 1980 representaram o momento de grandes transformações econômicas e espaciais no aglomerado que ocorreram em três escalas distintas, mas complementares entre si. A primeira, a estadual, denotou a concentração da indústria no aglomerado, principalmente pela grande participação no VTI estadual, decorrente das grandes unidades instaladas. A segunda escala, relativa ao espaço interurbano, significou o espraiamento da atividade industrial a partir de Curitiba, devido à materialização das condições necessárias à reprodução do capital em outros municípios, especialmente nos limítrofes. E a terceira, referente ao espaço intraurbano, foi decorrente da reorganização do espaço produtivo, principalmente em Curitiba e Araucária, através da criação da CIC e do CIAR, respectivamente.

Embora a década de 1970 tenha sido o momento em que uma série de conjunturas favoreceu o desenvolvimento da grande indústria, intensiva em

³⁹ Essa situação explica a instalação industrial existente em Quatro Barras, decorrente da realocação da unidade produtiva, no período 1977-1986. A OGGI Indústria e Comércio de Móveis S/A, antes localizada no bairro Capanema, em Curitiba, recebeu incentivos do governo municipal de Quatro Barras através de pagamento dos gastos com drenagem, construção de ponte e instalação de rede elétrica e telefônica. O benefício aprovado pela Lei nº 14/79, foi pago trimestralmente entre os anos de 1980 e 1984.

tecnologia, foi somente a partir de 1980 que ocorreu o início da maturação das condições de reprodução do capital em outros lugares, expressa pela ampliação da quantidade de realocações industriais no âmbito do espaço interurbano. Além disso, como a grande indústria dinâmica estava praticamente restrita a Curitiba e Araucária, o seu peso na ampliação do urbano foi quase que exclusiva a esses dois municípios. Os demais apresentaram expansão urbana que pode ser atribuída à inserção de unidades produtivas ligadas aos gêneros tradicionais, especialmente daqueles que já se destacavam em décadas anteriores.

5. A CONSOLIDAÇÃO DO GRANDE CAPITAL: DO FINAL DOS ANOS DE 1980 AOS DIAS ATUAIS

A década de 1990 foi o momento em que grandes transformações econômicas e consequentemente espaciais ocorreram no Brasil. Segundo Brandão (2007), os setores produtivos no Brasil foram nessa década expostos à concorrência internacional, em uma conjuntura de grandes transformações tecnológicas e organizacionais.

Essa exposição foi ainda mais explícita em razão das decisões de desmontar os principais instrumentos de que o Estado dispunha para promover uma coordenação mais sistemática e orgânica sobre os diversos segmentos do aparelho produtivo nacional⁴⁰ (BRANDÃO, 2007, p. 160).

As alterações nas formas de operação do sistema econômico brasileiro, decorrentes da abertura comercial e financeira, em conjunto com o advento do Mercosul e a estabilidade monetária, determinaram diretamente a movimentação espacial das atividades econômicas, com destaque para a industrial.

Nesse contexto, de acordo com Firkowski (2001, p. 88), é que se insere a nova fase de industrialização paranaense, principalmente pelo desempenho que teve em relação “[...] à atração de novos investimentos industriais, notadamente do setor automobilístico”.

O setor automobilístico, segundo Bittencourt (2003), tem grande capacidade de geração de valor adicionado devido a sua complexidade na organização da produção. Em função disso, a sua eficiência na absorção, bem como na disseminação de inovações tecnológicas, torna esse setor muito dinâmico e atrativo para as regiões periféricas que procuram se engajar nos ciclos de expansão econômica, ditados pela mundialização da produção. Assim, o estado do Paraná procurou atrair as indústrias ligadas a esse setor, principalmente através da concessão de benefícios fiscais e financeiros.

A concessão de benefícios fiscais e financeiros generalizada pelos estados brasileiros é convencionalmente chamada de “guerra fiscal”. Para Brandão (2007,

⁴⁰ Um exemplo bastante elucidativo é o setor de autopeças. Segundo Posthuma (1997), a abertura da economia brasileira, na década de 1990, acarretou o fechamento de centenas de empresas do setor e na consolidação da desnacionalização (absorção movida por empresas estrangeiras).

p.166), a guerra fiscal veio confirmar a perda de decisão do Estado, na medida em que compromete os recursos públicos escassos e transfere decisões estratégicas de localização produtiva para o espaço privado, ou seja, o empresariado realiza um verdadeiro “leilão locacional”. Em perspectiva semelhante, Prado e Cavalcanti⁴¹ (1998 *apud* Brandão, 2007) afirmam que a guerra fiscal leva as diretrizes do planejamento estadual a se subordinar ao interesse privado. Ao invés das empresas buscarem programas já existentes, alguns programas têm sido formulados com o objetivo maior de servir a determinadas empresas.

Apesar do estado do Paraná promulgar a lei referente aos incentivos às empresas em 1992, foi a partir de 1995 que as políticas implícitas ganharam relevância. Nesse ano foi criada a Secretaria de Estado da Indústria, Comércio e do Desenvolvimento Econômico, responsável pela coordenação da política de atração de investimentos para o Paraná, instituindo o programa “Paraná Mais Emprego”, o qual permitiria o retardamento do recolhimento do ICMS (Imposto sobre circulação de mercadorias e prestação de serviços) por empresas que executassem investimentos fixos no Paraná.

Esse programa tinha como objetivos principais: estabelecer novos investimentos industriais no estado; oferecer condições de integração de cadeias produtivas prioritárias no desenvolvimento econômico; permitir a desconcentração industrial; estimular os relacionamentos interindustriais, através do fornecimento de insumos; apoiar a modernização tecnológica; e incentivar os investimentos através da apropriação dos créditos de ICMS pagos na aquisição ou transferência de bens de capital (FIRKOWSKI, 2001).

Contrariamente ao objetivo de desconcentração da atividade industrial previsto no programa, o que se observou foi a concentração dos maiores investimentos, principalmente aqueles ligados ao setor automobilístico, na região de Curitiba. As empresas se beneficiaram do maior percentual de ICMS incremental válido para quase todos os municípios da Região Metropolitana de Curitiba – RMC (FIRKOWSKI, 2001). Portanto, o grande capital teve um duplo benefício, o da proximidade com um centro industrial consolidado e o das vantagens oferecidas pelos incentivos fiscais.

⁴¹ PRADO, Sérgio; CAVALCANTI, Carlos E.G. **Aspectos da guerra fiscal no Brasil**. São Paulo: IPEA, FUNDAP, 1998.

A concentração espacial dos investimentos pode ser constatada pelos dados expressos na TABELA 15, relativa aos protocolos firmados entre governo estadual e empresas, até o ano de 1999. Como pode ser observado, além da quantidade, a RMC se destacou também pela natureza dos investimentos.

TABELA 15 – PARANÁ: DISTRIBUIÇÃO DOS PROTOCOLOS FIRMADOS ENTRE GOVERNO ESTADUAL E EMPRESAS, POR GÊNERO INDUSTRIAL E LOCALIZAÇÃO, ATÉ 1999

GÊNERO	RMC	INTERIOR
Metalúrgica	4	2
Mecânica	9	4
Material elétrico e de comunicações	6	4
Material de transporte	36	1
Madeira	4	4
Mobiliário	1	0
Papel e papelão	1	4
Borracha	1	2
Química	2	4
Produtos farmacêuticos e veterinários	1	0
Produtos de matéria plástica	11	5
Têxteis	5	6
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	0	2
Produtos alimentares	1	22
Bebidas	3	3
Fumo	0	1
Editorial e gráfica	1	0
Diversas	3	3
Total do estado	89	67

FONTE: Firkowski (2001)

Dos 97 protocolos relativos à indústria dinâmica, 73,2% tinham como destino a RMC, sendo que um pouco mais de 50% desse total dizia respeito ao gênero material de transporte. Contrariamente, dos 59 acordos referentes à indústria tradicional, 69,5% instalou-se no interior, dos quais 53,7% eram relativos ao gênero de produtos alimentares.

Assim, pelo exposto verifica-se que se a década de 1970 representou a supremacia da capital paranaense no recebimento de grandes investimentos ligados aos setores dinâmicos, especialmente o metal-mecânico, os anos de 1990 consolidaram essa situação, porém com a inserção do grande capital para além dos limites político-administrativos de Curitiba, englobando outros municípios do aglomerado, tais como São José dos Pinhais, Campo Largo, Quatro Barras, Piraquara e Fazenda Rio Grande. Dentre esses, destacam-se: o primeiro por

receber as instalações das montadoras Renault e Audi/Volkswagen; e o segundo, pela Chrysler.

Sobre a Chrysler é importante frisar sua passagem efêmera pelo estado do Paraná, ou seja, funcionou por apenas três anos, de 1998 a 2001. Tal situação demonstra que a grande euforia do poder público em atrair investimentos de capital internacional, muitas vezes não atinge aos objetivos desejados. Muito pelo contrário, o encerramento das atividades de uma indústria desse porte acarreta em uma série de constrangimentos, como o fechamento de postos de empregos, grandes áreas ociosas e a falta de retorno dos investimentos públicos. Como salienta Brandão (2007, p. 160), o país nesse momento recebeu vários investimentos ruins, que geraram “[...] minguaos encadeamentos, impostos, empregos e divisas”. No caso específico da Chrysler, essa situação foi mais extrema, pois não se chegou a isso.

Posteriormente, em 2000, os percentuais de ICMS foram revistos, tentando-se priorizar o interior do estado. No entanto, nesse momento parte considerável das instalações industriais de grande porte já havia sido efetuada, estando concentrada principalmente em alguns municípios limítrofes à Curitiba.

Nessa nova fase da industrialização paranaense, pautada em um novo momento de concentração espacial da atividade industrial, imperou não somente a ação do governo estadual, através da concessão de benefícios fiscais e financeiros, mas também a própria organização empresarial. A conformação dos grandes distritos industriais das montadoras Renault e Audi/Volkswagen, em São José dos Pinhais, ocorreu pela vinda conjunta dos seus principais e exclusivos fornecedores⁴². Tais empresas trouxeram consigo a parte mais elementar da cadeia produtiva, relegando às indústrias já existentes no Brasil, um papel secundário nas relações de produção.

Segundo Baliski e Firkowski (2007), de todos os fornecedores das montadoras Renault e Audi/Volkswagen, apenas 17,3% eram originários do Brasil, em contraposição ao elevado número de fornecedores de origem francesa, estadunidense e alemã. Além disso, especificamente para o caso da Renault, eram as empresas de capital estrangeiro, principalmente francês, responsáveis pelas etapas mais complexas do processo de montagem do automóvel, pelo que, pode-se

⁴² Em função da estratégia denominada *follow sourcing*, na qual as grandes companhias de autopeças instalam suas fábricas perto das montadoras, muitas vezes compartilhando o mesmo espaço, tal como nos casos dos distritos e condomínios industriais.

entender, restava às indústrias brasileiras o fornecimento de peças mais simples e, portanto, de menor valor agregado.

As repercussões da inserção dessas grandes empresas podem ser visualizadas a partir da comparação entre as FIGURAS 20 e 21⁴³. As maiores diferenças ocorreram principalmente no aumento de participação de determinados municípios do aglomerado metropolitano de Curitiba. São José dos Pinhais, nos anos 2000, posteriormente à inserção e consolidação da indústria automobilística passa a ser o terceiro em estabelecimentos e Valor Adicionado Fiscal (VAF)⁴⁴, e segundo em quantidade de pessoal ocupado do estado. Mais do que subir de posição, entre os anos 1990 e 2000, é significativo o aumento nos percentuais, principalmente de participação no VAF Industrial.

Não restam dúvidas de que a inserção da indústria automobilística mudou o caráter da organização espacial anterior, seja pelos novos espaços criados, seja pela intensificação dos fluxos, ou ainda pela ampliação da mancha urbana.

Ainda em relação ao aglomerado, além de Curitiba e São José dos Pinhais, mostraram relevância Araucária, em função da refinaria, Campo Largo e Pinhais. Campo Largo, como já citado anteriormente, tem em seu território uma atividade industrial consolidada, ligada principalmente à produção de louça e artefatos de porcelana em geral. Apesar de nos anos 2000, não aparecer entre os dez principais municípios, apresentou a décima terceira posição de participação no VAF Industrial. Destaca-se que os dados de 1997 não agregaram a produção de automóveis nesse município, que se iniciou em 1998.

⁴³ Contrariamente às FIGURAS 3, 4, 8, 12 e 13, as FIGURAS 20 e 21 não apresentam os dados de VTI, tendo sido substituídos pelo VAF (Valor Adicionado Fiscal) Industrial. A mudança metodológica se justifica pela impossibilidade de obtenção de dados de VTI por município para os anos de 1990 e 2000. A PIA (Pesquisa Industrial Anual), publicação organizada pelo IBGE a partir da década de 1990, apresenta os dados de VTI, no entanto, apenas para cada unidade da federação, sem possibilidade de desagregá-los.

⁴⁴ VAF – Valor Adicionado Fiscal – é um indicador econômico-contábil utilizado pelo Estado para calcular o repasse da receita de ICMS e do IPI dos municípios com base nas declarações apresentadas pelas empresas.

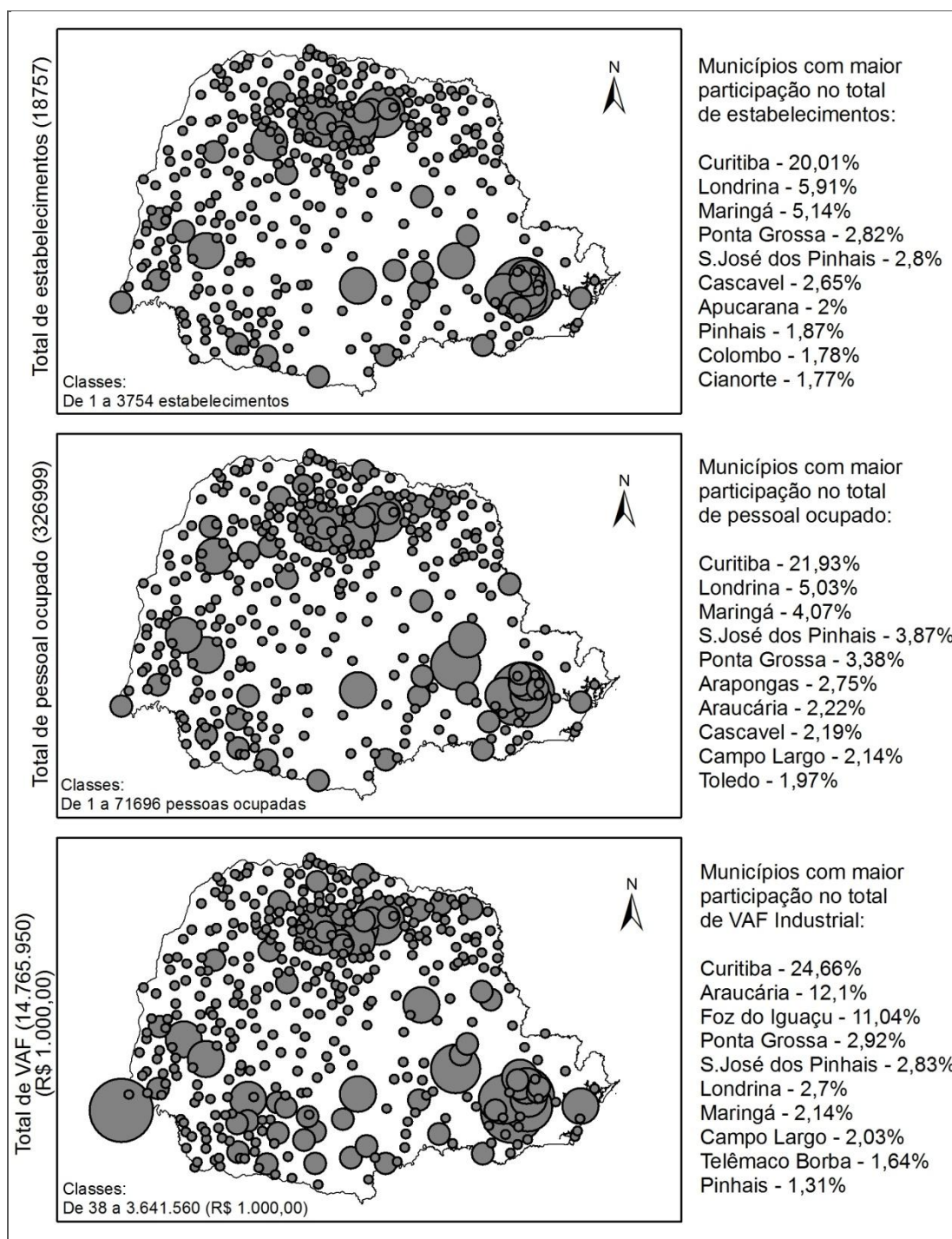


FIGURA 20 – PARANÁ: MUNICÍPIOS SEGUNDO O TOTAL E A PARTICIPAÇÃO EM ESTABELECIMENTOS, PESSOAL OCUPADO E VAF INDUSTRIAL, 1997

FONTE: Elaborado pela autora com base em RAIS (MTE, 1997) E IPARDES (2011)

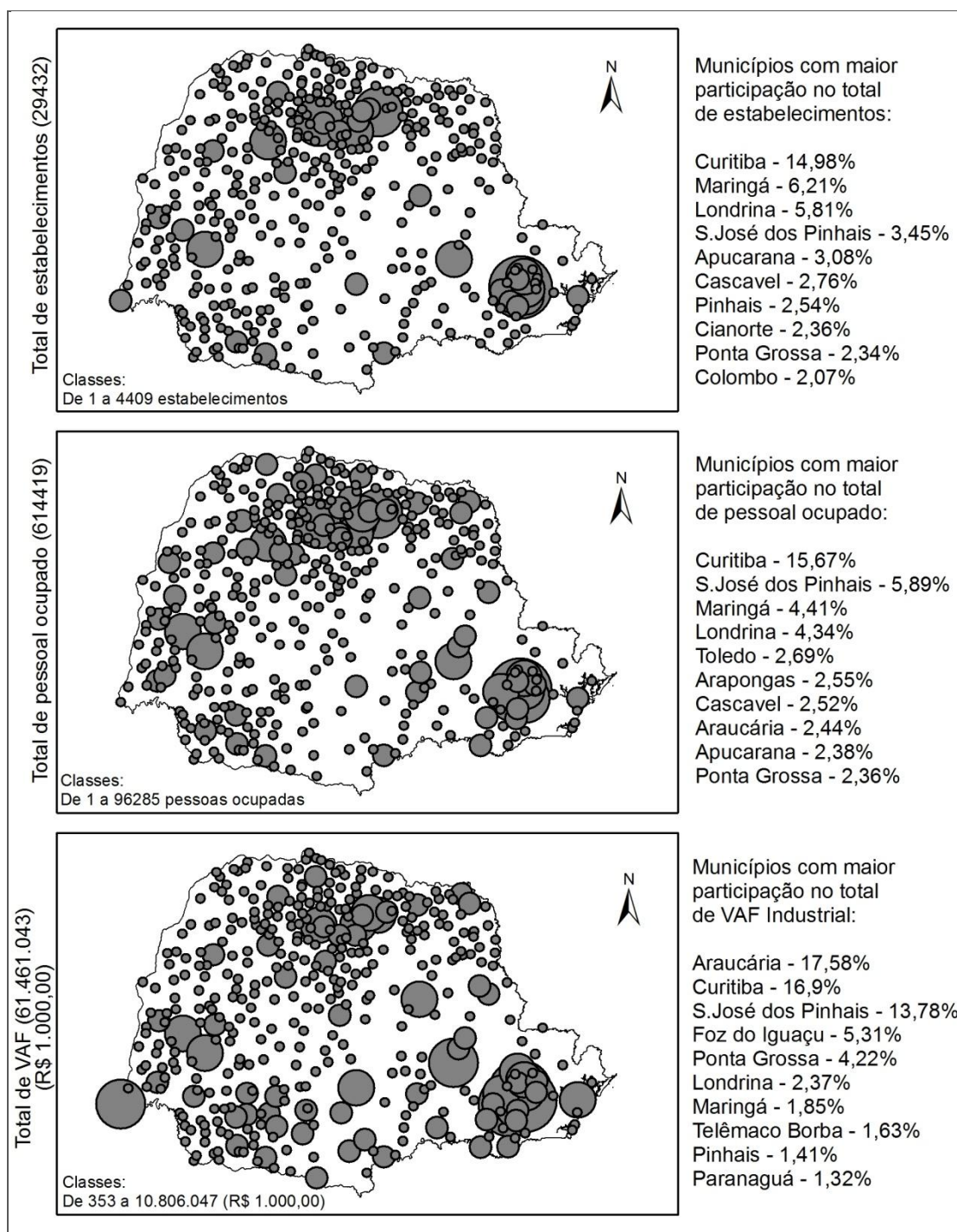


FIGURA 21 – PARANÁ: MUNICÍPIOS SEGUNDO O TOTAL E A PARTICIPAÇÃO EM ESTABELECIMENTOS, PESSOAL OCUPADO E VAF INDUSTRIAL, 2008

FONTE: Elaborado pela autora com base em RAIS (MTE, 2008) E IPARDES (2011)

Pinhais é um caso bastante peculiar. Apesar de ser um município de criação recente, 1991, apresentou participação proeminente no VAF Industrial. Essa situação decorre do fato de que a área que compõem seu território já era destinada à atividade industrial, ainda quando era distrito de Piraquara. No entanto,

demonstrou relevância somente a partir de meados da década de 1990, quando passou a receber várias indústrias ligadas aos gêneros dinâmicos, dentre os quais podem ser citados, produtos de matéria plástica, mecânica, metalúrgica, química e papel e papelão. Observa-se que as indústrias de material de transporte não têm grande relevância no município⁴⁵.

A ampliação do espaço produtivo para além de Curitiba, incorporando mais municípios, fez com que a região capitaneada pela capital paranaense se tornasse ainda mais concentradora tanto do ponto de vista da quantidade de estabelecimentos e pessoal ocupado, quanto do VAF, conformando uma grande área industrial. Ao se comparar as FIGURAS 20 e 21 é nítida a existência de três grandes áreas “industriais”: a já citada, que se configura como a mais importante; aquela localizada no norte do estado, representada principalmente por Londrina e Maringá; e a última na região sudoeste/oeste.

Nesse sentido, as transformações que ocorreram nas três últimas décadas propiciaram a consolidação desses espaços, com supremacia do aglomerado metropolitano de Curitiba sobre os demais. No entanto, tem que se ter claro que tal desenvolvimento está atrelado em grande parte à inserção de empresas multinacionais, ou seja, houve pouca mobilização de capitais locais ou regionais. O capital internacional soube aproveitar todos os benefícios existentes e colocados inteiramente a sua disposição.

Nesse jogo de interesses o espaço urbano torna-se cada vez mais complexo, permeado de fixos e fluxos multiescalares. Já não é mais a cidade de Curitiba apenas, mas a metrópole e seus espaços metropolitanos, que ultrapassam os limites legais buscando os lugares nos quais a condição de reprodução do capital seja possível e esteja assegurada. Afinal, “*o capital busca a equivalência de suas condições reprodutivas em todo e qualquer lugar*” (BRANDÃO, 2007, p. 73, grifos do autor).

É nessa busca constante que o espaço da metrópole se amplia, que relações cotidianas são transformadas. A presença da metrópole alcança lugares cada vez mais longínquos, seja pelos fixos ou pelos fluxos. Nesse fazer-se ininterrupto da metrópole a mancha urbana se amplia.

⁴⁵ Considerações realizadas a partir da análise dos dados existentes nos Cadastros Industriais de 1986, 1996 e 2008 (FIEP, 1986, 1996, 2008).

5.1. A CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO INDUSTRIAL NO AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: DÉCADA DE 1990 E OS ANOS 2000

Como citado anteriormente, a partir da instalação das unidades produtivas ligadas ao setor automobilístico, o aglomerado passou a deter uma participação ainda maior no VAF estadual. Concomitantemente, quase todos os municípios apresentaram considerável aumento no total de população urbana, bem como nas taxas de urbanização (TABELA 16). Ressalta-se que a diminuição de população em Piraquara deve ser vista como uma consequência do processo de desmembramento do distrito de Pinhais, ocorrido no início da década de 1990.

TABELA 16 – AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: POPULAÇÃO TOTAL, URBANA E TAXA DE URBANIZAÇÃO, 1991 E 2000

MUNICÍPIO	1991			2000		
	POP. TOTAL	POP. URB	TAXA URB.(%)	POP. TOTAL	POP. URB	TAXA URB.(%)
Alm. Tamandaré	66159	59080	89,30	88277	84755	96,01
Araucária	61889	54262	87,68	94258	86111	91,36
Camp.Grande do Sul	19343	12722	65,77	34566	25973	75,14
Campo Largo	72523	53892	74,31	92782	77223	83,23
Campo Magro	-	-	-	20409	2501	12,25
Colombo	117767	110273	93,64	183329	174962	95,44
Curitiba	1315035	1315035	100,00	1587315	1587315	100,00
Fazenda Rio Grande	-	-	-	62877	59196	94,15
Pinhais	-	-	-	102985	100726	97,81
Piraquara	106882	91438	85,55	72886	33829	46,41
Quatro Barras	10007	8132	81,26	16161	14520	89,85
S. José dos Pinhais	127455	111952	87,84	204316	183366	89,75

FONTE: IPEADATA (2011), com base nos Censos Demográficos de 1991 e 2000

(-) Município criado após o período

Assim, se no ano de 1980 as taxas de urbanização dos municípios do aglomerado estavam em sua maioria acima de 70%, nos anos 1990 e 2000, esses percentuais se elevam, ficando entre 80 e 90%.

Ora, considerando que as porções abrangidas pela mancha urbana sejam de pequena extensão, em comparação aos perímetros municipais, com exceção de Curitiba, entende-se que tanto a população urbana, quanto as atividades econômicas estejam concentradas em poucos lugares, altamente densificados. Esse fato mostra a dimensão da metropolização sobre a perspectiva da concentração,

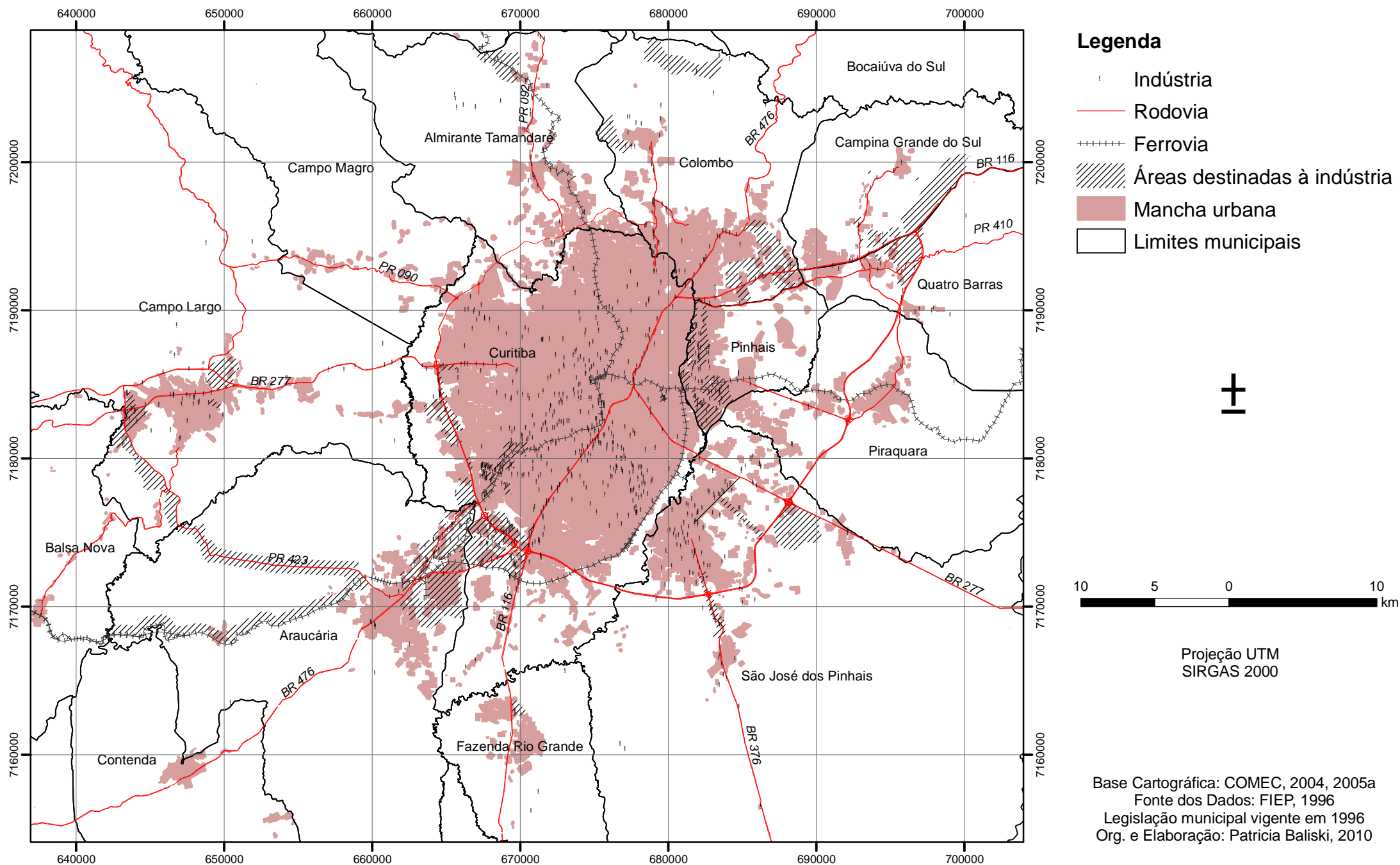
conforme apontado por Leroy (2000, p. 79), “[...] dos homens, do capital, dos bens materiais e imateriais”.

Concernente à indústria, destaca-se que para o ano de 1996, a concentração dessa atividade ocorria em áreas bem específicas do aglomerado, seguindo a tendência existente nas décadas anteriores. Assim, como pode ser observado no MAPA 13, eram as porções urbanas dos municípios de Curitiba, São José dos Pinhais e Pinhais que detinham a maior quantidade de estabelecimentos industriais, seguidos de Campo Largo e Araucária. Com exceção de Campo Largo que apresentava as indústrias prioritariamente instaladas próximas ao núcleo urbano original, os demais tinham como característica a localização das unidades produtivas nas áreas limítrofes à Curitiba.

No interior dessa cidade, a localização industrial pautou-se tanto no direcionamento dado pelo zoneamento, quanto pelos antecedentes históricos. O primeiro explica a concentração de indústrias na CIC, ao longo da rodovia BR 116 e nos bairros Hauer e Boqueirão. Salienta-se que apesar desses dois bairros não se caracterizassem como zonas industriais, em extensas áreas era permissível a atividade industrial, a qual, nessa porção da cidade, acabou se desenvolvendo em estabelecimentos de pequeno e médio porte, ligados principalmente ao gênero metalúrgica.

O segundo elucida as instalações existentes nas áreas mais centrais de Curitiba, com proeminência dos bairros Rebouças e Prado Velho. Muitas das indústrias existentes nesses bairros, na década de 1990, eram heranças de um momento pretérito, no qual aquela porção era dotada da materialidade necessária à reprodução do capital. Apesar das necessidades mudarem, de outras áreas serem destinadas a essa atividade, muitas indústrias importantes permaneceram instaladas nesses locais, suportando os congestionamentos constantes, a impossibilidade de expansão e os conflitos com os usos definidos posteriormente por zoneamento⁴⁶.

⁴⁶ Na área do antigo centro industrial ainda hoje existem grandes fábricas que foram instaladas nas primeiras décadas do século XX, tais como a Swedish Match do Brasil S/A (fósforos), Moinhos Unidos Brasil Mate S/A (chá mate e erva-mate para chimarrão) e Companhia Brasileira de Bebidas (cerveja). Outra de grande porte, mas instalada posteriormente é a Anaconda Industrial e Agrícola de Cereais S/A (farinha de trigo). Essas indústrias tinham respectivamente, 400, 90, 850 e 270 funcionários (FIEP, 2008).



MAPA 13 - AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: LOCALIZAÇÃO DAS INDÚSTRIAS, EM 1996

Além das áreas industriais consolidadas, a análise da relação entre indústria e espaço permitiu identificar a expansão urbana a partir da instalação de unidades produtivas, embora se entenda que esse processo tenha diminuído de intensidade nas últimas décadas. Salienta-se que com a metropolização, as causas da expansão do tecido urbano passam a ser menos evidentes, na medida em que novos agentes produtores do espaço se juntam aos antigos, conformando uma série de interesses diversos e muitas vezes antagônicos. As formas, decorrentes dos processos incidentes sobre esse espaço, nem sempre revelam qual o agente que a criou, quais os interesses ou ainda a lógica.

Em se tratando das áreas urbanas em que a instalação industrial contribuiu para sua expansão, verifica-se que as mesmas estavam localizadas em determinados municípios, tais como em Campo Largo, São José dos Pinhais e Campina Grande do Sul.

Em Campo Largo, a ampliação da mancha urbana pode ser visualizada na FIGURA 22. Acredita-se que esse município tenha sido representativo para o processo, no período 1996-2004, pois se constataram três áreas principais de expansão.

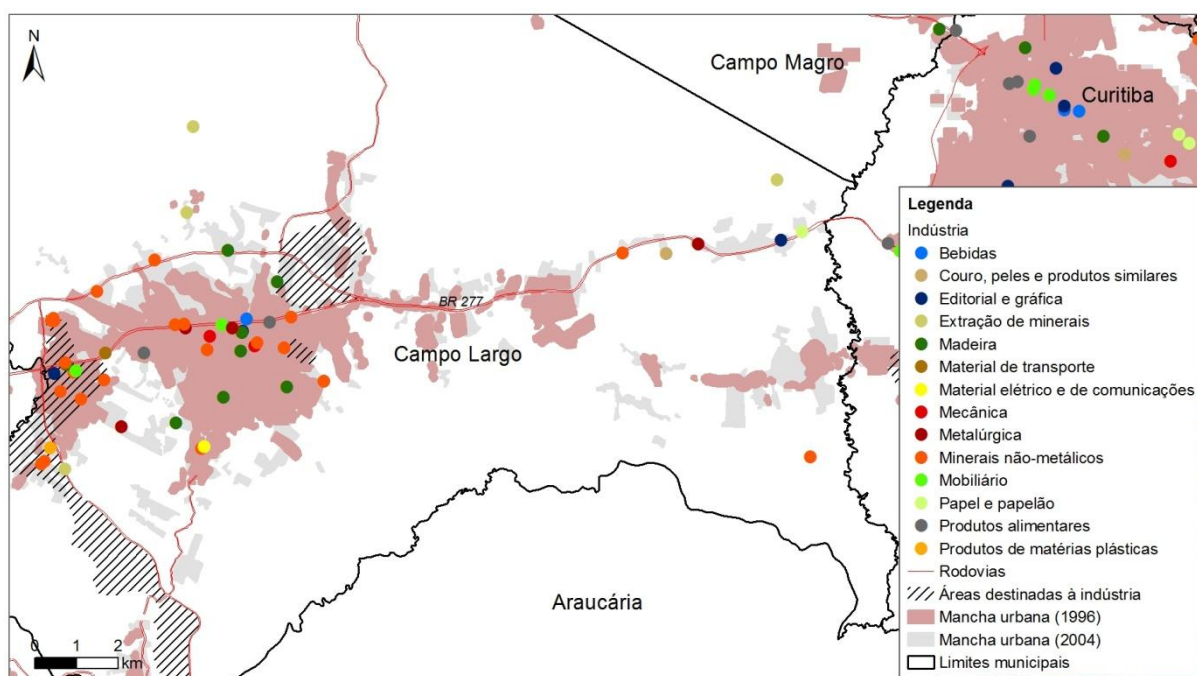


FIGURA 22 – CAMPO LARGO: INDÚSTRIA E EXPANSÃO DA MANCHA URBANA, 1996-2004

FONTE: Elaborado pela autora, com base em FIEP (1996), Legislação municipal vigente em 1996; Base Cartográfica: COMEC, 2004, 2005a

A primeira delas está localizada ao longo da rodovia BR 277, entre o limite com Curitiba e a sede municipal. Nessa porção, a mancha urbana apresentou expansão somente após a inserção de algumas indústrias ao longo da rodovia. As indústrias instaladas nessa área eram de gêneros diversos, com quantidade de pessoal ocupado variando entre 30 e 130, sendo as de maior número de funcionários localizadas mais próximas à metrópole. Isso evidencia que embora Campo Largo apresentasse no decorrer do tempo um desenvolvimento industrial bastante voltado ao seu núcleo urbano, a partir das últimas décadas as indústrias instaladas passaram a se relacionar mais com a metrópole, o que explica a instalação das de maior porte próximas a Curitiba.

A segunda também está localizada ao longo da rodovia, porém, ao norte do núcleo urbano do município. Como pode ser visualizado na FIGURA 22, houve um processo de ocupação urbana que incorporou as indústrias em um período de apenas oito anos, de 1996 e 2004. Dentre as indústrias instaladas nessa porção distingue-se uma ligada à produção de porcelanas finas, que detinha mais de 400 funcionários⁴⁷, em 1996. Nesse caso, as sinergias criadas pelos fluxos constantes de trabalhadores e transporte de mercadorias e matérias-primas colaboraram com a expansão do tecido urbano. Salienta-se ainda que nas proximidades da área em que ocorreu a instalação dessa unidade produtiva, existiam loteamentos aprovados nas décadas de 1960, 1970 e 1980, no entanto, a efetiva ocupação ocorreu somente após a inserção dessa indústria.

E a terceira reflete a continuidade de um processo em curso existente desde a década de 1950, na localidade de Itaquí. As primeiras grandes indústrias dessa área estavam relacionadas à fabricação de artefatos de porcelana, devido aos aspectos naturais do município. Com o desenvolvimento das condições necessárias à reprodução do capital, houve a diversificação do parque industrial e outros tipos de indústria se instalaram como é o caso das ligadas aos gêneros de produtos de matéria plástica, metalúrgica, madeira, mobiliário, etc. Algumas foram instaladas em áreas não abrangidas pela mancha urbana, porém, em questão de pouco tempo, foram incorporadas, favorecidas pelos fluxos constantes que se desenvolveram no local.

⁴⁷ Germer Porcelanas Finas S/A (FIEP, 1996).

Outras áreas do aglomerado que podem ter denotado crescimento em função da instalação de unidades produtivas foram as localizadas nos municípios de Campina Grande do Sul e Quatro Barras, como pode ser visualizado na FIGURA 23.

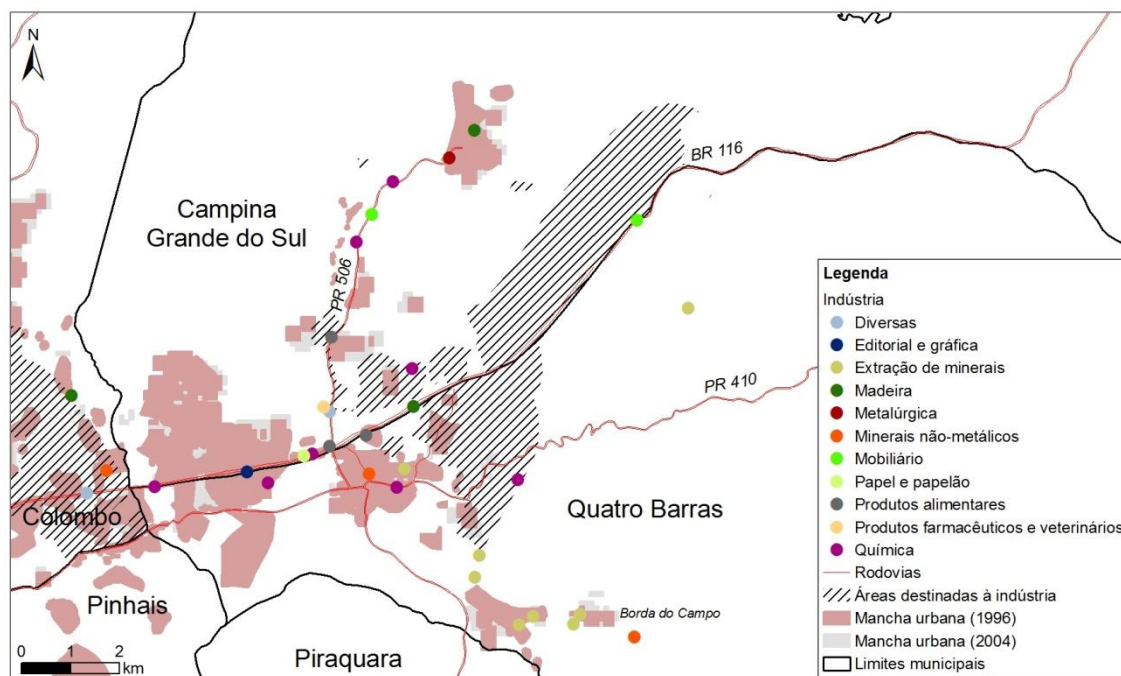


FIGURA 23 – CAMPINA GRANDE DO SUL E QUATRO BARRAS: INDÚSTRIA E EXPANSÃO DA MANCHA URBANA, 1996-2004

FONTE: Elaborado pela autora, com base em FIEP (1996), Legislação municipal vigente em 1996; Base Cartográfica: COMEC, 2004, 2005a

A primeira delas estava localizada em Campina Grande do Sul, ao longo e nas proximidades da Rodovia do Caqui (PR 506). A instalação de uma unidade produtiva pode ter favorecido a extensão urbana, bem como a criação posterior de uma zona industrial na área. Por se tratar de uma indústria ligada ao gênero de produtos alimentares⁴⁸, de porte significativo, os fluxos decorrentes de trabalhadores, transporte de matérias-primas e comercialização colaboraram para a ampliação da ocupação urbana. Ressalta-se que a área onde foi instalada essa indústria não dizia respeito às porções prioritárias de ocupação, quais sejam a da sede do município e as limítrofes a Quatro Barras.

Em Quatro Barras, constatou-se a continuidade do processo de ocupação iniciado na década anterior, na localidade de Borda do Campo. Como pode ser

⁴⁸ Indústria de Massas e Salgadinhos Tip Top S/A (FIEP, 1996).

observado na FIGURA 23, aumentou-se a quantidade de indústrias no local, bem como houve uma pequena ampliação da expansão urbana. A ocupação de pequenas proporções se explica pela natureza desse tipo de atividade que gera grande quantidade de particulados e ruídos. Segundo Monastier (2004), muitas pedreiras localizadas no aglomerado que foram abrangidas pela mancha urbana tiveram que encerrar suas atividades, devido aos conflitos gerados entre o desconforto gerado por esse tipo de indústria e os moradores do entorno.

Outra porção do aglomerado em que se constatou crescimento da mancha urbana que pode ser relacionada à instalação de atividades industriais, foi na localidade de Guatupê, em São José dos Pinhais (FIGURA 24).

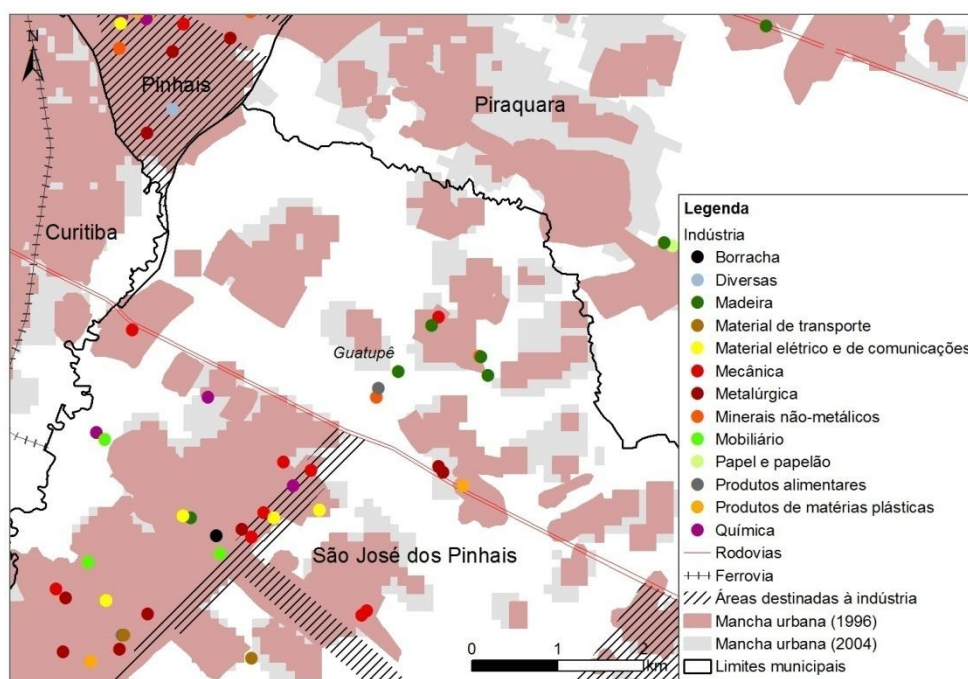


FIGURA 24 – SÃO JOSÉ DOS PINHAIS: INDÚSTRIA E EXPANSÃO DA MANCHA URBANA, 1996-2004

FONTE: Elaborado pela autora, com base em FIEP (1996), Legislação municipal vigente em 1996; Base Cartográfica: COMEC, 2004, 2005a

Embora o Guatupê não fosse destinado especificamente ao uso industrial, constatou-se a ocorrência de várias instalações industriais a partir da década de 1980, de pequeno e médio porte nessa localidade. Essa área na década de 1970 não apresentava grandes sinais de ocupação, a qual veio a se consolidar somente a partir dos anos de 1980, quando se constataram as primeiras instalações industriais.

Na década de 1990, essa situação passou a denotar maior relação entre indústria e espaço urbano, quando mais estabelecimentos foram instalados, os quais contribuíram com a ampliação da mancha urbana.

Em Curitiba não se identificaram novas áreas de expansão decorrentes da indústria, pois este município já na década de 1990 apresentava-se bastante urbanizado, com exceção daquelas porções com restrições ambientais. O processo de ampliação da mancha urbana ao sul do município não estava relacionado a nenhum tipo de atividade industrial, mas ao processo de ocupação para moradias destinadas especialmente para a população de menor poder aquisitivo, como nos casos dos bairros Sítio Cercado e Tatuquara.

Assim, se esse processo estava quase consolidado em Curitiba, ele arranhou novos espaços, efetivando-se nos municípios vizinhos. É por isso que a ação de produção do espaço não deve ser visto como algo que está restrito a um ou outro município, mas ao conjunto, à totalidade do aglomerado.

Nesse sentido, o crescimento da mancha urbana do aglomerado está ligado diretamente à ampliação de Curitiba, enquanto metrópole. A concentração existente de atividades e pessoas nessa grande área de ocupação não se restringe aos limites político-administrativos de cada município. As áreas urbanas se encontram, conformando uma espacialidade única.

Porém, essa espacialidade apresenta diferenciações internas, inerentes ao próprio desenvolvimento capitalista, pois se materializa a partir da divisão do trabalho e dos diversos interesses dos agentes produtores do espaço. Enquanto algumas áreas são destinadas para o desenvolvimento de atividades econômicas, outras são para moradia. E mesmo no interior dessas divisões, existem diferenciações entre os grupos com maior e menor poder econômico.

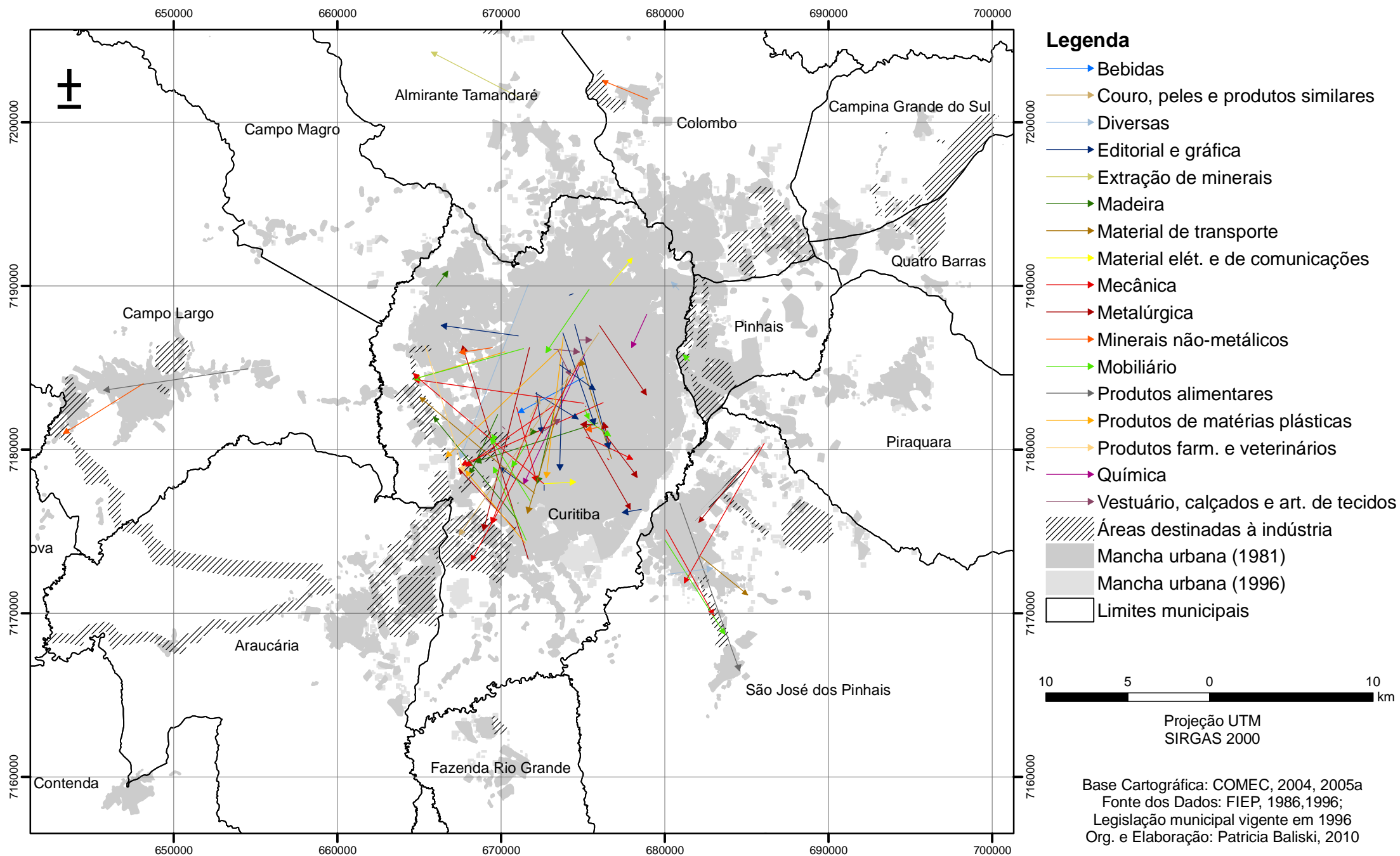
É essa situação que explica, por exemplo, a incorporação de novas áreas ao tecido urbano com a finalidade específica de atender a determinadas empresas, ou ainda, a criação de distritos e zonas industriais com o mesmo fim. No aglomerado esses casos foram se acumulando desde a década de 1970. Inicialmente ocorrida em Curitiba, essa prática ganhou proporções maiores, principalmente na década de 1990, com o anúncio de instalação no Brasil de unidades produtivas das montadoras Renault, Audi e Chrysler. Nesse momento não era mais a delimitação de uma área para atender várias indústrias, mas destinar uma porção do território para um grupo específico. E claro, esse processo não consistiu em apenas delimitar uma área, mas

dotá-la de toda infraestrutura necessária, a qual foi paga pelo conjunto da sociedade.

Ainda em relação à implantação de zonas industriais, constatou-se que na década de 1990, várias municipalidades as criaram através de leis de zoneamento, em áreas nas quais já havia a instalação industrial. Entende-se que foi uma tentativa de se “correr atrás” e legalizar através de um novo zoneamento essa atividade. Os casos foram diversos, envolvendo municípios tais como Almirante Tamandaré, Campina Grande do Sul, Colombo, Fazenda Rio Grande, Quatro Barras e São José dos Pinhais.

Considerando as indústrias localizadas no aglomerado em 1996, verificou-se que várias eram provenientes de realocização que ocorreu tanto no âmbito do espaço intraurbano, quanto do interurbano. Em relação à primeira escala, no período 1986-1996, ainda eram predominantes os gêneros tradicionais, porém, se observou uma ampliação desse processo para as indústrias dinâmicas, as quais detiveram 42,5% dos deslocamentos. No MAPA 14 estão representados os deslocamentos das unidades produtivas que ocorreram no referido período.

Dentre os gêneros dinâmicos, se destacaram as indústrias mecânicas, com 11 deslocamentos; seguidas de metalúrgicas, com 10 realocizações; produtos de matéria plástica e material de transporte, ambas com 4 ocorrências; e produtos farmacêuticos e veterinários, com 1 deslocamento. Em relação aos gêneros tradicionais, sobressaíram as indústrias de editorial e gráfica, com 11 realocizações; seguidas de mobiliário, com 10 deslocamentos; vestuário, calçados e artefatos de tecido, com 5 ocorrências; madeira, com 5 realocizações; produtos alimentares e couros, peles e produtos similares, ambas com 2 deslocamentos; e diversas, com 1 ocorrência.



MAPA 14 - AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: RELOCALIZAÇÃO INDUSTRIAL INTRAURBANA, 1986-1996

Primeiramente se destaca que há certa diferenciação de destinos e tendências de realocização conforme o gênero industrial. Isso é visível principalmente em Curitiba, justamente porque esta cidade apresentou grande quantidade de ocorrências desse processo. Considerando a indústria mecânica e a de produtos de matéria plástica, a maioria dos deslocamentos teve como destino principal a CIC, independentemente do tamanho da unidade. Já em relação à indústria do vestuário, calçados e artefatos de tecido, todas as realocizações ocorreram no mesmo bairro ou para aqueles contíguos. Situação semelhante foi encontrada para a indústria editorial e gráfica. A maioria dos estabelecimentos, antes instalados nas porções mais centrais da cidade, foi deslocada para os bairros adjacentes.

Essa situação indica que a busca por novas localizações é, de certa forma, definida pela natureza do processo produtivo de cada gênero. Enquanto determinadas indústrias necessitam de áreas mais periféricas, seja pela necessidade de expansão ou pela incompatibilidade de sua localização nas porções centrais, outras apresentam melhor desempenho quando instaladas nestas áreas, pois utilizam pouco espaço e/ou dependem da proximidade ao mercado consumidor. É claro que o tamanho de cada indústria também determina o movimento da atividade na cidade, mas considerando que grande parte dos deslocamentos verificados era de pequenos estabelecimentos, acredita-se que a realocização foi determinada pela natureza de cada indústria e a sua possibilidade ou impossibilidade de se manter no espaço urbano mais densificado.

Ainda em relação aos deslocamentos que ocorreram em Curitiba, salienta-se que 29,17% tiveram como destino a CIC. Embora houvesse indústrias de grande porte que foram realocizadas nesse bairro, destaca-se a grande quantidade daquelas com poucos funcionários. Dessa forma, das indústrias que se realocalizaram na CIC, menos de 50% tinham mais de 99 funcionários. Portanto, a análise dos dados evidencia que a CIC não tem abrigado grandes investimentos ao longo do tempo, com exceção de algumas indústrias. Ao se considerar todos os tamanhos, constata-se que outros destinos continuaram sendo promissores, tais como os bairros Hauer e Boqueirão, nos quais alguns dos estabelecimentos ligados ao gênero de metalúrgica foram decorrentes da realocização industrial.

Além disso, os deslocamentos originados nos bairros Rebouças e Prado Velho não se mostraram tão intensos quanto no período anterior, de 1977 a 1986,

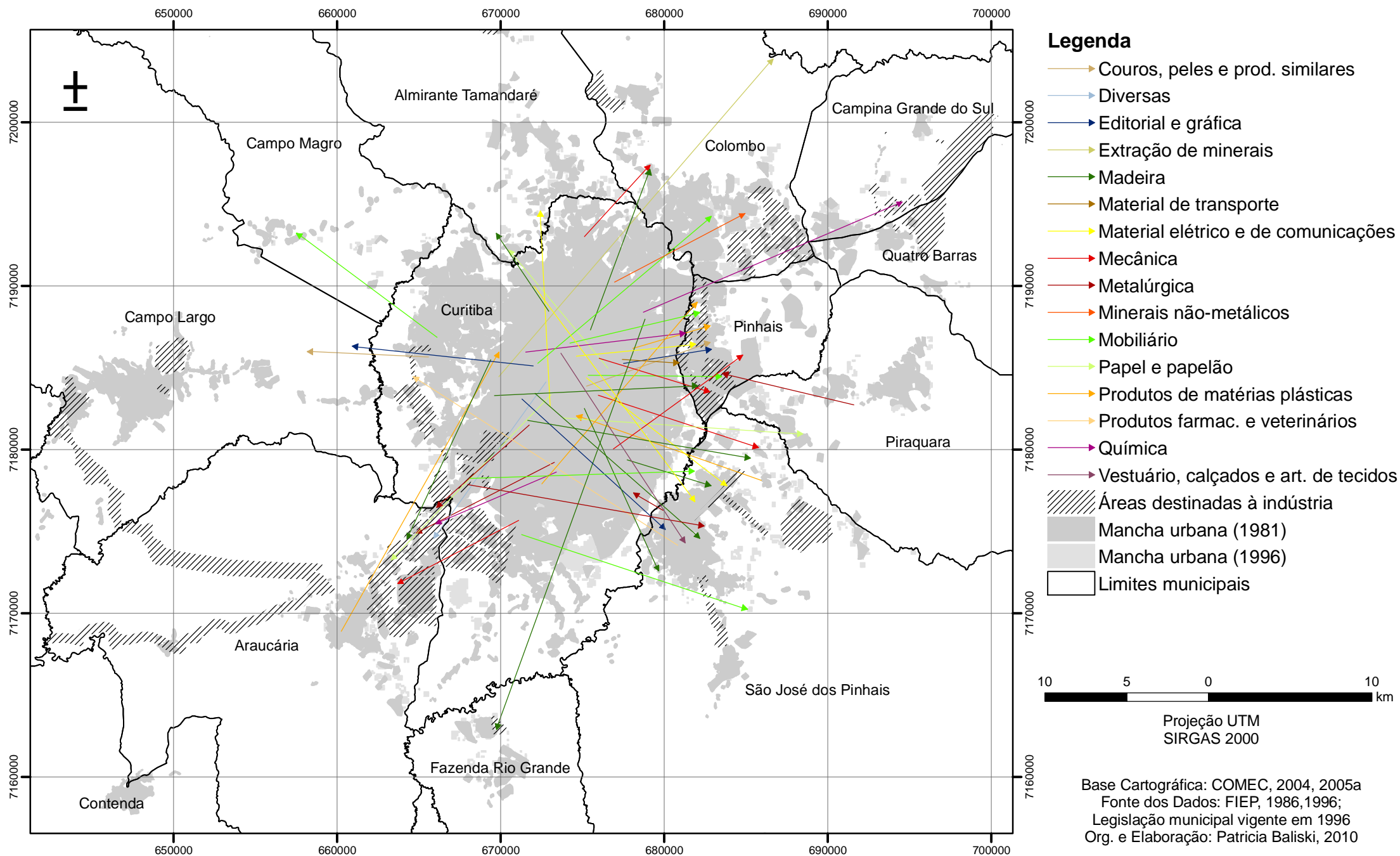
pois muitas das grandes indústrias já haviam sido realocizadas para outros bairros e em alguns casos, outros municípios.

Outro ponto que merece ressalva é o aumento de ocorrências da realocização industrial intraurbana em São José dos Pinhais e o início desse processo em municípios tais como Almirante Tamandaré, Campo Largo, Colombo e Pinhais. Em São José dos Pinhais muitas indústrias tiveram como origem as porções mais centrais e foram realocizadas em áreas mais longínquas, com destaque para aquelas destinadas à indústria, ao longo da rodovia BR 376. Em Almirante Tamandaré, Campo Largo e Colombo esse processo se repete, com destaque não apenas de áreas mais afastadas do núcleo urbano original, mas também daquelas definidas por zoneamento, principalmente nos dois últimos. Assim, se a realocização antes era um processo quase que exclusivo ao espaço de Curitiba, passa a se disseminar para outros municípios, principalmente para aqueles que apresentaram crescimento industrial e urbano. Nesse sentido, as áreas consolidadas já não eram mais a localização ideal; novos lugares foram buscados como forma de se efetivar a reprodução do capital.

O espraiamento de certas condições necessárias ao desenvolvimento da atividade industrial para além dos limites político-administrativos de Curitiba é o que explica as realocizações no âmbito interurbano (MAPA 15).

Em comparação ao período anterior, não somente a quantidade de realocizações aumentou entre os anos de 1986 e 1996, como também o número de municípios inseridos nesse processo. Como pode ser observado no MAPA 15, o processo se amplia, englobando além de Almirante Tamandaré, Colombo, Piraquara (sede e o distrito de Pinhais), Quatro Barras e São José dos Pinhais, os municípios de Araucária, Campina Grande do Sul, Campo Magro, Curitiba e Fazenda Rio Grande.

Dentre esses, os que mais se destacaram na atração de investimentos pautados no deslocamento da atividade industrial, foram Pinhais, São José dos Pinhais e Araucária, com respectivamente, 13, 12 e 7 instalações. É importante ressaltar que esses municípios além de terem se caracterizado como os destinos preferenciais, destacaram-se por serem aqueles nos quais as realocizações ocorreram principalmente nas áreas mais próximas aos limites com Curitiba. Em se tratando de Pinhais e Araucária, foi evidente a atração exercida pelas áreas destinadas à indústria por zoneamento para esses investimentos.



MAPA 15 - AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: RELOCALIZAÇÃO INDUSTRIAL INTERURBANA, 1986-1996

Nesses casos há uma dupla vantagem para essas indústrias realocizadas: a primeira é de estar próximo à localização anterior, permitindo a manutenção de mão de obra, fornecedores e mercado consumidor, principalmente quando se trata de empresas de atuação local e regional. E o segundo, é o de se localizar em áreas dotadas de um mínimo de infraestrutura para o desenvolvimento da atividade industrial, tal é o caso das zonas industriais⁴⁹. Nesse sentido, segundo Fischer (2008b, p. 55), o estabelecimento em uma zona industrial é muitas vezes para as empresas

[...] a possibilidade de se beneficiar ao máximo da atribuição dos auxílios públicos, em particular em relação aos custos fundiários. É também a possibilidade de reduzir o montante de investimentos iniciais (e de reduzir a imobilização do capital) e mais ainda aquele das mudanças referentes ao ordenamento ao equipamento e a manutenção dos espaços concernidos (não é raro que a coletividade local assuma uma boa parte desses encargos).

Em se tratando dos gêneros, 52% se relacionavam aos tradicionais, com destaque para a indústria madeireira, enquanto que nas dinâmicas se sobressaíam as unidades de metalúrgica e mecânica. Os destinos eram variados, porém se destacou a relevância de Pinhais e Araucária na atração de indústrias ligadas aos gêneros dinâmicos. Contrariamente São José dos Pinhais e Colombo se caracterizaram pela porcentagem maior de indústrias tradicionais. Porém, apesar de São José dos Pinhais ter recebido poucas indústrias dinâmicas, esse município distinguiu-se por ter auferido um dos maiores investimentos, ligado ao gênero de material elétrico e de comunicações, que contava em 1996 com 1100 funcionários⁵⁰.

Diferentemente dessa unidade produtiva, a maioria das indústrias que se realocalizaram no período 1986-1996, se caracterizavam por apresentar pequena quantidade de pessoal empregado, sendo que apenas 7 indústrias contavam com mais de 99 funcionários, englobando a com mais de mil empregados. Assim, pelo exposto, entende-se que não era o tamanho das unidades produtivas a principal causa do deslocamento, mas questões relacionadas ao preço da terra e às restrições urbanísticas. Destaca-se que contrariamente ao que ocorreu nos

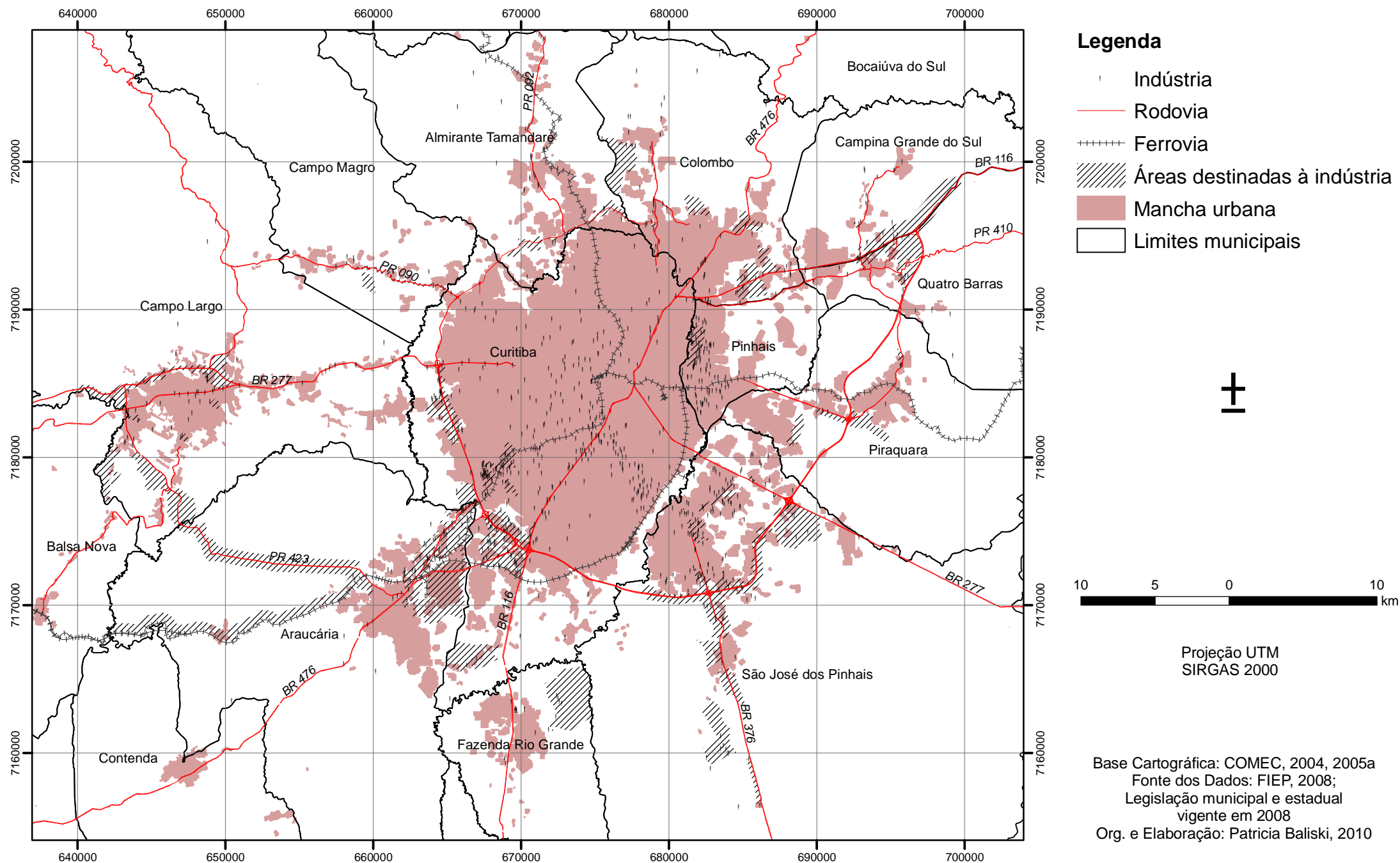
⁴⁹ Um terceiro ponto que pode explicar a realocização industrial interurbana diz respeito aos incentivos fiscais oferecidos pelas municipalidades às empresas. Embora isso se constitua como uma matriz explicativa relevante, a mesma não se insere no trabalho, devido à amplitude da discussão.

⁵⁰ Britania Eletrodomésticos S/A (FIEP, 1996).

deslocamentos intraurbanos em Curitiba, vários de escala interurbana tiveram como origem os bairros mais centrais desta cidade. Assim, se existem mais vantagens nos municípios vizinhos, por que não mudar a localização da indústria?

Esse é um fato que continuou ao longo do final da década de 1990 e início dos anos 2000, e que explica não somente algumas localizações industriais existentes no ano de 2008 (MAPA 16), como também confirma a ampliação do espaço metropolitano.

O espraiamento da indústria no aglomerado metropolitano de Curitiba, nos anos 2000, é percebido através de um aumento na quantidade de estabelecimentos em vários municípios do aglomerado, que é acompanhada em alguns casos da ampliação de áreas destinadas a esta atividade, através das leis de zoneamento. O espaço da indústria se amplia e propicia o crescimento do urbano, inserindo novos lugares no processo produtivo.



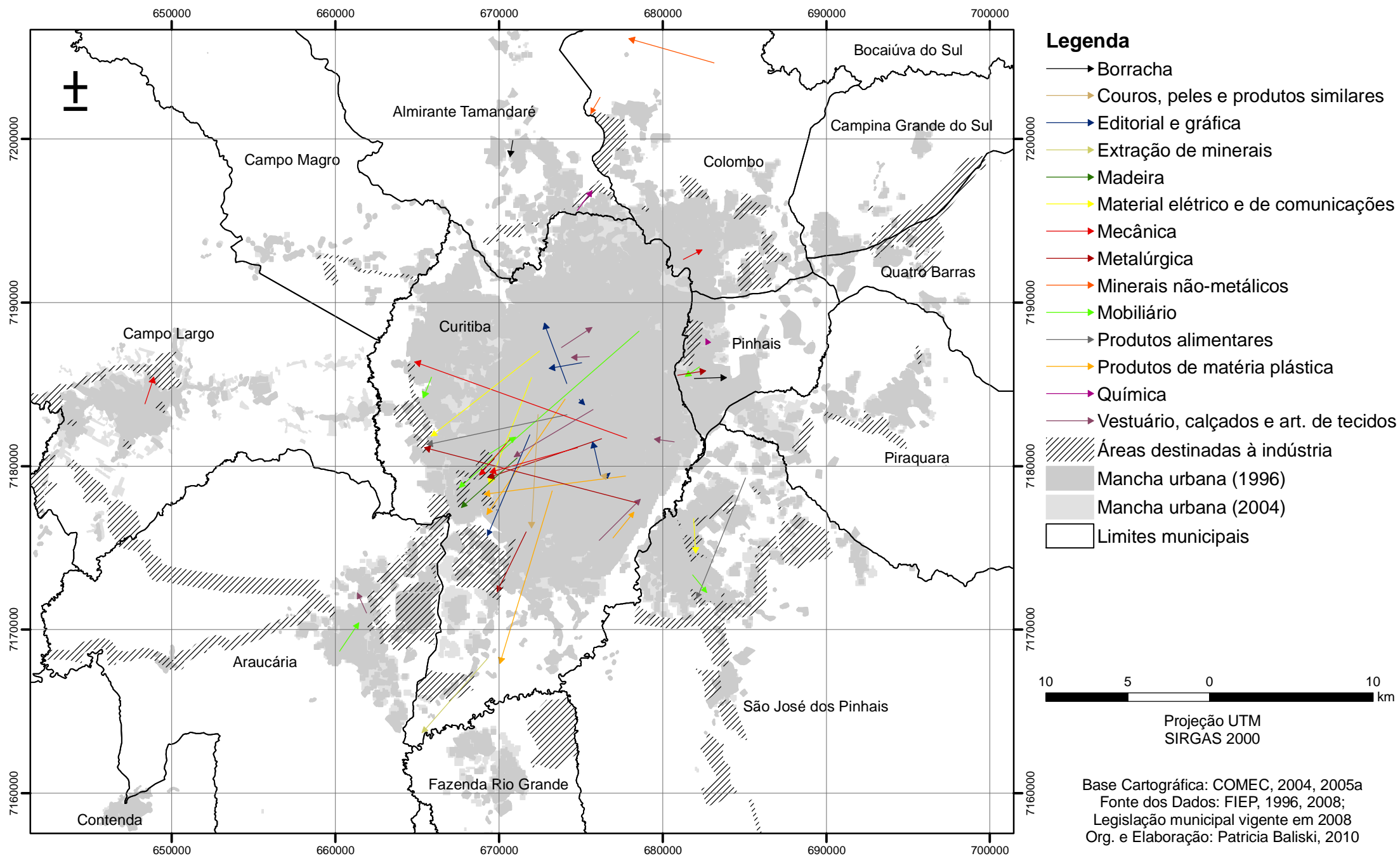
MAPA 16 - AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: LOCALIZAÇÃO DAS INDÚSTRIAS, EM 2008

Embora não se possam relacionar as indústrias existentes em 2008 com o crescimento da mancha urbana posterior, os dados de relocação (intra e interurbana) e a criação de zonas industriais permitem fazer aproximações quanto à expansão do espaço metropolitano, que dota os lugares com as condições necessárias à reprodução do capital.

Nesse sentido, no MAPA 17 estão representados os deslocamentos industriais no âmbito do espaço intraurbano, para o período 1996 a 2008. Como pode ser visualizado, o processo se manteve naqueles municípios que já haviam apresentado essa dinâmica no período 1986-1996, no entanto, com algumas diferenças quanto à origem e aos principais destinos.

Em Curitiba é importante ressaltar o aumento de participação da CIC como um dos principais destinos de relocação. Dos 32 deslocamentos que ocorreram nessa cidade, 14 se destinaram a esse bairro, ou seja, 43,75%. Considerando os períodos anteriores, o aumento percentual foi significativo. Além disso, a maioria das unidades produtivas relocadas nessa porção era ligada aos gêneros dinâmicos, com destaque para as indústrias mecânica e metalúrgica. Embora a CIC tenha absorvido um percentual representativo do total de estabelecimentos relocados, os tamanhos eram bastante diversos, variando de 15 a 250 pessoas ocupadas, com predominância daqueles com menos de 99 funcionários.

Além da CIC, outras áreas definidas por zoneamento também receberam instalações decorrentes do processo de relocação, tal qual foi o caso das existentes nos municípios de Campo Largo, Colombo e São José dos Pinhais. Tal situação demonstra que essas áreas têm se mostrado mais atrativas ao capital produtivo. Entende-se que nas décadas anteriores os municípios disponibilizavam amplas porções para a instalação industrial, haja vista a extensão reduzida do urbano. Mesmo nas adjacências dos núcleos urbanos originais existiam terrenos suficientes para o pleno desenvolvimento dessa atividade. No entanto, quando a cidade já não oferece mais tal vantagem, principalmente pela densificação da terra urbana, os industriais passam a buscar outras alternativas, como a localização em zonas industriais e/ou em outros municípios, nos quais a possibilidade de expansão é viável.



MAPA 17 - AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: RELOCALIZAÇÃO INDUSTRIAL INTRAURBANA, 1996-2008

Em se tratando da atratividade que as zonas industriais podem exercer em relação a novas instalações, sejam elas decorrentes de realocação ou não, destaca-se que a simples delimitação de uma área, através de uma lei específica, não garante sucesso na obtenção de investimentos industriais. A visualização do MAPA 16 evidencia isso. Observa-se que no ano de 2008 existiam várias porções do aglomerado destinadas legalmente à indústria, mas que quase não apresentavam instalações industriais. Tal fato pode ser decorrente de que alguns municípios do aglomerado implementaram essas áreas, mas não as dotaram com a infraestrutura necessária ao desenvolvimento da indústria⁵¹. Nesse sentido, o sucesso de uma zona industrial está relacionado à sua capacidade de minimizar os custos de implantação e beneficiar as indústrias com a presença de certos serviços (FISCHER, 2008b). Se esses serviços não existem ou são insuficientes, todo o investimento público realizado em tais áreas é em vão.

A busca por novas vantagens explica não somente o deslocamento das unidades produtivas no interior das cidades, como também na escala interurbana. Esse movimento será muito mais favorecido, quanto maiores forem as possibilidades de escolha existentes para o grupo de industriais. Assim, considerando que o aglomerado representa o espaço no qual as materialidades da metrópole se expandem para além dos seus limites político-administrativos, vários lugares são dotados com as condições necessárias ao desenvolvimento industrial, permitindo que as empresas se beneficiem tanto da proximidade em relação a sua antiga instalação, quanto das vantagens existentes na nova localização (MÉRENNE-SCHOUMAKER, 2002).

Esse processo já em curso desde o período 1965-1977 ganhou maior notoriedade a partir dos anos de 1980, quando a maturação dos grandes investimentos realizados na década anterior, tornou mais complexo o espaço do aglomerado, permitindo que outros municípios se inserissem no processo produtivo. O espraiamento da atividade industrial passou a abranger espaços cada vez mais

⁵¹ Um exemplo bastante elucidativo é o de Fazenda Rio Grande, localizado ao sul de Curitiba. Até recentemente, as vias que permitiam a ligação das indústrias instaladas na zona industrial com outros municípios não eram pavimentadas e se encontravam em péssimo estado de conservação. Essa situação gerou algumas formas de protesto, principalmente com o uso de cartazes fixados ao longo da principal via de acesso à zona industrial. Com o início das obras da nova fábrica da Leão Júnior S/A (pertencente ao grupo Coca-Cola), a pavimentação das vias de ligação com Curitiba e a rodovia BR 116 foi finalizada.

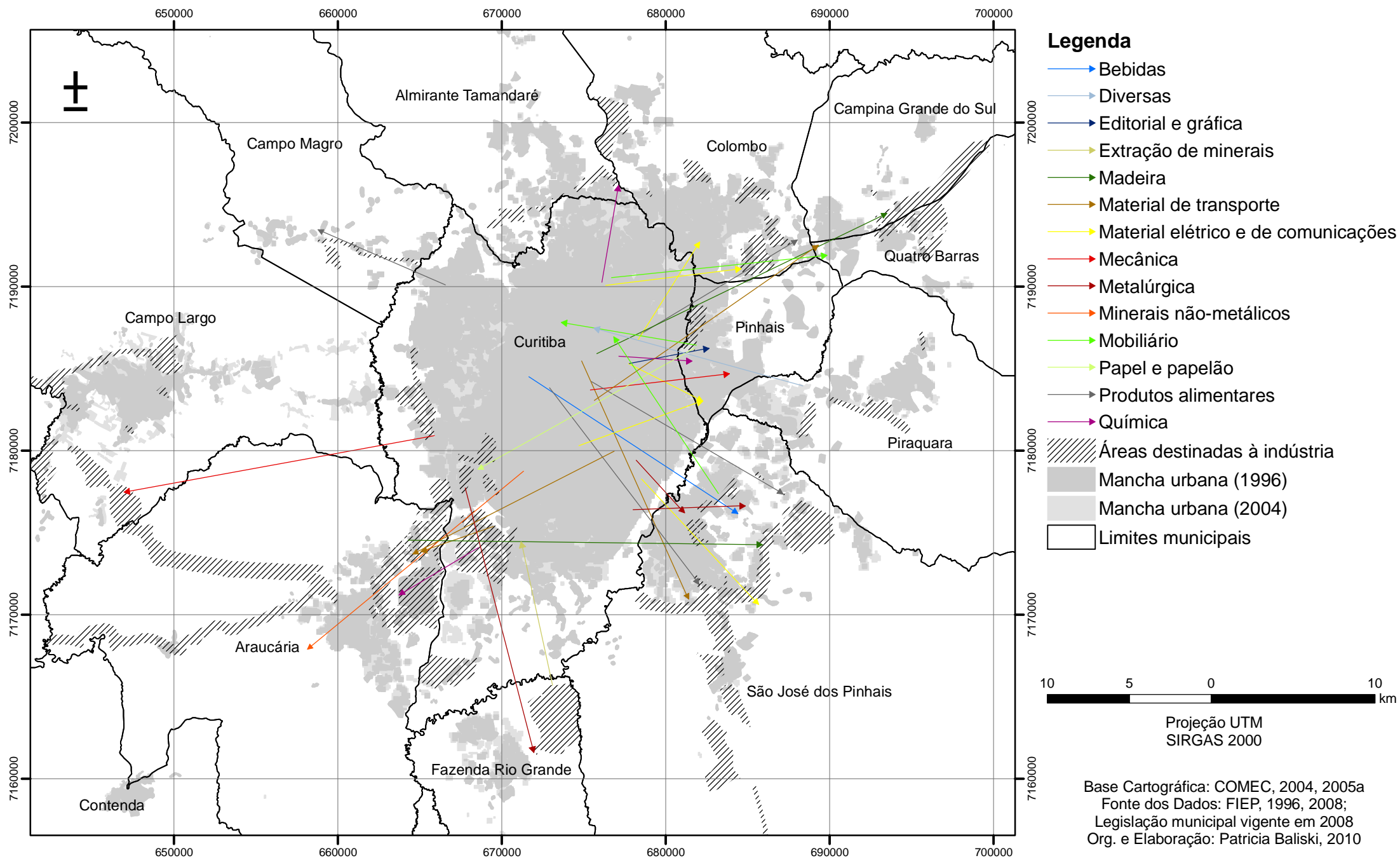
longínquos, como consequência da ampliação do fato metropolitano e do movimento homogeneizador do capital.

Segundo Brandão (2007, p. 74), o capital ao sujeitar todos os recortes do território que interessem a sua determinação “[...] funde espaços circunscritos, apropriando-se [de] terra, trabalho e dinheiro, transformando-os em mercadoria”. A homogeneização promovida pelo capital difunde a lógica

da multiplicação do valor, de um modo continuamente renovado em busca do enriquecimento absoluto, realizando recorrentemente a ruptura do isolamento, atravessando todas as fronteiras, arrefecendo barreiras e proteções erguidas por relações arcaicas (BRANDÃO, 2007, p. 73-74).

Essa situação pode ser constatada quando se observa que alguns deslocamentos interurbanos tiveram como destino lugares mais afastados, especialmente ao se considerar a indústria dinâmica, que como visto no decorrer das análises, sempre se caracterizou por se instalar nas áreas mais urbanizadas (MAPA 18).

Dessa forma, em se tratando das realocações ocorridas no âmbito do espaço interurbano, constatou-se que dos 32 deslocamentos, 56,25% eram relativos aos gêneros dinâmicos, sobressaindo-se principalmente as indústrias de material elétrico e de comunicações. Outro ponto que merece destaque é a mudança do perfil das empresas relocadas, em comparação ao período 1986-1996. Apesar de ter ocorrido o deslocamento de várias unidades produtivas pequenas, aumentou a quantidade daquelas que apresentavam mais do que 99 funcionários, das quais a maioria estava relacionada aos gêneros dinâmicos.



MAPA 18 - AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: RELOCALIZAÇÃO INDUSTRIAL INTERURBANA, 1996-2008

Concernente aos principais destinos da relocação, tendo como origem Curitiba, se sobressaíram São José dos Pinhais, Pinhais e Araucária, com respectivamente 8, 5 e 4 instalações. O primeiro município se destaca não somente por ter recebido a maior quantidade de relocações, mas também pelo porte dos investimentos. Das 8 indústrias recebidas, 5 tinham mais que 99 funcionários. Como pode ser observado no MAPA 18 e em relação ao que foi discutido anteriormente, algumas indústrias se localizaram nos limites da ocupação urbana, em especial nas áreas destinadas por zoneamento a esta atividade. Assim, essa situação confirma a questão de que tais áreas vêm se mostrando mais atrativas aos industriais, em razão dos entraves à expansão industrial existentes no interior das cidades. Além disso, se soma a isso, o fato da própria ampliação do espaço metropolitano que dota certos lugares com as condições necessárias à reprodução do capital.

Foram as condições consolidadas em Pinhais que contribuíram para que esse município continuasse recebendo investimentos industriais decorrentes de relocação. Embora tenha diminuído sua participação no total de instalações recebidas, denotou relevância principalmente por atrair indústrias ligadas aos gêneros dinâmicos, sendo algumas com mais de 99 funcionários.

Em relação à Araucária, é incontestável a importância do CIAR na atração de novos investimentos. Como pode ser observado nos MAPAS 16 e 18, essa porção se destacou duplamente: primeiro, por concentrar as unidades produtivas; e segundo, por ser o principal destino para aquelas indústrias que foram relocadas nesse município, sobressaindo-se as dinâmicas. Ressalta-se, assim, a importância do ordenamento do uso da cidade através da delimitação de zonas de uso específico.

Nos outros municípios as relocações foram bem diversas, tanto no que se refere aos gêneros, quanto à quantidade de funcionários. Salienta-se ainda, o fato de algumas indústrias que se deslocaram a partir da metrópole estavam localizadas na CIC, tais como aquelas que foram relocadas em Campo Largo, Fazenda Rio Grande e em Araucária. Embora Curitiba tenha sido a principal origem de todos os deslocamentos, também recebeu, no período 1996-2008, alguns investimentos decorrentes de relocação. A maioria das indústrias era relativa aos gêneros tradicionais e os tamanhos eram diversos, variando de 10 a 104 funcionários. O maior investimento, uma indústria de papel e papelão, foi instalada na CIC.

O processo de relocação industrial, analisado sob a perspectiva das escalas intra e interurbana, ofereceu subsídios para a compreensão da configuração do espaço industrial. Considerando que o espaço geográfico é desigualmente valorizado, porque cada lugar muda de valor segundo o período histórico e as forças sociais que atuam sobre o mesmo (SANTOS, 2008), a identificação dos deslocamentos propiciou o entendimento, mesmo que ainda não aprofundado, das dinâmicas espaciais postas em prática pelos agentes produtores do espaço, nesse caso os industriais, como meio de ampliar a reprodução do capital produtivo⁵².

Além disso, o entendimento da configuração deve levar em conta outros processos incidentes, tais como aqueles originados em escalas mais amplas. Nesse caso, é indubitável que a convergência das circunstâncias existentes na década de 1990 acarretou diretamente na inserção de grandes investimentos de capital estrangeiro no aglomerado, especificamente do setor automobilístico. A conjunção da abertura do mercado brasileiro, a euforia em atrair investimentos e possibilidade de expansão de grandes grupos, afluíram para o cenário existente no final dessa década.

As consequências foram sentidas nos âmbitos econômico e espacial. Enquanto o primeiro repercutiu no acréscimo de participação de São José dos Pinhais no total do VAF estadual; o segundo inseriu a indústria em locais até então não interessantes ao capital, materializando o urbano em áreas cada vez mais afastadas da metrópole.

A instalação das montadoras e seus fornecedores deve ser vista como um momento de grandes repercussões espaciais. Primeiramente, por favorecer a ampliação do urbano, principalmente em São José dos Pinhais, e em segundo, por inserir uma nova estratégia de organização da indústria. Se até então Curitiba e Araucária se destacavam como os municípios nos quais a indústria dinâmica

⁵² É importante salientar que embora a análise se pautasse nos dados existentes até o ano de 2008, o processo de relocação industrial na escala interurbana continua ocorrendo. Como exemplo, pode-se citar a transferência das atividades da Leão Júnior S/A, localizada no antigo centro industrial de Curitiba (bairro Rebouças), para o município de Fazenda Rio Grande, no ano de 2009. O anúncio da transferência da unidade ocorreu após a venda dessa empresa ao grupo Coca-Cola (GAZETA DO POVO, 06 de julho de 2008). Outro exemplo, porém em outra escala, é o da empresa Café Damasco S/A, adquirida pela Sara Lee Corp, em 2009. Após a venda, a fábrica localizada em Curitiba foi fechada e as atividades transferidas para a cidade de Jundiá, no estado de São Paulo (GAZETA DO POVO, 09 de dezembro de 2010). Os dois casos citados indicam não somente a relocação das unidades produtivas, em escalas diferenciadas, mas também o processo de desarticulação do capital local frente à entrada massiva dos investimentos estrangeiros, com graves implicações, como o desemprego, por exemplo.

preferencialmente se localizava, a partir do estabelecimento dessas unidades, outros lugares passam a receber também tais investimentos e a fazerem parte desse novo momento da organização do espaço industrial.

5.2. DA CONCENTRAÇÃO AO ESPRAIAMENTO: A EVOLUÇÃO DA LOCALIZAÇÃO INDUSTRIAL NO AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA, 1955 A 2008

O acompanhamento da localização industrial no decorrer do período 1955 a 2008 deu subsídios para compreender algumas das transformações espaciais que ocorreram no aglomerado metropolitano de Curitiba, tais como os impactos espaciais dos grandes investimentos efetuados, notadamente dinâmicos. Além disso, a análise realizada permitiu apontar em quais lugares houve uma possível ocupação urbana em decorrência da instalação industrial, mostrando que a atividade produtiva ligada aos gêneros tradicionais também foi preponderante no processo.

Porém, outro ponto que merece ser demonstrado é a evolução da localização industrial na perspectiva da densidade de ocupação. Ou seja, como as principais áreas industriais, sob o ponto de vista das porções mais ocupadas, evoluíram espaço-temporalmente.

Esse tipo de análise serve de complemento às realizadas anteriormente, na medida em que demonstra como a espacialidade da atividade industrial transformou-se ao longo do intervalo considerado. Os seis cenários representados na FIGURA 25⁵³ dão subsídios para o entendimento da transformação de uma realidade altamente concentrada em uma única área para outra mais espalhada.

⁵³ A FIGURA 25 foi construída com o estimador de densidade *Kernel*, no software *ArcGIS 9.1*. As diferentes classes foram obtidas usando como referência o método estatístico de classificação baseado em intervalos iguais.

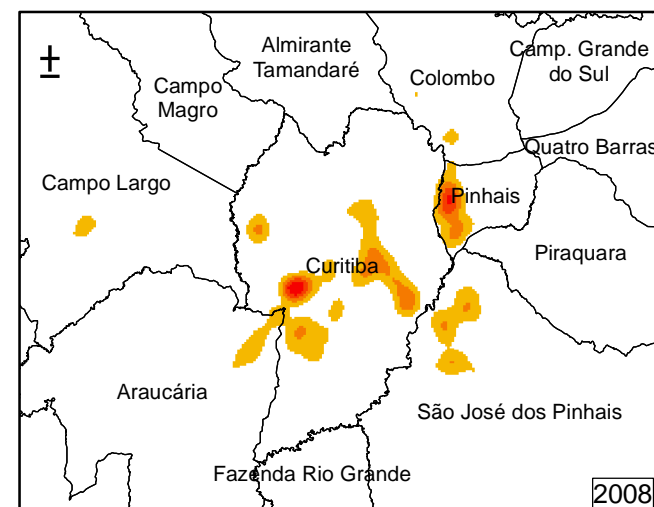
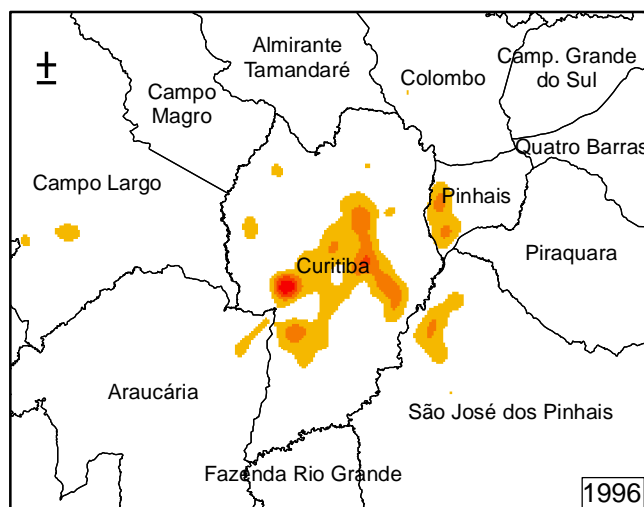
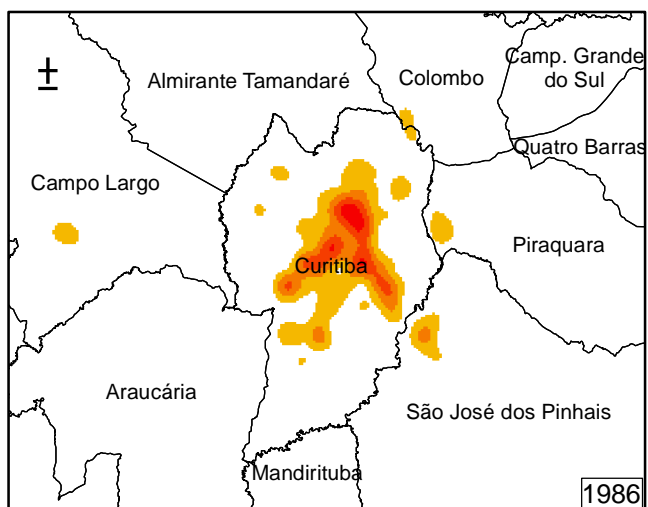
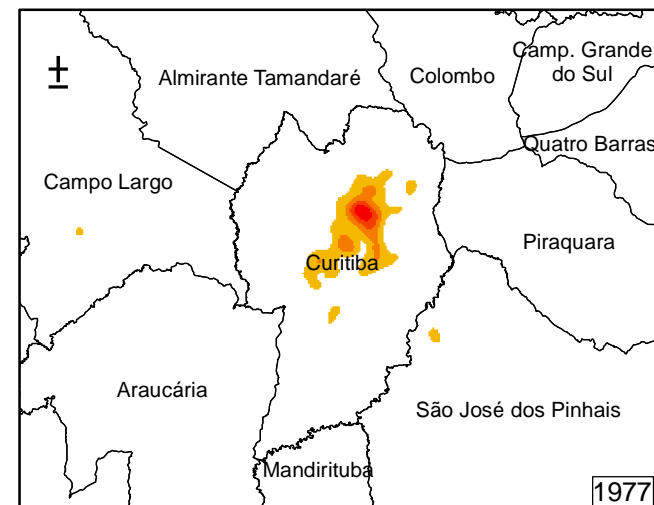
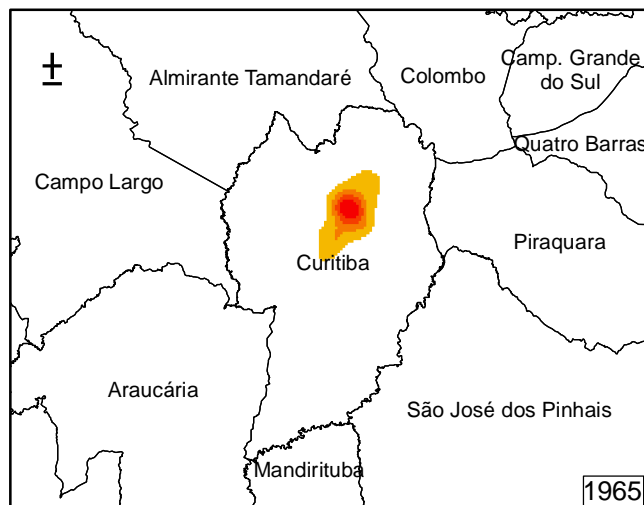
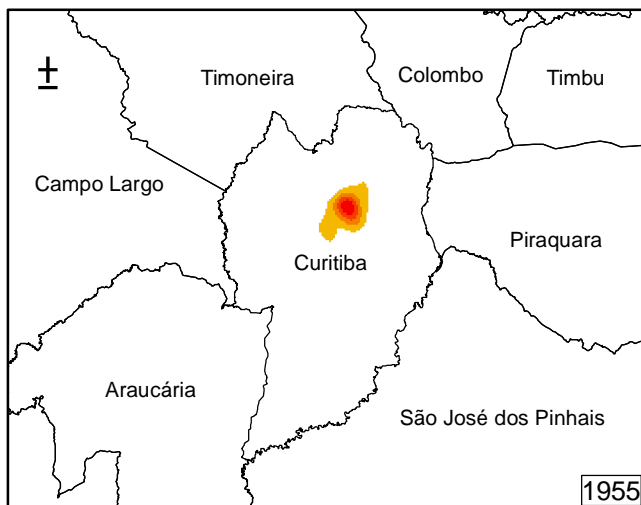


FIGURA 25 - AGLOMERADO METROPOLITANO DE CURITIBA: ÁREAS COM MAIOR DENSIDADE DE ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS, 1955 A 2008



Como pode ser observado, nas décadas de 1950 e 1960 a localização da indústria apresentava-se altamente concentrada não somente em um único município, mas também em uma área bem específica. O cenário relativo ao ano de 1955 evidencia como a indústria estava instalada prioritariamente na área central de Curitiba. Em 1965 essa situação mantém-se, porém com uma pequena ampliação da porção ocupada pelos estabelecimentos. Considerando as características do desenvolvimento econômico e da conformação da cidade nessas duas décadas, a representação das áreas mais densas não poderia ser diferente. A importância reduzida da indústria na economia local em conjunto com a pequena extensão territorial da cidade materializou-se em uma porção bem definida ocupada pela atividade produtiva.

O ano de 1977 demonstra uma situação um pouco diferente. A área central de Curitiba continua apresentando a maior quantidade de estabelecimentos, no entanto, se observa que a indústria passa a estar instalada com representatividade em outras porções da cidade. Assim, podem ser citados os vetores de localização dessa atividade nos sentidos sudoeste, sudeste e com menor expressão sul.

A análise das localizações leva a inferir que o primeiro vetor, sentido sudoeste, se referiu ao desenvolvimento da indústria madeireira na Rua João Bettega, já citado anteriormente. Em 1977, embora os estabelecimentos industriais existentes na porção sul da CIC fossem importantes sob a perspectiva da quantidade de funcionários, não conformavam ainda uma área industrial concentrada.

O segundo vetor, sentido sudeste, demonstra o início do desenvolvimento da atividade industrial no bairro Hauer, que posteriormente se expandiu em direção ao Boqueirão. Facilitou a concentração, a proximidade com a rodovia BR 116 e a existência de um zoneamento em que a atividade industrial era permissível.

A rodovia BR 116 também propiciou a concentração da atividade industrial na porção sul da cidade, mais especificamente no bairro Pinheirinho, embora com menor densidade. Compreende-se que essa situação foi acarretada por um zoneamento que permitia a instalação industrial, além da acessibilidade e da disponibilidade de grandes terrenos. Destaca-se que nessa porção encontravam-se localizadas grandes indústrias, algumas relocadas das áreas mais centrais da cidade.

Além disso, o cenário de 1977 também permite constatar que é a partir dessa década que outros municípios começaram a apresentar o desenvolvimento de áreas industriais mais concentradas, tal foi o caso de São José dos Pinhais e Campo Largo. Como visto anteriormente, esses municípios eram os que detinham maior representatividade no aglomerado, respectivamente em número de estabelecimentos e pessoal ocupado, excetuando-se Curitiba. Porém, foi somente a partir das transformações pelas quais a economia paranaense passou, iniciadas no final dos anos de 1960, que a atividade industrial passou a ter maior notoriedade espacial nos referidos municípios.

O cenário de 1986, de certa forma, indica que houve uma continuidade do que se iniciou na década anterior. Fica evidente pela análise das áreas industriais mais densas em Curitiba, que os vetores existentes se expandiram. Constata-se da mesma forma que a CIC passou a concentrar a atividade industrial, sobretudo no sul deste bairro. Nessa porção foram realizados os primeiros grandes investimentos industriais e é a que se configura como a mais próxima aos importantes eixos de acessibilidade, como as rodovias BR 116 e BR 476. Além disso, no norte desse bairro se identificou nessa década o início de uma concentração industrial, especificamente no entorno e proximidades do encontro da rodovia BR 277 com a Avenida Presidente Juscelino K. de Oliveira.

É nessa década também que em outros municípios se conformaram áreas caracterizadas pela densidade de estabelecimentos industriais. Além do crescimento daquelas existentes em São José dos Pinhais e Campo Largo, constatou-se o desenvolvimento de uma importante mancha industrial no distrito de Pinhais, então município de Piraquara. Como já citado em itens anteriores, essa porção do aglomerado apresentou relevância no decorrer dos decênios seguintes, seja pela quantidade recebida de investimentos ou por ser um dos principais destinos da realocação ocorrida no âmbito interurbano. Apesar do quadro de 1986 mostrar a delimitação de uma área industrial nas áreas limítrofes entre os municípios de Curitiba e Colombo, infere-se que esta situação foi uma especificidade da década, na medida em que nos anos seguintes a mesma não é visualizada.

Pelo cenário de 1996 é possível realizar algumas considerações que permitem complementar o exposto no decorrer do trabalho. Primeiramente se destaca a ampliação da concentração de estabelecimentos industriais na CIC em detrimento da área mais central de Curitiba. A diminuição da densidade de unidades

produtivas nessa porção se relaciona diretamente ao processo de realocização industrial ocorrido entre os anos de 1986 e 1996, em que várias unidades produtivas antes localizadas no antigo centro industrial foram instaladas em diversos lugares, seja na própria cidade ou em outros municípios.

A ampliação de participação da CIC denota a força da legislação urbana no direcionamento dado às instalações, mesmo que outras porções da cidade continuassem sendo importantes para a localização industrial, como era o caso dos bairros Hauer e Boqueirão, ou das áreas ao longo da rodovia BR 116. Ressalta-se que nesses lugares a indústria era permitida pela legislação vigente no período.

Nessa década destaca-se também o aumento territorial das áreas que concentravam indústrias nos municípios de São José dos Pinhais e Pinhais. No primeiro fica evidente que a localização das unidades produtivas, antes reduzida ao centro urbano tradicional, espalha-se em direção à rodovia BR 277 e ao longo da BR 376. Em Pinhais, a área que concentrava a indústria ampliou-se ao longo do limite com Curitiba. Nesses dois casos, torna-se claro que as condições necessárias à reprodução do capital expandiram-se, abrangendo mais lugares.

Em relação a Araucária, embora este município apresentasse desde a década de 1970 grande relevância na participação de VAF Industrial, isso não significou que o mesmo passasse a abrigar extensas e densas áreas ocupadas pela indústria⁵⁴. Os investimentos iniciados no decênio de 1970 desencadearam o processo de concentração de estabelecimentos industriais somente a partir dos anos de 1990, em que é possível observar uma área representativa de localização de unidades produtivas, próxima e ao longo da rodovia BR 476, especificamente no CIAR.

O cenário relativo ao ano de 2008 se caracteriza pela continuidade de determinados processos existentes na década anterior, que tiveram como consequência a conformação de novas espacialidades. Nesse sentido, salienta-se primeiramente a redução de participação na localização de estabelecimentos no antigo centro industrial de Curitiba e a ampliação de concentração de unidades produtivas na CIC. O aumento das porções densamente ocupadas pela indústria na

⁵⁴ Obviamente que os investimentos realizados pela Petróleo Brasileiro S/A – Petrobrás, foram de proporções gigantescas, culminando na delimitação de uma extensa área para esta empresa. No entanto, como nesse item é examinada a densidade de estabelecimentos, obtida pela quantidade e proximidade das instalações, a porção ocupada pela Petrobrás não é considerada.

CIC concomitante ao desenvolvimento do mesmo processo em Araucária propiciou a junção das áreas produtivas dos dois municípios, formando uma grande mancha de ocupação industrial.

Em Curitiba verificaram-se também outras transformações espaciais além das já citadas. Como pode ser observado na FIGURA 25, nas décadas anteriores, apesar das diferenças existentes, havia uma grande área de concentração da atividade produtiva que abarcava as principais porções industriais, além de outras menores, localizadas esparsamente. Em 2008, essa situação transforma-se, passando a conformar manchas mais individualizadas, tais como a que abrange o antigo centro industrial e o vetor sudeste; e aquela que compreende as áreas a sudoeste do município. Essa situação sugere que determinados lugares de Curitiba apresentaram diminuição representativa na quantidade de estabelecimentos industriais, que pode estar relacionada a necessidade de localização em áreas destinadas à atividade industrial, devido à força da legislação de uso do solo, bem como da necessidade de áreas mais amplas para expansão das unidades produtivas.

Além disso, a ampliação das áreas com grande densidade de estabelecimentos também é visível em São José dos Pinhais e Pinhais. Em ambos, novos lugares foram abrangidos pela indústria, formando grandes extensões. Em Pinhais, praticamente toda a área limítrofe com Curitiba é ocupada pela atividade produtiva, em conjunto com outros usos. Em São José dos Pinhais fica evidente a existência de vetores de desenvolvimento industrial próximo e ao longo das rodovias BR 277 e BR 376, respectivamente. Isso indica o fortalecimento das condições necessárias à manutenção do desenvolvimento do capital industrial nesses dois municípios.

Essa breve análise, complementar ao exposto no decorrer do trabalho, dá subsídios para compreender as transformações do espaço produtivo, pois permite visualizar o processo de espraiamento da indústria, altamente concentrada nas décadas de 1950 e 1960, que no decorrer dos decênios seguintes, desconcentra-se sobre uma área mais próxima, transformando a materialidade urbana.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho partiu da premissa de que a indústria tem um papel importante na expansão das cidades. As sinergias criadas por essa atividade propiciam o desenvolvimento de fluxos relativos à movimentação no espaço de trabalhadores, matéria-prima e produtos, que dada a sua natureza constante, complexificam o espaço circundante, acarretando tanto na produção, quanto reprodução do urbano. Isso foi evidenciado por vários autores, principalmente por aqueles que avançaram na discussão teórica da relação complexa existente entre indústria e espaço urbano (CORRÊA, 2002; LEFEBVRE, 2006, 2008; CARLOS, 2008).

Considerando a aplicação da teoria em uma realidade específica, a do aglomerado metropolitano de Curitiba, entende-se que o presente trabalho conseguiu avançar em alguns pontos que explicam a citada relação. Nesse sentido, destacam-se determinadas especificidades do processo, principalmente no que se refere aos tipos de indústria que contribuem com a expansão do urbano, bem como a diferença existente entre os períodos analisados. Salienta-se que a análise de um intervalo temporal relativamente extenso deu subsídios para se confirmar que determinados processos e formas mais atuais são resultado, mesmo que indireto, de acontecimentos passados, como esclarecido por Santos (2008).

O primeiro período, relativo ao desenvolvimento industrial até a década de 1970, foi marcado pela preponderância das unidades produtivas ligadas aos gêneros tradicionais, em especial os produtos alimentares, madeira e minerais não-metálicos. Esses setores foram responsáveis durante muito tempo pelos empregos originados na indústria, pela proliferação de estabelecimentos e pelo VTI gerado. Nesse momento, principalmente até o decênio de 1960, não havia políticas específicas para o desenvolvimento do setor; a participação do Estado se restringia a isenções tarifárias destinadas apenas a alguns tipos de indústria. Em relação à economia paranaense, essa atividade apresentava pequena participação na geração de renda, impostos e investimentos. Outro aspecto relevante do período são as baixas taxas de urbanização verificadas, que repercutiam diretamente na extensão reduzida das cidades.

Curitiba se diferenciava dos demais municípios paranaenses. Nas décadas de 1950 e 1960 esse município detinha a maior participação em estabelecimentos, pessoal ocupado e VTI, concomitante às altas taxas de urbanização, verificadas já a partir da década de 1940. O restante do Paraná se caracterizava pelo predomínio da população rural sobre a urbana e das atividades agropecuárias sobre a industrial.

Curitiba, da mesma forma que os outros municípios paranaenses, se caracterizava pela indústria ligada aos gêneros tradicionais. É por isso que esse tipo de indústria favoreceu a expansão urbana verificada. Dada a conjuntura da fase e em função de determinadas condições locais, constatou-se que foram as indústrias madeireiras e de minerais não-metálicos as que contribuíram para a ocupação urbana posterior. Em relação à primeira, isso ficou evidente nas porções sul e sudeste; já a segunda, foi responsável pela expansão urbana no sul, oeste e norte do município.

Nos outros municípios do aglomerado onde se constatou o processo, não foi diferente. Em Campo Largo, a indústria de minerais não-metálicos, em especial a de artefatos de porcelana, colaborou para a expansão urbana em uma localidade específica, a do Itaqui, localizada a oeste do núcleo urbano original. Em São José dos Pinhais, a indústria madeireira sempre apresentou certa importância na economia municipal, por isso, foi o gênero que se destacou na ocupação urbana verificada. Porém, diferentemente de Campo Largo, a indústria favoreceu a expansão do núcleo urbano inicial. Esse gênero também favoreceu a ocupação de uma área considerável no município de Campina Grande do Sul.

Foram os gêneros de minerais não-metálicos que estiveram relacionados à expansão constatada em Almirante Tamandaré e em menor escala, Colombo. No primeiro, destacaram-se as indústrias calcárias, responsáveis pela origem e desenvolvimento de várias localidades. Já em Colombo, o processo de ocupação ocorreu principalmente a partir do espraiamento da mancha urbana de Curitiba, com a inserção de loteamentos direcionados à população de menor renda. As áreas urbanas decorrentes da instalação industrial foram ínfimas e estavam localizadas entre ao norte da sede municipal e entre esta a ocupação originada em Curitiba.

Entende-se que a expansão urbana decorreu da instalação de grandes indústrias, que pelo montante de produção e/ou quantidade de funcionários acarretou a ocupação. Assim, nesse primeiro período da indústria os transportes não apresentavam a abrangência da contemporaneidade, por isso era necessário que os

funcionários tivessem suas moradias localizadas próximas aos estabelecimentos. Acredita-se que outro ponto que favoreceu a expansão foi o desenvolvimento de atividades complementares às unidades produtivas instaladas.

O segundo período, relativo às décadas de 1970 e 1980, foi o momento de grandes transformações econômicas no estado, que, por consequência, repercutiram diretamente na elevação das taxas de urbanização. O governo paranaense em consonância com a esfera federal desenvolveu um projeto que tinha como objetivo principal, mudar a matriz produtiva do estado. Foram realizados investimentos em infraestrutura e concedidos vários empréstimos a empresas, com destaque para as industriais. A inserção de grandes indústrias, em especial no aglomerado, refletiu na acentuação da concentração desta atividade nessa porção do estado. Concomitantemente, a introdução da mecanização do campo favoreceu os movimentos populacionais observados e as altas taxas de urbanização do período. Nesse momento não foi apenas a cidade de Curitiba que cresceu, mas também o seu entorno.

Embora houvesse um projeto paranaense de desenvolvimento, nem todo o estado foi beneficiado da mesma forma. Destaca-se a centralização de investimentos realizados na capital, os quais aliados à instalação da refinaria em Araucária elevaram a concentração da indústria nesta região. Porém, conforme observado, distinguiram-se apenas Curitiba e Araucária na atração de indústrias dinâmicas, ficando os demais municípios fortemente ligados aos gêneros tradicionais. Assim, foram as indústrias tradicionais as que favoreceram a continuidade do processo de expansão urbana identificado nos municípios de Almirante Tamandaré, Campo Largo, Colombo, Quatro Barras e São José dos Pinhais, com destaque para minerais não-metálicos e madeira.

Em Curitiba e Araucária a inserção dos gêneros dinâmicos ocorreu principalmente nas áreas destinadas ao uso industrial, tais como a CIC e o CIAR respectivamente. A criação dessas grandes zonas industriais favoreceu a reorientação do direcionamento dado às localizações industriais e consequentemente, à ocupação urbana. Em se tratando da CIC, contrariamente ao planejado, esta porção da cidade não se mostrou tão atrativa às indústrias como o esperado. A análise dos deslocamentos da atividade industrial ocorridos nas décadas de 1970 e 1980 demonstrou que outras áreas da cidade foram também destino das realocações ocorridas, ficando a CIC com um percentual reduzido.

Ressalta-se que os deslocamentos não ocorreram somente na escala intraurbana de Curitiba, mas também na interurbana. Embora esse processo já fosse existente desde a década de 1960, é a partir dos anos de 1980 que o mesmo se acentua. Essa situação está relacionada à existência de determinadas condições necessárias à reprodução do capital em outros lugares, para além de Curitiba. A busca por localizações mais rentáveis acarretou o deslocamento da atividade industrial para municípios como Pinhais, São José dos Pinhais e Araucária, sobretudo. Nesses, a indústria se localizou preferencialmente nas áreas mais próximas a Curitiba, indicando a necessidade de manutenção de mão de obra, fornecedores e compradores.

Se a década de 1970 representou a entrada do capital estrangeiro, os anos de 1990 significaram a sua consolidação. A partir de uma série de políticas macroeconômicas, aliadas à maior autonomia dos estados e municípios, esse foi o período no qual houve vários investimentos estrangeiros. No aglomerado, isso se traduziu pela instalação das montadoras e seus fornecedores em um primeiro momento e posteriormente na desestruturação de várias indústrias de capital local.

Espacialmente esse momento se caracterizou por outra reorientação nas instalações industriais. Novas porções passaram a fazer parte do espaço industrial, notadamente as localizadas em São José dos Pinhais, principal destino dos investimentos ligados ao setor automotivo. Nos demais municípios observaram-se alguns casos de expansão urbana devido à atividade industrial, porém, em menor escala que nas décadas anteriores. Quando o espaço passou a ser mais complexo em decorrência da metropolização, as estratégias e os atores não ficam tão evidentes, reduzindo a possibilidade de identificação do processo.

Nas áreas onde se constatou a ação da indústria como promotora da expansão urbana, destacaram-se ainda as de gêneros tradicionais, embora se tenha verificado uma participação maior das dinâmicas. Nesse sentido Campo Largo, Campina Grande do Sul, Quatro Barras e São José dos Pinhais denotaram crescimento em suas áreas urbanas. Porém, em função do porte dos investimentos, foi no último que ocorreram as maiores transformações espaciais, com a inserção de novas porções ao espaço produtivo, favorecendo a intensificação de fluxos materiais e imateriais.

A metropolização acentuada a partir dos anos de 1990 permitiu que determinadas condições, antes existentes em Curitiba e em algumas porções

limítrofes a esta cidade, se expandissem e abrangessem mais lugares do aglomerado. Isso pôde ser constatado principalmente pela extensão dos deslocamentos da atividade produtiva, os quais se ampliaram no período 1996-2008, em comparação às décadas anteriores. Apesar de serem basicamente os mesmos municípios de destino das indústrias relocadas da metrópole, verificou-se que as instalações ocorreram em locais mais distantes dos limites municipais com Curitiba. Tal situação permite evidenciar o processo de expansão urbana em curso no aglomerado, tendo como um dos precursores, a indústria.

Através dessa síntese realizada, considera-se que os objetivos definidos para a presente pesquisa foram alcançados. O principal, relativo ao reconhecimento das áreas em que a indústria contribuiu para a expansão urbana, foi obtido para cada um dos três períodos. O cruzamento da localização de cada indústria com a evolução da ocupação urbana ofereceu indícios, os quais foram confirmados ou refutados no decorrer do trabalho. Além disso, a utilização de informações referentes à produção deu uma visão mais detalhada do processo, possibilitando constatar que na maioria dos casos identificados foram as indústrias ligadas aos gêneros tradicionais as que mais favoreceram a ocupação urbana.

Concernente aos deslocamentos das unidades produtivas, a análise efetuada colaborou para a compreensão do fenômeno de realocização industrial em duas escalas distintas, quando considerados os limites político-administrativos. O exercício de se buscar a origem e o destino de cada estabelecimento industrial permitiu identificar ao longo do período abordado as transformações espaciais ocorridas no aglomerado, mostrando a mudança de conteúdo dos lugares, bem como a própria expansão das condições necessárias à reprodução do capital.

Assim, pelo exposto e ao término da pesquisa, considera-se que se tenha avançado em alguns pontos que permitem explicar a relação entre indústria e expansão urbana, no aglomerado metropolitano de Curitiba. Porém, a complexidade da realidade vai muito além do que o pesquisador consegue apreender a partir de uma determinada metodologia. Por isso, entende-se que o desenvolvimento dessa pesquisa abre caminhos para novas perspectivas, que podem estar baseadas em análises mais detalhadas do processo, tais como a realização de inquéritos junto às unidades produtivas, aos antigos funcionários, aos moradores das áreas nas quais se constatou a ação da indústria na expansão urbana, ou ainda a análise dos programas de incentivos fiscais dos municípios. Ou seja, o tema está muito longe de

se esgotar e requer novas abordagens, visando aprofundar o entendimento sobre o processo de produção do espaço urbano.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZZONI, Carlos R. **Indústria e reversão da polarização no Brasil: o caso do Estado de São Paulo**. Tese (Livre Docência em Economia) – Faculdade de Economia e Administração, USP, São Paulo, 1985.

BALISKI, Patricia. **Localização das médias e grandes indústrias no aglomerado metropolitano de Curitiba**. 70 p. Monografia (Bacharelado em Geografia). UFPR, 2008.

BALISKI, Patricia; FIRKOWSKI, Olga. L.C.F. Proximidade, Indústria Automobilística e Espaço Urbano em Curitiba. **Anais do X Simpósio Nacional de Geografia Urbana**, Florianópolis, 2007.

BADEP – Banco de Desenvolvimento do Paraná. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. Notas estatísticas. Curitiba: BADEP, n. 28, 1972.

BITTENCOURT, J. T. **Novo perfil produtivo e dinâmica espacial de Curitiba: uma leitura a partir das fases do desenvolvimento regional da economia brasileira e das recentes mudanças no padrão de produção industrial**. 199f. Dissertação (Mestrado). Pós-Graduação em Geografia. UFPR, Curitiba, 2003.

BRANDÃO, Carlos. **Território e Desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2007, 238 p.

BRIANO, Luis. .E.; FRITZSCHE, Frederico J.; VIO, Marcela L. El lugar de la industria. Los parques industriales en la reestructuración productiva y territorial de la Región Metropolitana de Buenos Aires. **Eure**, Santiago de Chile, v. 29, n. 86, maio 2003, 26 p. Disponível em <<http://www.scielo.cl>> Acesso em maio de 2008.

CANO, Wilson. Reflexões para uma política de resgate do atraso social e produtivo do Brasil na década de 1990. In: _____. **Reflexões sobre o Brasil e a Nova (Des) Ordem Internacional**. 4ª Ed. Campinas/SP: Editoria da UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1995. pp. 19-54.

CASTRO, Iná E. O problema da escala. In: CASTRO, I.E.; GOMES, P.C.C.; CORRÊA, R.L. **Geografia: Conceitos e Temas**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 117-140.

CARAVACA, Imaculada; MÉNDEZ, Ricardo. Trayectorias industriales metropolitanas: nuevos procesos, nuevos contrastes. **Eure**, Santiago de Chile, vol.29, n. 87, setembro 2003, p. 37-50. Disponível em <<http://www.scielo.cl>> Acesso em setembro de 2008.

CARLOS, Ana F.A. **A (Re)Produção do Espaço Urbano**. 1ª ed. 1ª reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. 270 p.

CHAVES, Maria de Lourdes M. **Voltando ao passado: histórico de determinadas indústrias e casas comerciais em Curitiba**. Curitiba: Gráfica Vitória, 1995. 278 p.

CENDI – Centro de Desenvolvimento Industrial. **Manual de orientações básicas para implantação de zonas e distritos industriais**. Curitiba: Secretaria de Estado da Indústria e do Comércio, 1987. 101 p.

COLNAGHI, Maria C.; MAGALHÃES FILHO, Francisco B.B.; MAGALHÃES, Marionilde D.B. **São José dos Pinhais: a trajetória de uma cidade**. Curitiba: Editora Prephacio, 1992. 281 p.

COMEC – Coordenação da Região Metropolitana de Curitiba. **Arruamento RMC: base cartográfica** Curitiba: COMEC, 2004. CD-ROM.

COMEC – Coordenação da Região Metropolitana de Curitiba. **Evolução urbana 1953-2004: base cartográfica** Curitiba: COMEC, 2005a. CD-ROM.

COMEC – Coordenação da Região Metropolitana de Curitiba. **Loteamentos aprovados 1905-2004: base cartográfica** Curitiba: COMEC, 2005b. CD-ROM.

COMEC – Coordenação da Região Metropolitana de Curitiba. **Plano de desenvolvimento integrado da Região Metropolitana de Curitiba: propostas de ordenamento territorial e novo arranjo institucional**. Curitiba: COMEC, 2006. 303 p.

CORRÊA, Roberto L. **O espaço urbano**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2002. 94p.

CORRÊA, Roberto L. **Trajetoórias Geográficas**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 304 p.

COSTA, Odah Regina Guimarães. **A ação empresarial de Ildefonso Pereira Correia, Barão do Serro Azul na conjuntura paranaense**. Tese (Livre-Docência). 333 f. Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, UFPR, Curitiba, 1974.

DE MATTOS, Carlos A. Crescimento metropolitano na América Latina: Los Angeles como referência? In: DINIZ, Clélio C.; LEMOS, Mauro B. (Orgs.) **Economia e território**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 341-364.

FIEP – Federação das Indústrias do Estado do Paraná. **Anuário das Indústrias 1986/87: Paraná, Brasil**. Curitiba: FIEP, 1986. 179 p.

FIEP – Federação das Indústrias do Estado do Paraná. **Catálogo Industrial 1996**. Curitiba: FIEP, 1996. 949 p.

FIEP – Federação das Indústrias do Estado do Paraná. **Memória da Indústria Paranaense**. Curitiba: FIEP, 2007. s/p.

FIEP – Federação das Indústrias do Estado do Paraná. **Cadastro das Indústrias, Fornecedores e Serviços 2008**. Curitiba: FIEP, 2008. CD-ROM.

FIRKOWSKI, Olga L.C.F. **A nova territorialidade da indústria e o aglomerado metropolitano de Curitiba**. 278 f. Tese de Doutorado (Geografia Humana). FFLCH, USP, 2001.

FIRKOWSKI, Olga L.C.F. Localização industrial e extensão urbana em Curitiba. In: MOURA, R.; FIRKOWSKI, O.L.C. **Dinâmicas intrametropolitanas e produção do espaço na Região Metropolitana de Curitiba**. Rio de Janeiro: Observatório das Metrôpoles: Observatório de Políticas Públicas Paraná; Curitiba: Letra Capital Editora, 2009. p. 157-173.

FISCHER, A. Os efeitos geográficos das novas tecnologias. Abordagem geral. In: FIRKOWSKI, O.L.C.F.; SPOSITO, E.S. **Indústria, ordenamento do território e transportes**: a contribuição de André Fischer. São Paulo: Expressão Popular: UNESP.Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008a. p. 23-52.

FISCHER, A. Zonas industriais e estratégias econômicas e espaciais. In: FIRKOWSKI, O.L.C.F.; SPOSITO, E.S. **Indústria, ordenamento do território e transportes**: a contribuição de André Fischer. São Paulo: Expressão Popular: UNESP.Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008b. p. 53-60.

GAZETA DO POVO. **Fábrica abre disputa entre municípios**. Curitiba, 06 de julho de 2008. Disponível em <<http://www.gazetadopovo.com.br/economia/conteudo.phtml?tl=1&id=783961&tit=Fabrica-abre-disputa-entre-municipios>> Acesso em Fevereiro de 2011.

GAZETA DO POVO. **Café Damasco será produzido em Jundiaí**. Curitiba, 09 de dezembro de 2010. Disponível em <<http://www.gazetadopovo.com.br/economia/conteudo.phtml?tl=1&id=1075765&tit=Cafe-Damasco-sera-produzido-em-Jundiai>> Acesso em Fevereiro de 2011.

GERARDI, Lucia; SILVA, Bárbara C.N. Metodologia Científica e Pesquisa em Geografia. In: _____. **Quantificação em Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1981. p. 3-20.

HARVEY, David. A Teoria Revolucionária e Contra-Revolucionária em Geografia e o Problema da Formação do Gueto. In: _____. **A Justiça Social e a Cidade**. São Paulo: HUCITEC, 1980. p. 103-130.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico e Censos Econômicos**: Série Regional - Paraná. Volume XVIII. Rio de Janeiro: IBGE, 1951.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estado do Paraná**: Censos Demográfico e Econômicos. Volume XXVI. Rio de Janeiro: IBGE, 1955a.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: DEE – Departamento Estadual de Estatística-PR. **Cadastro Industrial do Estado**: Paraná. Rio de Janeiro: IBGE, 1955b.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Industrial de 1960:** Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Volume III, Tomo VII. Rio de Janeiro: IBGE, 1966.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cadastro Industrial - 1965:** Estado do Paraná. Rio de Janeiro: IBGE, 1968.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Industrial:** Paraná. Volume IV, Tomo XIX. Rio de Janeiro: IBGE, 1973.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Industrial:** Paraná. Volume 2, Tomo 18. Rio de Janeiro: IBGE, 1979.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censos Industriais, Dados Gerais:** Paraná. Volume 3, Tomo 2, Parte 1, Número 20. Rio de Janeiro: IBGE, 1984.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Industrial, Dados Gerais:** Unidades da Federação. Número 2. Rio de Janeiro: IBGE, 1985.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Malha Municipal Digital 2005.** Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/default_prod.shtm#MAPAS Acesso em Julho de 2010.

IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **O Paraná:** economia e sociedade. Curitiba: IPARDES, 1981, 72 p.

IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Banco de Dados do Estado:** BDEweb. Disponível em <http://www.ipardes.gov.br/imp/index.php> Acesso em Fevereiro de 2011.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **IPEADATA.** Disponível em <http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx> Acesso em Janeiro de 2011.

IPPUC – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. **Curitiba em Dados 2005.** Curitiba: IPPUC, 2005. 1 CD-ROM.

LEÃO, Ivo Z.C.C. **O Paraná nos anos setenta.** Curitiba: IPARDES, CONCITEC, 1989. 98 p.

LEFEBVRE, Henri. **De lo rural a lo urbano.** 2ª ed. Barcelona: Ediciones Península, 1973, 268 p.

LEFEBVRE, Henri. Industrialização e urbanização: noções preliminares. In: _____. **O direito à cidade.** 4ª ed. São Paulo: Centauro, 2006. 145 p.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e Política.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, 192 p.

LENCIONI, Sandra. Cisão Territorial da indústria e integração regional no Estado de São Paulo. In: GONÇALVES, M.F.; BRANDÃO, C.A.; GALVÃO, A.C. **Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano-regional**. São Paulo: Editora UNESP: ANPUR, 2003. p. 465-475.

LEROY, Stéphane. Sémantiques de la métropolisation. **L'Espace Géographique**. Montpellier: Éditions Belin, n. 1, 2000, pp- 78-86.

LIMA, Jandir .F.; RIPPEL, Ricardo; STAMM, Cristiano. Notas sobre a formação industrial do Paraná 1920 a 2000. **Publicação UEPG, Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Línguas, Letras e Artes**, Ponta Grossa, n. 15, vol. 1, p. 53-61, junho de 2007. Disponível em <http://www.uepg.br/prospesp/publicatio/hum/2007_1/Jandir.pdf> Acesso em Julho de 2008.

LIPIETZ, Alain; LEBORGNE, Danièle. O pós-fordismo e seu espaço. **Espaço e Debates**, São Paulo, n. 25, 1988, p. 12-29.

LOURENÇO, Gilmar M. **A economia paranaense em tempos de globalização**. Curitiba: Ed. do Autor, 2003. 174 p.

MAGALHÃES FILHO, Francisco B.B. Evolução Histórica da Economia Paranaense. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba: Banco de Desenvolvimento do Paraná, n. 28, 1972.

MAGALHÃES FILHO, Francisco B.B. **Da construção ao desmanche**: análise do projeto de desenvolvimento paranaense. Curitiba: IPARDES, 2006. 330 p.

MANZAGOL, Claude. **Lógica do espaço industrial**. São Paulo: DIFEL, 1985. 230 p.

MARTIN, Griselda G.; BUONO, Gladys M. **Geografía Industrial**: Dinamismo y dominio de una actividad compleja. San Isidro/ARG: Editorial CEYNE. 1992. 127 p.

MATOS, Ralfo. Notas sobre a formação das cidades industriais. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v.12, n.18, 2002, p.25-39.

MEDRANO, José A.V. Reconversión industrial, gran empresa y efectos territoriales. El caso del sector automotriz en México. **Eure**, Santiago de Chile, v. 26, n. 77, p. 25-47, maio 2000. Disponível em <<http://www.scielo.cl>> Acesso em maio de 2008.

MÉRENNE-SCHOUMAKER, Bernadette. À l'Échelle des Aires Urbaines: décomposition et recomposition des structures et des espaces. In: _____. **La localisation des industries**: enjeux et dynamiques. Rennes: Presses Universitaires, 2002. p. 95-102.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMMERÇIO. **Recenseamento do Brasil 1920**: Indústria. Vol. 5, 1ª Parte. Rio de Janeiro: Typ. da Estatística: 1927.

MONASTIER, Mauro S. **A produção de brita e a ocupação urbana na Região Metropolitana de Curitiba – problemas e readequação**. 188f. Dissertação (Mestrado), Setor de Ciências da Terra, Departamento de Geologia, UFPR, 2004.

MOURA, Rosa. Paraná: meio século de urbanização. **RA'E GA**, Curitiba: Editora UFPR, n. 8, 2004, p. 33-44.

NEGRI, Barjas. **Concentração e Desconcentração Industrial em São Paulo (1880-1990)**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1996. 242 p.

NOJIMA, Daniel; MOURA, Rosa; SILVA, Sandra T. Dinâmica recente da economia e transformações na configuração espacial da Região Metropolitana de Curitiba. In: MOURA, R.; FIRKOWSKI, O.L.C. **Dinâmicas intrametropolitanas e produção do espaço na Região Metropolitana de Curitiba**. Rio de Janeiro: Observatório das Metrópoles: Observatório de Políticas Públicas Paraná; Curitiba: Letra Capital Editora, 2009. p. 175-210.

OLIVEIRA, Dennison de. **Urbanização e Industrialização no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001. 113 p.

PADIS, Pedro Calil. **Formação de uma Economia Periférica: O caso do Paraná**. São Paulo: HUCITEC; Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte do Governo do Estado do Paraná, 1981. 235 p.

PEREIRA, Magnus R.M. **Semeando iras rumo ao progresso: (ordenamento jurídico e econômico da Sociedade Paranaense, 1829-1889)**. Curitiba: Editora da UFPR, 1996. 184 p.

PINHAIS. **História de Pinhais: a Cerâmica**. Disponível em <<http://www.pinhais.pr.gov.br/>> Acesso em Agosto de 2008.

PMC – Prefeitura Municipal de Curitiba. Plano de Urbanização de Curitiba. **Boletim Prefeitura Municipal de Curitiba**, Curitiba, ano 2, n. II, nov./dez., 1943.

PMC – Prefeitura Municipal de Curitiba. **Plano Preliminar de Urbanismo de Curitiba**. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba/Serete e Wilhelm Associados, 1965. 210 p.

PORCELANA SCHIMIDT. **Histórico**. Disponível em <<http://www.porcelanaschmidt.com.br/br/schmidt/historico/index.php>> Acesso em Dezembro de 2010.

POSTHUMA, Anne C. Autopeças na encruzilhada: modernização desarticulada e desnacionalização. In: ARBIX, G.; ZILBOVICIUS, M. **De JK a FHC: a reinvenção dos carros**. São Paulo: Scritta, 1997. pp. 389-411.

RAIS – Relação Anual de Informações Sociais. Ministério do Trabalho e Emprego. **Estabelecimentos Industriais: 1996**. Disponível em <<http://www.mte.gov.br/rais/default.asp>> Acesso em Maio de 2010.

RAIS – Relação Anual de Informações Sociais. Ministério do Trabalho e Emprego. **Estabelecimentos Industriais:** 1997. Disponível em <<http://www.mte.gov.br/rais/default.asp>> Acesso em Dezembro de 2010.

RAIS – Relação Anual de Informações Sociais. Ministério do Trabalho e Emprego. **Empregos Industriais:** 1997. Disponível em <<http://www.mte.gov.br/rais/default.asp>> Acesso em Dezembro de 2010.

RAIS – Relação Anual de Informações Sociais. Ministério do Trabalho e Emprego. **Estabelecimentos Industriais:** 2008. Disponível em <<http://www.mte.gov.br/rais/default.asp>> Acesso em Maio de 2010.

RAIS – Relação Anual de Informações Sociais. Ministério do Trabalho e Emprego. **Empregos Industriais:** 2008. Disponível em <<http://www.mte.gov.br/rais/default.asp>> Acesso em Maio de 2010.

REGENSBURGER, Josiane. **Indústria e espaço urbano:** implicações sócio-espaciais no município de Joaçaba – SC. 156 f. Dissertação (Mestrado), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 2006.

RIBEIRO, Miguel A.C.; ALMEIDA, Roberto S. Padrões de localização espacial e estrutura de fluxos dos estabelecimentos industriais da Área Metropolitana de Recife. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 2, 1980, p. 203-264.

ROMANEL, Maria Cecília T.S.; SCHERNER, Maria Luiza T. **Álbum de memórias:** a trajetória das indústrias no Paraná. Curitiba: Editora Univer Cidade, 2007. 126 p.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova:** Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002. 285 p.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. 4ª ed. 1ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. 384 p.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método.** 5ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. 118 p.

SANTOS, Milton. **Por uma Economia Política da Cidade:** O Caso de São Paulo. 2ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. 144 p.

SECRETARIA DA INDÚSTRIA E DO COMÉRCIO. **INCOSERV:** Estado do Paraná. Curitiba: 1977.

SILVA, Madianita N. **Indústria e produção do espaço urbano em Araucária.** 114 f. Dissertação (Mestrado), Setor de Ciências da Terra, Departamento de Geografia, UFPR, Curitiba, 2006.

SINGER, Paul. **Economia Política da Urbanização.** 11ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. 152 p.

SOJA, Edward W. **Geografias Pós-Modernas**: A reafirmação do espaço na teoria social-crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. 324 p.

STROHAECKER, Tânia M.; SOUZA, Célia F. A localização industrial intra-urbana: evolução e tendências. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 52, n. 4, p. 73-89, out.dez. 1990.

SUZIGAN, Wilson. **Indústria brasileira**: origem e desenvolvimento. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986. 403 p.

TINEU, Rogério. Os efeitos do espraiamento das indústrias da Região Metropolitana de São Paulo sobre o território do interior paulista. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, Edição Especial, 2009, p. 127-141.

TOMADONI, Cláudia. Territorio, territorialidad y región metropolitana en un marco de producción flexible. **Eure**, Santiago de Chile, v. 30, n. 90, p. 65-84, setembro 2004. Disponível em <<http://www.scielo.cl>> Acesso em setembro de 2008.

ULTRAMARI, Clóvis; MOURA, Rosa. **Métropole**: Grande Curitiba: teoria e prática. Curitiba: IPARDES, 1994. 154 p.

URBS – Companhia de Urbanização de Curitiba. **Cidade Industrial de Curitiba**. S/d.a.

URBS – Companhia de Urbanização de Curitiba. **Industriezone der Stadt Curitiba**. S/d.b.

WESTPHALEN, Cecília M.; MACHADO, Brasil P.; BALHANA, Altiva P. Nota prévia ao estudo da ocupação da terra no Paraná moderno. Curitiba, Boletim da Universidade Federal do Paraná, Departamento de História, n. 7, 1968. pp. 1-52.

DOCUMENTOS CONSULTADOS

ALMIRANTE TAMANDARÉ. Lei n. 059/81. Dispõe sobre o zoneamento do Município de Almirante Tamandaré e dá outras providências.

ALMIRANTE TAMANDARÉ. Lei n. 205, de 31 de maio de 1993. Cria distritos industriais no Município de Almirante Tamandaré.

ALMIRANTE TAMANDARÉ. Lei n. 209, de 31 de maio de 1993. Cria o Programa de Incentivo Empresarial para os DIAT (Distritos Industriais) de Cachoeira, Tanguá, Campo Magro, e Campo Grande, e Distrito de Serviços de Boa Vista, conforme especifica.

ALMIRANTE TAMANDARÉ. Lei n. 430, de 20 de maio de 1996. Dispõe sobre o Zoneamento do Uso e Ocupação do Solo do Perímetro Urbano da sede do município de Almirante Tamandaré e dá outras providências.

ALMIRANTE TAMANDARÉ. Lei Complementar n. 02, de 03 de outubro de 2006. Dispõe sobre o Código de Zoneamento e Uso e Ocupação do Solo do Município de Almirante Tamandaré.

ARAUCÁRIA. Decreto n. 1.796, de 25 de novembro de 1977. Aprovação das diretrizes zonais, setoriais e viárias do Plano Diretor de Desenvolvimento de Araucária.

ARAUCÁRIA. Lei n. 513, de 05 de janeiro de 1978. Do Zoneamento do Uso do Solo, Sistema Viário e demais providências.

ARAUCÁRIA. Lei n. 584, de 18 de março de 1981. Institui a forma de uso das Áreas Territoriais; dispõe sobre o Zoneamento Municipal; define o Sistema Viário Urbano e, por consequência, toma outras providências.

ARAUCÁRIA. Lei n. 800, de 17 de dezembro de 1991. Cria o Programa de Incentivo Empresarial PIE, conforme especifica.

ARAUCÁRIA. Decreto n 11.445, de 21 de novembro de 1994. Cria Zonas Especiais e, dá outras providências.

ARAUCÁRIA. Lei n. 1.083, de 23 de dezembro de 1996. Estabelece critérios e usos de ocupação do solo para zonas especiais e dá outras providências.

ARAUCÁRIA. Decreto n. 19166/2005. Alteração do zoneamento.

ARAUCÁRIA. Lei n. 1571/2005. Alteração do zoneamento.

CAMPINA GRANDE DO SUL. Lei n. 12, de 21 de julho de 1980. Zoneamento do Município de Campina Grande do Sul.

CAMPINA GRANDE DO SUL. Lei n. 11, de 17 de outubro de 1996. Altera a lei de zoneamento e uso do solo para inclusão da área industrial e dá outras providências.

CAMPINA GRANDE DO SUL. Lei n. 51, de 27 de dezembro de 2004. Institui as normas de uso e ocupação do solo no Município de Campina Grande do Sul, e dá outras providências.

CAMPO LARGO. Lei n. 444/78. Zoneamento do Município de Campo Largo.

CAMPO LARGO. Lei n. 1236, de 04 de dezembro de 1996. Altera o zoneamento no Município de Campo Largo, e dá outras providências.

CAMPO LARGO. Lei n. 1963, de 29 de junho de 2007. Dispõe sobre o Zoneamento, Uso e Ocupação do Solo no Município de Campo Largo, conforme especifica.

CAMPO MAGRO. Lei n. 127, de 25 de maio de 2000. Dispõe sobre o zoneamento na Unidade Territorial de Planejamento – UTP de Campo Magro e dá outras providências.

COLOMBO. Lei n. 32/78 e alterações. Define o zoneamento e uso do solo do município.

COLOMBO. Lei n. 875, de 16 de fevereiro de 2004. Institui o Plano Diretor do Município de Colombo, Estado do Paraná, e dá outras providências.

CURITIBA. Mapa do Plano Preliminar Urbanístico, 1965. Disponível em <http://www.ippuc.org.br/Bancodedados/Curitibaemdados/anexos/1965_Mapa%20do%20Plano%20Preliminar%20Urbanístico%20de%20Curitiba.jpg> Acesso em Dezembro de 2010.

CURITIBA. Mapa do Plano Diretor, 1966. Disponível em <http://www.ippuc.org.br/Bancodedados/Curitibaemdados/anexos/1966_Mapa%20Plano%20Diretor_Diretrizes%20Básicas%20Original.jpg> Acesso em Dezembro de 2010.

CURITIBA. Lei n. 4.199 de 08 de maio de 1972. Zoneamento de Uso do Solo.

CURITIBA. Mapa do Zoneamento e Uso do Solo, 1975. Disponível em <http://www.ippuc.org.br/Bancodedados/Curitibaemdados/anexos/1975_Mapa%20de%20Zoneamento%20e%20Uso%20do%20Solo%20de%20Curitiba-Lei%205.234.jpg> Acesso em Dezembro de 2010.

CURITIBA. Lei n. 9.800, de 03 de janeiro de 2000. Dispõe sobre o Zoneamento, Uso e Ocupação do Solo no Município de Curitiba e dá outras providências.

FAZENDA RIO GRANDE. Lei n. 070 de 27 de julho de 1995. Dispõe sobre o zoneamento de uso do solo do perímetro urbano da sede do Município e dá outras providências.

FAZENDA RIO GRANDE. Lei n. 077, de 08 de agosto de 1995. Cria Zona Industrial e dá outras providências.

FAZENDA RIO GRANDE. Decreto n. 107 de 23 de outubro de 1995. Regulamenta a Lei Municipal nº 070 de 27/07/95, na parte referente às zonas de uso do solo urbano.

FAZENDA RIO GRANDE. Lei Complementar n. 06, de 15 de setembro de 2006. Dispõe sobre o Zoneamento de Uso e Ocupação do Solo Urbano do Município de Fazenda Rio Grande e dá outras providências.

MANDIRITUBA. Lei n. 25, de 08 de novembro de 1983. Fixa normas para aprovação de arruamentos, loteamentos e desmembramentos no município de Mandirituba e dá outras providências.

MANDIRITUBA. Lei n. 21, de 23 de dezembro de 1983. Cria o Centro Industrial de Mandirituba-PR, e dá outras providências.

MANDIRITUBA. Lei n. 08, de 24 de abril de 1991. Estabelece normas para implantação de Zonas Industriais Especiais no Município.

MANDIRITUBA. Lei n. 08, de 15 de junho de 1992. Altera o Zoneamento no Distrito de Fazenda Rio Grande.

PARANÁ. Decreto n. 458, de 05 de junho de 1991. Dispõe sobre a criação da Área de Proteção Ambiental localizada nos municípios de Almirante Tamandaré, Araucária, Campo Largo e Curitiba.

PARANÁ. Decreto n. 1611, de 03 de dezembro de 1999. Declara para os fins de que trata a Lei Especial de Proteção dos Mananciais da RMC, como Unidade Territorial de Planejamento – UTP de Campo Magro.

PARANÁ. Decreto n. 1612, de 03 de dezembro de 1999. Declara para os fins de que trata a Lei Especial de Proteção dos Mananciais da RMC, como Unidade Territorial de Planejamento – UTP de Quatro Barras.

PARANÁ. Decreto n. 2200, de 12 de junho de 2000. Acresce o nome de Campina Grande do Sul na redação, do Decreto Estadual n. 1753, de 06 de maio de 1996 e aprova o Zoneamento Ecológico-Econômico da Área de Proteção Ambiental do Iraí – APA do Iraí.

PARANÁ. Decreto n. 5063, de 20 de novembro de 2001. Altera e atualiza o Zoneamento Ecológico Econômico da Área de Proteção Ambiental denominada APA Estadual do Passaúna.

PARANÁ. Decreto n. 6314, de 29 de março de 2006. Dispõe sobre as áreas de intervenção na Unidade Territorial de Planejamento do Guarituba – UTP do Guarituba.

PINHAIS. Lei n. 500, de 20 de dezembro de 2001. Dispõe sobre o Zoneamento, o Uso e a Ocupação do Solo Urbano de Município de Pinhais.

PIRAQUARA. Lei n. 12, de 06 de novembro de 1980. Dispõe sobre zoneamentos da área urbana do Distrito Sede de Piraquara e dá outras providências.

PIRAQUARA. Lei n. 19, de 18 de dezembro de 1980. Dispõe sobre o zoneamento da área urbana do Distrito de Pinhais no município de Piraquara e dá outras providências.

PIRAQUARA. Lei n. 055, de 29 de abril de 1986. Altera o Zoneamento da área urbana do Distrito de Pinhais, neste Município e dá outras providências.

PIRAQUARA. Lei n. 051, de 11 de setembro de 1990. Altera a Lei nº 019/80 no que se refere ao Zoneamento na localidade Vargem Grande.

PIRAQUARA. Lei n. 054, de 13 de novembro de 1990. Altera a Lei nº 019/80 no que se refere ao Zoneamento nas localidades de Vila Varginha, Vila Alfredo, Vila Palmital, Vila D. Guiomar, Vila Irene, Jardim Esperança e Bernardo Luz.

PIRAQUARA. Lei n. 055, de 13 de novembro de 1990. Altera a Lei nº 019/80 no que se refere ao Zoneamento nas localidades de Estância Pinhais e Lotarumã I e II.

PIRAQUARA. Lei n. 911, de 24 de setembro de 2007. Dispõe sobre o zoneamento do uso e ocupação do solo das áreas urbanas do Município de Piraquara, e dá outras providências.

QUATRO BARRAS. Lei n. 09, de 11 de setembro de 1979. Zoneamento do Município de Quatro Barras.

QUATRO BARRAS. Lei n. 14, de 13 de dezembro de 1979. Concede benefícios para a “OGGI – Indústria e Comércio de Móveis S/A” e dá outras providências.

QUATRO BARRAS. Lei n. 33, de 15 de dezembro de 2000. Dispõe sobre o Zoneamento de Uso do Solo Urbano do Município de Quatro Barras e dá outras providências.

SÃO JOSÉ DOS PINHAIS. Lei n. 14, de 04 de julho de 1979. Institui o lançamento de uso do solo e dá outras providências.

SÃO JOSÉ DOS PINHAIS. Lei n. 57, de 17 de dezembro de 1990. Dispõe sobre o Zoneamento de Uso e Ocupação do Solo das Áreas Urbanas do Município de São José dos Pinhais e dá outras providências.

SÃO JOSÉ DOS PINHAIS. Lei n. 03, de 18 de março de 1996. Cria o Distrito Industrial de São José dos Pinhais, a Companhia de Desenvolvimento de São José dos Pinhais e dá outras providências.

SÃO JOSÉ DOS PINHAIS. Lei n. 01, de 24 de janeiro de 1997. Institui a Delimitação e o Zoneamento de Uso e Ocupação do Solo da Área Urbana do Distrito de Campo Largo da Roseira e dá outras providências.

SÃO JOSÉ DOS PINHAIS. Lei Complementar n. 16, de 11 de novembro de 2005. Dispõe sobre o Zoneamento, o Uso e a Ocupação do Solo e Sistema Viário de Município de São José dos Pinhais, Estado do Paraná.